ALFREDINA ROSA OLIVEIRA DO VALE

NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO MULHER
A PIADA É COISA SÉRIA

Recife, 2010

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO MULHER A PIADA É COISA SÉRIA

Alfredina Rosa Oliveira do Vale

R E C I F E

2010

Alfredina Rosa Oliveira do Vale

Na construção da identidade do sujeito mulher a piada é coisa séria

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) como requisito para obtenção do grau de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Virgínia Leal

RECIFE - PE
2010

Vale, Alfredina Rosa Oliveira do
Na construção da identidade do sujeito mulher a piada é coisa séria / Alfredina Rosa Oliveira do Vale. - Recife : O Autor, 2010.
211 folhas., il., fig., Quadros

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Linguística, 2010.

Inclui bibliografia.

1. Linguística. 2. Mulheres - Humorismo. 3. Identidade. 4. Preconceitos e antipatias. I.Título.

801 CDU (2.ed.) UFPE
410 CDD (22.ed.) CAC2010-112

ALFREDINA ROSA OLIVEIRA DO VALE

Na Construção da Identidade do Sujeito Mulher a Piada é Coisa Séria

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Doutor em Linguística em 30/8/2010.

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Drª. Virgínia Leal
Orientadora – LETRAS - UFPE

Profª. Drª. Maria Cristina Caldas de Camargo Lima Damianovic
LETRAS - UFPE

Profª. Drª. Nelly Medeiros de Carvalho
LETRAS - UFPE

Profª. Drª. Ivone Tavares de Lucena
LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS - UFPB

Profª. Drª. Inara Ribeiro Gomes
LETRAS - UFPE

Recife – PE
2010

ATA DA REUNIÃO DA COMISSÃO EXAMINADORA PARA JULGAR A TESE INTITULADA: **"*NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO MULHER A PIADA É COISA SÉRIA*"**, DE AUTORIA DE: **ALFREDINA ROSA OLIVEIRA DO VALE**, ALUNA DESTE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS.

O julgamento ocorreu às 9h do dia 30 de agosto de 2010, no Centro de Artes e Comunicação/UFPE, para julgar a Tese de Doutorado intitulada: *Na Construção da Identidade do Sujeito Mulher a Piada é Coisa Séria*, de autoria de Alfredina Rosa Oliveira do Vale, aluna deste Programa de Pós-Graduação em Letras. Presentes os membros da comissão examinadora: **Profª. Drª. Virgínia Leal** (Orientadora), **Profª. Drª. Maria Cristina Caldas de Camargo Lima Damianovic**, **Profª. Drª. Nelly Medeiros de Carvalho, Profª. Drª. Ivone Tavares de Lucena**, **Profª. Drª. Inara Ribeiro Gomes**. Sob a presidência da primeira, realizou-se a argüição da candidata. Cumpridas as disposições regulamentares, foram lidos os conceitos atribuídos à candidata: Profª. Drª. Virgínia Leal: **Aprovada**, Profª. Drª. Maria Cristina Caldas de Camargo Lima Damianovic: **Aprovada**, Profª. Drª. Nelly Medeiros de Carvalho: **Aprovada**, Profª. Drª. Ivone Tavares de Lucena: **Aprovada**, Profª. Drª. Inara Ribeiro Gomes: **Aprovada**. Em seguida, a Profª. Drª. Virgínia Leal comunicou à candidata Alfredina Rosa Oliveira do Vale, que sua defesa foi aprovada pela comissão examinadora. E, nada mais havendo a tratar eu, Jozaías Ferreira dos Santos, Secretário do Programa de Pós-Graduação em Letras, lavrei a presente ata que assino com os demais membros da comissão examinadora.

Recife, 30 de agosto de 2010.

QUANTAS VEZES

Quantas vezes nós pensamos em desistir, em deixar de lado o ideal e os sonhos.
Quantas vezes batemos em retirada com o coração amargurado pela injustiça.
Quantas vezes sentimos o peso da responsabilidade, sem ter com quem dividir.
Quantas vezes sentimos solidão, mesmo cercados de pessoas.
Quantas vezes falamos, sem sermos notados.
Quantas vezes lutamos por uma causa perdida.
Quantas vezes voltamos para casa com a sensação de derrota.
Quantas vezes aquela lágrima, teima em cair,
justamente na hora que precisamos parecer fortes.
Quantas vezes pedimos a Deus um pouco de força, um pouco de luz...
E a resposta vem, seja lá como for.
Em um sorriso, um olhar cúmplice, um cartãozinho, um bilhete, um gesto de amor...
E nós insistimos...
Insistimos em prosseguir, em acreditar, em transformar, em dividir, em estar, em ser...
E Deus insiste em nos abençoar.
Em nos mostrar o caminho: aquele mais difícil, mais complicado, mais bonito...
E nós insistimos em seguir.
Porque temos uma missão...
Ser feliz!

(Anônimo)

Confie...

As coisas acontecem na hora certa.
Exatamente quando devem acontecer!
Momentos felizes, louve a Deus.
Momentos difíceis, busque a Deus.
Momentos silenciosos, adore a Deus.
Momentos dolorosos, confie em Deus.
Cada momento, agradeça a Deus.

DEDICATÓRIA (In memoriam)

"Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho, pois cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra. Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho, mas quando parte, nunca vai só nem nos deixa a sós. Leva um pouco de nós, deixa um pouco de si mesmo." Khalil Gibran

À memória de Uda, minha amiga da infância, da adolescência, da fase adulta. Infelizmente não estamos envelhecendo juntas.

À memória de Gilda Lins, pela bondade, humildade, alegria de viver e amor ao próximo.

"A lembrança é uma forma de encontro." Khalil Gibran

OS PILARES

Agradeço

Aos meus pais Alfredo e Francisca (in memoriam) pelo exemplo de honestidade.

A minha tia Duquinha (in memoriam), lembrança permanente em minha vida.

A Luiz, meu marido e companheiro para toda a vida, pelo apoio e paciência nos momentos mais difíceis.

A Walber, Walker e Walter, meus filhos, alegria e razão de ser da minha vida.

Ao meu filho Walter, responsável pela diagramação, impressão e organização da Tese.

A Larissa, Laércio, Laísse, João Vitor e Esther, meus netos, aqueles que me eternizarão.

A Socorro, Ênnery e Cristiana, minhas noras, por compreenderem a minha ausência.

A Virgínia Leal, minha orientadora, pela segurança, objetividade, seriedade, paciência e, principalmente, pela amizade que foi construída nestes quatro anos.

A Adelaide, minha cunhada e seu marido Ádison, pela acolhida que me deram em sua casa.

A Ângela, minha cunhada, minha amiga, minha confidente, companheira sempre presente.

Os pilares, muitas vezes escondidos, são essenciais para a sobrevivência da beleza exposta.

"Não se firma o edifício se não estão bem ajustados todas as suas partes. Cada pedra é reforço ao monumento. Todas as pedras participam do peso: as grandes suportam as menores".

Coelho Neto

AGRADECIMENTOS

"Mestre não é o que ensina fórmulas, regras, raciocínios, mas o que questiona e desperta para a realidade. Não é aquele que dá de seu saber, mas aquele que faz germinar o saber do seu discípulo". N. Maccari

Às mestras

Angela Paiva Dionisio
Beth Marcuschi
Cristina Teixeira Vieira de Melo
Dóris de Arruda Carneiro da Cunha
Gilda Maria Lins de Araújo (In Memoriam)
Hyaracilda Coimet
Judith Hoffnagel
Lady Selma Albernaz
Maria Cristina Hennes Sampaio
Marígia Viana
Marion Teodósio
Nelly Medeiros de Carvalho
Piedade de Sá (In Memoriam)
Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima
Virgínia Leal

pelo exemplo de profissionalismo dado por ocasião dos cursos ministrados.

Às mestras

Angela Paiva Dionisio
Gilda Maria Lins de Araújo (In Memoriam)
Virgínia Leal

pelas críticas construtivas e sugestões pertinentes externadas por ocasião do Exame de Qualificação.

Às mestras

Inara Ribeiro Gomes
Ivone Tavares de Lucena
Maria Cristina Caldas de Camargo Lima Damionovic
Nelly Medeiros de Carvalho
Virgínia Leal

que, como participantes da comissão examinadora da apresentação pública desta Tese, conferiram-lhe uma credibilidade inquestionável.

Às secretárias do CAC e PPGL (UFPE)

Diva Maria do Rego Barros
Maria Betânia Pinto de Oliveira
Maria de Fátima Paes de Andrade França

pelo profissionalismo com que sempre me atenderam e, principalmente, pela amizade sincera demonstrada.

Aos profissionais e amigos

Jozaías Ferreira dos Santos (PPGL)
Marjorie Farias (CAC)

que sempre apresentaram uma solução para todos os meus problemas. Agradeço particularmente as palavras de carinho e incentivo.

Aos tradutores

Didier André Bloch, recente amigo, pela produção do Résumé
Raghuram Sasikala, grande amiga, pela produção do Abstract

por ter recebido a tarefa da tradução no limite do prazo e ter cumprido em tempo hábil o compromisso assumido.

A *Divanira Arcoverde***, amiga de sempre, que nos apoiou no final desta caminhada não somente fazendo a revisão da Tese, mas, principalmente, nos incentivando a lutar para atingir a meta final.**

A *Maria Auxiliadora Bezerra***, exemplo de profissional, a quem devo o meu ingresso na pesquisa científica.**

A *Divanira Arcoverde* **e** *Fátima Coutinho***, exemplos de lealdade, verdade, amizade, justiça. Elas deram-me a primeira grande oportunidade no exercício da minha profissão.**

A *Cândida Dionisio***, amiga fiel, a quem recorri inúmeras vezes, telefonando nos horários mais inconvenientes e de quem recebi sempre orientações objetivas de como resolver certas questões práticas acadêmicas.**

Aos meus colegas do Departamento de Letras e Artes da UEPB que fizeram uso da palavra e do silêncio no momento certo e na hora exata.

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) que me liberou das minhas atividades profissionais para cursar o doutorado.

"A gratidão é o coração da memória."
Ditado francês

"Um tijolo sustenta outro e todos juntos formam a muralha que defende a cidade".
Coelho Neto

TURMA DA AMIZADE (2006)

Muitas foram as palavras de incentivo, muitas foram as sugestões, muitos os e-mails trocados, muitas confidências ao pé do ouvido, muitas orações, muitas mensagens de fé, muitas piadas para fazer sorrir, muitas mãos estendidas... Como alguém poderia não alcançar sua meta com *AMIGOS* tão leais? Todos ficaram aguardando-me e aqui estou eu, exausta, é bem verdade, mas cheguei. E devo muito a vocês.

Adelmo Cordeiro Galindo
Carolina Leal de Lacerda Pires
Cecília Barbosa Lins Aroucha
Cilda Magaly de Lucena Palma
Eliezer Ferreira da Silva
Flávia Conceição Ferreira da Silva
Gilvani Holanda (In Memoriam)
Graça Pires Ferreira
Guilherme Lima Moura
Herimatéia Ramos de Oliveira Pontes
Jaciara Josefa Gomes
José Márcio Correia de Queiroz
Joseane Laurentino Brito da Cruz
Marcelo Bernardo dos Santos
Maria Aldenora Cabral de Araújo
Maria Claro Castanho
Maria Eliza Freitas do Nascimento
Maria Giselda da Costa Vilaça
Morgana Soares da Silva
Simone de Campos Reis
Wanda Maria Braga Cardoso

"São camaradas aqueles que amarrados pela mesma corda, se dirigem ao mesmo cimo".

Saint Exupéry

RESUMO

Esta tese – *Na construção da identidade do sujeito mulher a piada é coisa séria* – tem como objetivo geral investigar como ocorre a construção/reprodução da identidade da mulher, realizada nas ações linguístico-discursivas produzidas no gênero piada. Para realizar tal intento, buscamos como aparato teórico a Análise do Discurso francesa proposta nos estudos e pesquisas de Dominique Maingueneau (1997, 2002, 2005 e 2008). A este suporte teórico somamos as abordagens propostas pelo estudioso Sírio Possenti (2000, 2001, 2004a, 2004b, 2009). Em se tratando de uma proposta interdisciplinar, buscamos outras fontes do conhecimento na filosofia, psicologia, antropologia, sociologia e história com o objetivo de verificar, no discurso humorístico brasileiro, as possíveis causas sócio-histórico-ideológicas que possibilitam as construções/reproduções dos estereótipos hiperbolizados da mulher (*loira burra*) imbecil e lasciva, como igualmente da esposa infiel. Partimos do pressuposto de que o discurso humorístico, neste contexto, não só confirmaria a milenar interação de conflito entre os gêneros sociais (homem *vs*. mulher), como indicaria, em algumas ocasiões, uma inversão dos papéis desses atores sociais, dando a conhecer algumas mudanças latentes reveladoras de uma identidade emergente do sujeito mulher. Identificar, descrever e analisar os fenômenos da ambiguidade e da ironia como processos linguístico-discursivos, passíveis de serem observados no gênero piada, foi a última etapa realizada neste trabalho. O nosso *corpus* de referência formado pelo gênero discursivo piada foi coletado em sites brasileiros de humor. A piada é divulgadora de temas polêmicos, estereótipos e do discurso tabu, remetendo para questão do preconceito. Esta foi a razão que nos motivou a definir este gênero como o espaço de materialização do discurso humorístico entrecruzando-se com o discurso sexista. Os resultados da pesquisa mostram que não basta observar as identidades de gêneros em oposição (homem *vs*. mulher); é possível afirmar a primazia de uma identidade sobre a outra.: a identidade homem sobre a identidade da mulher. Também ficou evidente a primazia da identidade da mulher sobre a identidade do homem. Mesmo que esta revelação, através do discurso humorístico, seja sutil. Ainda que as identidades de gêneros pareçam continuar as mesmas, confirmamos que elas não são fixas.

Palavras-chave: Discurso humorístico, identidade, estereótipo, preconceito, mulher

ABSTRACT

This thesis- *The Joke is a Serious Thing in the Construction of the Identity of the Female Subject*- has the general objective of investigating how the construction/ reproduction of the female identity occurs, in the context of the linguistic and discursive actions produced in the joke genre. To this end, the theoretical base was provided by the French School of Discourse analysis embodied in the work and research of Dominique Maingueneau (1997, 2002, 2005 and 2008). The approach suggested by the scholar Sirio Possenti (2000, 2001, 2004a, 2004b, 2009) was also utilized. The interdisciplinary nature of the study led to the search for other sources of knowledge such as philosophy, psychology, anthropology, sociology and history, with the objective of seeking the possible social, historical and ideological causes that allow the construction/ reproduction of the hyperbolized stereotype of the stupid and lascivious female ("dumb blonde"), as well as that of the unfaithful wife, within the Brazilian humoristic discourse. We began with the presupposition that the humoristic discourse, in this context, would not only confirm the centuries-old conflict in gender interaction (man vs. woman) as well as indicate, in some instances, the inversion of the social roles of these actors, revealing some latent changes in the emerging identity of the female subject. Identifying, describing and analyzing ambiguity and irony as linguistic and discursive processes in the joke genre were the last steps in this thesis. The *corpus* of reference formed by the joke genre was collected from Brazilian humoristic websites. The joke genre brings to light controversial themes, stereotypes and taboo discourse, related to the issue of prejudice. This was the motive for defining this genre as the site of materialization of humoristic discourse intersecting with sexist discourse. The results of this research show that it is not enough to merely observe the identities of opposing genders (man vs. woman).It is also possible to recognize the dominance of one identity over the other, the male identity over the female identity. The dominance of the female identity over the male identity also becomes evident, though in a more subtle light. Even if gender identities appear to remain the same, we have confirmed that they are not fixed.

Key- words: humoristic discourse, identity, stereotype, prejudice, female.

RÉSUMÉ

Cette thèse – *Dans la construction de l´identité du sujet féminin la blague est chose sérieuse* – a pour objectif principal l´étude de la manière dont se développe la construction/reproduction de l´identité de la femme, dans le cadre d´actions linguistico-discursives produites dans le domaine discursif de la blague. Pour ce faire, nous utilisons l´outillage théorique de l´analyse du discours française proposée par Dominique Maingueneau (1997, 2002, 2005 e 2008), ainsi que l´approche théorique de Sírio Possenti (2000, 2001, 2004a, 2004b, 2009). S´agissant d´une approche interdisciplinaire, nous avons également recours à d´autres sources dans les domaines de la philosophie, de l´anthropologie, de la sociologie et de l´histoire, qui nous permettent de rechercher quels sont, dans le discours humoristique brésilien, les facteurs sociaux, historiques et idéologiques à l´origine de la construction/reproduction des stéréotypes hyperboliques de la femme stupide et lascive (la *blonde imbécile*) et de l´épouse infidèle. Nous sommes partis de l´hypothèse selon laquelle, dans ce contexte, le discours humoristique non seulement confirme la vieille interaction conflictuelle entre genres sociaux (homme contre femme), mais renvoie aussi parfois à une inversion des rôles de ces acteurs sociaux, donnant ainsi à connaître certaines mutations latentes, révélatrices d´une identité émergente du sujet féminin. Le travail a alors débouché sur l´identification, la description et l´analyse de phénomènes d´ambigüité et d´ironie, en tant que processus linguistico-discursifs susceptibles d´être observés dans le domaine de la blague. Notre corpus de référence concernant le domaine discursif de la blague a été recueilli sur des sites brésiliens d´humour. La blague participe à la diffusion de sujets polémiques, de stéréotypes et de discours tabous, renvoyant ainsi à la question du préjugé. C´est ce qui nous a motivés à définir ce domaine comme un espace de matérialisation du discours humoristique se mêlant au discours sexiste. Les résultats de nos recherches montrent qu´il ne suffit pas d´observer l´opposition des identités de genres (homme contre femme). S´il est possible d´affirmer la primauté d´une identité sur l´autre – celle d´homme sur celle de femme –, la primauté de l´identité de femme sur l´identité d´homme est elle aussi apparue comme évidente, bien que se manifestant de manière plus subtile au travers du discours humoristique. Bien que les identités de genre semblent se perpétuer à l´identique, nous avançons qu´elles ne sont pas fixes.

Mots-Clés : Discours humoristique, identité, stéréotype, préjugé, femme

LISTA DE EXEMPLOS

01. A aposta 17
02. A aposta da loira e da morena 19
03. Marido, esposa e sogra em Jerusalém 21
04. Morte do Lula 22
05. Piadas de adivinhas 26
06. <piadas> Adivinhas 27
07. Piada: Frases de para - choque de caminhão 28
08. Maurício Kubrusly 34
09. Paulo Tadeu 35
10. O sujeito encontra o colega e desabafa 46
11. A loira e o ventríloquo 47
12. Homem: indicações e contra-indicações 52
13. A teoria das cegonhas 54
14. O último cheque A vingança 59
15. No Jardim do Éden 62
16. Seios 1 83
17. Piadas de Loiras 84
18. A Viagem 88
19. Jeito de morrer 94
20. A Suicida 95
21. Homem no espelho 97
22. Seleção Brasileira: Nota 10 99
23. Não leve gato por lebre 106
24. Aconteceu no tribunal de justiça de Pernambuco!!!! 107
25. A nova terapia traz esperanças a todos os que morrem de câncer a cada ano 109
26. Luana não tem mais [foto de Dado] em casa 110
27. O Brasil se foi. Mas o bom humor não 112
28. Caí no buraco 122
29. Simples traição 123
30. Meu amigo Walter 125
31. Curtinhas 126

32. Einstein e Marilyn Monroe 142
33. A loira no Cassino 147
34. Aposta de Piada 150
35. Você sabe ler?... 152
36. É favor não parar no portão 153
37. Somos contra o governo 155
38. Somente a televisão desligada salvará o Brasil 155
39. Barbeiro esperto 158
40. La Place de la Femme 161
41. Edibar & Edimunda 163
42. A minha sogra caiu do céu 165
43. Visão da Cartomante 167
44. O machão acabou de casar 168
45. Casal 171
46. Telegrama avisando 172
47. Por que cantar loira não dá certo 175
48. A loira entra no bar e pede... 178
49. A Manobrista 179
50. O Portuga Manobrista 181
51. Corno e Fofoqueiro 183
52. Loira na praia 184
53. Duas morenas perguntam para a loira 186
54. A loira na estrada 187
55. Homem casado procura 190

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **1**

1.1. Justificativa 3
1.2. Definição do tema e categorias de análise 8
1.3. O discurso humorístico: nosso objeto de estudo 10

2. A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA **15**

2.1. O *corpus* de referência 24
2.2. Os sites: lugar de entrecruzamento de gêneros diversos 25
2.3. Comentando o campo da coleta dos dados: os sites 30
2.4. Piada? Anedota? Afinal que gênero é este? 33

3. DO GÊNERO TEXTUAL AO GÊNERO DO DISCURSO: uma jornada sob a influencia de Bakhtin **39**

3.1. A noção clássica de gênero: uma categoria taxonômica 39
3.2. O gênero textual: a proposta sociorretórica 42
3.3. O gênero do discurso: a proposta sócio-discursiva 49

4. OS TEÓRICOS DOS GÊNEROS SOCIAIS **58**

4.1. Privado vs. Público:
a dicotomia da hierarquização, do autoritarismo 58
4.2. Mulheres brasileiras 65
4.3. O feminismo: uma prática de ação política organizada 68
4.4. A nova mulher: uma identidade emergente 73

5. OS TEÓRICOS DO HUMOR **75**

2.1. Humor: na ótica da Filosofia 75
2.2. Humor: na ótica da Psicanálise 81
2.3. Humor: na ótica da história 91

6. A IDENTIDADE DA MULHER NO DISCURSO HUMORÍSTICO **114**

6.1. A fidelidade feminina: uma identidade imposta 118
6.2. A infidelidade feminina: uma identidade assumida 121
6.3. O cabelo loiro: do Jardim do Éden a Hollywood 133
6.4. A construção do mito da loira: a volúpia, a ingenuidade, a "burrice" 140

7. AMBIGUIDADE E IRONIA:

FENÔMENOS CONSTITUTIVOS DO HUMOR **152**

7.1. A ironia: agressividade e/ou defesa 152
7.2. A ironia: a dissociação entre o dito e o pensado 166
7.3. Ambigüidade**:** espaço fronteiriço entre a transparência e a opacidade 174
7.4. A ambiguidade: uma estratégia discursiva 182

CONSIDERAÇÕES FINAIS **194**

REFERÊNCIAS **202**

1. INTRODUÇÃO

> Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível.
>
> (Michel Foucault, *A ordem do discurso*)

Ainda que produzir textos seja uma tarefa cotidiana para nós, estudiosos da linguagem, alguns "começos" nos colocam diante de verdadeiros impasses. Isto ocorre principalmente porque a produção científica está "associada a valores de originalidade", o que torna esta escrita um processo nada simples. Afinal, escrever é submeter-se a avaliações. Sendo assim, escrever é sem dúvida um risco, visto que em várias ocasiões nos defrontamos com dúvidas, incertezas e desencontros. Todavia, tal risco se faz necessário, a fim de manter o "diálogo acadêmico", ainda que promova, muitas e muitas vezes, um diálogo entremeado de opiniões contrárias, principalmente, sendo a Análise do Discurso a teoria central proposta, pois, apresenta-se muitas vezes como "um foco de tensão em suas relações [não somente] com as demais formas de conhecimento, especialmente das ciências humanas" (FERREIRA, 2000, p. 33), como, também, entre as várias tendências que a compõe.

Entendemos, como Brait (2008, p. 127-8), que Análise do Discurso "é o nome comum sob o qual se abrigam, de forma explícita ou implícita, diversos e não homologáveis caminhos do estudo da significação, e, de forma mais precisa, diversos enfoques enunciativos". Esta variedade de enfoques, por "lidar com a linguagem em funcionamento", suscita muitos desencontros, possivelmente provocados pela "heterogeneidade do próprio objeto" (*ibidem*, p. 129).

Tais desencontros não são ocorrências raras, tanto é um fato que na abertura do III *Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso: emoções, ethos e argumentação*, promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais, em abril de 2008, o professor Wander Emediato convoca todos os presentes a manter o diálogo: "É preciso que as várias correntes deixem de lado as suas querelas, independente de nossas preferências teóricas".

Até mesmo estudiosos, não adeptos da análise do discurso na perspectiva francesa (aqui adotada), a exemplo de Marcuschi (2003), reconhecem essa ausência de diálogo. Afirma este estudioso: "Parece estar sendo necessário um **maior diálogo teórico entre as diversas tendências e suas propostas para uma compreensão mútua mais frutífera**.

Não estou pleiteando um ecumenismo ou ecletismo teórico, mas um diálogo" (ênfase do autor)[1].

Possivelmente, em razão desta carência de diálogo, Possenti tenha feito a seguinte afirmação: "Confesso que me sinto bem não tendo um lugar óbvio, não pertenço a nenhuma tribo. Gosto de imaginar que erro sozinho, embora isso seja provavelmente falso" (2004a, p. 10).

Outros pesquisadores, analistas do discurso, a exemplo de Brait (2008), ainda que admitam que "diferenças marcam as posturas em torno das teorias das análises do discurso", reconhecem que são exatamente estas discussões que "vão direcionando as diferentes pesquisas, as incansáveis buscas em torno do mistério da significação, da produção do sentido, dos caminhos percorridos para a compreensão" (p. 137).

Sem dúvida, concordamos que concepções divergentes são da natureza da ciência, e esta não se ocupa com a singularidade, mas com a universalização. Ainda que as discussões teóricas possam ser favoráveis à compreensão dos fenômenos e aprofundamento das teorias, isso não impede que tais conflitos ocorram, a partir de um diálogo que respeite as diferenças e os interesses de cada uma das posições.

A este propósito, entendemos ser pertinente registrar estas reflexões de Bakhtin (2003):

> Nenhuma corrente científica (nem charlatona) é total, e nenhuma corrente se manteve em sua forma original e imutável. Não houve uma única época na ciência em que tenha existido apenas uma única corrente (embora quase sempre tenha existido uma corrente dominante). Não se pode nem falar de ecletismo: a fusão de todas as correntes em uma única séria mortal para a ciência (se a ciência fosse mortal). Quanto mais demarcação, melhor, só que demarcações benevolentes. Sem brigas na linha de demarcação. Cooperação. Existência de zonas fronteiriças (nestas costumam surgir novas correntes e disciplinas). (p. 372).

Abrimos um parêntese para lembrar que, na organização do campo da linguística, ao chamado núcleo rígido opõe-se "uma periferia cujos contornos instáveis" mantêm contato com outras áreas do conhecimento (sociologia, psicologia, história, filosofia etc.). Enquanto Saussure separa a competência linguística do falante dos fenômenos ou dados linguísticos reais (enunciados), concepção defendida pelo núcleo rígido; entendemos que a linguagem só faz sentido para "sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas. O termo 'discurso' e seu correlato 'análise

[1] Palestra apresentada por Marcuschi no I Congresso e IV Colóquio da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso, em setembro de 2001 e publicada em julho de 2003.

do discurso' remetem exatamente a este último modo de apreensão da linguagem", aqui adotada com base nas concepções de Maingueneau (1997, p. 12).

Desse modo, a variação de posturas influenciada pelo diálogo interdisciplinar pode explicar as diferenças epistemológicas verificadas na produção científica daqueles que se autodefinem como analistas do discurso. O fato é que "a atração exercida pela etiqueta 'análise do discurso'" tomou tal proporção que se tornou "uma espécie de 'coringa' para um conjunto indeterminado de quadros teóricos", nas palavras de Maingueneau (*ibidem*, p. 12-13).

É interessante observar que uma concepção é comum: todas as críticas teriam fundamento caso provassem que "o objeto instituído pela análise do discurso não é pertinente ou que seus conceitos e seus métodos não permitem apreender convenientemente este objeto", ainda na opinião de Maingueneau (*ibidem*, p. 15).

Eis porque não somente acreditamos, como defendemos, ser preciso manter vivo o diálogo entre os pesquisadores, apesar das nossas divergências teóricas. Mesmo porque, ainda que reconheçamos que são justamente essas divergências que mantém o diálogo vivo, entendemos, também, que devemos colocar acima de qualquer enfrentamento teórico, o nosso conhecimento a serviço da sociedade, que cerceia e liberta através do discurso.

Com este pano de fundo, o próximo desafio é apresentar, a seguir, a proposta de nossa pesquisa.

1.1. Justificativa

Vários estudos têm sido produzidos a respeito do humor e do riso. Freud (2006), defende a importância dos chistes para a nossa vida mental em obra que se tornou uma indicação indispensável para quem estuda os chistes. Almeida (1999), pesquisador nas áreas de interação verbal, identidades e práticas discursivas, permite a especialistas e leigos revisitar conceitos teóricos referentes ao riso e perceber os processos de construção da comicidade. A historiadora Alberti (1999) discute as relações entre o riso e o pensamento ao longo da história ocidental, tomando por base textos que versam sobre o riso e o que faz rir. Vindo da área da Linguística e da Análise do Discurso, Possenti (2000), a principal referência nacional no estudo de piadas, procura revelar os mecanismos linguísticos na

produção do humor, num trabalho de "caráter basicamente descritivo"[2] (p. 09). Os historiadores Bremmer e Roodenburg (2000) organizaram um livro que leva em conta o humor como uma chave para compreender os códigos culturais. O historiador Saliba (2002) analisa concepções e práticas humorísticas no cenário brasileiro de grandes transformações políticas e sociais. Lins (2002) investiga a construção do humor nos jogos interativos das tiras de quadrinhos em *Mafalda*. Partindo de uma visão geral sobre os estudos da tradução, Rosas (2002) analisa as diversas teorias que se debruçam sobre o humor, abordando questões linguísticas e socioculturais. Tagnin (2005) trata da relação entre a convencionalidade na língua e o humor. Pagliosa (2005), professora de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai, explica como funcionam as charges, além de fazer uma exposição minuciosa sobre o funcionamento do humor. Slavutzky & Kupermann (2005), organizadores da coletânea de ensaios escritos por psicanalistas, buscaram resgatar a potência intrínseca ao *Witz* intuída por Freud, através da lente do humor, possibilitando a descoberta de facetas originais e inesperadas da nossa experiência de viver. Minois (2003), historiador francês, enfrentou o desafio de criar a história do riso, fenômeno considerado pelos antigos gregos como a grande e maior virtude humana doada pelos deuses.

Revisitando estas e outras produções, que se propõem a estudar o *humor* e o *riso*, verificamos que estes temas apresentam uma vasta literatura (nacional e internacional). O mesmo já não ocorre com os chistes de Freud, para nós piadas. Estes receberam e recebem (ainda hoje) pouca atenção por parte dos estudiosos, ainda que exerçam um certo fascínio em nossa sociedade. "Um novo chiste age quase como um acontecimento de interesse universal: passa de uma a outra pessoa como se fora a notícia da vitória mais recente" (FREUD, 2006, p. 23).

Entre aqueles que no início do século XX se dedicaram a esse estudo, poucos nomes se destacam, ainda que sejam nomes famosos. Entre eles, os do novelista alemão Jean Paul Friedrich Richter, que em seus escritos fez uso da ironia e do humor grotesco, e dos filósofos Theodor Vischer, Kuno Fischer e Theodor Lipps, além, certamente, do divulgado estudo do psicanalista Freud (1905/2006). Este estudioso afirma que "mesmo nesses escritores o tema dos chistes fica à retaguarda, estando o interesse principal da investigação voltado para o problema, mais amplo e mais atraente, o da comicidade" (p.

[2] Referência feita à obra – *Os humores da língua:* análises linguísticas de piadas (2000) – e não a toda a produção do estudioso.

17). Portanto, quando Possenti (2000) comenta que para muitos dos seus pares estudar piada não é coisa séria, ele o faz com conhecimento de causa. Esse já é um primeiro obstáculo que precisamos transpor, ou seja, tratar a piada como objeto de estudo de uma pesquisa séria, digna de constar nos arquivos da academia. Dito de outra maneira, não é pelo fato de a piada (entre tantos outros gêneros humorísticos) não ser entendida como um gênero sério, que ela não possa ser tratada do ponto de vista científico.

Todavia, temos constatado em nossas leituras, que apesar do interesse científico que o humor tem despertado em historiadores, psicólogos, filósofos, sociólogos, antropólogos, linguistas, todos, a exemplo de Freud e Bérgson, têm buscado encontrar uma teoria abrangente para o humor e o riso. Poucos, entretanto, têm se interessado pelos "aspectos linguísticos envolvidos no humor", de acordo com a opinião de Possenti (2000, p. 13). Evidentemente, na perspectiva deste estudioso, estes – os aspectos linguísticos – não são os únicos elementos que exigem a atenção do analista. A estes devem ser somados "as condições extra-linguísticas na produção dos efeitos que os enunciados produzem, quando utilizados nos discursos" (2004a, p. 41).

Concordamos que a análise não pode ficar limitada aos aspectos linguísticos, seguindo ainda o raciocínio do Posssenti, mas não seria conveniente deixar de passar por eles, "a não ser que o analista queira considerar este passo banal, óbvio ou simplesmente chato demais..." (*ibidem*, p. 143). Entendemos que o valor dos recursos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais), é fazer funcionar o gatilho desencadeador do riso, mas é fato que o discurso humorístico não se constitui simplesmente desses mecanismos. Esse, o discurso humorístico, é um divulgador por excelência de temas polêmicos, de estereótipos, e, por conseguinte, de um discurso tabu, isto é, politicamente incorreto.

Mesmo que, no decorrer do Século XX, alguns estudiosos, como Roland Barthes, Umberto Eco e Mikhail Bakhtin[3] tenham dedicado seus estudos e pesquisas a temas considerados menores ou menos sérios, a *piada* não tem despertado grande atenção da classe acadêmica. Trata-se, portanto, de um tema ainda marginalizado. Esta já é uma boa razão para darmos continuidade às poucas pesquisas que têm por meta o discurso

[3] Foi após a publicação de sua tese (1965) – *François Rabelais e a cultura popular na Idade Média e sob a Renascença* – a história do riso do Século XIV ao XVI, e a tradução em diversas línguas, que Bakhtin alcançou notoriedade no Ocidente.

humorístico da piada. Gênero que, embora seja considerado menor, é significativamente importante no discurso interacional de todos os tempos.

Esperamos que o resultado deste trabalho colabore não só para ajudar a "descongelar" a opinião de alguns acadêmicos, mas, principalmente, para oferecer a outros estudiosos das letras, interessados, como nós, no tema em questão, material bibliográfico que contribua, cada vez mais, para o aprofundamento de uma temática universal, possível de ser estudada não somente numa perspectiva linguística ou discursiva, como, também, numa perspectiva linguístico-discursiva, abordada neste estudo.

Lembramos Possenti (2000, p. 14) quando este afirma não haver "problemas novos no campo do humor". O que há são "pontos de vista novos". O nosso é tentar construir a identidade de um sujeito – a mulher – na perspectiva do discurso humorístico. A relevância da nossa proposta, associar humor e identidade, é "a hipótese de que tal identidade esteja representada nas piadas através de estereótipos" (POSSENTI, 2004a, p. 156). O novo não está na piada operar com estereótipo, mas em este estar associado à identidade construída pelo Outro.

Podemos afirmar, ainda sob o apoio de Possenti (*ibidem*, p. 158), que "os estereótipos são construtos produzidos por aquele(s) que funciona(m) como sendo o(s) Outro(s) para algum grupo". O Outro, na concepção de Pereira (2002, p. 32), é percebido "com estranheza, com desconfiança ou mesmo como um inimigo". Estamos, pois, falando das diferenças, particularmente, no caso desta pesquisa, aquelas observadas na construção da identidade estereotipada da mulher no discurso humorístico.

Assim, conclui Possenti (2001),

> se se quiser descobrir os problemas com os quais uma sociedade se debate, uma coleção de piadas fornecerá excelente pista: sexualidade, etnia/raça e outras diferenças, instituições (igreja, escola, casamento, política), morte, tudo isso está sempre presente nas piadas que circulam anonimamente e que são ouvidas e contadas por todo mundo em todo o mundo (p. 72).

Para Possenti (2000, p. 41-2), afirmar que a compreensão de uma piada está atrelada ao conhecimento da cultura onde ela emerge é uma obviedade inútil. Não discordamos de tal posição, entretanto, se estamos buscando as causas sócio-histórico-ideológicas que proporcionam a construção/reprodução da identidade estereotipada da mulher no discurso humorístico, a cultura, como produtora de "significados que permeiam todas as relações sociais" (WOODWARD, 2004, p. 18), tem o seu lugar nesta pesquisa. Isto porque, ainda na perspectiva de Woodward (p. 41), "as formas pelas quais a cultura

estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades", estereotipadas ou não. Em sendo a identidade marcada pela diferença, muitas vezes essas marcas são problemáticas, porque justificam o surgimento dos estereótipos – um dos principais recursos do humor – motivados pelo preconceito e a discriminação.

Nesta perspectiva, as cenas do cotidiano retratadas nas piadas, ainda que não passem de cenas caricaturadas, ajudam a construção/reprodução de algumas identidades conservadas na cultura brasileira (o baiano seria *preguiçoso*, o nordestino seria *burro*, o gaúcho um *falso macho* etc.), ainda que estas identidades, ratificamos, não passem de estereótipos. A partir deste pressuposto, defendemos a tese que *na construção da identidade do sujeito mulher, a piada é coisa séria.*

Deste ponto de vista, surgiram as nossas *questões geradoras*. Quais são as causas sócio-histórico-ideológicas que possibilitam as construções/reproduções dos estereótipos hiperbolizados da mulher (*loira burra*) imbecil e lasciva, como também da esposa infiel? Em quais circunstâncias linguístico-discursivas ocorrem a ambiguidade e a ironia, acionadas nas interações conflituosas da vida cotidiana, reproduzidas na piada, no processo de relacionamento entre os gêneros sociais?

Na tentativa de responder a estas questões, propomo-nos a investigar como ocorre a construção/reprodução da identidade da mulher, realizada nas ações linguístico-discursivas produzidas no gênero piada.

Como *objetivos específicos* procuramos verificar no discurso humorístico brasileiro as possíveis causas sócio-histórico-ideológicas que possibilitam as construções / reproduções dos estereótipos hiperbolizados da mulher (*loira burra*) imbecil e lasciva, como igualmente da esposa infiel. Também foi nossa pretensão identificar, descrever e analisar os fenômenos da ambiguidade e da ironia como processos linguístico-discursivos, passíveis de serem observados no gênero piada. Este, entendido como divulgador de "um lugar social" refletido nas interações conflituosas da vida cotidiana, no processo de relacionamento entre os gêneros sociais (homem *vs*. mulher), reproduzidos no discurso humorístico, ainda que de forma estereotipada. Podemos afirmar que as piadas ocorrem em "solo fértil de problemas", lugar onde os preconceitos e as disputas são cultivados durante séculos (POSSENTI, 2000, p. 37).

Sabemos que a seleção do corpus é de importância fundamental para o sucesso de uma pesquisa. Sendo assim, por que a escolha do gênero piada como suporte empírico? Como lugar de materialização do discurso humorístico? Porque as piadas versam sobre os

mais variados temas, quase sempre socialmente controversos, a exemplo de fidelidade/infidelidade. Operam fortemente com estereótipos, a exemplo da inteligência "limitada" da mulher. São na maioria das vezes veículo de um discurso proibido, um discurso politicamente incorreto, tendo sempre uma vítima, o alvo do riso, por exemplo, as mulheres. Põem em relação dois discursos, por exemplo, o discurso humorístico e o discurso sexista. São excelentes para o analista que considera o linguístico-discursivo relevante para atingir os seus objetivos (Possenti, 2000).

Mas, o que é a piada? Quem define o que é piada é o ouvinte/leitor e não o humorista ou o contador de piadas anônimo. Quando alguém ri de uma história, esta passa a ser uma piada, não antes", afirma Slavutzky & Kupermann (2005, p. 208)[4]. E o gatilho do riso é sempre a surpresa.

1.2. Definição do tema e categorias de análise

Dentre as razões citadas por Possenti (2000, p. 25-40) que justificam o estudo da piada, três são do nosso interesse particular: (a) a piada é portadora de *temas polêmicos*, tais como: o alcoolismo, o homossexualismo, a velhice, a ética profissional, o racismo, a sexualidade, o regionalismo, a loucura, o casamento, o adultério etc.; (b) a piada não só veicula, como motiva o surgimento e a permanência de *estereótipos*, alguns já consagrados, tais como: a loira burra, a sogra megera, o gaúcho efeminado, a esposa infiel, o político desonesto, o policial corrupto, o médico tarado etc.; e (c) a piada é divulgadora do *discurso tabu* (discurso politicamente incorreto), o qual alimenta preconceitos.

Justificamos esta nossa preferência porque estes (os temas polêmicos, os estereótipos e o discurso tabu, remetendo para questão do preconceito) são fenômenos que congregam manifestações culturais, por conseguinte, ideológicas. Neste sentido, as piadas são uma espécie de termômetro, indicador de comportamentos sociais de grupos diversos.

As sucessivas leituras das piadas nos permitiram identificar os temas[5] possíveis de serem abordados. O *estereótipo* usualmente acionado pela piada é entendido como constituintes da base do preconceito e da discriminação (a mulher percebida com um ser de raciocínio lento e/ou infiel no seu relacionamento conjugal). O *preconceito* veiculado pela

[4] No Capítulo II, voltamos a comentar a respeito do conceito de piada. E definimos a posição adotada nesta pesquisa.
[5] "Tomada ao grego *thêma*, o que se põe ou propõe, tema ou assunto de desenvolvimento oratório", de acordo com Houaiss, 2001, p. 2688-9.

piada é entendido como ideias preconcebidas, sem conhecimentos dos fatos. O *gênero*, incentivador deste estudo, é entendido como uma questão cultural em torno dos comportamentos masculino e feminino, ligados a papeis e situações sociais particulares (homem *vs*. mulher). A *ideologia*, motivadora dos estereótipos, é entendida como um conjunto de crenças, valores e atitudes que servem de base para movimentos em favor (ou contrário a) de mudanças sociais (machismo *vs*. feminismo). O *sexo*, presença constante no humor, é entendido como as diferenças biológicas, sem, contudo, afastar a ideia de que o sexo, a exemplo do gênero, é uma dicotomia socialmente construída (macho e fêmea). E a *identidade* do sujeito mulher, resposta que buscamos, é entendida como uma construção cultural, legitimada por um suposto passado inscrito e recuperado na História (escrita pelos homens).

A opção por estes temas ocorreu após o levantamento das categorias[6] mais recorrentes e controversas identificadas nos sites de humor. O erotismo e o raciocínio lento estão veiculados com base no estereótipo da *loira burra* (uma referência a todas as mulheres) e a infidelidade está veiculada ao estereótipo da *esposa adúltera*, principal personagem das piadas divulgadoras do estereótipo do *corno*. O estereótipo, concebido como social, imaginário e construído, caracteriza uma *redução* – quase sempre negativa –, eventualmente um *simulacro*, este entendido como uma espécie de identidade pelo avesso. Isto é, uma identidade atribuída a uma pessoa ou grupo pelo seu Outro (POSSENTI, 2004, p. 156).

Neste estudo, verificamos que uma das características principais das piadas é que elas legitimam papeis, valores e ideologias, tais como: feminismo e machismo, fidelidade e infidelidade, razão e emoção, espaço público e espaço privado, atividade e passividade, inteligência e ignorância etc. Conceitos estes que não só sustentam, como perpetuam a desigualdade de gênero, e ainda, justificam o tratamento diferenciado que a sociedade em geral oferece à mulher em relação ao homem, isto é, favorecendo um (o homem) em detrimento do outro (a mulher).

Assim, o tema definido é a construção da identidade do sujeito mulher no discurso humorístico das piadas (o suporte empírico), as quais, no início do Século XXI, continuam a estigmatizá-la como "objeto de cama e mesa", reproduzindo, ainda que de forma caricatural, situações reais do cotidiano. Nesta perspectiva, os estereótipos, aqui estudados

[6] "Atualmente, o termo categoria, frequentemente considerado como sinônimo de *noção* ou *conceito*, designa, mais adequadamente, a unidade de significação de um discurso epistemológico", afirma Japiassú, 1996, p. 39-40.

(mulheres “burras” e sexualmente disponíveis em troca de favores e/ou infieis nas relações conjugais), poderão ser uma sinalização de mudança social, no que diz respeito à realidade da mulher “moderna”, ou poderão ser a confirmação de uma realidade que permanece a mesma de décadas passadas, ainda que camuflada pelos eventos contemporâneos. Ou, ainda, as duas possibilidades, ou seja, uma não anulando a outra. De acordo com Possenti (2004, p. 157), as “piadas e anedotas são uma forma extremamente rica de abordagem da questão da identidade – ainda que estereotipada. A razão é que estes tipos de textos sempre retomam discursos profundamente arraigados e cujos temas são sempre cruciais para uma sociedade”.

Neste sentido, defendemos que a identidade do sujeito mulher é multifacetada e contraditória, na perspectiva do atual momento histórico. Os estereótipos construídos sobre a mulher, na ótica de um discurso sexista, faz surgir uma identidade em conflito localizada no interior de mudanças sociais e pessoais face às contradições do mundo atual. “É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”, afirma Hall (2004, p. 109). Por decorrência, o estudo da piada é importante porque entendemos que mudança ou permanência de estereótipos sobre os gêneros sociais (particularmente a mulher) têm neste gênero discursivo um campo fecundo, fertilizado pelo discurso humorístico.

1.3. O discurso humorístico: nosso objeto de estudo

Delimitar o discurso como objeto de estudo foi a primeira grande dificuldade com que nos defrontamos, em virtude da ambiguidade constitutiva da noção de discurso, possivelmente, em decorrência do seu caráter profundamente interdisciplinar. Tal ambiguidade constitutiva gera a complexidade, instabilidade e vagueza da noção de discurso, permitindo, por conseguinte, uma variedade de concepções para o mesmo termo, desde as mais restritivas até as mais abrangentes, desde as mais objetivas até as mais abstratas.

Essa variedade de conceitos é percebida não somente na perspectiva do senso comum (o *discurso* do presidente; este seu *discurso* já não me convence; não discuto futebol nem religião, estes são *discursos* polêmicos); como também, e este sem dúvida é o

problema maior, na perspectiva científica, conforme o termo é entendido sob a influência das diversas correntes das ciências humanas.

A variedade de uso deste termo, de acordo com Maingueneau (2008), justifica-se porque o discurso tanto "pode designar o sistema que permite produzir um conjunto de textos como esse próprio conjunto" (*ibidem*, p. 137-8). Dito de outro modo, a ambiguidade do termo discurso pode significar tanto um processo discursivo quanto uma sequência verbal. É, pois, "ao mesmo tempo um *objeto* e um *ponto de vista* sobre esse objeto" (MAINGUENEAU, 2008, p. 136). O discurso humorístico, por exemplo, tanto designa o conjunto de gêneros produzidos pelo comediante/humorista (charges, tirinhas, cartuns, piadas etc.), como o sistema – a formação discursiva – que permite produzi-los. Talvez esteja aqui, nesta duplicidade constitutiva, a fluidez dos contornos que muitas vezes cercam a Análise do Discurso (FERREIRA, 2000, p. 33).

Retomando Maingueneau (1997, p. 13-4), é possível adiantar que a Análise do Discurso que estamos a praticar, inevitavelmente se apoia "sobre os conceitos e os métodos da linguística", mas não de maneira exclusiva. Consideramos a piada, nosso objeto empírico, como o espaço onde estão cristalizados conflitos históricos e sociais, possível de verificação no exterior de um interdiscurso. O *corpus*, portanto, não é simplesmente examinado como uma produção textual, mas é considerado em "sua enunciação como o correlato de uma certa *posição* sócio-histórica", que se dá a conhecer, através de seus enunciadores.

Na abordagem do enunciado como discurso, este entendido como objeto teórico resultante de construção científica, entendemos ser preciso relacioná-lo (o enunciado) a um gênero determinado, visto que essa relação é importante para a sua interpretação. Assim, a piada, foi aqui estudada, descrita e analisada não somente como uma estrutura textual, uma sequência coerente de signos verbais, mas, principalmente, como uma atividade enunciativa, isto é, um *gênero do discurso*. Nesta perspectiva, tivemos que enfrentar a segunda dificuldade, a noção de *gênero* que, a exemplo da noção de *discurso*, também não é de fácil apreensão.

De acordo com Maingueneau (1997, p. 38), "a AD não pode deixar de refletir sobre o gênero quando aborda um *corpus*". Razão porque, no Capítulo III, observamos duas propostas teóricas da abordagem do gênero: o gênero textual, na perspectiva sociorretórica e o gênero do discurso, na perspectiva sócio-discursiva.

A este propósito, lembramos as reflexões de Maingueneau (2008, p. 143) sobre o interesse específico da Análise do Discurso: "apreender o discurso como entrecruzamento de um texto e de um lugar social". O que nos permite entender que "o seu objeto não é nem a organização textual nem a situação de comunicação [o contexto], mas aquilo que os une através de um dispositivo de enunciação específico que provém ao mesmo tempo do verbal e do institucional" (*ibidem*).

Falar em discurso humorístico e discurso sexista, aqueles a que nos propomos a estudar, não é discorrer a partir do mesmo ponto de vista. Na opinião de Maingueneau (2008, p. 17), o discurso humorístico "consiste na interação dos diversos gêneros de discurso", tais como as charadas, as adivinhas, os trocadilhos, as charges, as frases de caminhão, as piadas etc. Tais gêneros apresentam-se como provocadores do riso.

Já o discurso sexista "consiste na diversidade dos gêneros de discurso produzidos por um posicionamento" discriminatório fundamentado no sexo (panfletos, propagandas, sermões, artigos de opinião, filmes, piadas etc.). Nesta perspectiva, estamos discorrendo sobre a *luta ideológica*, da "delimitação de um território simbólico contra outros posicionamentos". Contudo, nada impede que abordemos o discurso sexista na perspectiva do humor, ou que tratemos do discurso humorístico, percebendo-o como um discurso sexista, preconceituoso, discriminatório, fundador e mantenedor de estereótipos. Esta é a proposta que defendemos nesta pesquisa.

Assim, a noção de discurso que buscamos apreender diz respeito ao entrecruzamento do discurso humorístico com o discurso sexista em enunciados produzidos no gênero discursivo piada. Entendemos o discurso sexista como um lugar social, aqui tratado como um *posicionamento* (formação discursiva), que corresponde à posição ocupada pelo enunciador e aos valores que ele defende. Vale a pena acrescentar que os posicionamentos podem ser *dominantes* e *dominados*, na ótica de Maingueneau e com a qual concordamos.

Nesta perspectiva, tomamos como orientação teórica os princípios do campo francês da Análise do Discurso, proposta particularmente por Dominique Maingueneau, com a qual muitas pesquisas, no Brasil, mantém laços teóricos estreitos, a exemplo daquelas realizadas por Sírio Possenti. As teorias propostas por estes dois estudiosos se constituem como instrumento teórico-metodológico de importância fundamental para este trabalho.

Tendo em vista estas considerações introdutórias, apresentamos na sequência uma breve e concisa explanação da organização da Tese, desenvolvida em dois momentos. O primeiro de natureza interdisciplinar, apresenta-se com um perfil mais teórico, privilegiando os aspectos sócio-histórico-discursivos na perspectiva dos estudiosos do gênero (textual e discursivo), dos pesquisadores do gênero social (homem vs. mulher) e dos teóricos do humor.

No segundo momento enfatizamos o aspecto linguístico-discursivo, destacando a *ironia* e a *ambiguidade* como estratégias/mecanismos discursivos. Estes dois fenômenos, em nosso estudo, indicam a opacidade do discurso, ou seja, "um enunciador produz um enunciado de tal forma a chamar atenção não apenas para o que está dito, mas para a maneira de dizer e para as contradições existentes entre as duas dimensões" (BRAIT, 2008, p. 140).

Para realizar este percurso, buscamos encontrar pontos de convergência nas propostas teóricas consultadas, que nos ajudassem a formar nosso ponto de vista e assim atingir o objetivo a que nos propomos.

No capítulo III, fizemos uma rápida retrospectiva da noção clássica de gênero, seguindo a trilha que tem como ponto de partida a Antiguidade, passando pela Idade Média, pelo Renascimento, Romantismo e a Modernidade até os primórdios do Século XX. Consideramos ser esta uma abordagem necessária para esclarecer que a Teoria do Gênero não teve início com qualquer estudioso contemporâneo, nem mesmo Bakhtin, como equivocadamente às vezes é comentado.

No Capítulo IV, procuramos entender o conceito de gênero social, procurando apreender a distinção de sexo/gênero; mas, principalmente, buscando vislumbrar as questões implícitas neste conceito. Na proposta de Butler, estudamos as questões levantadas a respeito da heterossexualidade compulsória e do falocentrismo, compreendidos pela estudiosa como regimes de poder e discurso. Nas obras de Perrot, seguimos a voz do sujeito mulher que emerge do oceano do silêncio a que foi submetida durante séculos, em busca do seu púlpito de onde procura se fazer ouvir.

No Capítulo V, procuramos fazer uma incursão pelas propostas teóricas de Bergson, Freud, Minois e Saliba a respeito do humor e do riso. Bergson se debruça sobre as questões da comicidade e os seus efeitos. Freud pela lente do humor, nos permite perceber as facetas mais originais e inesperadas da experiência humana. Minois esquematiza a história do riso em três períodos: riso divino, riso diabólico e riso humano.

Tendo como ponto de partida a Antiguidade clássica e como ponto de chegada o Século XXI, o estudioso nos leva a refletir a respeito do riso, o único estratagema oferecido pelos deuses ao homem, para tentar driblar sua única certeza: a morte. Saliba mergulha nas concepções e práticas humorísticas da vida cultural brasileira, no período que ficou conhecido como Belle Époque, num estudo que prioriza o humor na vida nacional dos séculos XIX e XX.

No Capítulo VI, procuramos construir com o apoio de Saliba a história do riso no Brasil a partir do final do Século XIX, início do Século XX. Com Pitman conseguimos desvendar o enigma da loira burra.

No Capítulo VII, nos detemos nos fenômenos discursivos constitutivos do humor: a ambiguidade e a ironia. A ambiguidade é entendida não como um problema a ser solucionado, percebido como equívocos de sentido provenientes de construções consideradas defeituosas. Nesta perspectiva, passamos a defender que todo enunciado está exposto ao equívoco, sendo exatamente este possível equívoco, no discurso humorístico, o gatilho provocador do riso. Quanto à noção de ironia, esta é estudada como uma estratégia significante, no nível do discurso. E uma vez que, o discurso irônico joga essencialmente com a ambigüidade, conforme Brait (2008), tentaremos identificar no discurso humorístico o momento deste entrecruzamento. A categorização dos fatos humorísticos, proposta por Charaudeau (2006), nos ajuda a entender o ato humorístico como um ato de enunciação.

Por fim, tecemos as nossas últimas considerações, conclusivas no presente, mas consideradas como o ponto de partida para as nossas investigações futuras.

2. A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Lembra Viegas (2007, p. 99) que "nos cultos gregos clássicos, *pompas* eram as procissões religiosas em direção à estátua do deus. Um caminho rumo à purificação. A ciência é como um culto. O caminho até ela exige certo ritual e certa pompa. É o método científico": um trajeto para atingir o objetivo, através do rigor dos estudos científicos.

Optando pelo método indutivo, procuramos observar o universo humorístico brasileiro divulgado na mídia nacional (escrita, televisiva e virtual), para tentar compreender, em um primeiro momento, o processo de interação entre os gêneros sociais perpassado pelo discurso humorístico.

Fizemos esta opção, porque concordamos com Marcuschi (2001), quando este afirma que os dados são "produzidos pelo *ponto de vista* e pelo interesse investigativo, sem que isto signifique algo de pernicioso para a investigação" (p. 25). Como a observação é fundamental para a metodologia qualitativa, foi nesta perspectiva que construímos o nosso *corpus*. Optamos, portanto, pela observação de dados autênticos (análise qualitativa), que nos permite adotar a noção de língua como uma atividade social-histórico-discursiva.

Verificamos que os gêneros humorísticos (charges, advinhas, trocadilhos, fotos[7], charadas, pegadinhas, tirinhas, frases de caminhão ou camisetas, *sitcoms*[8], piadas etc.) podem ser entendidos, equivocadamente, como um gênero monofuncional, visto que se apresentam *a priori* com a função de fazer rir. Sabemos, entretanto, ser esta apenas uma de suas intenções discursivas, porque estamos estudando um gênero multifuncional em seus propósitos comunicativos, os quais apresentam-se, para nós, como mais um desafio, em vista de tratar-se de um discurso velado. Estamos, pois, tratando da opacidade do discurso. Em outras palavras, nos termos de Maingueneau (2008, p. 32), "o discurso não é jamais um dado, ele surge sustentado por um ruído de práticas obscuras que o configuram e o fazem circular segundo trajetórias que se confundem com seus múltiplos modos de existência".

Partimos do pressuposto de que o discurso humorístico, neste contexto, não só confirmaria a milenar interação de conflito entre os gêneros sociais (homem *vs*. mulher),

[7] Algumas fotos (montagem ou não) entendidas como cômicas, por quem as divulga na Internet. Tais fotos expõem situações reais ou virtuais, explorando as mais variadas imagens, nas quais, quase sempre, verifica-se a presença de animais racionais ou irracionais.

[8] *Sitcom* é a abreviatura de *Situation Comedy* ou Comédia de Situações. *A Grande Família, A Diarista, Os Normais*... são alguns exemplos de *sitcoms* nacionais. Sugestão de leitura: FURQUIM, Fernanda. *Sitcoms:* definição e história. Porto Alegre: FCF, 1999.

como indicaria, em algumas ocasiões, uma inversão dos papeis desses atores sociais, dando a conhecer algumas mudanças latentes sócio-histórico-culturais reveladoras de uma identidade emergente do sujeito mulher. O discurso da diferença dos sexos é o que inferimos por gêneros sociais. O gênero "não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade", no dizer de Colling (2004, p. 29). Assim, estudar a questão dos gêneros sociais, com base na piada sinaliza a viabilidade de consolidação da ideologia hegemônica, no tocante às identidades de gênero, percebida nos mais variados discursos, até mesmo no discurso humorístico. Neste sentido, assumimos a posição de Colling (*ibidem*) quando ela afirma ser "necessário criticar, desmontar estereótipos universais e valores tidos como inerentes à natureza humana".

Entendemos que a *ambiguidade* e a *ironia* seriam os principais fenômenos linguístico-discursivos utilizados na construção dos discursos, possibilitando certos efeitos de sentido reveladores dos comportamentos dos gêneros sociais, observados, tais comportamentos, no discurso responsivo de ambos (homem *vs*. mulher), entendidos como os sujeitos participantes ativos da comunicação discursiva. Assim, buscamos no discurso humorístico interpretar a realidade em seu movimento dialético, ou seja, na contraposição dialógica.

Para tanto, elegemos a *piada* (até hoje pouco estudada, ainda que seja uma manifestação discursiva acessível a todos os brasileiros) como o gênero de referência da pesquisa, a infidelidade feminina (as piadas do "corno") e a inteligência "limitada" das mulheres, "compensada" pela sua propensa luxúria (as piadas da loira "burra"), como as propostas temáticas e o mundo virtual da Internet como campo de coleta dos dados. Optamos pelo gênero *piada* por se tratar, não somente do gênero humorístico mais divulgado, possivelmente, também, há mais tempo, o que o torna não somente o mais clássico como, ao mesmo tempo, o mais popular, o que, por conseguinte, faz dela – a piada – o gênero mais autêntico do discurso humorístico.

Inúmeras são as piadas veiculadas na Internet, todavia poucas apresentam um conteúdo que possamos identificar como original. Esta realidade possivelmente justifica a franca afirmação de Possenti (2000): "o maior problema que herdei dessa pesquisa é que a dificuldade de encontrar uma boa piada nova se tornou quase insuperável" (p. 11)

Razão porque arriscamos afirmar que muitas piadas não só são as mesmas de sempre, repetidas com variações, como promovem secularmente alguns estereótipos. Como exemplo, podemos citar os *estereótipos étnicos que retratam a indiferença grega*

pelo politicamente correto. Provavelmente nunca saberemos porque os pobres Abdentes, os Sidonianos e os Kynaenses eram notórios por sua estupidez, da mesma forma que não saberemos explicar por que as pessoas da Polônia ou de Nova Jersey foram escolhidas nos tempos modernos para serem o alvo de piadas étnicas[9] (PHILOGELOS, 2001). Mas, certamente sabemos justificar, no Brasil, os estereótipos étnicos que tornam vítima os nordestinos, os portugueses, os argentinos, os gaúchos etc.

Podemos tentar explicar esta possível limitação, apenas a título de informação, visto que para a Análise do Discurso o número maior ou menor de dados é menos importante do que o método de análise.

Em primeiro lugar, a piada é um gênero complexo, embora a princípio possa não parecer, por isso mesmo textos inéditos não aparecem com frequência, daí porque elas se repetem em boa parte dos sites (não somente nestes, mas em qualquer outro meio de divulgação), muitas vezes, apenas com sutis modificações de ordem linguística, que não alteram em nada a essência da piada e o seu propósito, seja fazer rir ou, principalmente, sustentar o estereótipo. Vejamos, rapidamente, dois casos (Exemplos 01 e 02)[10].

⇨ Exemplo 01 – A aposta – Acesso em 26.08.2009
Disponível em http://www.zebisteca.xpg.com.br/273/piadas/loiras/a-aposta

[9] And of course there are also ethnic that betray the Greek disregard of anything like political correctness. We'll probably never know just why the poor Abderites, Sidonians, and Kymaeans were legendary for their stupidity, any more than we can explain why people of Poland or of New Jersey have been singled out in modern times to be the butt of ethnic jokes (Philogelos, 2001, p. 19).

[10] Optamos por copiar e colar (*print screen*) as páginas dos sites, preservando assim os aspectos globais e multissemióticos.

A aposta

A loira e a morena estão **assistindo** ao telejornal quando aparece na **TV** um homem no telhado de um prédio ameaçando se jogar.

Morena: - Aposto 50 reais que ele vai pular.
Loira: - Certo. Eu aposto 50 reais que ele não vai pular.
Morena: - Apostado!

Dali a uns minutos, o homem solenemente se espatifa na calçada.

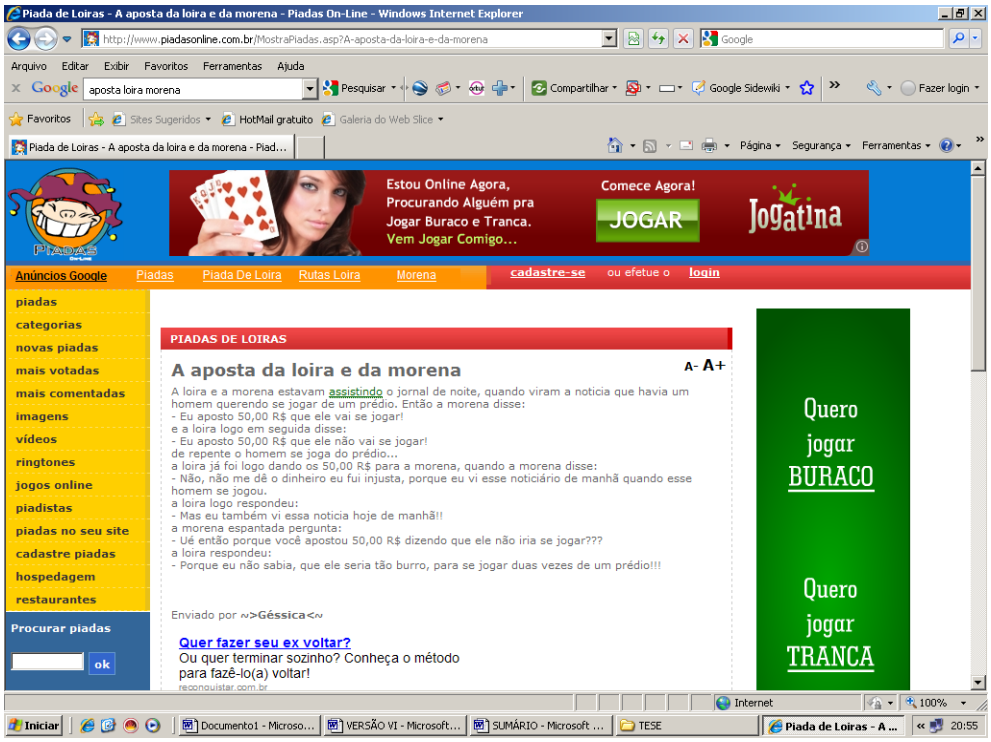
Loira: - Ok, você ganhou. Tome os seus 50 reais.
Morena: - Ah, deixa pra lá. Eu não posso aceitar o seu dinheiro. É que eu tinha visto essa matéria hoje de manhã e já sabia que ele ia pular. Desculpe.
Loira: Tá bom, tá bom, confesso! Eu também fui desonesta com você. Eu tinha visto o jornal hoje de manhã.
Morena: Mas então por que você apostou?
Loira: Bom, eu não imaginei que ele seria tão estúpido de pular de novo!...

⇨ Exemplo 01: Reprodução[11]

As duas mulheres, uma loira e uma morena, cujo propósito é fazer uma aposta que tem por objeto uma notícia jornalística veiculada na imprensa televisiva (som e imagem), na expectativa de o desfecho do acontecimento possa vir a ser outro em horários distintos (manhã e noite), confirma, em tese, uma das hipóteses menos divulgada sobre as piadas de loira, aquela em que o enunciador seria o sujeito mulher, morena ou negra, com indicativo de um discurso racista. Quanto a outra hipótese, bem mais divulgada teria, em tese, como enunciador o sujeito homem, e por conseguinte, estaríamos falando do discurso sexista, uma referência ao sujeito mulher. Esta pesquisa inclina-se para a segunda hipótese, embora não descarte a viabilidade da primeira.

Mas, retomando o nosso propósito de confirmar o grande número de piadas sem que isto caracterize uma variedade delas, vejamos o Exemplo (02):

[11] Os textos foram reproduzidos *ipsis litteris*, preservando não somente a escrita (ortografia, regência, concordância nominal e verbal etc.) como a fonte (o tipo de letra) usada no processamento de textos em sistemas informáticos.



⇨ Exemplo 02 – A aposta da loira e da morena – Acesso em 26.08.2009
Disponível em
http://www.piadasonline.com.br/MostraPiadas.asp?A-aposta-da-loira-e-da-morena

A aposta da loira e da morena

A loira e a morena estavam **assistindo** o jornal de noite, quando viram a noticia que havia um homem querendo se jogar de um prédio. Então a morena disse:

- Eu aposto 50,00 R$ que ele vai se jogar!
e a loira logo em seguida disse:
- Eu aposto 50,00 R$ que ele não vai se jogar!
de repente o homem se joga do prédio...
a loira já foi logo dando os 50,00 R$ para a morena, quando a morena disse:
- Não, não me dê o dinheiro eu fui injusta, porque eu vi esse noticiário de manhã quando esse homem se jogou.
a loira logo respondeu:
- Mas eu também vi essa noticia hoje de manhã!!
a morena espantada pergunta:
- Ué então porque você apostou 50,00 R$ dizendo que ele não iria se jogar???
a loira respondeu:
- Porque eu não sabia, que ele seria tão burro, para se jogar duas vezes de um prédio!

⇨ Exemplo 02: Reprodução.

Já no primeiro período é possível observarmos pequenas alterações a exemplo de um dos textos fazer referência ao horário (noite) e o outro não. Essa referência para o próprio enredo da piada é importante. Ou substituições léxico-sintáticas do tipo: “ele vai se jogar” para “ele vai pular” ou “o homem se joga do prédio” para “o homem solenemente se

espatifa na calçada". Tal preferência por uma ou outra estrutura pode indicar o tipo de telejornalismo, mais ou menos popular.

Em ambas as piadas, a proposta da aposta teria vindo da morena. Alguns ouvintes/leitores poderiam interpretar como um indício da morena ser mais *inteligente* do que a loira. Outros poderiam entender ser a morena mais *astuta* do que a loira. Seja na perspectiva da inteligência ou da astúcia, o que percebemos é que a morena sabia que o desfecho da notícia não poderia ser outro, ao passo que a loira acredita em outra possibilidade. Reconhecendo a deslealdade que estaria cometendo, a morena desiste de receber o prêmio da aposta, uma vez que ela já conhecia a notícia. E o gatilho provocador do riso finalmente é acionado: a loira também já tinha visto a notícia, porém diferentemente da morena, não esperava que o homem, em outro telejornal e em outro horário, cometesse o mesmo ato: o suicídio.

Da perspectiva linguístico-discursiva, o que chama mais a nossa atenção são os adjetivos atribuídos ao suicida pela loira: *burro* e *estúpido*. Qualquer que seja o discurso – racista ou sexista –, entendemos que os adjetivos estão qualificando a loira.

Acreditamos ser oportuno fazer mais um breve comentário. Muitas são as piadas que se apresentam aparentemente como "novas" e depois percebemos que são "velhas" piadas, como os Exemplos (1) e (2). Outras são "inovadas", com o uso da paráfrase, permanecendo a mesma em sua essência. Justifica-se porque a paráfrase é a tentativa de se dizer *o mesmo*. Ela contém o mesmo sentido. Então, ela – como mecanismo – não poderia produzir uma *nova* piada. Em outras palavras, a paráfrase é uma unidade discursiva semanticamente equivalente a outra unidade já produzida.

Vejamos as duas piadas a seguir (Exemplos 03 e 04):

⇨ Exemplo 03 – Marido, esposa e sogra em Jerusalém – Acesso em 26.08.2009 Disponível em http://www.piadasonline.com.br/MostraPiadas.asp?marido%2C-esposa-e-sogra-em-jerusalem

marido, esposa e sogra em jerusalem

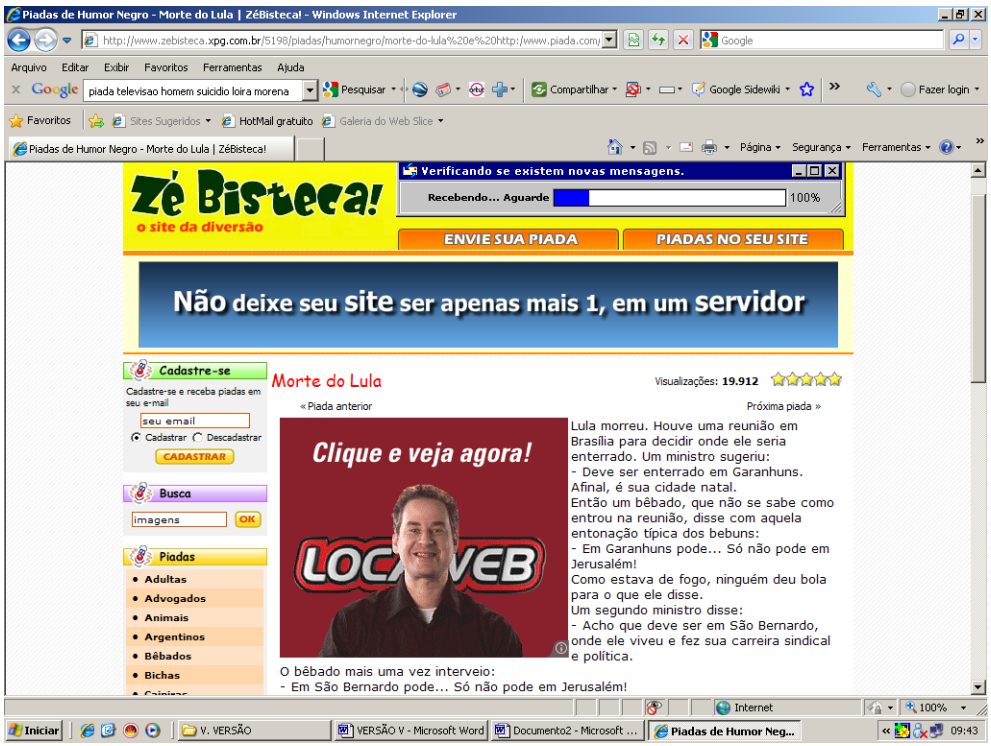
Um sujeito levou a esposa e a sogra para conhecerem Jerusalém. Chegando lá, a velha não agüentou a emoção ao conhecer a Terra Santa, teve um ataque cardíaco e morreu.
Depois de tomar as providências necessárias, o casal descobriu que transportar o corpo de volta para o Brasil custaria cerca de 10.000 dólares.
- Meu bem - disse a esposa - se você quiser, nós podemos enterrar a mamãe aqui mesmo. Eu não me importo...
- Que isso meu amor, eu faço questão de levar o corpo de minha sogra para o Brasil!
- Mas é muito caro querido, não tem problema em enterrar aqui.
- Não! - respondeu o marido, decidido - Aqui em Jerusalém, eu não a enterro de jeito nenhum!
Surpresa com a preocupação do marido a esposa indaga:
- Mas, por quê, não enterrar aqui, meu amor?
- Tenho muito receio. Aqui em Jerusalém já teve o caso de alguém que morreu e ressuscitou. Prefiro não arriscar.

⇨ Exemplo 03: Reprodução.

"Quanto menos nos vemos, melhor nos entendemos" (COLLANGE, 2001, p. 40). Esta parece ser a opinião de genros e noras, pelo menos da grande maioria. Livrar-se delas

– as sogras – para sempre, parece ser tudo o que eles desejam, pelo menos no discurso humorístico (Exemplo 03). As sogras vistas como "maníacas, autoritárias, indiscretas, intrometidas, superprotetoras..." estão "condenadas de antemão na mente daqueles e daquelas que convivem com elas" (*ibidem*, p. 20). Ainda para Collange, "a palavra 'sogra' por si só provoca, infalivelmente, zombarias" (p. 20), entendidas como supostamente bem-humoradas.

Vejamos agora o Exemplo 04, a seguir:



⇨ Exemplo 04 – Morte do Lula – Acesso em 26.08.2009
Disponível em
http://www.zebisteca.com.br/5198/piadas/humornegro/morte-do-lula

Morte do Lula

Lula morreu. Houve uma reunião em Brasília para decidir onde ele seria enterrado. Um ministro sugeriu:
- Deve ser enterrado em Garanhuns. Afinal, é sua cidade natal.
Então um bêbado, que não se sabe como entrou na reunião, disse com aquela entonação típica dos bebuns:
- Em Garanhuns pode... Só não pode em Jerusalém!
Como estava de fogo, ninguém deu bola para o que ele disse.
Um segundo ministro disse:
- Acho que deve ser em São Bernardo, onde ele viveu e fez sua carreira sindical e política.

O bêbado mais uma vez interveio:
- Em São Bernardo pode... Só não pode em Jerusalém!
Novamente, ninguém deu ouvido a ele.
Um terceiro ministro finalmente sugeriu:
- Nem em Garanhuns nem em São Bernardo. Deve ser enterrado em Brasília pois era Presidente da Republica e todos os Presidentes devem ser enterrados na Capital Federal.
E o bêbado novamente:
- Em Brasília pode... Só não pode em Jerusalém!
Aí, perderam a paciência com o cara:
- Ô meu, por que este medo que o Lula seja enterrado em Jerusalém?
E o bêbado respondeu na bucha:
- Porque uma vez enterraram um cara lá e ele RESSUSCITOU!...

⇨ Exemplo 04: Reprodução.

Do ponto de vista da essência – a ideia central – podemos afirmar que temos dois textos (Exemplos 03 e 04) e uma só piada. E nesta perspectiva, podemos dizer que as piadas são relativamente limitadas. Ou ainda, que elas se repetem com pouquíssimas variações, "muito frequentemente trocando-se apenas as personagens", de acordo com Possenti (2000, p. 43). Em muitos casos é exatamente isto que ocorre, porém em outros não. A troca pura e simplesmente das personagens é menos simples do que possa parecer. No caso das piadas, acima reproduzidas, a troca de personagens é mais complexa do que parece em um primeiro momento.

O estereótipo da *sogra* (Exemplo 03), para o senso comum parece universal. Esta é uma afirmação que não nos arriscamos a fazer, principalmente porque a pesquisa teria no mínimo de verificar o mundo Ocidental e o Oriental. Mas, há quem defenda que "mesmo que o mundo tenha evoluído, que as sociedades tenham alterado os seus valores, o controverso papel da sogra e os preconceitos que pesam sobre sua figura não parecem ter sofrido modificações assim tão profundas ao longo do tempo"[12]. O fato é que a sogra é um estereótipo consagrado pelo senso comum brasileiro.

O mesmo já não ocorre com a figura do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Exemplo 04). Creio que não podemos afirmar que a figura do Lula seja um estereótipo dos presidentes brasileiros, muito menos dos internacionais. E a temática – o governo do Presidente Lula – não é atemporal. A este propósito, lembramos das reflexões de Possenti (2000), ao comentar a transitoriedade das piadas políticas. Estas "exploram as

[12] Palavras das tradutoras da obra *Nous, les belles-mères* (Nós, as sogras) de Christiane Collange, 2001.

características de determinados políticos ou das etapas da história pelas quais passa um país ou um governo" (p. 110).

Enquanto a primeira piada certamente provocaria o riso fácil e espontâneo em qualquer país ocidental, o mesmo já não ocorreria com a segunda piada. Esta exige conhecimentos prévios dos últimos fatos políticos ocorridos no Brasil, isto é, a sua compreensão depende, em parte, de fatores pragmáticos. Já a piada da "sogra" apresenta um funcionamento tipicamente discursivo.

2.4. O *corpus* de referência

Navegando na Internet com o objetivo de selecionar o nosso *corpus* de referência – as piadas –, procuramos observar e traçar o perfil de cada um dos sites[13] visitados. Na execução desta atividade, verificamos que alguns são atualizados em períodos bem curtos, às vezes até diariamente. Outros, em bem pouco tempo, não estão mais acessíveis, ou, quando estão, apresentam nova aparência e/ou conteúdo renovado. Estas são as razões que justificam as nossas frequentes visitas aos sites selecionados, durante todo o processo de escrita da Tese.

Entendemos que, sendo a nossa pesquisa direcionada para o discurso humorístico brasileiro, deveríamos dar preferência à coleta dos dados em sites nacionais. Para tanto, passamos a buscar os sites com a terminação URL (Uniform Resource Locator), o "identificador de arquivo usado na Internet" (OLIVEIRA, 1997, p. 316). E constatamos que nenhum site é mais obrigado a registrar a URL do seu país, a exemplo de "au" para a Austrália, "br" para o Brasil, "ca" para o Canadá, "fr" para a França, "mc" para Mônaco, "pt" para Portugal. Mesmo assim, insistimos em priorizar, na medida do possível, aqueles sites que registram a identificação do espaço geográfico brasileiro (br), a exemplo de http://www.contaoutra.com.br

Entretanto, para evitar qualquer equívoco, esclarecemos que não estamos afirmando, em momento algum, que apenas os sites com registro da URL são autênticos, muitos outros que já não mais são portadores dessa identificação também o são. A questão é em que se tratando de uma pesquisa de caráter científico, é preciso haver cautela na identificação/descrição da origem dos dados selecionados. Portanto, reiteramos a nossa

[13] "Termo utilizado para designar qualquer *endereço* de acesso público na *Internet*" (OLIVEIRA, 1997, p. 289).

preferência pelos sites portadores da identificação brasileira. A título de curiosidade, registramos que os sites brasileiros (br) divulgadores de gêneros humorísticos privilegiam o termo *piada*; os portugueses (pt) preferem o termo *anedota*; e o termo *chiste* (*Witz*) é a primeira opção dos espanhóis (es).

Em um primeiro momento de reconhecimento, fizemos o levantamento de setenta e três sites e começamos a compor o *corpus*. Este número tendeu a crescer, uma vez que nossa busca na Internet foi um processo constante.

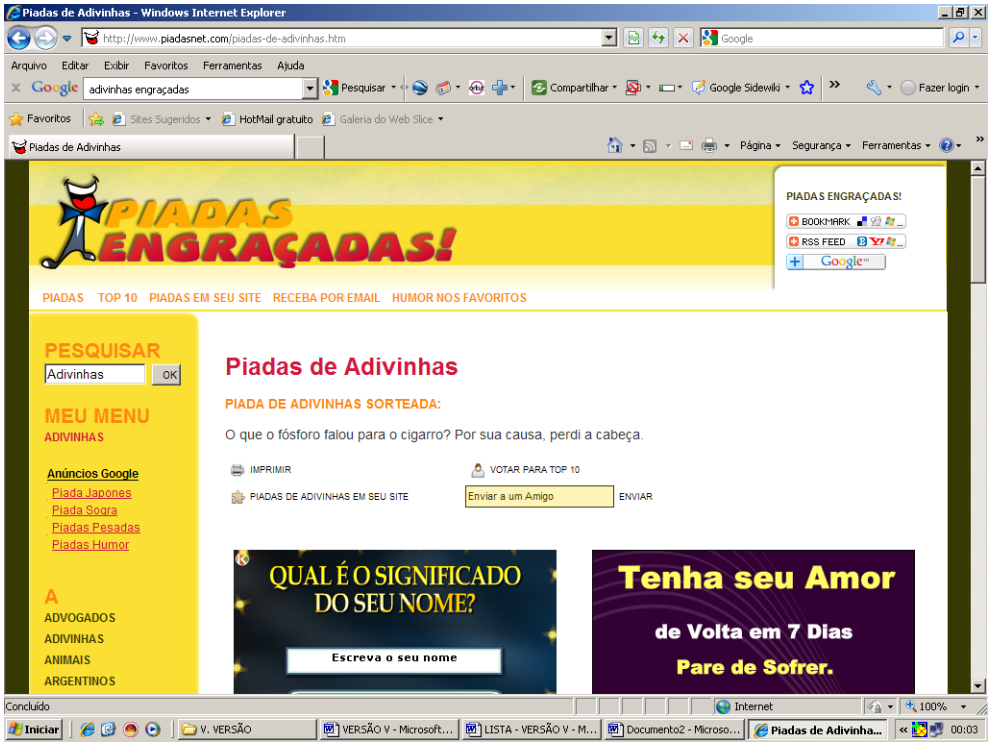
Selecionados os sites, fizemos o levantamento das categorias de humor propagadas nestes sites, definidos como o campo da coleta dos dados. O próximo passo foi verificar quais categorias se repetiam em cada um dos sites selecionados, com o objetivo de observar o indicativo da preferência humorística nacional, visto que a maioria desses sites é mantida pelos próprios internautas, que enviam os textos humorísticos atendendo a solicitação dos responsáveis, quase sempre incógnitos. Os internautas também são convidados, em muitos deles, a votarem nas piadas que consideram melhores ou piores ou, em vários outros, a atribuir nota às piadas. Sendo assim, podemos afirmar que os sites apontam as opções dos brasileiros.

Observamos, também, que algumas categorias eram retomadas em vários sites (advogados, animais, argentinos, gaúchos, idosos, Joãozinho, médicos, mineiros, papagaios etc.), enquanto que outras ocorreram pouquíssimas vezes, em um ou noutro site (anões, baianos, celebridades, empregados(as), esportes, família, gagos, judeus, turcos etc.). Após este levantamento, identificamos as categorias da preferência nacional, ou seja, aquelas com o maior número de ocorrências (bêbados, bichinhas, caipiras, cornos, loiras, loucos, políticos, português, sogras). Verificamos ainda que estas categorias podem ser redistribuídas em temas de conteúdo semântico bem mais abrangente, tais como: estereótipos, gênero social, humor negro, ideologia, instituição, profissão, regionais, sexo, etc. Só então resolvemos fixar as categorias de análise de nossa pesquisa (a sexualidade, a ignorância e a infidelidade femininas) a partir do tema proposto (a identidade do sujeito mulher no discurso humorístico brasileiro).

2.5. Os sites: lugar de entrecruzamento de gêneros diversos

Ratificamos que o nosso *corpus* de referência é formado por piadas, mas, que se necessário, para esclarecer as nossas proposições ou exemplificar as nossas reflexões,

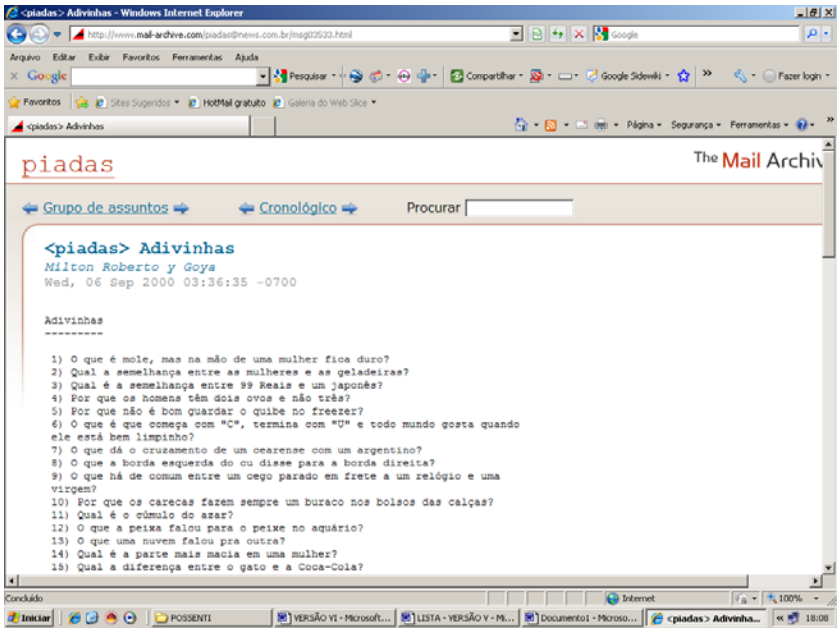
faremos uso de outros gêneros, considerados como humorísticos ou mesmo como piadas por quem os divulga, ainda que não tenham a forma tipificada entendida nesta pesquisa, a exemplo das Piadas de Adivinhas (Exemplos 05 e 06) ou das Frases de para-choques de caminhões (Exemplo 07). Assim procedemos, porque entendemos que não definimos uma piada (ou outro gênero qualquer) pura e simplesmente pela sua forma, mas pela sua circulação social, pelo seu funcionamento sócio pragmático. Os exemplos a seguir nos parecem ilustrativos para o que acabamos de afirmar:



⇨ Exemplo 05 – Piadas de Adivinhas – Acesso em 20.08.2009
Disponível em
http://www.piadasnet.com/piadas-de-adivinhas.htm

Este site, como tantos outros, não parece fazer nenhuma distinção entre piadas e adivinhas. No título – Piadas de Adivinhas – podemos observar que "de Adivinhas" está exercendo a função de locução adjetiva, isto é, valor e função de adjetivo para o substantivo "piadas". A exemplo do que ocorre com "piadas de louco", "piadas de sogra", "piadas de papagaio" etc. *Louco*, *sogra* e *papagaio* são os temas das piadas. Todavia, não podemos dizer o mesmo em "piadas de adivinhas". Estas (as adivinhas), na proposta de Dionisio (1999, p. 608), são conceituadas como a "modalidade do gênero comunicativo descrição formado pelo par pergunta-resposta, em que se propõe um enigma". Possivelmente, o fato deste gênero constar em sites divulgadores de piadas deva-se à sua

natureza essencialmente dialógica e a resposta dada para solucionar o enigma ser, geralmente, surpreendente, a exemplo da piada, provocando o riso de muitos. Senão vejamos o Exemplo 6, a seguir:



⇨ Exemplo 6 – <piadas> Adivinhas – Acesso em 20.08.2009
Disponíveis em
http://www.mail-archive.com/piadas@news.com.br/msg03533.html

Das trinta e quatro adivinhas listadas no site acima registrado, selecionamos cinco para exemplificar os nossos comentários. Observemos o Quadro 1.

Formas Enunciativas[14]	**ADIVINHAS** Algumas das variações estruturais da forma canônica
Qual X ...?	Qual a semelhança entre as mulheres e a geladeira? − Nas duas você coloca a carne pra dentro e deixa os ovos na porta.
O que é X ...?	O que é mole, mas na mão de uma mulher fica duro? − Esmalte.
Por que X ...?	Por que os homens têm dois ovos e não três? − Porque o terceiro foi chocado e virou pinto.
Quando X ...?	Quando as mulheres poderão ter seu cantinho ao sol? − Quando inventarem um cozinha com teto solar.
Você sabe ...?	Você sabe a diferença entre a loira burra e a inteligente? − A loira burra se acha inteligente e a loira inteligente sabe que é burra.

[14] Expressão usada por Wagner Rodrigues Silva em seu artigo – *Adivinhas*: aspectos estruturais e temáticos. Trabalho apresentado em sessão coordenada na X Semana de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, no período de 16 a 20 de agosto de 1999.

⇨ Quadro 1 – Advinhas

As adivinhas, a exemplo das piadas, dependendo da pergunta, podem manifestar discursos irônico, crítico, preconceituoso, obsceno etc. Algo semelhante parece ocorrer com as Frases de pára-choques de caminhões. Vejamos:

⇨ Exemplo 07 – Piada: Frases de para - choque de caminhão
Disponível em
http://piadasepiadas.com.br/frases-de-para--choque-de-caminhao

Assim como as piadas, as frases de para-choques de caminhões são, também, enunciados que apresentam aspectos sócio-culturais e ideológicos, resgatando valores sociais. A título de exemplificação, selecionamos quinze das trinta e quatro frases listadas no site acima registrado. Vejamos o Quadro 2.

Frases de para-choques de Caminhões
A moça casa com o pão pensando no salame.
A mulher foi feita da costela, imagine se fosse do filé.
Adoro as rosas, mas prefiro as trepadeiras.
Amor de mulher é REAL.
As mulheres perdidas são as mais procuradas.
Atrás de um homem bem sucedido há uma mulher. E atrás do mal há duas.

Bom é ser mulher. Chora sem ter razão, mija sem por a mão e trepa sem ter tesão.
Cachaça e mulher, no começo é bom, depois só dá dor de cabeça.
Calça jeans sem bolsos e mulher sem seios: a gente não sabe onde põe as mãos.
Casamento é igual a avenida Paulista: começa no Paraíso e termina na Consolação.
Duas coisas que eu gosto: cerveja gelada e mulher quente.
Esposa e trator: bom pra trabalhar, mas horrível pra passear.
Eu sou tão macho que meu lado feminino é sapatão.
Ir a Europa com a mulher é gastar o dobro e se divertir a metade.
Para que levar a vida a sério, se nós nascemos de uma gozada?

⇨ Quadro 2 – Frases de pára-choque de caminhões.

Sem nos propormos a fazer, nesta ocasião, uma análise, porém, apenas opinar, arriscamos a dizer que as *Adivinhas*, as *Frases de para-choques de caminhões* e as *Piadas* apresentam alguns aspectos de convergência, que justificariam as presenças dos três gêneros em sites humorísticos, muitas vezes sendo identificados todos como piadas. Portanto, o caráter dialógico, somado aos aspectos discursivos ironia, ambiguidade, preconceito, estereótipo, humor... que permeiam estes três gêneros, acrescidos de uma autoria em geral desconhecida, apontam para uma realidade cotidiana comum. Vale lembrar que os três gêneros costumam ser produzidos, a partir de alguns temas, dos quais o tema *mulher* é um dos preferidos, talvez, arriscaríamos dizer, até mesmo o mais preferido.

Acreditamos que os Exemplos (06 e 07), observáveis nos quadros (01 e 02), ainda que não sejam similares às piadas, visto que não apresentam os elementos formais característicos destas, podem ser identificados como tal, uma vez que, nos casos registrados, se propõem a realizar a função primeira deste gênero: provocar o riso humorístico, festivo e universal, ainda que necessariamente isto não ocorra.

Confirmamos a opinião de Bazerman (2006a, p. 40), quando este afirma que "todo exemplar de um gênero pode variar em particularidades de conteúdo, situação e intenção do escritor, que podem levar a diferenças na forma". É importante acrescentar, concordando com este estudioso, que, ainda que não reconheçamos um gênero, isto não nos impede de compreendê-lo, uma vez que em geral um gênero é a extensão de outro já preexistente.

Entendemos também, retomando a piada, que a oralidade ainda que seja a mais antiga forma de divulgação deste gênero, não é a única possível. Esta também é propagada, por meio da imprensa, do rádio, do telefone fixo ou móvel (o celular), da televisão e da Internet. Optamos pela Internet, como campo da coleta de dados, não somente por esta ser, na atualidade, o meio mais abrangente de divulgação, como também por ela conter todos

os instrumentos de propagação dos demais meios de comunicação. Em outras palavras, a Internet na difusão do texto humorístico (e de outros textos, naturalmente) dispõe da escrita e da imagem, tal como as revistas, jornais, livros etc.; do som, assim como o rádio e o telefone; como também do som, da escrita e da imagem simultaneamente, a exemplo da televisão. E, principalmente, porque entendemos que os textos humorísticos que circulam na Internet trazem não somente as marcas da contemporaneidade, como também as marcas de uma história milenar.

2.3. Comentando o campo da coleta dos dados: os sites

Um olhar sobre os sites divulgadores do discurso humorista mostra que a maior parte deles se auto-define como o "mais divertido da net". Outros se autoapresentam por intermédio de slogans, como fez o – Stúdio 41[15]: *"Para curar um amor platônico nada melhor do que uma transa homérica"*. Quase todos convocam os internautas para participar da manutenção do site, dando sugestões, tecendo críticas, enviando piadas (principalmente). Tomar conhecimento de quem é responsável pela criação e manutenção dos sites é uma raridade, visto que, em sua grande maioria, não constatamos nenhuma identificação.

Em geral, os sites não se limitam a oferecer apenas humor. Ainda que este seja a proposta principal, porém não é a única. O – Usina das Letras[16] –, por exemplo, oferece muitas outras opções além do humor, a exemplo de Artigos, Cordel, Contos, Crônicas, Discursos, Ensaios, Eróticos, Frases, Letras de músicas, Poesias, Roteiros de filmes etc. Vários têm o cuidado de procurar isentar-se de qualquer divulgação que vá de encontro às regras do que se passou a denominar de "politicamente correto", a exemplo dos seguintes enunciados: "Não há nenhuma intenção em ofender a classes sociais, credos ou qualquer tipo de segmento[17]" ou "O Portal do Humor[18] é um site focado em humor, com conteúdo que muitas vezes pode ofender pessoas e esse não é o nosso objetivo; caso se sinta ofendido com alguma piada, imagem ou quaisquer outros tipos de conteúdo exposto no Portal do Humor, favor nos comunicar via e-mail ou formulário de contato".

Outros, como o – Piadas[19] –, informam explicitamente que as piadas divulgadas "usam termos de baixo calão, impróprias para menores". Isto não significa dizer que

[15] http://studio41.com.br/humor/
[16] http://www.usinadeletras.com.br/
[17] http://www.1001inutilidades.com.br/piadas.htm
[18] http://www.portaldohumor.com.br/
[19] http://www.medeiros-ca.com.br/pia/index.php

aqueles que não dão esta informação (a grande maioria) não sejam divulgadores de material semelhante. Alguns inclusive são porta de entrada para sites divulgadores de fotos pornográficas e alguns poucos até mesmo oferecem sexo virtual. O http://supernatal.com.sapo.pt/ é um bom exemplo. A sua home page é de uma singeleza ímpar. Sininhos, árvores de Natal e, claro, a figura do bom velhinho, Papai Noel. Clicando sobre qualquer uma dessas imagens, o internauta tem acesso a novo site − http://www.superdivertido.pt/SuperDiv/default.asp − que oferece algumas sugestões do tipo "descubra prazeres alternativos" ou "satisfaça seu fetiche". Este site também oferece ao internauta a possibilidade de acessar outros sites, a exemplo do http://cams.com/go/p240, que oferece *chat* (*chatters*) ao vivo, de graça, e com imagens de 271 (em 2009) "modelos" masculinos (em minoria) e femininos (em maioria). Talvez seja bom esclarecer que também são oferecidos os mais variados gêneros humorísticos, inclusive as piadas, e em grande número.

Há aqueles que informam o número de piadas (incluído nesta terminologia não somente a piada como foi definida neste trabalho, mas vários outros gêneros identificados como piadas, como já comentamos) disponíveis, a exemplo do – Arsenal de Piadas[20] – que afirma conter um acervo de 5.000 opções ou do – Piadas On-line[21] – que assegura disponibilizar "mais 20.000 piadas, imagens e vídeos engraçadíssimos". Estas são informações, a princípio, impossíveis de serem comprovadas.

Outros, como – A Bagaceira[22] –, provocam o internauta com algumas "brincadeirinhas", informando, por exemplo, que este não deve clicar sobre determinado ícone; porém, se o internauta não consegue conter-se (como é o previsível, visto ser um site cujo objetivo é o lazer) e der o primeiro clique, o mínimo que ocorrerá é ter que clicar mais noventa e nove vezes para conseguir sair da página (alguns obrigam-no a clicar duzentas vezes, como o @rrob@)[23], enquanto surgem na tela do computador a cada clique mensagens zombando daquele que não conteve a sua curiosidade: a "vítima". Opções como fechar a janela, ou retornar para *home page* não há, nem mesmo a possibilidade de desligar o computador, a não ser que o faça de forma inadequada. Portanto, a "opção" é única: continuar o jogo. Claro que a brincadeira poderá ser ou não divertida, dependendo,

[20] http://www.bwnet.com.br/~luiz/index2.html
[21] http://www.piadasonline.com.br/
[22] http://marcaoamigao.vilabol.uol.com.br/
[23] http://www.15k.hpg.ig.com.br/indice.html

naturalmente, do estado de humor do internauta. Aliás, o sucesso de qualquer jogo humorístico depende, primordialmente, dos interlocutores em processo de interação.

Observamos que alguns registram mensagens, digamos que... esdrúxulas, do tipo: "Todas as piadas são de propriedade de seus respectivos autores", como observamos em – As melhores piadas do Orkut[24]. Mas, que autores? Nem este site, nem nenhum outro disponibiliza esta informação. O máximo que é divulgado, em algumas pouquíssimas ocasiões, são os nomes (ou pseudônimos) dos internautas que enviaram os textos. Até mesmo porque é do nosso conhecimento que a piada é um gênero que, de modo geral, não disponibiliza esta informação. Poderíamos dizer que a piada é fruto da criação do inconsciente coletivo, assim como os provérbios, por exemplo.

Muitos sites apresentam as piadas distribuídas por categorias. Entretanto, na maioria das vezes, (poderíamos até correr o risco e afirmar "todas as vezes") percebemos que tais nomeações são dadas de forma aleatória. Se a pesquisa tem por tema o estereótipo da "esposa infiel", como a nossa, as piadas estão a princípio armazenadas na categoria "cornos"; entretanto, também serão encontradas em outras categorias tais como: "sexo", "médicos", "diversas", "curtas" etc. Isto denota que a coleta dos dados em sites humorísticos exige tempo e paciência. Algumas categorias são mais específicas – "advogados", "bichas", "loucos", "freiras / padres", "loiras" etc. –, outras, muito vagas, a exemplo de "variadas", "trabalho", "outras", "rapidinhas", "geral", "clássicas", entre outras. De todos os sites que visitamos, apenas um é dedicado a uma só categoria: a "sogra"[25]. Este estereótipo está entre os mais explorados em todos os demais sites, competindo apenas com os estereótipos da "loira", da "bicha", do "caipira", do "corno", do "bêbado", do "gaúcho", do "médico", do "político", do "português". O fato é que os aspectos explorados são os mais diversos, ainda que alguns sejam mais explorados do que outros.

Em todo processo de construção do *corpus* observamos que os termos *piada* e *anedota* são usados aleatoriamente. O mesmo ocorrendo na maior parte da literatura, por nós consultada, que se propõe a estudar o humor, o riso ou a piada/anedota. Acreditamos, ainda que não concordamos, ser bem mais prático que o estudioso explique ao seu leitor que faz uso de um termo por outro sem maior distinção. Mas, verificamos que sequer esta explicação é dada. Em nossa opinião, o estudo de gêneros fortalecido no último século a

[24] http://www.piadas.hlera.com.br/
[25] http://ube-167.pop.com.br/repositorio/18907/meusite/piadas/piadas01.htm

partir, particularmente, dos estudos bakhtinianos, sugere que o pesquisador defina o gênero, que compõe *corpus* da sua pesquisa.

2.4. Piada? Anedota? Afinal que gênero é este?

Existe o gênero piada? Esta é a pergunta norteadora do trabalho de Muniz (2004, p. 08). E nós questionamos: existe o gênero anedota? Piada e anedota são gêneros distintos, ou estamos falando de um mesmo gênero? Trazemos a contribuição de três autores, a saber, Garcia (1986), Costa (2008) e Muniz (2004), que nos ajudaram a refletir sobre essas questões.

Nos termos de Garcia (1986, p. 244), "anedota, que, etimologicamente, quer dizer 'inédito', (do gr., *an-ekdotos*, isto é, não publicado), é uma particularidade pouco conhecida da História. O seu sentido usual, porém, é de qualquer narrativa curta, picante, curiosa, divertida, epigramática[26] e, com frequência, obscena", isto é, que fere o pudor.

Costa (2008)[27], em obra recentemente lançada – *Dicionário de gêneros textuais* –, apresenta os dois verbetes: *piada* e *anedota.* A anedota é entendida como "fatos curiosos ou jocosos que acontecem à margem dos eventos mais importantes de uma determinada personagem ou passagem histórica. Por extensão de sentido, narrativa breve de um fato engraçado ou picante [que tem um tom malicioso, mordaz] sobre pessoas 'públicas' de uma comunidade" (p. 31). Quanto à piada, esta é definida como um "gênero de funcionamento *tipicamente anônimo*, [cuja característica é] ser uma *história curta de final surpreendente*, às vezes picante ou obscena, contada para provocar risos" (grifos do autor) (p. 149).

Se observarmos atentamente os conceitos de anedota e piada registrados em Costa (2008), podemos nos expor ao risco de afirmar que tais conceitos são uma paráfrase daqueles registrados em Houaiss (2001), como pode ser constatado a seguir.

Para o dicionarista Houaiss (2001, p. 211), a anedota é uma "particularidade curiosa ou jocosa que acontece à margem dos eventos mais importantes, e por isso geralmente

[26] Nesta perspectiva a *anedota* seria uma "composição poética, breve e satírica, que expressa, de forma incisiva, um pensamento ou um conceito malicioso" (HOUAISS, 2001, p. 1179). Tal concepção adequa-se perfeitamente aos chamados *sonetos cômicos* do período da *Belle Époque* vivenciado no Brasil do Século XIX (SALIBA, 2002, p. 81).

[27] Ainda que alguns pesquisadores desqualifiquem esta produção como um dicionário, não podemos esquecer que se trata de uma obra pioneira "no quadro atual de mudança paradigmática no ensino do português" e, como tal, "se revela extremamente oportuna e valiosa" (opinião de Magda Soares no Prefácio deste Dicionário, p. 09), ainda que reconheçamos que esta, como qualquer outra produção, possa ser aprimorada.

pouco divulgado, de uma determinada personagem ou passagem histórica". Em outras palavras, seria "uma narrativa breve de um fato engraçado ou picante", porém não publicável (*ibidem*). Ainda para Houaiss, a piada seria uma "história curta de final surpreendente, às vezes picante ou obscena, contada para provocar o riso"[28] (p. 2205).

Contudo, Costa (2008, p. 149) acrescenta que "o *final surpreendente* é uma das mais típicas características das piadas". E, com base em Freud, lembra que as piadas ou "apresentam sentido duplo (*condensação*) ou mudam de tema ou assunto (*deslocamento*), quebrando a exigência da unidade discursiva de outros textos que, culturalmente, devem manter a unidade, o mesmo tópico ou tema ou assunto" (grifos do autor).

E na tentativa de melhor esclarecer, Costa faz o seguinte registro em nota de pé de página:

> Autores como Schneuwly, Dolz e colaboradores (1994) preferem separar a cultura literária ficcional (narrar) da cultura da documentação e memorização das ações humanas situadas no tempo (relatar). Nesse sentido, colocam os gêneros textuais anedota, relatório, notícia, reportagem, biografia não-romanceada etc. no rol dos discursos de experiência vividas que devem ser inseridos na ordem do relatar, e não do narrar (p. 138-9).

Nesta perspectiva, as anedotas, entendidas como histórias reais, seriam relatadas e as piadas, entendidas como histórias ficcionais, seriam narradas. Este argumento, com o propósito de distinguir a piada da anedota, não é, para nós, suficientemente convincente, opinião que tentaremos justificar a seguir. A título de exemplificação, vejamos os Exemplos (8) e (9) a seguir:

> A família Pinto e a família Brochado viviam na mesma cidade. Tinha mesmo de acontecer um dia: um Pinto casou com um Brochado. E surgiu a família Pinto Brochado.
> Escola Estadual Domingos Pinto Brochado, por exemplo. O nome está no alto da fachada do maior colégio de Unaí, cidade mineira cerca de 65 mil habitantes. E nas placas com os nomes das avenidas e ruas os Pintos e Brochados se alternam. Os moradores já se acostumaram com os Brochados e os Pintos, uma piadinha muito de vez em quando. Mas quando alguém das famílias se apresenta num hotel fora de Unaí, já sabe que pelo menos uma risadinha vai enfrentar. A esposa do Paulo Henrique Brochado, por exemplo, a...
> − Como é seu nome?
> − Marneide.

[28] Entendemos que o conceito de piada e anedota na perspectiva de Houaiss muito se aproxima da explicação dada por Schneuwly e Dolz, lembrados por Costa (2008, p. 138-9).

− De quê?
− Matos.

− Só?
Balança a cabeça afirmativamente e pára. Olha pro marido, ao lado, vacila.
− Marneide Matos Silva.
E acrescenta, apressadinha:
− Eu não tenho Brochado, não.
Os dois riem.

⇨ Exemplo 08 –Kubrusly (2005, p. 34-5)

O duplo sentido dos termos *pinto* e *brochado* são os possíveis gatilhos do riso, o que daria a uma situação ainda que real o perfil de piada. O sobrenome *Pinto*, adotado por cristãos-novos na Espanha e em Portugal, de acordo com Bueno (2003, p. 182), "é frequentemente associado ao pênis, quando, na verdade, foi tomado de empréstimo do nome do filhote da galinha". Quanto ao verbo *brochar* designa perda temporária ou definitiva da capacidade de ter uma ereção. Alguém ter por sobrenome *Pinto Brochado* é sem dúvida motivo de situações cômicas.

Um casal vai passar a lua-de-mel numa cidade do interior e, de repente, se vê perdido em um bairro decadente. Após andar um tempo, passam por uma casa de espetáculo pornô onde está anunciado: "HOJE, O FABULOSO TEODORO!" Cansados, porém curiosos, resolvem entrar para conhecer. Após algumas apresentações, é enunciado o "fabuloso Teodoro", que entra sob grande aplauso. Começa então a apresentação tão esperada.
Vai para a cama uma loiraça, que ele traça. Chega em seguida uma morenaça, que ele traça também. E aí vem uma ruivaça, e ele traça... O público aplaude efusivamente. Na platéia, os dois já concordaram que o cara deve estar esgotado, mas depois da última mulher, ouve-se o rufar de tambores e entra uma pessoa carregando uma mesinha com três nozes.
Teodoro, então, com o pinto, quebra as três nozes, com três pancadas precisas. O público vai à loucura, aplaudindo de pé.
Vinte e cinco anos depois, o casal decide comemorar as bodas de prata na mesma cidade, para recordar os velhos tempos. Chegando lá, os dois têm a idéia de refazer o percurso que haviam feito quando eram recém-casados e acabam encontrando a mesma casa de espetáculos, agora bem mais decadente.
Para surpresa do casal, na porta ainda um velho cartaz anunciando: "HOJE, O FABULOSO TEODORO!" Movidos pela curiosidade, vão então assistir ao espetáculo e vêem o mesmo cara, já um senhor, cabelos brancos, traçando todas com a mesma energia.

> Ao final, quando os tambores começam a tocar, entra a pessoa com a mesinha, agora com três cocos, que ele quebra da mesma forma que antes. Admirados e surpresos, vão ao camarim com o Teodoro e perguntam o porquê da mudança de nozes para cocos. Teodoro responde:
>
> − Vejam o que não faz a idade... A velhice é terrível. Eu tive que trocar as nozes pelos cocos porque, depois de todos esses anos, a vista ficou fraca e eu não conseguia mais acertar as nozes...

⇨ Exemplo 09 – Tadeu (2005, p. 06-07).

Seguindo o fio condutor da reflexão de Thomas (1928, p. 572 *apud* BAZERMAN, 2006a, p. 50), se as pessoas "definem situações como reais, elas são reais nas suas consequências". Logo, de acordo com este sociólogo, se as pessoas definem os dois exemplos acima como piadas, elas são piadas nas suas consequências. Em outros termos, não basta que uma narrativa (curta ou longa) seja ficcional para ser classificada de piada, e outra, de estilo semelhante, seja considerada anedota por relatar possíveis experiências de vida. Se ambas tiverem um discurso humorístico, ainda que não intencionalmente, ambas serão consideradas piadas/anedotas indistintamente. "Os gêneros são o que as pessoas reconhecem como gêneros em qualquer momento do tempo", no dizer de Bazerman (*idem*, p. 49). Tanto é que alguns dos nossos possíveis leitores irão se perguntar qual dos dois exemplos é real e qual o ficcional, ou seja, na perspectiva de Schneuwly e Dolz (com a qual não concordamos) qual seria a anedota e qual seria a piada? No caso do nosso exemplo, é a indicação da fonte bibliográfica, isto é, da contexualização que teremos essa resposta. Portanto, vejamos.

O Exemplo (8) foi transcrito da obra – *Me leva Brasil* (2005) – de autoria de Maurício Kubrusly, que viajou mais de 400 mil quilômetros em cinco anos pelas regiões brasileiras, ou seja, "mais de dez voltas ao redor da Terra" (p. 08). De acordo com o repórter, as histórias ou "causos" colhidos em 150 cidades brasileiras, "são todas reais" (p. 06), narradas, muitas vezes, pelo próprio herói. "Se você se aproxima sinceramente das pessoas, esses encontros desembocam em revelações emocionantes. Que às vezes engasgam o trabalho, difícil gravar com os olhos embaralhados, né?" (p. 09). Este é um dos depoimentos de Kubrusly, que a partir desta sua indescritível experiência, certamente passou a ser mais um contador de "causos" brasileiros. O repórter conclui a apresentação da sua obra com o seguinte enunciado: "− Ah, eu tenho história toda vida pra contar" (p. 09).

Quanto ao Exemplo (9), este foi colhido no livro – *As 100 melhores piadas de todos os tempos* (2005) – organizado por Paulo Tadeu, que não faz apresentação alguma da produção ou mesmo a respeito do seu compilador, o próprio. O livro também não apresenta critério algum na distribuição dos textos (piadas, adivinhas, verbetes), isto, entretanto, não invalida o objetivo a que se propõe, fazer rir e... consegue.

Acreditamos, portanto, que as piadas/anedotas (como também os *causos,* as *adivinhas*, os *contos populares,* os *cordéis*...) são gêneros que florescem na cultura popular oral (real ou ficcional), visto que "surgem de atos de fala cotidianos mais comuns, tais como os atos de contar e relembrar", narrar ou relatar (BAZERMAN, 2006a, p. 86), transformados, muitas vezes, em gêneros escritos divulgados nos mais diversos suportes, inclusive a Internet.

Observamos nas propostas conceituais dos três estudiosos – Garcia, Houaiss e Costa – a preocupação maior com a forma (narrativa ou história curta ou breve) e com o conteúdo (picante, divertido, jocoso, obsceno), apontando para a viabilidade de estarmos estudando um só e mesmo gênero, nomeado de *piada*, nesta pesquisa. Entretanto, entendíamos que conceituar a piada só com base no conteúdo e na forma não seria o suficiente. Para a nossa abordagem linguístico-discursiva, tínhamos a necessidade de um conceito mais apurado. Recorremos então à proposta conceitual formulada por Muniz (2004), para formar o nosso *corpus*, segundo a qual

> O gênero piada parte de um ponto de vista coletivo (sócio-cultural) e é atravessado pelos discursos produzidos na sociedade; é tendencialmente curto e contém características básicas de uma narrativa. Apresenta dois scripts opostos que, geralmente, dizem respeito a algum estereótipo (tema), seja lingüístico ou social, que serão ativados através de um gatilho e, além disso, contém uma característica pragmático-discursivo non-bona-fide, que 'fecha' o texto. Para que o desfecho produza humor, principal função da piada, o leitor/ouvinte terá que buscar amparo no contexto, uma vez que a piada vai 'brincar' tanto com fatos lingüísticos, como com fatos concernentes ao entorno sócio-cultural para veicular discursos geralmente 'não-autorizados' socialmente (p. 145).

Que a brevidade é uma característica formal da piada, este era um fenômeno já reconhecido por Freud em – *Os chistes e sua relação com o inconsciente* – obra publicada em 1905. Outras autoridades também reconheceram tal característica, a exemplo de Jean Paul Richter (1804, parte II, parágrafo 42) citado por Freud (2006, p. 21), que afirma ser a

brevidade "o corpo e a alma do chiste, sua própria essência". E Theodor Lipps[29] (1898, *apud* FREUD, *op. cit*) acrescenta:

> Um chiste diz o que tem a dizer, nem sempre em poucas palavras, mas sempre em palavras poucas *demais*, isto é, em palavras que são insuficientes do ponto de vista da estrita lógica ou dos modos usuais de pensamento e de expressão. Pode-se mesmo dizer tudo o que se tem a dizer nada dizendo (p. 90).

Acreditamos que por ser um discurso que requer um desfecho imediato, um texto de menor extensão, há de se supor, que exige um menor esforço de compreensão, todavia, não obrigatoriamente, visto que esta compreensão está atrelada ao pré-construído, à memória discursiva. A piada é "uma evidencia de que existem discursos que se dizem – que são ditos por todos –, dadas certas condições, sem que sua origem esteja relacionada a um indivíduo de forma relevante", afirma Possenti (2000, p. 37-8). E acrescenta o pesquisador, "provavelmente, todas as piadas veiculam, além do sentido mais apreensível, uma ideologia, isto é, um discurso de mais difícil acesso ao leitor". Havendo até mesmo piadas que "tematizam explicitamente a questão", tais como aquelas que nos propomos a estudar, nesta pesquisa.

Todo discurso se manifesta por enunciados, e o analista quando os interpreta "reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no [mesmo], mas nada garante que o que ele reconstrói coincida com as representações do enunciador" (MAINGUENEAU, 2002, p. 20). Nessa perspectiva, assegura Maingueneau (2008), "a transmissão de um enunciado não vem após sua produção, mas a maneira pela qual ele se institui materialmente é parte integrante de seu sentido" (p. 150). Tal perspectiva, justifica o Capítulo III, a seguir.

[29] Em nota de pé de página, Freud (2006, p. 17) admite ter sido encorajado pela obra de Lipps a empreender a tentativa de estudar o chiste.

3. DO GÊNERO TEXTUAL AO GÊNERO DO DISCURSO: uma jornada sob a influência de Bakhtin

Ainda que a teoria dos gêneros tenha como estudos fundadores as reflexões dos filósofos da Antiguidade, este é aqui um momento apenas lembrado, uma vez que pretendemos nos ater um pouco mais aos estudos contemporâneos, cuja ênfase tem sido dada aos gêneros do discurso, a partir do pensamento de Mikhail Bakhtin, uma abordagem sócio-histórica e dialógica.

3.1. A noção clássica de gênero: uma categoria taxonômica

Recuando à Antiguidade greco-latina, encontramos a noção de gênero, na sua versão clássica. Daí é possível seguir a sua trilha passando pela Idade Média, pelo Renascimento, Romantismo e a Modernidade até os primórdios do Século XX. Observamos neste percurso que o termo gênero é objeto de diferentes posicionamentos, o que o torna núcleo de algumas polêmicas. Platão, por exemplo, foi o primeiro pensador ocidental a fazer referência aos gêneros literários, quando muitas vezes falou dos gêneros como ideias, classificando-os, num primeiro momento, em *sérios* (a epopéia e a tragédia) e *burlescos* (a comédia e a sátira), ou o campo que se convencionou chamar de *sério-cômico*. Aristóteles define o gênero, γένος, como "o atributo essencial aplicável a uma pluralidade de coisas que diferem entre si especificamente" (*apud* MORA, 2001, p. 313-4), nomeando as formas literárias em epopeia, tragédia e comédia, dando ênfase à tragédia tomada como paradigma.

"A denominação de gêneros literários, para os diferentes grupamentos das obras literárias, fica mais clara se lembrarmos que gênero (do latim *genus-eris*) significa tempo de nascimento, origem, classe, espécie, geração", como lembra Soares (2002, p. 07). A divisão tripartida – gêneros lírico, épico e dramático - "são as linhas gerais da base teórica consolidada e que até hoje [ainda] orienta a análise" dos estudos literários, como enfatiza Machado (2005, p. 152).

Na Idade Média, as reflexões sobre as questões literárias, particularmente a problemática dos gêneros, ficaram, digamos, adormecidas. Uma consequência do rompimento com a tradição clássica. Entretanto, podemos afirmar, segundo sugere Tufano (1988), que a Idade Média foi uma "época de grandes conquistas culturais e artísticas,

durante a qual [não somente] ocorreu uma série de 'renascimentos'" (p. 56), como surgiram novos gêneros, a exemplo da pregação, da epístola, do contrato, do testamento. É válido acrescentar que a cultura medieval não nega o valor dos grandes pensadores da Antiguidade, particularmente Platão e Aristóteles. Todavia, busca cristianizá-los, procurando moldar as suas mensagens aos padrões religiosos da época.

Com o Renascimento ocorre exatamente o inverso; imitar os antigos teóricos, sobretudo Aristóteles e Horácio, tornou-se um dos dogmas, possibilitando, assim, o retorno das formas estéticas. Desse modo, de acordo com Soares (2002, p. 12), "considerando que os antigos teriam realizado a arte de forma inigualável, o Século XVI os toma como modelos ideais". Neste momento, fica fortalecida "a concepção imutável dos gêneros, em perfeito acordo com a defesa da universalidade da arte, da sua essência supra-histórica" (*ibidem*).

É interessante registrar a opinião de Proença Filho (1985, p. 128), quando este afirma que "os movimentos literários, ou antes, os estilos de época se configuram de acordo com os traços dominantes que não representam atitudes fixas, senão contínuas". Percebemos que desde então, é a forma um elemento flexível, isto é, possível de ser adaptada às exigências da situação. Entretanto, não era bem assim que pensavam alguns dos estudiosos da época – Giraldi Cinthio, Giangiorgio Trissino, Jean Pelletier, Antônio Minturno, Ludovico Castelvetro, entre outros. Estes teóricos "entendiam os gêneros como fórmulas fixas, sustentadas por doutrinas e regras inflexíveis, às quais os criadores de arte deveriam obedecer cegamente", tal como lembra Massaud Moisés (1985, p. 242). Seja como for, a partir do Renascimento, "a questão dos gêneros passa a ser corriqueira" (*ibidem*).

É na segunda metade do Século XVIII, com o movimento pré-romântico alemão que surgem as primeiras teorias em favor da liberdade de criação. Os pré-românticos não discordavam da existência dos gêneros, entretanto, "propuseram suas teorias sempre apoiadas no princípio da derrubada das regras clássicas", retomando as palavras de Soares (2002, p. 14). Firma-se então, já no fim do Século XVIII, um novo estilo de época: o Romantismo. Soares lembra ainda que

> uma proposta bastante representativa da rebeldia romântica contra o pensamento clássico foi a do já famoso "Prefácio" do *Cromwell* (1827), de Victor Hugo, onde se faz a defesa do hibridismo dos gêneros, com base na observação de que na vida se misturam o belo e o feio, o riso e a dor, o grotesco e o sublime, sendo, portanto, artificial separar-se a tragédia da comédia (2002, p. 14).

O Romantismo tornou-se um estilo de vida e de arte predominante na civilização ocidental. Essa nova tendência, na concepção de Tufano (1988), "vai-se generalizando até atingir a França, onde ganha novo impulso e maiores dimensões, graças ao contato com os ideais da Revolução Francesa" (p. 88). Da França, o Romantismo propaga-se pela Europa e chega às Américas. Podemos dizer, de acordo com Faraco (2006), que "o Romantismo abalou profundamente a teoria clássica dos gêneros e pôs o tema *gêneros* numa permanente crise" (p. 109).

Este primeiro momento desta reflexão – A noção clássica de gênero: uma categoria taxonômica – justifica-se porque entendemos ser válido esclarecer que a Teoria do Gênero não teve início com qualquer estudioso contemporâneo, nem mesmo em Bakhtin. E é o próprio estudioso quem esclarece:

> No ocaso da Antiguidade Clássica e, posteriormente, na época do Helenismo, formam-se e desenvolvem-se inúmeros gêneros, bastante diversos exteriormente mas interiormente cognatos, constituindo um campo especial da literatura que os próprios antigos denominariam muito expressivamente de campo do sério-cômico (BAKHTIN, 2002, p. 106).

E para arrematar, recorremos a Faraco (2006), estudioso da obra de Bakhtin, que afirma ter sido possivelmente "Platão o primeiro a falar de gêneros no livro III da *República*" e Aristóteles teria "elaborado, na sequência, dois trabalhos importantes de sistematização dos gêneros: *Arte retórica* e *Arte poética*. Esses dois trabalhos de Aristóteles foram referências durante séculos na discussão dos gêneros" (p. 108-9).

Assim, identificar, descrever e categorizar os vários gêneros, já era uma preocupação dos estudiosos da Antiguidade, que tinham como objeto de estudo os gêneros literários. E esta preocupação, como vimos, atravessou a Idade Média, o Renascimento e chegou à Modernidade. A partir de então, desvinculado da literatura (ainda que não totalmente, visto que os estudos literários continuam encerrados em um número limitado de gêneros), o conceito de gênero da época moderna popularizou-se, motivando a multiplicidade de pesquisas na área de humanas, a exemplo dos estudos folclóricos, etnográficos, sociológicos, antropológicos, retóricos, linguísticos. O que fica constatado são ocorrências de reinterpretação do conceito de gênero, sendo Bakhtin, como veremos adiante, a referência principal desta expansão.

Na linguística, por exemplo, "o estudo dos gêneros constitui atualmente um campo independente da literatura e com posições totalmente próprias e novas", enfatiza Marcuschi (2004). A teoria aristotélica que apresentava os gêneros como formas fixas, com base em

convenções rígidas, já não é mais aceita pelos estudiosos contemporâneos. Indiscutivelmente, os gêneros apresentam-se com certas regularidades formais e de conteúdo, entretanto, sustenta Marcuschi, "essas regularidades se acham ligadas a outras regularidades de natureza histórica, social e cultural" (*idem*).

Percebemos, dessa forma, que desde a Antiguidade a noção de gênero, no Ocidente, é objeto não só de reflexão, como também de muitas polêmicas. Ora o gênero é entendido como forma permanente, imutável, adquirindo um caráter normativo; bem mais relacionado, "às questões de forma textual ou dos efeitos sobre um leitor do que sobre as relações sociais", afirma Bazerman (2006b, 25-6). Ora o gênero é entendido como formas "flexíveis, plásticas e livres" (BAKHTIN, 2003, p. 283), em outras palavras, os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados. A ênfase dada ao termo *relativamente* "implica que é preciso considerar a historicidade dos gêneros, isto é, sua mudança, o que quer dizer que não há nenhuma normatividade nesse conceito", afirma Fiorin (2008, p. 64).

Neste cenário, os estudos contemporâneos do final do Século XX e início do Século XXI estão sob forte influência das abordagens sócio-discursivas e das abordagens sociorretóricas. Nesta perspectiva, o gênero é entendido como uma ação social recorrente e naquela, os gêneros do discurso e as atividades cotidianas são mutuamente constitutivos, num processo de interação permanente e interdependente. Percebemos, pois, que ainda que tais noções tenham sido objeto de estudo em espaço e tempo distintos, há o entrelaçamento dos fios teóricos que indicam muitos pontos de contato.

3.2. O gênero textual: a proposta sociorretórica

A ênfase na retórica, entendida como "o estudo de todos os usos estratégicos da língua, em qualquer de suas formas" (BAZERMAN, 2007, p. 46), é uma marca constante nos trabalhos contemporâneos sobre os gêneros, que têm na escola norte-americana, influenciada pelas teorias bakhtinianas, a sua representação maior. O gênero entendido como *ação social* e *artefato cultural* é uma marca indelével dos estudos e pesquisas de Carolyn Miller. O *Gênero como ação social* foi, em 1980, um dos capítulos da tese de Miller, sendo mais tarde, em 1984, transformado em ensaio. O segundo grande momento de seus estudos acadêmicos ocorreu em 1994, com a publicação do ensaio *Comunidade retórica: a base cultural dos gêneros*. Nesta corrente de reflexão, esses dois ensaios têm sido considerados seminais. Posteriormente, Miller em *Estudos sobre gênero textual,*

agência e tecnologia (2009) comenta e esclarece esses dois momentos. Portanto, será a voz da própria estudiosa que se fará presente neste momento.

No primeiro ensaio – *Gênero como ação social* – Miller (2009, 21-44) propõe que "a compreensão de gênero pode ajudar a explicar a maneira como encontramos, interpretamos, criamos e reagimos a textos particulares" (p. 22).

Buscando, nesse sentido, entender o funcionamento do gênero como uma ação retórica, Miller, em nossa concepção, confirma a tese bakhtiniana de que o gênero representa ação, isto é, atividade humana ligada ao uso da linguagem, envolvendo *situação* e *motivo* (termos de Kenneth Burke, utilizados por Miller). Em outras palavras, o gênero retórico "adquire [o] significado da situação e do contexto social em que essa situação se originou" (p. 41). O que a pesquisadora sugere é que a classificação de gênero seja entendida com base na prática retórica "organizada em torno de ações situadas" (p. 28). Isto porque os gêneros em práticas sociais cotidianas dizem muito sobre os vários discursos efetivados em situações inúmeras do dia a dia.

Partindo deste pressuposto, Miller defronta-se com o problema: definir o gênero retórico. Para tanto, ela sente ser necessário resolver três questões: (a) "esclarecer a relação entre a retórica e seu contexto de situação"; (b) "entender a maneira como um gênero 'funde' elementos situacionais com elementos formais e substantivos" e (c) "localizar os gêneros numa escala hierárquica de generalização sobre o uso linguístico" (p. 28).

Procurando responder à primeira questão – situações retóricas recorrentes – Miller afirma que a recorrência não é definida pela situação real, mas pela situação tipificada. Entendemos, pois, que o sucesso de uma comunicação tem a ver com a atuação recorrente, portanto tipificada, dos seus participantes. Estes podem até mesmo não ter consciência plena dos seus papeis, ou estarem atuando por motivos próprios, particulares, todavia, cada um sabe como agir (ou deixar de agir) para que a comunicação tenha êxito. Assim, afirma Miller, "basear uma classificação de discurso na situação recorrente (...), significa baseá-la nas ações retóricas conjuntas típicas disponíveis num dado momento na história e na cultura" (p. 33). É assim que reconhecemos uma entrevista, um sermão, uma audiência judicial, uma piada...

Quanto à segunda questão – a fusão dos elementos situação, forma e substância[30] – é, nas palavras da autora, "essencial ao significado", por ser a substância o valor semântico

[30] A preferência dada ao termo *substância*, em vez do termo *conteúdo*, é uma alusão de Miller à retórica aristotélica.

do discurso, isto é, "os aspectos da experiência comum que estão sendo simbolizados". Quanto à forma, esta "é percebida como as maneiras em que a substância é simbolizada" (p. 34). Em outras palavras, se alguém escuta – *já ouviram a última do papagaio* – já antecipa que será relatada uma piada cuja personagem central é bem conhecida na cultura humorística brasileira. Daí aquele ouvinte já se prepara para sentir-se gratificado pela sequência da enunciação.

A terceira e última questão diz respeito – aos nossos propósitos na construção do discurso –, os quais são distribuídos em níveis hierárquicos, cujo número não é determinado com precisão. Acreditamos poder exemplificar com dois gêneros bem distintos: uma piada e uma tese de doutorado. A tese, cuja audiência é pré-determinada, exige declarações mais complexas, restrições a determinados usos linguísticos e estruturas sintáticas cuidadosamente elaboradas. Sendo assim, as regras desse gênero ocorrem num alto nível de "uma hierarquia de regras para interações simbólicas" (p. 41). A piada, cuja audiência é indeterminada e ilimitada, em sua forma convencional obedece à estrutura de um diálogo, requerendo, de acordo com a tese de Miller, níveis mais baixos na hierarquia. Acreditamos ser possível fazer uma ponte entre estas reflexões e a teoria de Bakhtin a respeito dos gêneros primários e secundários. Estes estariam situados em um nível de hierarquia mais alto e aqueles, em um nível hierárquico mais baixo, questão esta que abordaremos mais adiante.

No segundo ensaio – *Comunidade retórica: a base cultural dos gêneros* – Miller (2009, p. 45-58) se propõe a esclarecer por que no primeiro ensaio afirmou ser o gênero um *artefato cultural*. Para tanto, sob a influência de Raymond Williams, que adota o conceito antropológico da cultura, o termo é definido como sendo "um 'modo particular de vida', em um certo tempo e lugar, experienciado em toda a sua complexidade por um grupo que compreende a si mesmo como um grupo identificável'" (WILLIAMS, 1976, p. 80 *apud* MILLER, 2009, p. 47). Neste contexto, a cultura é entendida como "o complexo mundo cotidiano que todos encontramos e pelo qual todos nos movimentamos" (EDGAR e SEDGWICK, 2003, p. 75).

Entender o gênero como artefato cultural é na perspectiva antropológica percebê-lo como produto deliberado da mão de obra humana com funções particulares. Por essa ótica, muito se tem conhecido das culturas passada e presente, através de *padrões recorrentes* dos artefatos, tais como: cerâmica, escultura, literatura, artesanato, música, brinquedos, ferramentas... práticas que estabelecem a identidade distintiva dos diversos agrupamentos

humanos. As atividades das pessoas que compõem estes grupos podem, conforme Edgar e Sedgwick (*ibidem*, p. 77), ser identificadas em dois níveis. No primeiro, as pessoas são identificadas como produtoras da cultura; no segundo, elas são intérpretes dessa cultura.

A partir deste viés antropológico, Miller entendeu ser possível "caracterizar uma cultura através de seu conjunto de gêneros" (p. 49). Assim, "o conjunto de gêneros representa um sistema de ações e interações que possui funções e lugares sociais específicos, como também valor ou função repetitiva ou recorrente" (*ibidem*).

Miller levanta uma outra questão: "qual a relação entre os níveis microdiscursivos [ação, entendida como experiência individual] e os macrodiscursivos [estrutura, entendida como experiência coletiva]" (p. 49-50). Em outros termos, a pesquisadora procura estabelecer uma ponte entre a ação individual, de um lado, e a ação sócio-cultural, do outro, na tentativa de estabelecer uma relação entre gênero e cultura e, por conseguinte, esclarecer a sua tese de 1984.

A autora vai encontrar a resposta que busca na "teoria da estruturação", conceito introduzido na Sociologia, pelo dizer de Anthony Giddens. Tal teoria possibilita "analisar o processo ativo de construção e de reconstrução da estrutura social" (GIDDENS, 2005, p. 531). O tradicional dilema entre *ação humana* e *estrutura social* é, por ele, evitado. Essa questão, que sempre dividiu os sociólogos, é condenada por este estudioso, afirmando "existir necessariamente uma relação entre a 'estrutura' e a 'ação'" (*ibidem*). E acrescenta:

> As sociedades, as comunidades ou os grupos somente possuem uma "estrutura" até onde as pessoas se comportam de modo regular e até certo ponto previsível. Por outro lado, a 'ação' só é possível porque cada um de nós, enquanto indivíduo, possui um enorme volume de conhecimento socialmente estruturado (*ibidem*).

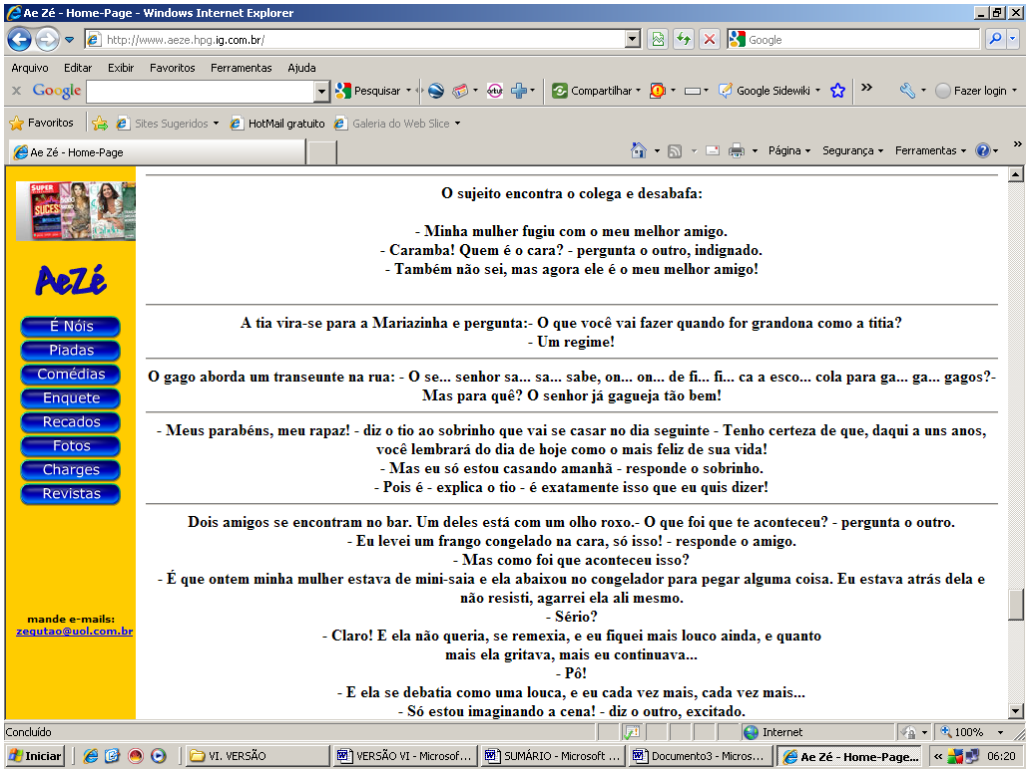
Miller (2009) observa, a partir da afirmação de Giddens, que "as pessoas criam estruturas para si e para os outros, esquematizando as situações existenciais. Fazem isso contando recursivamente com estruturas já disponíveis, com classificações e interpretações compartilhadas, que necessariamente são sociais" (p. 51). E pra fechar a discussão, Giddens (2005) assevera que "o caminho para preencher a lacuna entre as abordagens da 'estrutura' e da 'ação' é o do reconhecimento de que temos um *papel ativo na construção e na reconstrução* da estrutura social no decorrer de nossas atividades cotidianas" (p. 531).

Miller esclarece que a ênfase dada à teoria de Giddens não significa que ela esteja sugerindo que o "gênero é *estrutura* social". Ela ratifica a ideia do gênero como ação social, sustentando que "é na ação que criamos o conhecimento e a capacidade necessária

para reproduzir a estrutura" (p. 53). A ação, portanto, continua ocupando o lugar de destaque. O estudo de gênero, por conseguinte, não está limitado ao conhecimento de estruturas retóricas.

Seguindo o fio condutor da perspectiva de gênero como ação (ou fato) social, Bazerman (2006a), tomando por base a tese do sociólogo W. I. Thomas (1923), afirma: "fatos sociais são as coisas que as pessoas acreditam que sejam verdadeiras e, assim, afetam o modo como elas definem uma situação" (p. 23). Assim sendo, acreditamos poder afirmar que os fatos sociais modelam nossas ações individuais.

Vejamos o Exemplo (10)**,** a seguir:



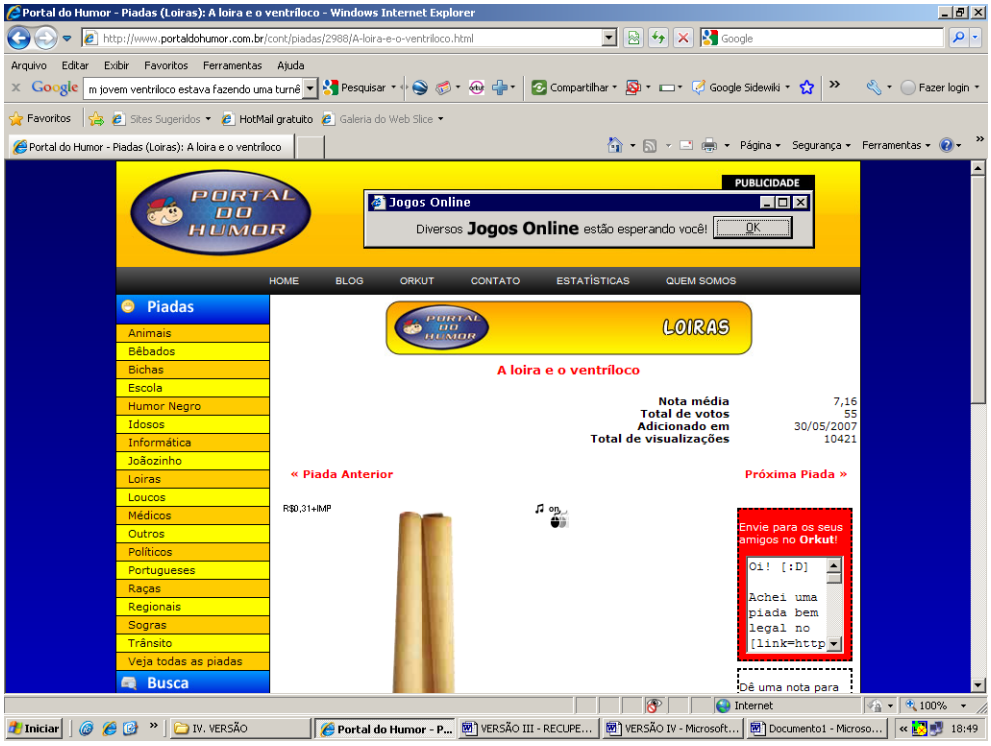
⇨ Exemplo 10 – O sujeito encontra o colega e desabafa – Acesso em 19.03.2010 Disponível em http://www.aeze.hpg.ig.com.br/

O sujeito encontra o colega e desabafa:

- Minha mulher fugiu com o meu melhor amigo.
- Caramba! Quem é o cara? - pergunta o outro, indignado.
- Também não sei, mas agora ele é o meu melhor amigo!

⇨ Exemplo 10: Reprodução

Os fatos sociais (ações sociais) são, desse modo, geradores de compreensões compartilhadas ou não. Em caso negativo, surge o equívoco, como é possível ser observado no diálogo ocorrido entre os dois enunciadores (Exemplo 10): o amigo entende como uma traição dupla (da mulher e do "melhor amigo"); o marido entende que aquele desconhecido tornou-se seu "melhor amigo", a partir do momento que o "libertou" de uma situação, no mínimo, indesejada. Muitas vezes, alguns equívocos culminam em situações de conflitos sociais, como no Exemplo (11)**,** reproduzido a seguir:



⇨ Exemplo 11 – A loira e o ventríloquo – Acesso em 08.05.2010
Disponível em
http://www.portaldohumor.com.br/cont/piadas/2988/A-loira-e-o-ventriloco.html

A loira e o ventríloco

Um jovem ventríloco estava fazendo uma turnê e foi dar um espetáculo num bar em uma cidadezinha.
Estava exibindo seu repertório usual sobre a burrice das loiras quando uma loiraça sentada na quarta fileira levantou-se e disse:

- Já ouvi o suficiente das suas piadas denegrindo as loiras, seu idiota. O que o faz pensar que pode estereotipar as mulheres desse jeito? O que tem a ver os atributos físicos de uma pessoa com o seu valor como ser humano? São caras como você que impedem que mulheres como eu sejam respeitadas no trabalho e na comunidade, que nos impedem de alcançar o pleno potencial como pessoa, por sua causa e por causa das pessoas da sua laia perpetua-se a discriminação não só contra as loiras mas contra as mulheres em geral... tudo em nome do humor!
Confuso, o ventríloquo começou a se desculpar, e a loira, em tom esganiçado, diz:
- Fique fora disso, senhor, estou falando com esse rapazinho que está sentado no seu colo!

⇨ Exemplo 11: Reprodução

O discurso indignado da jovem (Exemplo 11), "em tom esganiçado" (certo tipo de voz muito aguda, estridente), possivelmente causa constrangimento a todos, particularmente ao ventríloquo humorista. Embora aquele discurso contestatório tenha sido pertinente, tanto é que provoca o pedido de desculpas por parte do artista, foi uma ação social equivocada. Naquele espaço (um bar) interacional compartilhado por todos, a piada, uma estrutura reconhecida pela jovem ("Já ouvi o suficiente das suas piadas..."), deveria ter sido reconhecida como um gênero que prioriza os temas proibidos, por conseguinte, um gênero que faz uso de uma linguagem politicamente incorreta. Este é um questionamento levantado pelos humoristas: Como criar/contar piadas fazendo uso de uma linguagem politicamente correta? "Humor que pede licença não é humor", afirma Nani (Ernani Diniz Lucas), cartunista, redator de humor e roteirista, em entrevista a L&PM Editores. O ventríloquo conta piadas; a loira, como a vítima em foco, sente-se ofendida. Não houve a ocorrência de um fato social compartilhado. O conflito é a consequência esperada.

Um texto ao ser recebido por uma pessoa de forma diferente do esperado, não é uma atitude tão rara. Isto ocorre "por causa dos seus diferentes conhecimentos sobre gêneros, dos diferentes sistemas de que os gêneros fazem parte, das diferentes posições e atitudes que as pessoas têm em relação a determinados gêneros", afirma Bazerman (2006a, p. 39). Assim, retomando a ideia de W. I. Thomas (1928, *apud* BAZERMAN, 2006a, p. 50), se as pessoas entendem uma determinada situação como real, ela será real na sua consequência.

São os fatos sociais tipificados que nos permitem reconhecer, às vezes até antecipadamente, o que o outro, no processo de interação, está dizendo (ou planejando

dizer) e o que pretende realizar. Assim sendo, conforme Bazerman (*ibidem*, p. 29) "podemos antecipar melhor quais serão as reações das pessoas se seguimos essas formas padronizadas e reconhecíveis": os gêneros textuais. Estes podem ser identificados não somente pelas características textuais, como também e principalmente (arriscamos a fazer essa afirmação) por algumas das suas "características sinalizadoras especiais" (p. 30).

Ora, se os gêneros surgem nas ações tipificadas e estas ações (fatos sociais) são geradas por atores (personagens do cotidiano), e estes agem diferentemente de acordo com as situações, as circunstâncias, o momento; os gêneros também tendem a mudar. Definir os gêneros tomando por base apenas "os traços textuais é ignorar o papel dos indivíduos no uso e na construção de sentidos", retomando as palavras de Bazerman (2006a, p. 31). Dessa forma, podemos afirmar, seguindo a posição deste estudioso, que "gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São *frames*[31] para a ação social. São os lugares onde o sentido é construído". Os gêneros enfim "formam os hábitos discursivos e cognitivos que carregamos conosco" (2006b, p. 23).

Concluímos, que, nas mais variadas situações sociais, os falantes reconhecem que estes ou aqueles enunciados são mais ou menos eficazes em determinados acontecimentos num dado momento. Assim é que, em circunstâncias similares os falantes selecionam os enunciados que melhor atendam aos seus objetivos. Tal como frisa Bazerman (2006b), com "o passar do tempo e com as repetições, os padrões e as expectativas socialmente compartilhadas emergem para guiar todos na interpretação de circunstâncias e enunciados" (p. 27). Logo, a produção de gêneros textuais é também uma produção de fatos sociais e vice-versa. Para Miller, lembra Bazerman (*ibidem*), "a percepção é a chave para o reconhecimento de circunstâncias recorrentes e de ações tipificadas, de tal modo que a emergência de gêneros reconhecíveis aumenta o reconhecimento de situações como similares ou recorrentes" (p. 27).

Em suma, entendemos que a ideia basilar desta corrente norte-americana é a *plasticidade e relativa liberdade dos gêneros.* Sendo assim, creio que podemos afirmar que as concepções bakhtinianas, particularmente, os estudos sobre os gêneros do discurso, são centrais na concepção de gênero desta escola.

3.3. O gênero do discurso: a proposta sócio-discursiva

[31] Em *Análise da conversação* (1999, p. 89), Marcuschi afirma que *frame* é um "termo proveniente da área dos estudos cognitivistas e que serve para designar algum modelo global que abrange o conhecimento conceptual e prático a respeito de algo".

A expressão *gêneros do discurso* tem no texto de Bakhtin - *O problema dos gêneros do discurso* – o seu principal referente, visto que este estudioso não apenas é um divisor de águas entre o passado (teorias clássicas) e o presente (teorias pós-clássicas), como também, e principalmente, é o autor do discurso fundador dos estudos de gêneros na sociedade contemporânea. Este trabalho foi escrito possivelmente entre 1952 e 1953, em Saransk, e publicado, em primeira mão, pela revista *Estudo literário* (1978, n. 1, p. 200-19). Posteriormente, foi publicado como um adendo na obra *Estética da criação verbal*, uma reflexão ainda em processo, que Bakhtin estaria amadurecendo, a partir da ideia já germinada em *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicado na Rússia (Leningrado) em duas edições sucessivas, 1929-1930, e assinado por V. N. Volochínov (BAKHTIN, 2003, p. 446).

Entendemos que o ponto de partida está com a teoria da enunciação, percebida como "o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados", conforme definição do próprio Bakhtin/Volochínov (2006, p. 116). Logo, "a enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal" (p. 129). Os enunciados, entendidos como unidades da comunicação sócio-verbal, são, portanto, unidades reais da cadeia verbal, o que justifica que estas tenham formas variadas, de acordo não somente com o lugar onde ocorre a comunicação, mas, principalmente, com as pessoas participantes desta, "integrantes desse ou daquele campo de atividade humana" (BAKHTIN, 2003, p. 261). Portanto, ainda que o enunciado seja individual, ele é elaborado a partir de um campo específico da ação humana, fato que contribui para a realização de "*tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*" (*ibidem*, p. 262). Em síntese, nos termos de Faraco (2006):

> o que é dito (o todo do enunciado) está sempre relacionado ao tipo de atividade em que os participantes estão envolvidos. Do mesmo modo, se queremos estudar qualquer das inúmeras atividades humanas, temos de nos ocupar dos tipos de dizer (dos gêneros do discurso) que emergem, se estabilizam e evoluem no interior daquela atividade, porque eles constituem parte intrínseca da mesma (p. 112).

Logo, se os gêneros do discurso têm como fonte as ações humanas, isto significa que as possibilidades de novos gêneros, ou mesmo variações de gêneros em vigência são não somente possíveis, como inesgotáveis. Esta realidade confirma, nas palavras de Bakhtin (2003), "a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado" (p. 263). Daí a especial importância de atentarmos para "a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e

secundários (complexos)", não esquecendo, entretanto, de firmar que "não se trata de uma diferença funcional" (*ibidem*). Assim, no próprio dizer de Bakhtin (2003),

> Os gêneros discursivos secundários (complexos) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformaram e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios (...). A própria relação mútua dos gêneros primários e secundários e o processo de formações históricas dos últimos lançam luz sobre a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia) (p. 263-4).

Entendemos que ambos os gêneros discursivos são constituídos em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais (os secundários) ou menos (os primários) elaborada. Os primários são os gêneros da vida cotidiana, predominantemente orais, ainda que não necessariamente, tais como os diálogos familiares, as conversas telefônicas, as narrativas espontâneas, as piadas. Os secundários são os gêneros gerados no âmbito da ciência, da arte, da filosofia, do direito, da política etc., razão porque são gêneros, em geral, do domínio da escrita.

Enfatizamos, de acordo com Bakhtin (2003, p. 264), que não se trata de uma dicotomização dos gêneros, nem tampouco de uma orientação unilateral centrada nos gêneros primários ou secundários. Bakhtin entende ambos como duas realidades interdependentes. "Os secundários valem-se dos primários. Mas existem casos em que os primários são influenciados pelos secundários" (FIORIN, 2008, p. 70). E nos arriscamos a acrescentar que casos há em que um olhar menos experiente não irá discernir quem está influenciando quem, ou seja, se os primários estão valendo-se dos secundários ou se estes estão exercendo uma ação sobre aqueles. Senão vejamos os Exemplos (12) e (13) a seguir:

⇨ Exemplo 12 – Homem: indicações e contra-indicações – Acesso em 09.08.2009 Disponível em http://www.humornaciencia.com.br/miscelanea/homem.htm

Homem: indicações e contra-indicações

MINISTÉRIO DA SAÚDE
O Ministério da Saúde, preocupado com o que vem ocorrendo no mercado, no que diz respeito ao uso inadequado de alguns medicamentos, vem a público para prestar os seguintes esclarecimentos às mulheres:

HOMEM
Indicações:
Homem é recomendado para mulheres portadoras de SMS (Síndrome da Mulher Sozinha). Homem é eficaz no controle do desânimo, da ansiedade, irritabilidade, mau-humor, insônia, etc...
Posologia e Modo de usar:
Homem deve ser usado três vezes por semana. Não desaparecendo os sintomas, aumente a dosagem ou procure outro. Homem é apropriado para uso externo ou interno, dependendo das necessidades da mulher.
Precauções:
Mantenha longe do alcance das amigas. Manuseie com cuidado, pois Homem explode sob pressão, principalmente quando associado a álcool etílico. É desaconselhável o uso imediatamente após as refeições.
Apresentação:
Mini, Midi, Plus ou Super Mega Maxi Plus
Conduta na Overdose:
O uso excessivo de Homem pode produzir dores abdominais, entorses, contraturas lombares, assim como ardor na região pélvica.
Recomenda-se banhos de assento, repouso, e contar vantagem para a melhor amiga.

Efeitos Colaterais:
O uso inadequado de Homem, pode acarretar gravidez e acessos de ciúmes. O uso concomitante de produtos da mesma espécie pode causar enjôo, fadiga crônica e em casos extremos lesbianismo.
Prazo de Validade:
O número do lote e a data de fabricação, encontram-se na cédula de Identidade. E no cartão de crédito. Não use Homem vencido.
Composição:
Água, tecidos orgânicos, ferro e vitaminas do complexo P
Atenção: Não contém CIMANCOL.
Cuidado:
Existem no mercado algumas marcas falsificadas, a embalagem é de excelente qualidade, mas quando desembrulhado, verifica-se que o produto não fará efeito nenhum, muito pelo contrário, o efeito é totalmente oposto, ou seja, além de não ser eficaz no tratamento das mulheres que possuem SMS, podem agravar os sintomas e até inibindo o efeito do medicamento correto.

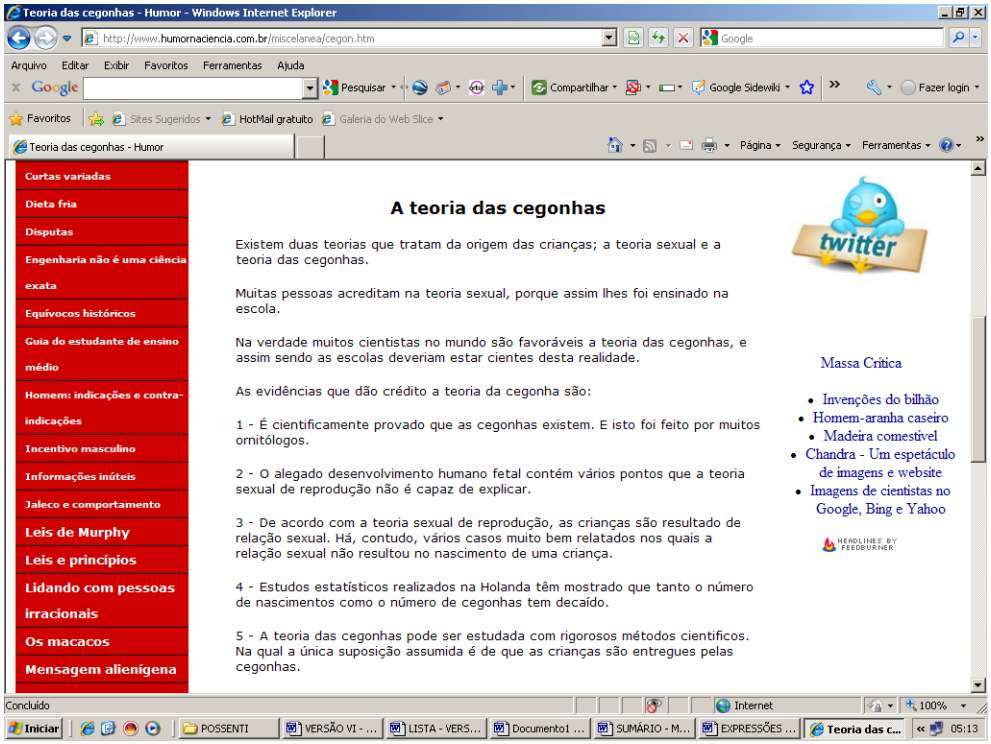
⇨ Exemplo 12: Reprodução.

Pressupondo ser o Aviso uma informação de interesse do público em geral, observamos, num primeiro momento, ser o Exemplo (12) um *Aviso* do Ministério da Saúde alertando as mulheres para o bom "uso" do *Homem*. Entretanto, a princípio, ainda que a proposta não seja uma *Bula* (o impresso que acompanha os medicamentos), o texto após o parágrafo inicial apresenta-se com forma e conteúdo desta, a exemplo de *indicações*, *posologia* (indicação da dose adequada de um medicamento) e *modo de usar*, *precauções*, *conduta em caso de overdose*, *efeitos colaterais*, *prazo de validade*, *composição*.

Verificamos também a presença de termos específicos da medicina e/ou farmacologia, alguns possivelmente incompreensíveis ao público leigo, a exemplo de *álcool etílico* (diz-se de álcool e éter), *dores abdominais* (dores na barriga), *entorses* (distensão violenta dos ligamentos de uma articulação, popularmente, junta, referência a junção, juntura), *contraturas lombares* (contração ou encurtamento de músculos das regiões situadas de um lado e outro da coluna vertebral ou espinha dorsal), *região pélvica* (relativo a pelve, cavidade formada pelos dois ossos do quadril, ou seja, a bacia), *lesbianismo* (homossexualismo feminino ou amor entre mulheres) etc. É um texto que "obedece rigorosamente" a uma exigência legal: educar e orientar o paciente quanto ao uso correto do medicamento, ainda que esteja fazendo uso de um vocabulário não acessível à maioria da população, como é próprio do gênero Bula, pelo menos aqui no Brasil. O que possivelmente, já deixaria implícito uma crítica aos laboratórios e à omissão da ANVISA que não faz cumprir a Resolução RDC (Resolução da Diretoria Colegiada) n. 140 de

29.05.2003, que propõe que os medicamentos apresentem duas bulas: uma para o público, com linguagem acessível, e outra para o profissional de saúde[32].

Quanto ao Exemplo (13), este lembra um *Resumo* de um Artigo, de um Ensaio ou de uma Comunicação acadêmica.



⇨ Exemplo 13 – A teoria das cegonhas – Acesso em 09.08.2009
Disponível em
http://www.humornaciencia.com.br/miscelanea/cegon.htm

A teoria das cegonhas

Existem duas teorias que tratam da origem das crianças; a teoria sexual e a teoria das cegonhas.
Muitas pessoas acreditam na teoria sexual, porque assim lhes foi ensinado na escola.
Na verdade muitos cientistas no mundo são favoráveis a teoria das cegonhas, e assim sendo as escolas deveriam estar cientes desta realidade.
As evidências que dão crédito a teoria da cegonha são:
1 - É cientificamente provado que as cegonhas existem. E isto foi feito por muitos ornitólogos.
2 - O alegado desenvolvimento humano fetal contém vários pontos que a teoria sexual de reprodução não é capaz de explicar.
3 - De acordo com a teoria sexual de reprodução, as crianças são resultado de relação sexual. Há, contudo, vários casos muito bem relatados nos quais a relação sexual não resultou no nascimento de uma criança.

[32] Mais informação ler o texto – *Evolução histórica das bulas de medicamentos no Brasil* – disponível no site http://www.scielosp.org/pdf/csp/v24n4/03.pdf.

4 - Estudos estatísticos realizados na Holanda têm mostrado que tanto o número de nascimentos como o número de cegonhas tem decaído.
5 - A teoria das cegonhas pode ser estudada com rigorosos métodos cientificos. Na qual a única suposição assumida é de que as crianças são entregues pelas cegonhas.

(fonte: LEISTI@cc.Helsinki.FI (Teemu Leisti))

⇨ Exemplo 13: Reprodução

Apresentando a proposta de duas teorias – *a teoria sexual* e a *teoria das cegonhas* (uma das várias discussões da psicanálise freudiana) –, que procuram responder a primeira grande questão da humanidade formulada a partir da curiosidade da criança: *De onde viemos*?, tal questão-problema remete para duas hipóteses: (a) viemos do útero materno, após a relação sexual dos nossos pais e (b) fomos trazidos e entregues a nossos pais por uma cegonha. Cada uma das teorias tenta explicar um fenômeno, neste caso o da origem humana. Percebemos, em duas afirmações ("Muitas pessoas acreditam na teoria sexual, porque assim lhes foi ensinado na escola". "Na verdade, muitos cientistas no mundo são favoráveis à teoria das cegonhas, e assim sendo as escolas deveriam estar cientes desta realidade".), haver uma certa crítica ao ensino institucionalizado, que possivelmente caminha aquém dos estudos científicos. Como todo resumo, há um indicativo do que vai ser defendido através de argumentos com base em pesquisa e a possível conclusão, apresentada, no texto em estudo, em cinco itens irrefutáveis. Assim, avaliada a veracidade das hipóteses propostas, chegamos à conclusão seguinte: *as crianças são entregues pelas cegonhas*.

Ainda que ambas as produções apresentem-se camufladas de discurso científico, percebemos o discurso humorístico presente no discurso irônico que, no primeiro caso (Exemplo 12), reafirma a presença de dois estereótipos nacionais: o primeiro deles diz respeito à mulher ansiosa, irritada, mau-humorada que, em sendo libidinosa, voluptuosa (já remetendo para a questão da *loira burra*), não tem seu apetite sexual satisfeito, daí ser portadora da "Síndrome da Mulher Sozinha". Para tal problema é pois recomendado o *Homem*. Este seria a solução dos males femininos, principalmente, por conter em sua fórmula dois eficazes compostos: o *ferro* e as *vitaminas do complexo P*. Está óbvio que o referente aqui é o órgão sexual masculino: a letra "P" remetendo para *pênis* e o termo *ferro*, gíria referente ao mesmo órgão. Temos, portanto, o segundo dos estereótipos, aquele que indica a primazia monológica do falocentrismo entre os homens brasileiros, isto é, na

crença centrada no falo, na convicção da superioridade do sexo masculino, solução, portanto, dos problemas femininos.

O Exemplo (13), como já foi dito, levanta uma questão polêmica: a escola, como veiculadora do saber, está preparada para dar todas as respostas, solucionar todas as dúvidas? No mundo da ciência, o saber está sempre atrelado à questão problema. E ninguém melhor do que a criança para levantar este tipo de questionamento. Em outras palavras, a curiosidade infantil impulsiona a criança a fazer novas descobertas. Dessa maneira, nada mais natural do que a criança expressar sua curiosidade: "De onde viemos?" "Como entramos (saímos da) na barriga da mamãe?" A escola precisa saber lidar com esta situação[33].

Afirmar que *as crianças são entregues pelas cegonhas* é o mesmo que fazer uso de outras afirmações fantasiosas, tais como: as crianças são compradas no hospital ou talvez tenham brotado de uma flor... tais colocações só colocam em descrédito a imagem do adulto. É responsabilidade do adulto (pais e professores) ajudar a criança a conhecer a realidade que a cerca. Fica claro que a intenção discursiva do enunciador, ainda que camuflada no discurso humorístico, é criticar a escola, instituição responsável pela formação do saber. Em suma, fazer uso do discurso humorístico para dissimular alguns discursos polêmicos (ou mesmo proibidos) é uma performance comum em nossa sociedade, até porque, em certos casos, falar abertamente é provocar situações no mínimo constrangedoras ou deselegantes.

Verificamos, retomando o pensamento bakhtiniano, que os gêneros podem hibridizar-se, ou seja, cruzar-se, como tentamos demonstrar com os exemplos (12 e 13). O exemplo (12) um gênero primário, a *piada*, valendo-se de outro gênero da mesma categoria, o *aviso* que, por sua vez, sofre um processo de hibridização com o gênero *bula* de medicamento. O exemplo (13), uma *piada*, um gênero primário, apresenta-se com uma estrutura de *resumo*, um gênero secundário. Confirma-se a tese de Bakhtin que "um texto pode passar de um gênero para outro quando for colocado em outro contexto, ou, em outra esfera de atividade" (FIORIN, 2008, 72).

Justifica-se, portanto, a posição de Bakhtin quando demonstra um certo desinteresse pelas propriedades formais dos gêneros (o produto ou texto), embora não as descarte, naturalmente. Porém, suas reflexões estão voltadas particularmente para o processo, ou

[33] Não estamos sugerindo que a piada deva ser considerada um documento histórico, porém, inegavelmente ela é um documento cultural, a exemplo da propaganda.

seja, a maneira como os textos são constituídos, entendido, nas palavras de Faraco (2006, p. 111), como "o viés dinâmico da produção": o discurso, pensado no contexto enunciativo da comunicação. Assim, concordamos com Machado (2005), quando afirma que "'enunciado' e 'discurso' pressupõem a dinâmica dialógica da troca entre sujeitos discursivos no processo da comunicação", em qualquer das duas possibilidades de ocorrências dos gêneros: primário ou secundário.

Podemos observar que na história dos gêneros literários, estes são interpretados como produtos. Enquanto que na proposta sócio-discursiva os gêneros são percebidos como processo no interior de uma determinada atividade social. Assim, de acordo com Faraco (2006) os "nossos enunciados (orais ou escritos) têm conteúdo temático, organização composicional e estilo próprios correlacionados às condições específicas e às finalidades de cada esfera de atividade" (p. 111).

Nosso objetivo seguinte, Capítulo IV, é entender algumas das muitas questões que envolvem o estudo de gêneros sociais (homem *vs*. mulher), procurando recuperar a mulher como sujeito ativo na História, para, com base neste estudo, ainda que breve, possamos melhor descrever e interpretar os enunciados humorísticos do gênero piada, procurando perceber mudanças ou permanências de estereótipos sobre os gêneros sociais.

4. OS TEÓRICOS DOS GÊNEROS SOCIAIS

Sabemos que as mulheres têm uma história. Assim sendo, elas devem ser reconhecidas como sujeito ativo. Logo, partimos do pressuposto de que a passividade feminina não passa de mais uma falácia entre as muitas engendradas, a partir do imaginário masculino.

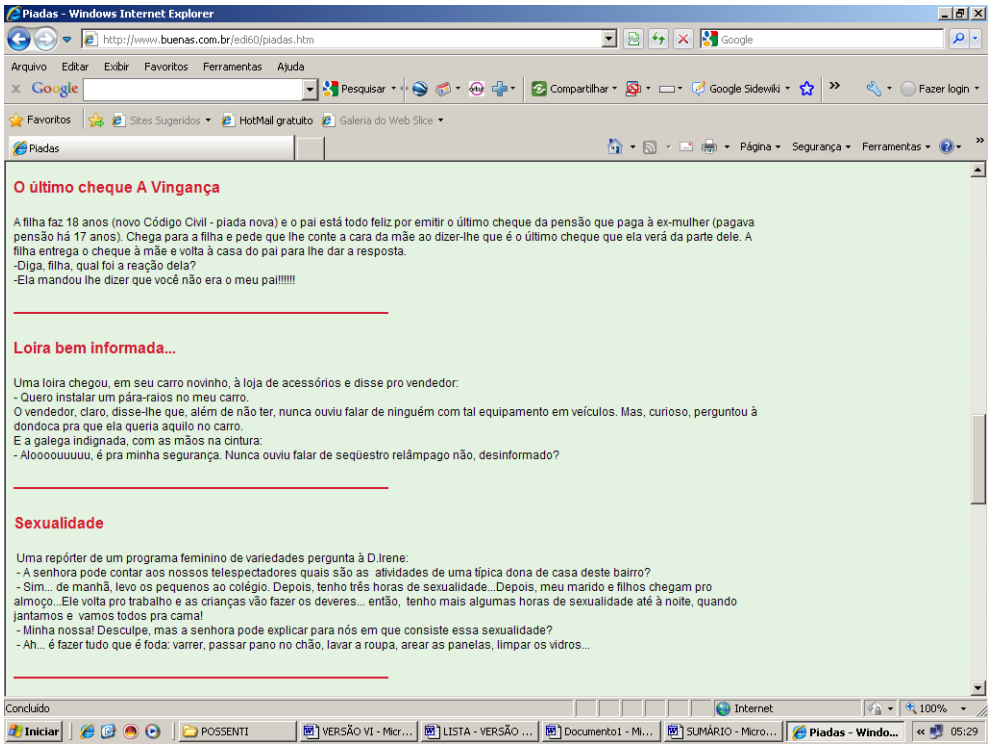
Vários estudiosos poderiam ser arrolados neste momento, entretanto, um não poderia deixar de constar nesta pesquisa. Estamos falando de uma das mais renomadas pesquisadoras da história das mulheres: a historiadora Perrot (2005 e 2007). Ela e outros estudiosos – antropólogos (ALBERNAZ & LONGHI, 2009) e historiadores (LAQUEUR, 2001; COLLING, 2004) – nos estarão dando o suporte necessário para termos uma visão da condição e do lugar da mulher na história.

4.1. Privado vs. Público: a dicotomia da hierarquização, do autoritarismo

Tomamos como ponto de partida o Século XVIII, período em que os estudiosos da época ainda discutiam e relutavam em reconhecer as mulheres como seres humanos, visto que elas estariam bem mais próximas da irracionalidade do que da racionalidade, atributo masculino desde Aristóteles. (Será que muitos homens ainda hoje, Século XXI, não pensam assim?)

Foi somente no final do Século XIX que as mulheres tiveram acesso à educação institucionalizada, sendo, dessa forma, reconhecidas como seres pensantes, ainda que com algumas restrições. É no Século XX, contudo, que as mulheres descobrem a sua própria história, partindo do espaço privado para o espaço público. Nas palavras de Perrot (2007, p. 15-6), surgindo de "uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas [diríamos vencedoras], nas múltiplas interações que provocam a mudança".

Nessa perspectiva, uma figura oculta da memória social e dos registros históricos, a mulher é bem representada por dois signos – o *silêncio* e a *invisibilidade* –, que retratam bem a condição feminina na sociedade (PERROT, 2007, p. 16-19). Ambos – silêncio e invisibilidade – sempre foram a garantia da "ordem das coisas", ou seja, a garantia de uma sociedade tranquila. O Exemplo (14) a seguir é relevante por ironizar esta condição feminina.



⇨ Exemplo 14 – O último cheque A vingança – Acesso em 01.04.2009 Disponível em http://www.buenas.com.br/edi60/piadas.htm

O último cheque A Vingança

A filha faz 18 anos (novo Código Civil - piada nova) e o pai está todo feliz por emitir o último cheque da pensão que paga à ex-mulher (pagava pensão há 17 anos). Chega para a filha e pede que lhe conte a cara da mãe ao dizer-lhe que é o último cheque que ela verá da parte dele. A filha entrega o cheque à mãe e volta à casa do pai para lhe dar a resposta.
-Diga, filha, qual foi a reação dela?
-Ela mandou lhe dizer que você não era o meu pai!!!!!!

⇨ Exemplo 14: Reprodução.

"O divórcio não modificará os direitos e deveres dos pais em relação aos filhos", afirma a lei, que ainda esclarece, "os direitos e deveres em razão da família predominam em relação aos interesses e vontades individuais"[34]. No Exemplo (14) a figura paterna é descrita em estado de "felicidade" por está emitindo o "último cheque da pensão". O que nos permite inferir que não fosse a obrigatoriedade imposta pelo Código Civil possivelmente a pensão não teria sido paga. Este pai pagava a pensão há dezessete anos e a filha completara dezoito. Esta separação teria ocorrido, portanto, um pouco antes ou um

[34] A Lei 6.515/77 – Art. 27. Disponível em http://www.consumidorbrasil.com.br/consumidorbrasil/textos/familia/alimentos.htm#Pensão

pouco depois do primeiro ano de vida desta jovem. O pai aguarda com ansiedade "uma ativa compreensão responsiva" (BAKHTIN, 2003, p. 301) por parte da ex-mulher. O questionamento do pai é formulado com ênfase: "Diga, filha, qual foi a reação dela?" O enunciado da filha é formulado com indiferença: "Ela mandou lhe dizer que você não era o meu pai!!!!!"

"Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva", afirma Bakhtin (*ibidem*, p. 296-7). A verdade trazida à tona, dezoito anos depois, remete para a questão da infidelidade feminina silenciada, diferentemente da masculina que em geral é alardeada, pelo menos entre os companheiros. A mulher aprende desde a mais tenra idade que "o ideal de papel feminino requer, em algumas culturas, a qualidade de ser indireta, ardilosa e capaz de esconder as coisas. Aprendeu que é melhor dizer aos homens somente aquilo que querem ouvir" (ZAMPIERI, 2004, p. 170).

Como diz Perrot (2005), "o silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada. Ele cai bem em seus rostos, levemente sorridentes, não deformados pela impertinência do riso barulhento e viril" (p. 09).

Destinada à obscuridade, a mulher é prisioneira do silêncio justificado pelo apóstolo Paulo na Primeira Epístola a Timóteo (Bíblia Sagrada, 1981, p. 1296):

> A mulher aprenda, em silêncio, com toda a sujeição. Não permito à mulher que ensine, nem que tenha domínio sobre o homem, mas que esteja em silêncio, porque Adão foi formado primeiro, e depois, Eva. Adão não foi seduzido, mas a mulher (*é que sendo*) seduzida, prevaricou. Contudo, salvar-se-á pela educação dos filhos, se permanecer na fé, na caridade e na santidade, unidas à modéstia.

Este "silêncio consubstancial à noção de honra" (PERROT, 2007, p. 17) manteve as mulheres na *linha reta* traçada pelo discurso masculino. Afastar-se dessa linha, é afastar-se do plano divino, é transgredir a moral e os bons costumes, é trair a confiança do marido, deixando de proceder e agir como este espera e deseja. A mulher "introjetando" a lei do silêncio, entende que nele deve manter-se até lhe ser dado o direito à palavra, pelo homem, naturalmente.

No espaço público, considerado essencialmente masculino, está centrado o poder. Neste espaço, as mulheres são invisíveis. Passam sem deixar vestígios, porque sua presença é apagada, esquecida. Tal herança advém da antiga Grécia, berço da nossa civilização, período histórico que registra a exclusão das mulheres do espaço público, masculino, lugar dos homens ilustres e nobres (os escravos, naturalmente, também são

silenciados) que estudam filosofia, discutem política e têm as artes como principal atividade. Limitado o horizonte feminino ao espaço privado, cuja função principal é a reprodução da espécie humana, a sua "sublime missão", a mulher é "excluída do mundo do pensamento, do conhecimento, tão valorizado pela civilização grega", nas palavras de Colling (2004, p. 14).

Inúmeras são as declarações que confirmam esse discurso masculino, a exemplo da afirmação a seguir, identificada como sendo de Xenofonte, no Século IV a.C.: "que a mulher viva sob uma estreita vigilância, veja o menor número de coisas possível, ouça o menor número de coisas possível, faça o menor número de perguntas possível" (ALVES & PITANGUY, 1985, p. 12). Também, o discurso pronunciado no ano 105 d.C. pelo senador romano Marco Pórcio Catão, cujo trecho, abaixo transcrito, registra o ponto de vista masculino, não apenas da época, como, basicamente, de todos os tempos.

> Lembrem-se do grande trabalho que temos tido para manter nossas mulheres tranquilas e para refrear-lhes a licenciosidade, o que foi possível enquanto as leis nos ajudarem. Imaginem o que sucederá, daqui por diante, se tais leis forem revogadas e se as mulheres se puserem, legalmente considerando, em pé de igualdade com os homens! Os senhores sabem como são as mulheres: façam-nas suas iguais, e imediatamente elas quererão subir às suas costas para governá-los (*apud* ALVES & PITANGUY, 1985, p. 14).

Não há nenhum exagero quando afirmamos ser este um discurso que tem se mantido em todos os tempos, como confirma a fala do senhor Edílson Rumbelsperger Rodrigues (2007), juiz mineiro, em sentença que absolveu um réu que batia na mulher: "A desgraça humana começou no Éden: por causa da mulher (...). O mundo é masculino! A ideia que temos de Deus é masculina! Jesus foi homem!". É assim legitimado o poder do homem sobre a mulher, através da instituição jurídica do páter famílias. O discurso jurídico transforma-se em instrumento de perpetuação da desigualdade entre o homem e a mulher. Este não é tão somente um discurso jurídico, é, antes de tudo, um discurso masculino, não deixando de ser também um discurso religioso:

> Viu, pois, a mulher que (*o fruto*) da árvore era bom para comer, e formoso aos olhos, e de aspecto agradável; e tirou do fruto dela, e comeu; e deu a seu marido, que também comeu. E os olhos de ambos se abriram; e, tendo conhecido que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram para si cinturas (O pecado original – Gênesis 3, Bíblia Sagrada, 1981, p. 28)

A primeira resistência feminina entendida como um ato de desobediência a uma ordem masculina (Deus, a figura do Pai), foi não somente repreendida, como exemplarmente castigada: "Multiplicarei os teus trabalhos, e (*especialmente os de*) teus

partos. Darás a luz com dor os filhos, e estarás sob o poder do teu marido, e ele te dominará" (Bíblia Sagrada, *ibidem*). Eva é responsabilizada não somente pela queda do homem, como também pela queda da humanidade do paraíso.

Justificar a submissão da mulher a partir do pecado original é um ponto de vista comum no discurso da Igreja. São Paulo, por exemplo, dizia: "o homem não foi tirado da mulher e sim a mulher tirada do homem; o homem não foi criado para a mulher e sim esta para o homem". Mas esta "história" bem que poderia ter uma outra versão, ainda que seja no discurso humorístico, conforme mostrada no Exemplo (15), a seguir:

⇨ Exemplo 15 – No Jardim do Éden – Acesso em 01.04.2009
Disponível em
http://www.zebisteca.xpg.com.br/5856/piadas/religiao/no-jardim-do-Eden

No jardim do Éden

Um dia, no jardim do Éden, Eva disse a Deus:
- Deus, tenho um problema!
- Qual é o teu problema, Eva?
- Deus, sei que me criaste e me deste este maravilhoso jardim e todos estes maravilhosos animais e esta serpente tão graciosa, mas... não sou feliz.
- Porquê, Eva? - disse a voz lá de cima.
- Deus, estou sozinha e não agüento comer mais maçãs.
- Bem, Eva, nesse caso, tenho uma solução. Criarei um homem para ti...
- O que é um homem, Deus?
- Um homem será uma criatura defeituosa, com muitos atributos negativos. Mentiroso, arrogante, vaidoso; em resumo, fará da tua vida um inferno. Mas... será

maior, mais rápido, e vai caçar e matar animais para ti. Terá um aspecto estúpido quando ficar excitado, mas, para que não te queixes, criá-lo-ei com o objetivo de satisfazer as tuas necessidades físicas. Será patético e sentirá prazer em coisas infantis, como lutar e dar pontapés numa bola. Não será muito inteligente e vai precisar do teu conselho para pensar adequadamente.
- Parece ótimo - disse Eva com um sorriso irônico.
- Porém...
- Qual é o problema, Deus?
- Bem... irás tê-lo com uma condição.
- Qual, meu Deus?
- Como te disse, será orgulhoso, arrogante e egocêntrico... Assim terás que deixar que ele acredite que eu o fiz primeiro.

⇨ Exemplo 15: Reprodução.

Na verdade, este discurso feminista refletido no discurso humorístico, apenas reforça a necessidade de se (re)escrever a história a partir do ponto de vista feminino. É preciso trazer para o primeiro plano o poder, à resistência das mulheres contra a submissão imposta pelo discurso religioso.

Santo Ambrósio, que viveu no Século IV, costumava afirmar: "Adão foi induzido ao pecado original por Eva e não Eva por Adão. É justo que a mulher considere como soberano aquele que ela conduziu ao pecado". Para o Padre Vieira, as mulheres eram "fracas e incapazes de resistir aos impulsos e tentações pois eram herdeiras de Eva" (MOTT, 1991, p. 53-4).

A primeira mulher, na mitologia grega, foi criada por todos os deuses em obediência à ordem recebida diretamente de Zeus. Todos eles procuraram dotá-la de todas as qualidades, uma verdadeira deusa. "Hermes, entretanto, pôs em seu coração a mentira e a astúcia e Zeus atribui-lhe a missão de castigar a raça humana". Epimeteu a recebeu de presente de Zeus e fascinado com a sua beleza resolveu torná-la sua esposa, apesar da opinião contrária do seu irmão Prometeu. "Pandora trazia consigo um jarro contendo todos os males, fechado por um tampo que os impedia de sair de onde estavam". Pandora não resistindo à curiosidade "removeu o tampo e os males espalharam-se pelo mundo". Assustada, Pandora fecha o jarro, no qual restou apenas a esperança (KURY, 2003, p. 303).

Eva ou Pandora, esta primeira mulher é apresentada pelo discurso masculino como portadora de um comportamento desviante, por conseguinte, responsável pela infelicidade dos homens. Instigadora do mal, considerada a vilã, a mulher constitui-se na vergonha da sociedade.

Entretanto, por mais que os discursos religioso, mitológico, jurídico etc. atuem como dispositivo de perpetuação desta assimetria, em diferentes culturas e períodos históricos, por mais que tenha procurado silenciar as mulheres, fazendo desaparecer a presença marcante destas na construção da história da humanidade, elas revelaram altivez e resistência na construção da sua própria história, "desmistificando a ideia de que a sujeição da mulher seja um destino irrevogável, a-histórico e universal", retomando as palavras de Alves e Pitanguy (1985, p. 15).

Ora driblando barreiras (sozinhas ou em grupo), ora para atender ao chamado de um período histórico, a exemplo das duas grandes Guerras Mundiais, as mulheres vão construindo a sua história, ainda que para isto tenham que ser piedosas, a exemplo de Zilda Arns[35], ou escandalosas, como Geisy Arruda[36], para existir.

A história dos homens começa a ser desvendada como uma construção de representações, que apresenta como cenário as relações de poder, não apenas nas relações hierarquizadas entre mulheres e homens, como também nas relações assimétricas destes com outras *minorias sociais*, que sendo interpretadas como uma espécie de negação da ordem social, não têm seus direitos civis plenamente garantidos, a exemplo dos homossexuais.

Aliadas, organizam o movimento de liberação das mulheres, desenvolvido com maior destaque na sociedade ocidental a partir dos anos 1970, influenciado, conforme Perrot (2007, p. 19-20), por três fatores: *científico* (a história alia-se à antropologia, colocando as mulheres como sujeitos), *sociológico* (as mulheres – docentes e discentes – tornam-se presentes nas universidades) e *político* (as mulheres intelectuais, na (re)construção da memória das mulheres, passaram a criticar os saberes constituídos). Elas descobrem a força da união em grupos, que as tornam visíveis e lhes dão a oportunidade de adquirir voz, em pronunciamentos no espaço público.

Todavia, esta história começa a ser tecida desde sempre. Poderíamos, em todas as épocas e culturas, arrolar e multiplicar muitos e muitos nomes de mulheres como exemplo de luta tenaz pela sua cidadania social e política, em nome da sua dignidade, e ainda assim, não daríamos vencimento. Não podemos esquecer nem banalizar o esforço destas

[35] Fundadora da Pastoral da Criança, "dedicou a existência a minorar o sofrimento dos despossuídos e a evitar o desperdício da vida". Ver reportagem na revista VEJA, Edição 2148, Ano 43, n. 03, Editora Abril, 20 de janeiro de 2010, p. 84-87.

[36] Estudante de Turismo da UNIBAN (Universidade Bandeirante), unidade de São Bernardo do Campo (SP), região do ABC, hostilizada no dia 22.10.2009, por "ferir a moralidade da instituição", ao trajar um vestido curto.

mulheres, muitas delas para sempre anônimas, que em um esforço individual e coletivo conseguiram alterar estruturas secularmente cristalizadas.

As mulheres sempre se rebelaram contra situações injustas. No caso das mulheres brasileiras, "as índias contra a violência dos colonizadores, as negras contra a escravidão e as brancas contra os valores patriarcais vigentes, todas lutando pela transformação das regras impostas ao feminino", afirmam Schumaher & Brazil (2000, p. 10).

4.2. Mulheres brasileiras

Faremos aqui uma alusão às primeiras mulheres que habitaram o Brasil colonial: a indígena, a negra e a branca. Estas – a negra e a branca – são duas referências culturais determinantes no Brasil. Das mulheres africanas herdamos o desempenho nas "tarefas de alimentação e distribuição de gêneros de primeira necessidade", nas palavras de Figueiredo (2007, p. 144). Das europeias adquirimos "a divisão de papeis sexuais vigentes em Portugal" (*ibidem*). De acordo com este historiador, nas mulheres negra e branca "conjugam-se dois padrões que irão atuar na definição do lugar das mulheres no Brasil" (*ibidem*).

A *mulher indígena*, "vítima da exploração sexual dos colonizadores e mão de obra escrava" é "o elemento oculto, anônimo, que participou, involuntariamente, da construção do Brasil" (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000, p. 12). Nas expedições conhecidas como bandeiras, aquelas que percorriam os sertões durante meses e até mesmo anos, em busca de metais e pedras preciosas e até mesmo para o aprisionamento de indígenas, "as tarefas ditas femininas, de cama e mesa", de acordo com Mott (1991, p. 12-3) eram executadas pelas mulheres indígenas. As mulheres brancas, esposas dos bandeirantes, estes em sua maioria paulistas, ficavam em casa. Os historiadores contemporâneos, em sua maioria, omitiram a identidade das mulheres indígenas, "ignoraram a sua história e as trataram como seres não-humanos", retomando Schumaher & Brazil.

A *mulher negra*, escrava ou alforriada, estava condenada aos caprichos dos seus senhores. Após a Abolição dos escravos sua condição social pouco se alterou. Recebendo salários baixíssimos eram tratadas ainda como se escravas fossem, "trabalhando nos setores os mais desqualificados", comenta Rago (2007, p. 582).

Exerceu a função de ama de leite, quituteira e prostituta e mais recentemente empregada doméstica, mãe de santo e benzedeira. "Num período em que as mulheres de

elite não tinham por hábito amamentar, quando não havia mamadeiras, geladeiras, leite esterilizado ou em pó, pode-se avaliar a importância que adquirem as amas-de-leite", lembra Mott (1991, p. 22).

Foram pioneiras na "formação do mercado de trabalho livre", retomando as palavras de Rago (2007, p. 582), marcando presença no comércio das vilas e cidades do Brasil colonial, sendo reconhecidas como as "negras de tabuleiro". Os gêneros e alimentos por elas comercializados tornaram-se vitais para o abastecimento das regiões mineradoras de todo o País (FIGUEIREDO, 2007, p. 161).

Elas também participaram de levantes, rebeliões e quilombos. Nas últimas décadas, assinalam Schumaher & Brazil (2000, p. 13), "registrou-se a trajetória das afro-brasileiras que conseguiram superar dois estigmas: o da cor da pele e o da exclusão do mundo das letras".

Quanto à *mulher* branca, esta tem na cor da pele "um sinal de distinção social, demarcando nitidamente o universo dos senhores e dos escravos na sociedade luso-brasileira", de acordo com Schumaher & Brazil (*op cit*). De posse deste "privilégio" (a cor branca) ocupou não somente o lugar social de senhora de engenho, com acesso à educação, embora de forma limitada, mas também, ainda nas palavras destes pesquisadores, foi transgressora da lei masculina assumindo "papeis outros que não os habitualmente relegados às mulheres brancas" (*ibidem*), quais sejam: lavadeiras, quituteiras, tecelãs, operárias, doceiras, bordadeiras, prostitutas... Estas atividades, particularmente a prostituição, "além de não serem muito valorizadas, não eram muito bem-vistas socialmente", afirma Falci (2007, p. 241). As brancas pobres, a exemplo das indígenas e das negras, também roçavam. De enxada nas mãos, "protegida" pelos pais, irmãos e companheiros "faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher" (FALCI, 2007, p. 250).

Assim, até meados do século XIX, a situação vivenciada pela mulher branca brasileira "não era nada invejável", assegura Mott (1991, p. 18). E acrescenta, a mulher branca "vivia sob a autoridade do pai, do marido ou dos irmãos, sofrendo arbitrariedades e violências cotidianas". Ainda muito jovem, através de "um contrato de compra e venda", era "entregue ao marido", escolhido pelo seu tutor. Orientada a priorizar o bem estar do marido no casamento, ela, quando solteira, aprendia a cozinhar, lavar, passar, costurar, bordar, cantar e encantar. "A religião e a moral deveriam ser a base da educação da mulher a fim de que ela não se desviasse da virtude" (*ibidem*, p. 63-4). Ainda assim, a sua

participação política, no espaço público, foi marcante desde o início da colonização portuguesa.

Muitos foram os episódios na nossa história vivenciados por estas mulheres: indígenas, brancas e negras. No início do Século XVII, por exemplo, por ocasião da luta contra os holandeses, documentada tanto na Bahia quanto em Pernambuco, costumava-se ouvir os europeus fazerem a seguinte afirmação: *o baiano ao meio dia vira mulher*, como lembra Mott (1991, p. 13). A pesquisadora explica: "na hora do almoço, enquanto os maridos comiam, eram as mulheres baianas que lutavam contra os holandeses".

Saltando do Século XVII para o Século XIX, outro episódio marcante ocorreu no ano de 1875, na cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte. Ainda segundo Mott (1991),

> cerca de 300 mulheres 'do povo' saíram às ruas, armadas com facões e porretes, desafiando as autoridades e invadindo a Junta de Alistamento Militar, onde destruíram a documentação existente, devido a execução de um decreto que regulamentava o serviço do recrutamento 'de voluntários' para as forças armadas (p. 15).

Identificar, selecionar e nomear algumas dessas muitas mulheres – indígenas, negras e brancas – não é uma das tarefas mais simples, uma vez que a sua História não é narrada de modo claro e definido. Elas são múltiplas: escravas, operárias, sinhazinhas, burguesas, escritoras, donas de casa, professoras, parteiras, bóias-frias, cozinheiras, empresárias, artistas... Elas atuaram e atuam em todos os contextos sociais e em todos os campos profissionais. Ainda assim seus nomes praticamente não constam nos compêndios da História do Brasil, narrada por homens.

Elas são sujeitos construtores da História deste país, ainda que por décadas tenham permanecido no obscurantismo. A exemplo da atuação feminina na crise da mineração em fins do Século XVIII e início do XIX. Documentos históricos de Vila Rica registram que "do total de roceiros, lavradores e hortelões anotados pelo censo, encontraremos 51 mulheres para 27 homens", assegura Figueiredo (2007, p. 143).

Todos os nomes inscritos hoje na história das mulheres brasileiras são daquelas que "participaram dos grandes movimentos que revolucionaram a condição feminina no país". Muitas "ascenderam ao poder", outras "deixaram uma marca na luta política (das revoltas populares à luta armada)", e muitas outras foram "líderes sociais, vítimas da violência e transgressoras", afirmam Schumaher & Brazil (2000, p. 12-3).

Vítimas ou símbolos de resistência, na luta pela ampliação dos espaços de sobrevivência, elas sempre foram atuantes, tanto no âmbito privado como no âmbito

público. É preciso, pois, escrever a história das mulheres para fazê-las "existir, viver e ser", afirma Mary Del Priore, na apresentação da obra *História das mulheres no Brasil*, por ela organizada (2007, p. 09).

O fato é que a participação das mulheres nas práticas sociais e econômicas do Brasil revela o "contrário do que sempre pareceu constituir submissão e passividade". Portanto, não surpreende que "o avesso faça parte das percepções da moderna historiografia sobre as mulheres" (FIGUEIREDO, 2007, p. 184).

Se no passado as mulheres eram "imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas" (PERROT, 2007, p. 17), agora elas começam a escrever a sua própria história, desenvolvida à margem da história dos homens, uma vez que elas e eles, quase sempre, cultivam valores diferenciados.

4.3. O feminismo: uma prática de ação política organizada

O Século XVIII é lembrado como o século das revoluções – sociais, econômicas e políticas - motivadas pela Revolução Francesa (1789), o marco da História Moderna da nossa civilização. Instigadora de vários ideais revolucionários, no mundo Ocidental, a Revolução Francesa também foi o marco da revolução feminina, motivada pelo desejo de mudanças nas relações de gênero, até então estabelecidas. Os revolucionários ao defenderem a igualdade jurídica de todos os cidadãos, como base para o regime político da burguesia estratificada, possibilitaram o surgimento, inevitável, da questão da emancipação jurídica da mulher, cuja ausência de direitos contrasta com os fundamentos jurídicos da democracia. As mulheres atentas às conquistas pós revolucionária, "plantaram a semente do feminismo contemporâneo e entraram para a história", como lembram Albernaz & Longhi (2009, p. 78)

Procurando identificar, descrever e analisar as transformações ocorridas na sociedade Ocidental – *dos gregos a Freud* –, Laqueur (2001) argumenta a respeito da existência conflitante entre o modelo do sexo único e o modelo dos dois sexos. Este evidenciado a partir do Iluminismo e aquele, herdado dos gregos, versão predominante até o Século XVII.

O primeiro modelo – *o sexo único* – na concepção de Laqueur (2001), "apresentava o que já era muito evidente na cultura mais genérica: *o homem* é a medida de todas as coisas, e a mulher não existe como uma categoria distinta em termos ontológicos". Em

outras palavras, "o padrão do corpo humano e suas representações é o corpo masculino" (p. 75). Na perspectiva deste modelo, as mulheres teriam os seus órgãos semelhantes aos órgãos masculinos. A vagina é descrita como o pênis interno, os lábios como o prepúcio, o útero como o escroto e os ovários como os testículos. Sendo assim, as criaturas nascidas com pênis externos eram classificadas de meninos, categoria "superior", detentora de privilégios sociais. Por conseguinte, as meninas, consideradas uma categoria "inferior", nasciam com o pênis interno. Laqueur (2001, p. 08) admite que "ter ou não um pênis diz tudo em quase todas as circunstâncias". O pênis externo, portanto, era (acreditamos que ainda seja) "um símbolo de *status*" (p. 170).

Foi somente no Século XVIII, com a aceitação[37] do modelo dos *dois sexos*, instaurado pela ciência médica, que deixou de considerar o orgasmo feminino relevante para o processo de procriação, que, ainda de acordo com as pesquisas de Laqueur,

> os órgãos que tinham nomes associados – ovários e testículos – passaram a ser distinguidos em termos linguísticos. Os que não tinham nome específico – como a vagina – passaram a ter. As estruturas que eram consideradas comuns ao homem e à mulher – o esqueleto e o sistema nervoso – foram diferenciadas de modo que correspondessem ao homem e à mulher culturais (p. 189).

O corpo feminino deixa de ser uma versão "mal acabada" do corpo masculino (o modelo do sexo único) para tornar-se o seu oposto incomensurável (modelo dos dois sexos). Em princípio, o homem deixa de ser a medida de todas as coisas. Os órgãos reprodutores masculinos e femininos passam, a partir de então, a ser visualizados, interpretados e analisados sob uma nova ótica, solidamente baseada na natureza.

O orgasmo feminino deixa de ser considerado relevante à reprodução da espécie humana. Tal perspectiva torna-se o marco biológico do modelo dos dois sexos – promovendo um novo significado para o corpo feminino, tornando-o, ainda de acordo com Laqueur (2001), "o campo de batalha para redefinir a relação social antiga, íntima e fundamental entre o homem e a mulher" (p. 189-190).

O fato é que neste momento da história ocidental, o orgasmo, o prazer e a atração sexual tornaram-se tópicos de debates. Porém, a razão primeira de todas as discussões não tinha por objetivo nem a perspectiva de descobertas de novas teorias, nem o progresso científico. O que estava em jogo era a disputa pelo poder, entre homens e mulheres,

[37] Em vários momentos de sua obra Thomas Laqueur (2001) insiste em afirmar que "o modelo do sexo único não desapareceu" (p. 08); "o modelo do sexo único continuou a existir" (p. 190).

evidenciada por uma nova realidade sócio política. Assim, as diferenças anatômicas, fisiológicas e psicológicas da espécie humana tornaram-se politicamente importantes.

Aliás, tanto a longevidade milenar do sexo único, como as discussões ocorridas em torno do modelo dos dois sexos, a partir do Século XVIII, são motivadas por um ideal político, por conseguinte, estão ligadas às intermináveis lutas pelo poder entre homens e mulheres.

Reafirmamos, portanto, com base nos estudos de Laqueur (2001), que o corpo (masculino e/ou feminino) está "profundamente ligado aos significados culturais". Com base nesta evidência histórica, podemos declarar que o sexo, seja em um modelo (sexo único) ou no outro (dois sexos) é observado, discutido e interpretado "apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder" (p. 23).

Tanto é assim que, sob o lema Liberdade, Igualdade e Fraternidade, os revolucionários franceses tiveram ao seu lado a presença ativa das mulheres, como eles, defensoras dos ideais da revolução. No entanto, não demorou muito para que estas mulheres constatassem que elas não estavam incluídas nos projetos e atos públicos pós revolução. As conquistas políticas não beneficiam o sexo feminino. Reprimidas por um decreto de 1795, da Assembléia Nacional, elas foram novamente confinadas em seus domicílios. Aquelas flagradas "em número maior que cinco, serão dispersas por força das armas e presas até que a tranquilidade pública retorne a Paris" (ALVES & PITANGUY, 1985, p. 35).

As questões biológicas voltaram à tona. Aqueles contrários "a um crescente poder civil e privado das mulheres – na grande maioria homens articulados – criaram a evidência da inadequação física e mental das mulheres para esses avanços: seus corpos não eram adequados aos espaços quiméricos que a revolução abrira inadvertidamente", assinala Laqueur (2001, p. 242). A este propósito retomo as reflexões deste estudioso na seguinte afirmação: "Roussel, Moreau e Cabinis, os mais proeminentes antropólogos morais da Revolução Francesa, escreveram sobre questões de família e de gênero, argumentando que as diferenças corporais exigiam diferenças sociais e legais do novo Código" (p. 244).

Fica, dessa forma, mais uma vez declarada a "incapacidade" feminina para as questões públicas, com base em fatores biológicos. O espaço privado é cada vez mais enfatizado como o seu reduto. Um exemplo inquestionável deste discurso masculino, pode ser verificado nas palavras de Jean Jacques Rousseau, um dos principais ideólogos da Revolução:

> Toda a educação das mulheres deve ser relacionada ao homem. Agradá-los, ser-lhes útil, fazer-se amada e honrada por eles, educá-los quando jovens, cuidá-los quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida útil e agradável – são esses os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância (*apud* ALVES & PITANGUY, 1985, p. 35).

Conhecida por sua defesa aos ideais da revolução, entretanto, "sentindo-se profundamente decepcionada" com a exclusão da figura feminina das discussões e decisões públicas pós revolucionárias, Olympe de Gouges publica o texto intitulado – *Os direitos da Mulher e da Cidadã* (1791) – "parafraseando o discurso revolucionário":

> A mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos. (...) Esses direitos inalienáveis e naturais são: a liberdade, a propriedade, a segurança e sobretudo a resistência à opressão. (...) O exercício dos direitos naturais da mulher só encontra seus limites na tirania que o homem exerce sobre ela; essas limitações devem ser reformadas pelas leis da natureza e da razão (*apud* ALVES & PITANGUY, 1985, p. 33-4).

Uma outra voz feminina, entre muitas outras, contrária ao tal discurso masculino pós revolucionário, surge na Inglaterra: Mary Wollstonecraft. Autora do livro intitulado – *Defesa dos direitos da mulher* (1792) (*Vindication of the Rights of Woman*) –, composto em apenas seis semanas, ela se recusa a reconhecer a existência das "diferenças 'naturais' no caráter ou na inteligência de meninos e meninas". E assegura que "a inferioridade da mulher adviria unicamente de sua educação". Sua principal proposta é que "se ofereça às meninas idênticas oportunidades de formação intelectual e desenvolvimento físico que as existentes para os meninos" (*ibidem*, p. 36).

Estas são apenas duas entre as muitas e muitas outras vozes femininas que poderiam ser mencionadas por questionar e pôr em dúvida a veracidade do discurso masculino – sexista ou machista – a exemplo de Ann Hutchinson, Abigail Adams, Jeanne Deroin, Flora Tristan, Kate Millet, Juliet Mitchell, Virginia Woolf, Djuna Barnes, Isadora Duncan, Maria Izquierdo, Marguerite Yourcenar, Maria Zambrano, Heleieth Saffioti, Joan W. Scott, Julia Kristeva, Arlette Farge, George Sand (o pseudônimo masculino literário de Aurore Dupin, na tentativa de evitar que o preconceito a impedisse de ganhar a vida como escritora), Dorothy Sayers, Catharine MacKinnon, Alexandra Kollontai, Sojourner Truth, Patrícia Galvão (conhecida como Pagu, a jovem comunista de 25 anos que tornou-se a primeira mulher presa política no Brasil).

A uma voz, entretanto, gostaríamos de dar um destaque especial, nesta ocasião. Uma voz que, em abril de 1978, revelou desejar "ser conhecida por aqueles que jamais [a] tinham lido". E seu desejo concretizou-se. Ainda que muitos jamais tenham lido nenhum

de seus 23 livros publicados, possivelmente conhece a sua afirmação que se tornou ontológica: "*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*" (BEAUVOIR, 1975).

Esta declaração deixou de pertencer a Simone de Beauvoir. Ela pertence a todos – aquelas e aqueles – que, a exemplo dela, preferem "pensar na libertação das mulheres como algo que é, não apenas de seu próprio interesse, mas do 'interesse de todos' e, portanto, algo que deve ser-lhes concedido – deixá-las correr riscos" (AZERÊDO, 2007, p. 63).

Novelista por prazer, ensaísta por vocação, como enfatiza Robles (2006), Simone de Beauvoir "criou um universo que outras escritoras contemporâneas não conseguiram superar: viajou, ensinou, discutiu, escreveu, participou das mais importantes atividades políticas de esquerda e manteve um olho sempre alerta frente às mudanças" (p. 429).

Dizer que *não nascemos mulher, que nos tornaram mulher* é denunciar a falsa ideia de "naturalidade" nas relações de poder entre homens e mulheres. É denunciar a condição de alienadas imposta às mulheres pela sociedade machista camuflada no pseudônimo de sociedade conservadora. É denunciar a condição de subalterna imposta à mulher pela civilização, desde sempre. É denunciar os papeis que lhes são designados e aos quais ela tem que se submeter: mãe extremosa, esposa obediente e fiel, "rainha do lar", companheira abnegada... É denunciar "as raízes culturais de desigualdade sexual" (ALVES & PITANGUY, 1985, p. 51-2). É denunciar que "nada é natural nas diferenciações entre os sexos" (AZERÊDO, 2007, p. 64). É, enfim, denunciar, que mesmo no modelo dos dois sexos, isto é, a ideia de dois sexos biológicos distintos, tais diferenças só viriam confirmar "as supostas diferenças inatas entre homens e mulheres e a consequente necessidade de diferenciações sociais". Assim sendo, "a natureza já tinha se encarregado de postular a divisão e caberia à sociedade respeitá-la e promover um comportamento adequado" (ROHDEN, 2003, p. 203).

A diferenciação entre os sexos calcada na biologia – macho e fêmea – promoveu o surgimento de algumas dicotomias e a afirmação de outras, tais como: natureza e cultura, corpo e mente, público e privado, razão e emoção, vigor e fragilidade, superior e inferior, racional e irracional, ativo e passivo, fortaleza e delicadeza... Tais dicotomias delimitam fronteiras entre dominador e dominada, sujeito e assujeitada, algoz e vítima, carcereiro e prisioneira...

É também possível observarmos que os signos que descrevem a mulher carregam em si valores considerados em nossa sociedade como negativos. Todavia, os signos que

descrevem o homem são exatamente o contrário, ou seja, expandem valores positivos. Confirma-se, pois, a ideia de autoritarismo e assimetria nas relações de poder entre homens e mulheres, uma vez que elas ocupam o lugar d*o segundo sexo*.

Fica, assim, evidente, nas palavras de Alves & Pitanguy (1985, p. 55), que "o 'masculino' e o 'feminino' são criações culturais e, como tal, são comportamentos apreendidos através do processo de socialização que condiciona diferentemente os sexos para cumprirem funções sociais específicas a diversas".

Em síntese, as feministas sempre recorreram a Simone de Beauvoir, em seu texto clássico – *O segundo sexo* –, notável e original ensaio em dois tomos, no movimento de construção do conceito de gênero, uma vez que esse texto "assegurou rupturas entre o natural e o cultural no que se refere ao *estar no mundo* para as mulheres" (PEREIRA, 2004, p. 173-4).

4.4. A nova mulher: uma identidade emergente

Pela maneira como é descrito hoje, o feminismo parece um "movimento longínquo, personificado por radicais que queimavam sutiãs e combatiam, além dos homens, irrelevâncias como o batom e a depilação", afirma Góes (2010). Na realidade, de acordo com a jornalista e escritora, trata-se de "uma ação continuada, competente e internacional, que soube pôr no coração do poder questões cotidianas e urgentes para milhares de indivíduos que permaneciam invisíveis sem essa pressão" (p. 20).

As mulheres do Século XIX saíram do espaço privado e começaram a marcar presença no espaço público como trabalhadoras, sindicalistas, operárias etc. Organizaram-se em grupos comunitários, em pastorais, em movimentos de ocupação das terras, em grupos feministas e foram construindo não somente a sua própria história, como também a História do Brasil, entre derrotas e vitórias, individuais e coletivas.

No campo das vitórias coletivas, por exemplo, passaram a votar na década de trinta, chegaram às Universidades no Século XIX, entraram definitivamente para o mercado de trabalho por ocasião da II Guerra Mundial (1939-1945). No campo das vitórias individuais a grande batalha foi o autoconhecimento. Com o advento da pílula tornaram-se livres e conheceram o prazer. Balançaram as estruturas da aparente fortaleza dos machistas.

Superando desafios, começaram a "invadir" cada vez mais os espaços masculinos e tornaram-se empresárias, cientistas, atletas em todas as modalidades, juízas de futebol,

executivas, delegadas etc. Estão seguindo a carreira pública, a carreira militar, a carreira diplomática, a carreira jornalística, a carreira de motorista (caminhão, táxi, ônibus) etc.

E assim, a nova mulher, a nova identidade feminina, aquela que é dona de si mesma, responsável pelos seus atos, tem como grande desafio conciliar a família e a profissão. O eterno conflito entre o espaço público e o espaço privado. Com este cenário, os homens estão aprendendo a conviver com o sucesso profissional e financeiro das mulheres. Como também estão aprendendo que as tarefas domésticas já não podem ser distribuídas com tanta desigualdade.

A mulher hoje representa metade da mão de obra do mundo ocidental. No Brasil esta realidade atinge 42,2%. Hoje, ao menos teoricamente, "marido e mulher figuram lado a lado (cerca de 35% das famílias são chefiadas por uma mulher)" (GÓES, 2010, p. 18).

Elas já não estão mais omissas das discussões de caráter financeiro da família. E são as provedoras em muitos lares brasileiros. Homens e mulheres estão adaptando-se a esta nova realidade. O poder já não é mais somente masculino, o poder também é feminino.

Na expectativa de reconhecer esta nova mulher na cena humorística das piadas, entendemos que precisamos investir nos conhecimentos a respeito do humor, razão que justifica a produção do Capítulo V.

5. OS TEÓRICOS DO HUMOR

No início do Século XX, Henri Bergson escreveu um ensaio sobre o riso, que se tornou uma espécie de clássico na literatura filosófica sobre o tema. Nele, Bergson sugere que, para compreender o riso, é preciso que ele esteja no seu meio natural, ou seja, a sociedade. Por isso mesmo, torna-se necessário determinar uma função social para o riso. Procurando desvendar o significado do riso, Bergson termina estudando a comicidade das formas e dos movimentos em geral. Sentindo-se motivado, ele traça mais uma meta: buscar a comicidade nas ações e nas situações. Para entender o humor e o riso produzimos este capítulo a partir não somente das reflexões de Bergson (2007), como também dos estudos de Freud (2006) e de Saliba (2002).

5.1. Humor: na ótica da Filosofia

Henri-Louis Bergson (2007) dá início às suas reflexões a partir da seguinte afirmação: "Não há comicidade fora daquilo que é propriamente *humano*". Na verdade, Bergson está citando Aristóteles, quando este afirma ser "o homem o único animal que ri". O risível pode ser encontrado em muitas outras imagens que não a humana, entretanto, é a sua atitude e expressão humanas que lhes possibilitam esta característica. O riso, portanto, não é somente encontrado no homem ou com tudo aquilo que com ele se assemelha, como apenas o homem é capaz de rir. Esta certamente é a sua principal característica, porém não a única.

5.1.1. O automatismo: principal aliado dos efeitos cômicos

Ainda que provoque a sensibilidade daqueles que o experimentam, o riso é insensível e indiferente. (Sobre)vive na sociedade, seu meio natural. Quando provocado pelas ações e reações humanas, ele só se manifesta se tais atitudes ocorrerem ou de forma involuntária e inusitada, ou com certa *rigidez mecânica.* Neste caso, é possível afirmar que o riso será tão mais espontâneo, quanto mais natural for considerada a causa que o provocou (p. 09). "Para convencer-se, basta notar que uma personagem cômica geralmente é cômica na exata medida em que ela se ignora. O cômico é *inconsciente*" (p. 12). Logo, o indivíduo preocupado com a sua aparência nunca chegará a ser um bom cômico. Sebastião

Bernardes de Souza Prata (o Grande Otelo – 1915-1993), Dolores Gonçalves Costa (a Dercy Gonçalves – 1905-2008) e Lírio Mário da Costa (o Costinha – 1923-1995) são alguns dos bons exemplos possíveis de serem apontados no Brasil.

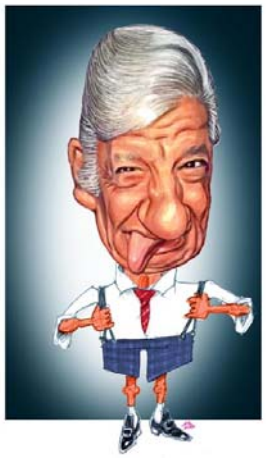
		
GRANDE OTELO	**DERCY GONÇALVES**	**COSTINHA**

Figura 1 – Cômicos brasileiros

Bergson nos convoca a observar a fisionomia cômica. Ela parece tramitar entre a fealdade e o ridículo, congelada numa expressão caricaturada, conforme as caricaturas acima reproduzidas. O estudioso não nega que a caricatura é uma arte que exagera, porém este não é o seu objetivo. Tanto assim é que "há caricaturas mais parecidas com o modelo do que o são os retratos, caricaturas nas quais o exagero mal é perceptível" (p. 19-20). E acrescenta Bergson, "nesse sentido, pode-se dizer que a própria natureza tem muitas vezes o sucesso de um caricaturista. Rimos então de um rosto que é em si mesmo, por assim dizer, sua própria caricatura" (*ibidem*).

"A lei fundamental da vida é jamais se repetir", afirma Bergson (p. 24). Entretanto, é possível verificarmos que alguns gestos são repetidos inconscientemente. E pela repetição tornam-se automáticos, gerando, assim, o efeito cômico provocador do riso involuntário. Os gestos mecânicos, segundo Bergson, tornam-se "estranho à nossa personalidade viva", por conseguinte, possíveis de ser copiados, imitados. Logo, imitar uma pessoa é "torná-la cômica, e não é de surpreender que a imitação provoque o riso" (*ibidem*).

5.1.2. Os procedimentos da comicidade:
repetição, inversão e interferência das séries

Sendo a comédia uma brincadeira que imita a vida, um dos seus procedimentos mais comuns é a repetição, seja de palavras, frases, ações ou situações. Nas palavras de Bergson, "uma combinação de circunstâncias que retorna tal qual, várias vezes, contrastando assim com o curso mutável da vida" (p. 66-7).

O procedimento da inversão coexiste com o procedimento da repetição. A cena cômica é obtida a partir da "inversão dos papéis e de uma situação que se volta contra quem a criou" (p. 70). Com a repetição a cena torna-se um modelo, que se repete nas situações às mais variadas, a exemplo da comédia pastelão, quase ingênua lembrando brincadeiras de crianças. São exemplos clássicos Charles Spencer Chaplin (o Carlitos – 1889-1977), a famosa dupla cômica – o Gordo e o Magro – formada pelo norte-americano Oliver Norvell Hardy Júnior (o Gordo – 1892-1957) e o britânico Artur Stanley Jefferson (o Magro – 1890-1965) e os Três Patetas personificados por Larry Fine (1902-1975)**,** Moe Howard (1897-1975) e Joseph Wardell, o verdadeiro nome de Curley Joe (1900-1993).

CARLITOS

O GORDO E O MAGRO

OS TRÊS PATETAS

Figura 2 – Os clássicos da Comédia Pastelão

No Brasil, um grupo que se destacou no procedimento da repetição e da inversão sem dúvida foi o quarteto denominado de os Trapalhões, na sua primeira formação: Didi Mocó (Antônio Renato Aragão – 1935), Dedé Santana (Manfried Sant'Anna – 1936), Mussum (Antônio Carlos Bernardes Gomes – 1941-1994) e Zacarias (Mauro Faccio Gonçalves – 1934-1990).

Figura 3 – Zacarias, Didi Mocó, Dedé e Mussum.

As cenas representadas, por todos estes comediantes mencionados, são tantas e tantas vezes repetidas, que, de acordo com Bergson, "tornam-se engraçadas por si mesma, independentemente das causas pelas quais nos fez achar graça" (p. 70).

No dizer de Bergson (2007), "*uma situação é sempre cômica quando pertence ao mesmo tempo a duas séries de acontecimentos absolutamente independentes e pode ser interpretada ao mesmo tempo em dois sentidos diferentes*"[38] (p. 71). Este é pois, o terceiro

[38] Ênfase do texto original.

procedimento da comicidade – a interferência das séries – é possível de ser observado nas piadas, quando ocorrem dos fenômenos da ambiguidade e da ironia, tratados no Capítulo VII, desta Tese. Entendemos o ponto de vista de Bergson, como dois sentidos possíveis para um mesmo enunciado que, na comédia, é responsável pelo efeito cômico e na piada pelo efeito humorístico.

Enquanto alguns personagens, na comédia, tomam conhecimento de apenas um desses sentidos (o sentido possível), o público induzido pelo desenrolar dos episódios cômicos toma conhecimento do outro sentido, entendido pelo estudioso como o sentido real. E Bergson acrescenta que vários foram os filósofos que "viram a própria essência da comicidade num choque, ou numa superposição, de dois juízos que se contradizem" (p. 72). Arriscamos afirmar que fatos semelhantes ocorrem com a piada. Na ótica do discurso humorístico, só um sentido é viável, aquele que acionará o gatilho do riso. Porém, na ótica do discurso (ou discursos) subjacente, aquele em geral politicamente incorreto, só é viável o sentido que insulta. Razão porque toda piada tem uma vítima, o objeto do risível.

5.1.3. O enunciado: espirituoso e cômico

Nos argumentos de Bergson (2007), a maioria dos efeitos cômicos são produzidos por meio da linguagem. Todavia, ele faz a distinção entre a comicidade expressa pela linguagem e a comicidade que a linguagem cria (p. 76). Este traço peculiar da comicidade seria responsável por outra distinção: o enunciado espirituoso e o enunciado cômico. Entretanto, essa não seria uma distinção fácil de fazer, daí Bergson encontrar a seguinte solução: o enunciado é "simplesmente risível" (p. 77).

Mas, embora admitindo a dificuldade desta distinção, Bergson (*op cit*) insiste em "determinar a relação geral entre o espirituoso e o cômico", procurando indicar o caminho a ser seguido para se entender a comicidade da linguagem (p. 81-2). Para ele, o enunciado espirituoso põe em cena não somente o indivíduo como as suas ideias. Razão por que o espirituoso é mais do que um sujeito engraçado, ele é percebido como um sujeito inteligente. A propósito, a declaração a seguir do ator Carlo Mossy (VEJA, 2007a, p. 55) nos parece ilustrativa para a posição de Bergson: "O Papa condena o segundo casamento porque é solteiro. Se fosse casado, condenaria o primeiro também".

O enunciado espirituoso é colocado em cena de "maneira tão discreta, leve e rápida que tudo já estará terminado quando começarmos a nos dar conta" (p. 79). Já o enunciado

cômico corresponde às ações e às situações. O sujeito cômico diz e faz o que não queria dizer nem fazer. Isto prova que a grande fonte da comicidade é a distração. Esta é "essencialmente risível" (p. 82). Tomemos como exemplo a fala do atual presidente brasileiro: "É a maior geladeira que já vi na vida". Do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na Antártica (VEJA, 2008a, p. 52).

Portanto, não são somente os gestos, as atitudes e as fisionomias que podem enrijecer-se, tornando-se, por conseguinte, cômicas. Também na linguagem é possível observar esse tipo de rigidez, que repercute em "fórmulas prontas e frases estereotipadas", pronunciadas automaticamente (BERGSON, 2008, p. 82-3). Vejamos, como exemplo, o bordão preferido do presidente brasileiro, hoje em exercício: "Nunca antes na história deste país...". O efeito jocoso é resultado, em geral, de "um absurdo manifesto, seja um erro grosseiro, seja sobretudo uma contradição em termos" (*op cit,* p. 83). O indivíduo que usa com frequência esse tipo de linguagem certamente é uma figura cômica, que "acaba caindo, por assim dizer, na armadilha de seu próprio discurso" (*op cit*, p. 87). Tanto é assim que o bordão preferido do presidente brasileiro, a que fizemos referência, é usado muitas vezes pelos seus conterrâneos com a finalidade de criticá-lo, a exemplo da frase proferida pela atriz Fernanda Paes Leme (VEJA, 2009, p. 172), tecendo comentário a respeito do apagão ocorrido em grande parte do país, em novembro de 2009: "Nunca antes na história deste país eu fiquei tanto tempo no escuro..."

Para Bergson (2007), a função do riso "sempre é um pouco humilhante para quem é seu objeto, o riso é de fato uma espécie de trote social", por conseguinte, com significado e alcance sociais. Logo, o prazer do riso não é desinteressado, ele oculta uma segunda intenção inconfessa de desdenhar. Razão por que "a comédia está bem mais perto da vida real que o drama" (p. 101-2).

Para este estudioso, muitas são as fraquezas humanas que podem tornar-se cômicas. E elas podem ser identificadas numa atitude, num gesto, numa situação, numa ação, numa palavra. E Bergson acrescenta que muitas vezes "não rimos apenas dos defeitos de nossos semelhantes, mas também, às vezes, [até mesmo] de suas qualidades" (p. 102-3).

Sendo os defeitos risíveis, a sociedade emoldura alguns tipos, os quais são muito bem representados no discurso humorístico brasileiro, assim como os alcoólatras, os homossexuais, a sogra, o homem traído pela companheira, os políticos etc. Em síntese, qualquer que seja o motivo, o fato é que o riso intimida humilhando. "Feito para humilhar, deve dar impressão penosa a pessoa que lhe é alvo" (BERGSON, 2007, p. 146).

5.2. Humor: na ótica da Psicanálise

O interesse teórico de Sigmund Schlomo Freud (2006) pelos chistes resultou na publicação, em 1905, de uma obra clássica – *Os chistes e sua relação com o inconsciente* –, uma presença constante na bibliografia daqueles que se propõem a estudar o humor, o riso, a piada. De princípio, achamos oportuno esclarecer o que entendemos por *chiste*.

O termo *Witz* é de "difícil tradução para o português, cujas raízes vamos encontrar no romantismo alemão, um movimento cultural e artístico do qual Freud foi herdeiro confesso" (SLAVUTZKY & KUPERMANN, 2005, p. 07). Na tradução, os holandeses preferiram *mop*, os ingleses adotaram *wit*, os franceses optaram por *esprit*, para nós espírito. Na edição brasileira foi traduzido como *chiste*, entretanto, por ser um termo com o qual "temos pouca intimidade" (*ibidem*), alguns estudiosos preferem nomear de *anedota*, outros como *piada*, e outros ainda usam um termo pelo outro, sem nenhuma distinção, tal como neste trabalho. O novo termo – *Witz* – surgido no final do séc XVIII não designa um fenômeno novo (BREMMER & ROODENBURG, 2000, p. 14). Este, o fenômeno, tem sua existência já documentada no Século XI, documentado no livro de contos anedóticos intitulado *Philogelos: the laugh addict* (Philogelos: o viciado em riso).

Em 1905, Freud (2006) dava um depoimento que é válido até hoje: poucos eram os estudiosos que se voltavam verdadeiramente para as questões dos *chistes* (ou piadas). E que até mesmo na obra destes estudiosos "o interesse principal da investigação" é atraído para as questões de humor e/ou comicidade (p. 17). Esta é uma afirmação facilmente comprovada em pesquisas realizadas em todo o país. Os chistes são tratados em conexão com o cômico. E são entendidos como "qualquer evocação consciente e bem-sucedida do que seja cômico" (*ibidem*). Tendo a manifestação ou traço de feiúra como seu principal foco, a comicidade traz à luz o que está oculto. E, assim, nasce a caricatura; lembrando Bergson, a imagem fixa, permanente, sem vida, a exemplo, nas piadas brasileiras, da *sogra*, não somente uma figura feia, lembrando as bruxas dos contos de fadas, como uma pessoa de temperamento acre, perversa, enfim, a megera.

É bem verdade que o interesse de Freud, comentado a seguir, é bem diferente do aqui estudado. Para ele, o chiste é indício do trabalho do inconsciente, assim como os sonhos. Freud busca o processo de formação dos chistes, para entender o processo que ocorre quando o indivíduo sonha. Nós buscamos o processo de interpretação das piadas, na expectativa de entender como ocorre o processo e permanência dos estereótipos.

O objetivo de Freud (2006) era investigar o processo (ou técnica) de formação dos chistes. Para tanto, ele apresenta como ponto de partida alguns fenômenos particularmente formais. A palavra é "reconhecida como plena de sentido"; um "veículo do efeito compelidor do riso no chiste" (p. 28). Para confirmar os seus argumentos, ele comenta e exemplifica alguns casos defendendo que é "na forma, na verbalização" que reconhecemos um chiste. O estudioso se propõe, então, a esclarecer em que consistem as técnicas de formação dos chistes: da condensação, formação e modificação de palavras; do múltiplo uso do mesmo material; do duplo sentido; do trocadilho; do deslocamento; do raciocínio falho; dos chistes absurdos (o sentido *nonsense*); da resposta pronta; da ironia. Nesta técnica, nos termos de Freud, a ironia é representada pelo seu contrário, pelo seu oposto. Porém, o estudioso faz um alerta: "algo há que não devemos desconsiderar: essa técnica não é um absoluto peculiar aos chistes" (p. 76).

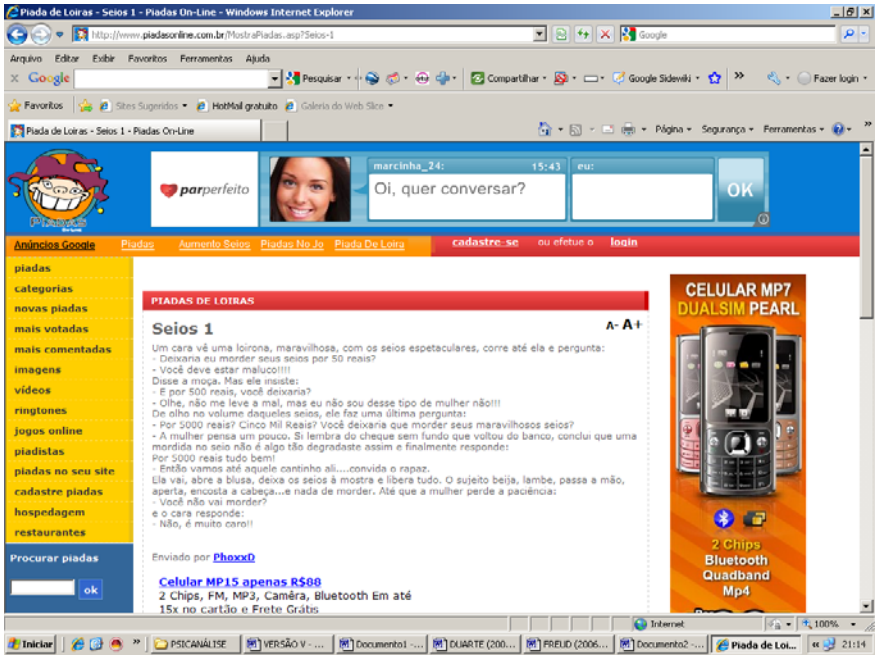
As técnicas de formação dos chistes "evocam um sentimento de prazer no ouvinte", ainda que não tenhamos "a mínima ideia de como tal poder é adquirido" (p. 95). Mesmo assim, podemos afirmar que "a atividade chistosa não deve ser descrita como inútil ou desinteressada, já que tem o propósito inequívoco de suscitar prazer em seus ouvintes" (p. 96).

5.2.1. Chistes não tendenciosos *vs*. Chistes tendenciosos

Para os chistes serem entendidos como não tendenciosos (os abstratos, inocentes ou triviais) e tendenciosos (os chistes hostis ou obscenos) depende muito mais da reação dos seus ouvintes/leitores do que do próprio chiste. "Em um caso, o chiste é um fim em si mesmo [chistes não tendenciosos], em outro caso, o chiste serve a um fim – torna-se *tendencioso*" (FREUD, 2006, p. 91). Com base nesta reflexão, Freud vai "tentar esclarecer a questão de quais são os propósitos dos chistes e de como estes servem a tais propósitos" (p. 97). Para tanto, procura refletir sobre o prazer provocado pelos chistes tendenciosos e pelos não tendenciosos. Estes, de acordo com o pesquisador, dificilmente provocam uma explosão de riso, enquanto que aqueles são fontes de muito prazer, por isso mesmo, são tidos como irresistíveis, podendo servir a dois propósitos: "ou será um chiste *hostil* (servindo ao propósito de agressividade, sátira ou defesa) ou um chiste *obsceno* (servindo ao propósito de desnudamento)" (*ibidem*).

Freud volta-se, em primeiro lugar, para os chistes desnudadores – um caso marginal de chiste – ainda que estes sejam "muito mais raramente julgados dignos de investigação, como se a aversão com que se os encara já se tivesse transferido para a discussão" (*ibidem*). Apresentando, quase sempre, uma linguagem pornográfica (*smut*), tais chistes, de acordo com Freud, são motivados pelo "desejo de ver desmascarado o que é sexual" (p. 98). A tese de Freud é que aquele que ri do *smut* (da pornografia) o faz "como se fora espectador de um ato de agressão sexual" (*ibidem*). Razão porque tais chistes, ainda na perspectiva freudiana, são muito mais da preferência masculina do que da preferência feminina, com exceções, evidentemente. Tal preferência explica-se, em nossa leitura, porque a vítima desta categoria de piadas é sempre, arriscamos a fazer esta afirmação, a mulher. Assim sendo, tal piada não pode lhe causar prazer, muito pelo contrário, trata-se de uma violência verbal, além de fomentar o estereótipo da "puta". Pela maior oferta, a mulher venderia o seu corpo.

Vejamos os Exemplos (16 e 17), a seguir, quando a mesma cena do cotidiano é apresentada em duas versões, ratificando o que aqui já foi afirmado, ou seja, que as piadas se repetem ou se "renovam" através de paráfrases.



⇨ Exemplo 16 – Seios 1 – Acesso em 28.08.2009
Disponível em
http://www.piadasonline.com.br/MostraPiadas.asp?Seios-1

Seios 1

Um cara vê uma loirona, maravilhosa, com os seios espetaculares, corre até ela e pergunta:
- Deixaria eu morder seus seios por 50 reais?
- Você deve estar maluco!!!!
Disse a moça. Mas ele insiste:
- E por 500 reais, você deixaria?
- Olhe, não me leve a mal, mas eu não sou desse tipo de mulher não!!!
De olho no volume daqueles seios, ele faz uma última pergunta:
- Por 5000 reais? Cinco Mil Reais? Você deixaria que morder seus maravilhosos seios?
- A mulher pensa um pouco. Si lembra do cheque sem fundo que voltou do banco, conclui que uma mordida no seio não é algo tão degradaste assim e finalmente responde:
Por 5000 reais tudo bem!
- Então vamos até aquele cantinho ali....convida o rapaz.
Ela vai, abre a blusa, deixa os seios à mostra e libera tudo. O sujeito beija, lambe, passa a mão, aperta, encosta a cabeça...e nada de morder. Até que a mulher perde a paciência:
- Você não vai morder?
e o cara responde:
- Não, é muito caro!!

⇨ Exemplo 16: Reprodução

Vejamos o Exemplo (17), a seguir, para melhor observar o que há de comum nas duas versões, além de serem piadas, naturalmente?

⇨ Exemplo 17 – Piadas de Loiras – Acesso em 28.08.2009
Disponível em
http://www.orapois.com.br/humor/piadas/piadas-de-loiras/na-movimentada-rua-do_id30790_p0_mc0.html

Piadas de Loiras

< anterior | próxima > | outra | outra qualquer

Na Movimentada Rua Do. . .

Na movimentada rua do centro da cidade, um executivo impecavelmente vestido e de aspecto sério e correto aborda uma belíssima loira, muito elegante, bonita e dona de um perfeito par de peitos.

- Com licença, você permitiria que eu mordesse seus seios por cem Reais?

- Mas você está louco! - Indigna-se a mulher, e apressa o passo para se afastar.

- Eu ofereço mil Reais! - Diz o homem, pegando a moça pelo braço.

- Seu tarado, me solte ou eu chamo a polícia! - Grita a mulher, e finalmente consegue se livrar do sujeito.

Cem metros na frente, porém, o executivo aparece inesperadamente e se ajoelha à frente da mulher e lhe diz:

- Eu lhe dou cinco mil Reais, mas por favor, permita-me morder seus seios!

A oferta é tão tentadora que, após pensar por alguns segundos, a mulher aceita. Os dois vão até o escritório do executivo e após trancarem-se na sala dele, a loira abre a blusa e coloca os peitos para fora. Fascinado, o executivo beija, alisa, passa a mão suavemente, beija novamente e até mesmo lambe os belos seios da moça. Ao final, diz:

- Obrigado, pode fechar a blusa e se retirar!

- Mas. . . E os cinco mil Reais? - Pergunta a moça, perplexa.

- Isso era para morder os peitos e eu não mordi!

⇨ Exemplo 17: Reprodução.

Podemos observar duas personagens: um homem e uma mulher. No imaginário coletivo, ambos são jovens e belos, ainda que não haja descrição alguma do corpo masculino (“convida o rapaz”, “executivo impecavelmente vestido”). O corpo feminino, objeto de atenção e desejo, representa o ideal masculino: pele alva (“belíssima loira”, “loirona maravilhosa”) e seios perfeitos (“belos”, “espetaculares”, “maravilhosos”).

Nos dois exemplos, as loiras, em um primeiro momento, abordadas por estranhos em plena via pública e destes recebendo uma proposta indecente reagem indignadas. Diante de uma primeira recusa os homens não desistem e insistem com argumentos mais persuasivos. E percebem que as loiras, ainda que se negando a fazer o que lhes foi solicitado, já não aparentam tanta resistência. Eles concluem que, com um pouco mais de habilidade, obterão o que pretendem. E fazem a proposta que parece irrecusável. As loiras, ainda perplexas diante da situação inusitada, não mais resistindo às tentativas, cedem aos desejos masculino e dão uma resposta favorável. Negociam seus corpos... prostituem-se.

As duas piadas, que na essência é uma só, permitem fazer-se a distinção entre a identidade do macho dominador (o caçador) e a identidade da fêmea submissa (a caça) aos desejos daquele, dependente, incapaz de se colocar como sujeito. Nesta perspectiva, as duas narrativas parecem confirmar a tese freudiana. "A inflexibilidade da mulher é a primeira condição para o desenvolvimento do *smut*[39] embora isso pareça implicar meramente em um adiamento não indicando que os esforços ulteriores sejam vãos" (FREUD, 2006, p. 99).

A linguagem obscena e pornográfica, *smut* para Freud (2006), identificada nestas piadas, provoca, de acordo com este estudioso, um certo desnudamento da pessoa alvo da piada (no caso a mulher). O ouvinte/leitor "é compelido a imaginar a parte do corpo ou o procedimento em questão, ao mesmo tempo que lhe é mostrado o que o assediante, ele próprio, está imaginando" (p. 98). Em outros termos, tais piadas representam e expõem alguns comportamentos sociais.

Ainda refletindo sobre o chiste tendencioso, Freud afirma que este exige três pessoas[40]: a primeira, aquela que produz o chiste, "uma segunda que é tomada como objeto da agressividade hostil ou sexual e uma terceira na qual se cumpre o objetivo do chiste a produzir prazer" (p. 100). E acrescenta que "o enunciado indecente proporciona prazer à primeira pessoa e riso à terceira" (*ibidem*), e, possivelmente, mal-estar, incômodo, à segunda. Através dos Exemplos (16 e 17) é possível perceber "o que é que os chistes executam a serviço de seu propósito" (p. 101).

Freud, portanto, confirma a sua hipótese, qual seja "os chistes tendenciosos têm a seu dispor fontes de prazer além daquelas abertas aos chistes inocentes [não tendenciosos], nos quais todo o prazer está de algum modo vinculado à técnica" (p. 101-2). Quanto aos chistes tendenciosos "parte do prazer procede das fontes de sua técnica e parte deriva de seu propósito" (p. 102). As piadas obscenas podem até ser desprezadas pelo rigor da moralidade e dos bons costumes, mas faz "imenso sucesso em provocar o riso" (*ibidem*).

Para Freud (2006), os chistes tendenciosos estão a serviço de propósitos hostis. Todavia, ele reconhece que os impulsos hostis fazem parte da natureza humana.

[39] "(*Smut*: decidimos deixar em inglês a palavra porque não encontramos uma expressão portuguesa correspondente. Literalmente, significa 'fuligem'; no presente emprego, em sentido figurado, significa 'pornografia'. N. do T. bras.)" (FREUD, 2006, p. 98).

[40] Acreditamos que estas três pessoas não é uma particularidade dos chistes tendenciosos, é, de fato, uma exigência generalizada, ou seja, para todos os chistes.

Entretanto, desde a mais tenra idade somos educados a controlar estes impulsos. "Aprendemos que o uso de uma linguagem abusiva[41] é indigno" (p. 102). Porém, como esta herança para a hostilidade, para a agressividade fica apenas adormecida, "desenvolvemos uma nova técnica" – a piada –, contra o nosso *inimigo*. Tornando-o "pequeno, inferior, desprezível ou cômico, conseguimos, por linhas transversas, o prazer de vencê-lo – fato que a terceira pessoa, que não dispendeu nenhum esforço, testemunha por seu riso" (p. 103). Tais chistes são usados não somente para agredir "pessoas em posições elevadas, que reivindicam o exercício da autoridade", a pessoa do Presidente da República, por exemplo; como, também, algumas instituições, a exemplo da política, da religião, da escola, do casamento; ou, ainda, para denegrir a imagem de "pessoas indefesas", tais como idosos, loucos, caipiras, mulheres. (p. 104).

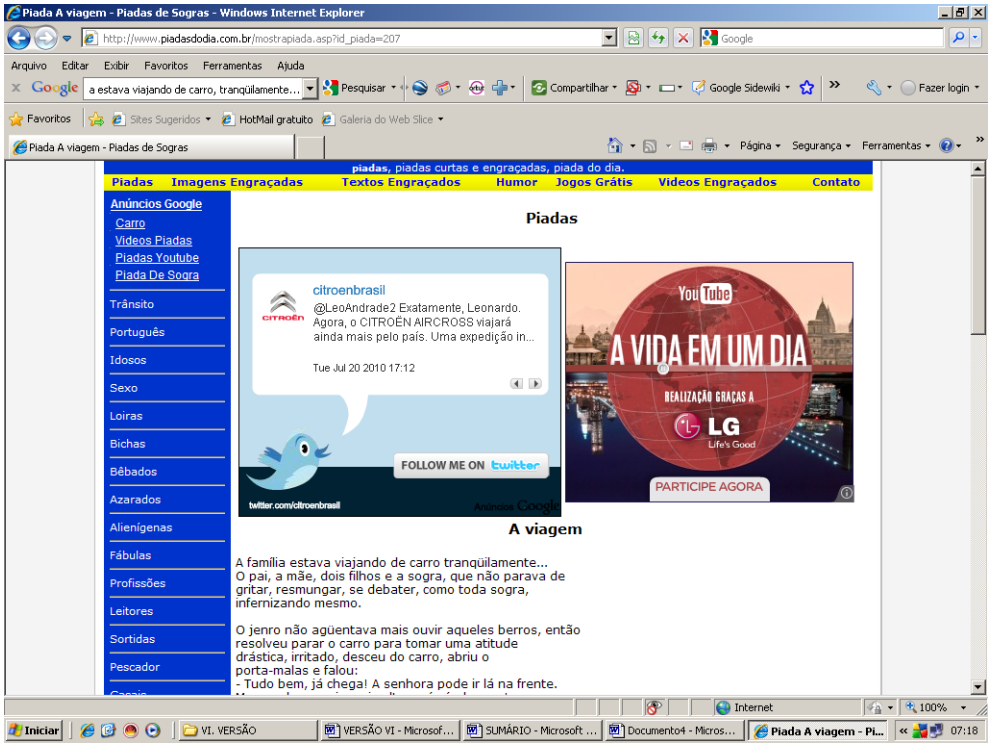
Freud considera tais chistes como cínicos, ainda que estes tentem disfarçar tal atitude cínica, reveladora de descaso pelas convenções sociais e pela moral vigente (p. 109).

Freud (2006) destaca especialmente que

> entre as instituições habitualmente atacadas pelos chistes cínicos, nenhuma é mais importante, mais estritamente guardada pelos códigos morais e ao mesmo tempo mais convidativa a um ataque, que **a instituição do casamento**[42], à qual, pois, se dirige a maioria dos chistes cínicos. Não existe reivindicação mais pessoal que a da liberdade sexual e em nenhum outro ponto a civilização exerceu supressão mais severa que na esfera da sexualidade (p. 109).

A crítica rebelde, agressiva, hostil, ameaçadora também é favorável à criação de chistes tendenciosos dirigida contra o "sujeito enquanto uma pessoa coletiva" (p. 110), a exemplo do louco, do homossexual, do negro, do português, da mulher. Esta representada, nas piadas, pelas figuras cômicas da loira burra e sexy, da esposa infiel e da sogra megera, transformadas em alvos favoritos do riso, pelo menos no Brasil. Vejamos o Exemplo (18), a seguir:

[41] Entendemos que a expressão "linguagem abusiva" tem a ver com as palavras tabu (*porra, puta, foder* etc.), as quais já não têm mais o peso que tinham nos anos de 1970, por exemplo.
[42] Grifo nosso.



⇨ Exemplo 18 – A viagem – Acesso em 01.04.2009
Disponível em
http://www.piadasdodia.com.br/mostrapiada.asp?id_piada=207

Piadas

A viagem

A família estava viajando de carro tranqüilamente...
O pai, a mãe, dois filhos e a sogra, que não parava de gritar, resmungar, se debater, como toda sogra, infernizando mesmo.

O jenro não agüentava mais ouvir aqueles berros, então resolveu parar o carro para tomar uma atitude drástica, irritado, desceu do carro, abriu o porta-malas e falou:
- Tudo bem, já chega! A senhora pode ir lá na frente.
Mas se der um pio, vai voltar prá cá, denovo!

⇨ Exemplo 18: Reprodução.

Em um primeiro momento, o leitor/ouvinte é levado a atribuir a "tranquilidade" da viagem a "ausência da sogra". Este é o primeiro equívoco: a sogra está presente. E de acordo com o imaginário coletivo ela está transformando a viagem da família num verdadeiro caos. O segundo equívoco, aquele provocador do riso, é a constatação de que ela – a sogra – encontra-se debatendo-se no porta-malas do carro. Muitos (e muitas,

principalmente) haverão de concordar que possivelmente o porta-malas é o lugar mais adequado para uma figura quando não negativa é, no mínimo, ridícula. Poucos (não correndo o risco de dizer "ninguém") haverão de vê-la como vítima. O fato é que as sogras são percebidas como maníacas, autoritárias, indiscretas, intrometidas, superprotetoras, megeras, bruxas... O que não impede que haja uma única exceção, pelo menos na concepção do genro: "A sogra da minha mulher é gente fina!"

Na concepção de Collange (2001), com a qual concordamos, sogra é uma "raça amaldiçoada". E ela justifica seu ponto de vista: "Quando classificamos uma pessoa em uma determinada categoria, sem levar em conta sua individualidade, isto é racismo" (p. 20).

5.2.2. Os chistes: o curso do seu desenvolvimento

Na concepção de Freud (2006), "antes que tal coisa seja um chiste existe apenas aquilo que podemos descrever como 'jogo' ou como 'gracejo'" (p. 124). No jogo das palavras e dos pensamentos – o primeiro estágio dos chistes - "as combinações sem sentido de palavras ou as absurdas reuniões de pensamentos devem, não obstante, ter um sentido" (p. 125). Com isto surge o segundo estágio preliminar dos chistes – o gracejo –, entendido como o prolongamento do prazer resultante do jogo.

"Nos gracejos o que figura em primeiro plano é a satisfação de ter tornado possível e que era proibido pela crítica" (p. 126). Nesta perspectiva, podemos afirmar que a vigilância do politicamente correto, no que diz respeito ao discurso humorístico, é utópica. Observamos com maior clareza a insensatez do discurso sexista e de outros discursos preconceituosos estudando as piadas do que analisando um documentário... politicamente correto. Isto porque o humor é por natureza ofensivo, é despido de emoções fraternas, é humilhante para quem é o alvo do riso. Ainda assim, não temos o hábito de acharmos erro naquilo que nos diverte, porque não queremos desperdiçar essa fonte de prazer (p. 128).

Ainda que tenha adotado em suas reflexões a natureza dicotômica dos chistes (tendenciosos e não tendenciosos), Freud reconhece que "apenas os gracejos são não tendenciosos – isto é, servem exclusivamente ao propósito de produzir prazer". Quanto aos chistes, estes "superam as inibições da vergonha e da respeitabilidade", "subvertem o julgamento crítico", "despedaçam o respeito pelas instituições", "liberaram prazer pelo descarte das inibições" (p. 129-30). O chiste torna o insulto possível. E é somente nestas

circunstâncias que os chistes provocam a melhor das gargalhadas. Logo, os chistes são munidos de poder. Sendo assim, os chistes "permanecem fiéis a sua natureza essencial", ou seja, derivar da dúplice raiz do prazer. O livre jogo com as palavras e do livre jogo com os pensamentos, que "corresponde a muito importante distinção entre chistes verbais e conceptuais" (p. 133-4).

Logo, dizer que os chistes objetivam o prazer que se concretiza no riso, na gargalhada, é dizer o óbvio. Entretanto, não devemos admitir que este seja seu único objetivo; o que significa dizer que "não podemos excluir a possibilidade de que a produção dos chistes também partilhe outros motivos" (FREUD, 2006, p. 135). Também não há novidade alguma em se afirmar que a grande maioria dos chistes circula anonimamente. Entretanto, Freud (*op cit*) aponta uma questão pouco explorada pelos estudiosos contemporâneos do mesmo tema, que o sucederam: "ninguém se contenta em fazer um chiste apenas para si" (p. 138). Possivelmente, temos aqui o principal diferenciador dos dois gêneros: o chiste e a comédia. Partilhar o cômico com mais alguém, é sem dúvida uma experiência prazerosa, porém, não se trata de uma solicitação peremptória. Diferentemente do chiste, cuja natureza exige ser compartilhado com mais alguém. Uma outra particularidade contribui para a distinção dos dois gêneros. Alguém, ao produzir um texto cômico, pode rir, até mesmo gargalhar sozinho. O mesmo não ocorre com o chiste.

Freud argumenta que o grande diferenciador está nos participantes de um e do outro gênero. Enquanto o cômico se satisfaz com duas pessoas – "o eu e a pessoa que é o objeto, uma terceira pessoa pode intervir mas não é essencial" – o chiste no estágio inicial, ou seja, do jogo das palavras e do pensamento (o momento da criação), dispensa uma terceira pessoa, porém, no estágio preliminar, do gracejo, exige uma outra pessoa com quem compartilhar. Para Freud, o processo psíquico nos chistes ocorre entre três pessoas: a primeira, a pessoa do piadista; a segunda, a pessoa alvo do chiste e a terceira a pessoa do ouvinte/leitor, aquela responsável por indicar o sucesso ou insucesso da piada. Enquanto que o processo psíquico do cômico pode ou não ocorrer entre três pessoas. Isto é, duas pessoas são suficientes: a pessoa do comediante e a pessoa objeto ou alvo, ou seja, "a pessoa em quem constato algo de cômico" (p. 138-9).

No caso dos chistes, a segunda pessoa só consegue "confirmar o sucesso de um gracejo na liberação do prazer verbal", se a terceira pessoa do gracejo lhe for indiferente. Só assim a cumplicidade será mantida. Outros fatores também são exigidos da terceira pessoa. Esta "deve estar em um estado de ânimo eufórico", não podendo manter nenhum

sentimento que se oponha ao(s) propósito(s) do chiste. O sucesso do chiste só será confirmado se o prazer por ele produzido seja mais evidente no ouvinte/leitor do que no piadista. Portanto, o piadista utiliza-se de uma segunda pessoa para suscitar meu próprio prazer, sendo possível observarmos que "a pessoa que começou a contar o chiste, com a face séria, reúne-se depois à gargalhada do outro com um riso moderado" (p. 149)

Assim, de acordo com Freud (2006, p. 144-7), algumas condições são favoráveis para o sucesso da piada. É essencial que o piadista e o ouvinte/leitor estejam em completa sintonia. Toda piada de acordo com os seus propósitos exige um público particular. E, por fim, seguir as orientações do método: "(a) tentar abreviar sua expressão tanto quanto possível, (b) observar a condição de facilidade de entendimento e (c) empregar o artifício de distrair a atenção". O contador de piadas – anônimo ou profissional – busca no ouvinte/leitor a certeza do sucesso de sua piada, o seu próprio prazer pela reação que provocou e a compensação da perda de prazer causada por uma piada para ele já bem conhecida.

5.3. Humor: na ótica da História

Uma vez que, na opinião de Minois (2003, p. 79), "a primeira qualidade do humor é precisamente escapar a todas as definições", não tentaremos aqui formular uma, mas procuraremos ter uma visão panorâmica da história do humor que se confunde com a história do riso. Afinal, partimos do princípio de que não temos o humor, temos "uma multiplicidade de humor, em todos os tempos e em todos os lugares" (*ibidem*).

Muitos dos dilemas humanos de cada época podem ser revelados pelo humor. Este pode ser entendido como "a chave para a compreensão dos códigos culturais", na opinião de Bremmer & Roodenburg (2000, p. 11), ainda que a sua noção moderna seja relativamente nova.

Na Antiguidade Clássica, acreditava-se que quatro eram os elementos fundamentais do universo: água, terra, fogo e ar. Por analogia, os estados de todas as coisas eram igualmente quatro: seco, frio, quente e úmido. O mesmo ocorria com o corpo humano: o sangue, originário do coração; a fleuma, radicada no cérebro; a bílis amarela, segregada pelo fígado; a bílis negra, produzida pelo baço. Nesta perspectiva equivale a substância líquida ou semilíquida. Em consequência de tal concepção, foram formulados quatro tipos de caráter: sanguíneo (comunicativo, entusiasta, volúvel, impulsivo), fleumático

(indolente, apático, frio, impassível), bilioso (melancólico) atrabiliário (atrapalhado, hipocondríaco). Tal doutrina, denominada humorismo, foi formulada pelo pai da medicina, o médico grego Hipócrates, e vigorou durante vários anos (SILVA, 2004a, p. 433).

Para Hipócrates e Praxágoras, o equilíbrio dos humores seria responsável pelo equilíbrio vital. O termo humor estaria relacionado ao comportamento do indivíduo, seu estado emocional ou estado de espírito. Daí possivelmente advém a ideia de espirituosidade. O indivíduo espirituoso é aquele que é inteligentemente engraçado, explorando o absurdo e o *nonsense* com perspicácia e lucidez.

Nos textos produzidos na Antiguidade, "os termos que aqui equivalem a 'risível' são *geloion*, em grego e *ridiculum*, em latim. Em alemão, é expresso por duas palavras: *Komik* e *Witz* – aquilo que se entende por cômico em geral. O termo grego e, especialmente, o latino são algumas vezes traduzidos por 'ridículo'", sem nenhuma conotação negativa, afirma Alberti (1999, p. 39).

"Cícero é também uma importante fonte do vocabulário romano do humor, afirmam Bremmer & Roodenburg (2000, p. 17). "Embora os romanos tenham usado vários termos sem muita coerência", informam os estudiosos, "é possível fazer alguma diferenciação". Vejamos alguns exemplos, "*facetiae*, 'dito espirituoso' ou 'piada', normalmente contrasta com *gravitas*, 'gravidade', 'respeitabilidade', ao passo que o menos elegante *jocus*, que Quintiliano opõe a *serium*, significa 'piada' e também 'zombaria'" (*ibidem*). Logo, nesta última perspectiva a piada não séria, ou seja, um gênero que não deve ser levado a sério. Mas, tratar de alguns temas materializados neste gênero, defendemos que é "coisa" séria.

Foi somente no Século XVI, a partir de 1565, que o termo *humor* passou a ser usado como uma "forma singular de fazer ou dizer qualquer coisa, peculiar e natural de um só homem, em que o seu discurso e ações são diferentes dos outros homens" (Con gre ve, W. Brief an Dennis, in: Spin garn, J. E.: Critical essays of the 17th Century 3 [Oxford, 1908/09] 248)[43] (ZILLES, 2003, p. 84). Simplificando, o termo espalhou-se por diversas línguas designando "atitude de ironia e riso diante do mundo" (SILVA, *op cit*). Lorde Shaftesbury, em 1709, foi um dos primeiros escritores a empregar o termo com a atual acepção.

[43] A partir do século XVI, o termo é usado como "a singular and una voi da ble manner of doing or saying any thing, Peculiar and Natural to one man only, by which his speech and actions are distinguished from those of other men" (Con gre ve, W. Brief an Dennis, in: Spin garn, J. E.: Critical essays of the 17th Century 3 [Oxford, 1908/09] 248).

A Inglaterra desde então passou a ser considerada a pátria do humor, porque, de acordo com Zilles (2003), "os ingleses cultivam o jogo do permanente equilíbrio entre excentricidade e bom senso, compromisso e revolta, sorriso e amargura". O humor, continua o estudioso, "integra o estilo de vida dos ingleses" (p. 84). No Século XIX, com o surgimento do romantismo alemão, que "defende a libertação total do eu como entidade independente e infinita", a função do humor é "atingir a harmonia universal" (*ibidem*).

Ainda que se faça uma relação entre bom humor e espirituosidade, o humorista não deve ser confundido com o espirituoso. São sujeitos distintos, ainda que possamos encontrar um humorista-espirituoso ou um espirituoso-humorista. Na concepção atual, o espirituoso é o indivíduo que tem sempre uma resposta pronta, sendo em geral irônica. Isto, entretanto, não faz dele um humorista.

Para Zilles (2003, p. 88), "espirituosidade e piadas podem aprender-se. O humor não se aprende. O humor é um processo de amadurecimento". Este estudioso defende que o humorista autêntico geralmente é um sujeito popular, muito comum entre aqueles de mais idade.

Relacionar o humor e o riso à cultura popular é uma tese difundida no estudo de Bakhtin sobre Rabelais e sua interpretação da cultura popular como a cultura do riso. Mas, esta proposta não é acatada por alguns historiadores a exemplo de Aaron Gurevich (citado por BREMMER & ROODENBURG, 2000, p. 19) que foi influenciado pelas ideias bakhtinianas, ao mesmo tempo que se contrapôs a algumas delas. Gurevich não concorda com a oposição entre cultura erudita e cultura popular proposta por Bakhtin. Estudos recentes confirmaram que "foi a elite que mais desfrutou do material humorístico" e que "muitos intelectuais condenaram os livros de piadas" e se assim o fizeram "frequentemente revelavam profundo conhecimento do gênero" (*ibidem*).

5.3.1. O homem: mortal e ridente

O homem, o único ser ridente, também é o único que tem consciência de que vai morrer. Será que o riso não existe exatamente para consolá-lo dessa amarga certeza? Essa é uma das importantes questões levantadas pelo historiador Georges Minois (2003, p. 51-3). O tema da velhice, observado através das lentes do humor, é bem significativo, merecendo um breve comentário. A velhice dá medo porque ela nos aproxima do momento fatal: a morte, tornando vão todo e qualquer projeto. Razão porque, de acordo com Sófocles,

citado por Minois, “a velhice [é] odiosa, inabordável, sem amigos e que resume nela todos os males”. Portanto, a velhice dá medo, mas esse medo pode ser aliviado através do riso, do bom humor. “O riso e o medo estão intimamente ligados”, afirma Minois (2003, p. 563). O riso nos permite suportar essa condição de ser mortal. E ninguém melhor do que o indivíduo da terceira idade, ironicamente nomeada de “melhor idade”, para ter consciência dessa única certeza do homem. Isto justificaria, talvez, a tese de Zilles (2003, p. 87), “o humor não é um privilégio da juventude. É uma força da maturidade”. Cremos que a piada a seguir (Exemplo 19) ilustra bem a tese de Zilles.

⇨ Exemplo 19 – Jeito de morrer – Acesso em 07.07.2010
Disponível em
http://www.piadasonline.com.br/MostraPiadas.asp?jeito-de-morrer

Jeito de Morrer

Os três velhinhos conversavam sentados no banco da praça:
- Eu gostaria de morrer dormindo - diz o primeiro. - Ir dormir uma noite e nunca mais acordar!
- Eu gostaria de morrer num acidente automobilístico - diz o segundo. - Adoro velocidade!
- Eu gostaria de morrer assassinado - diz o terceiro.
- Assassinado?!
- Sim, por um marido ciumento!

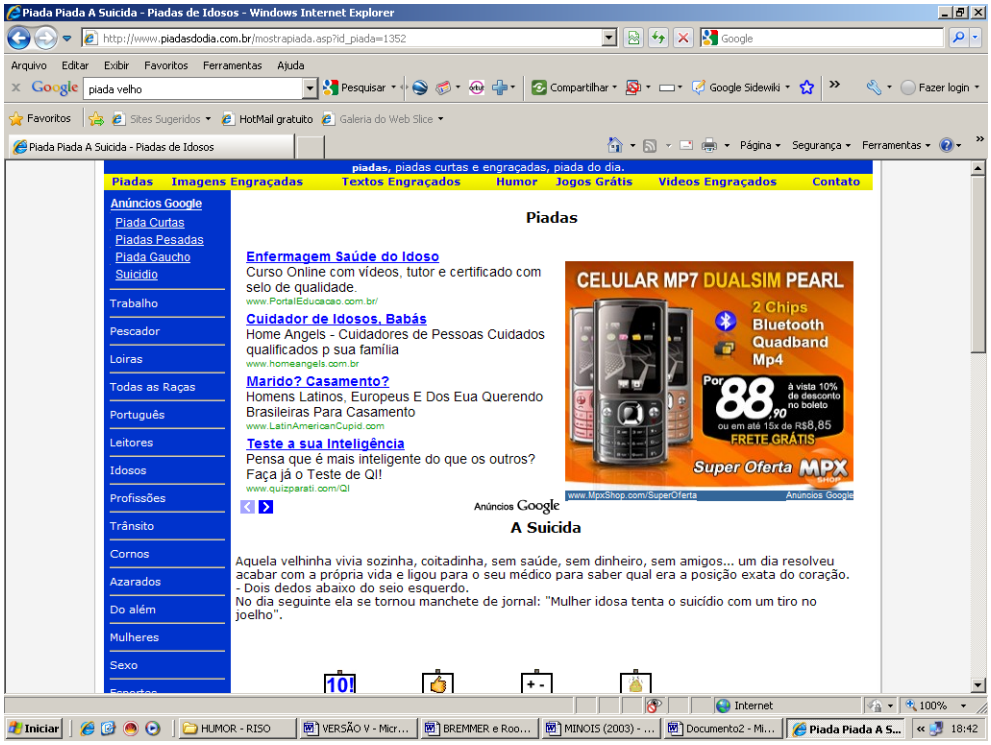
⇨ Exemplo 19: Reprodução

As duas primeiras possibilidades sobre a “melhor” maneira de morrer (dormindo ou em um acidente) têm a ver com a não consciência da proximidade da morte e mais, com o

não sofrimento (físico e psicológico) que possivelmente a antecede. Enquanto que a terceira possibilidade, aqui entendida como o gatilho do riso, remete para duas questões implícitas: a libido masculina e a infidelidade feminina. A evocação da excitação alimenta o prazer da aventura (a "transa" com uma mulher casada) de viver e trata a proximidade da morte com bom humor. O humor e o riso são libertadores.

A piada assim entendida, possibilita, da "maneira mais engenhosa, a nós, adultos e sensatos, rirmos como garotos", como lembra Freud (2006, p. 104). Justifica-se a tese do bom humor da maturidade. "'*Carpe diem*' torna-se uma séria advertência", assegura Freud (2006, p. 108). "*Discurso doman no com è certezza*" (Do amanhã não há certeza. Lorenzo de Médici, citado por Freud).

Na comédia, de acordo com Minois (2003, p. 52), "os velhos são grotescos, já que não são mais capazes de desfrutar os prazeres da vida", não somente em razão das suas limitações, mas, principalmente porque estão conscientes da incerteza do dia de amanhã, como podemos observar no seguinte Exemplo (20).



⇨ Exemplo 20 – A Suicida – Acesso em 19.03.2010
Disponível em
http://www.piadasdodia.com.br/mostrapiada.asp?id_piada=1352

A Suicida

Aquela velhinha vivia sozinha, coitadinha, sem saúde, sem dinheiro, sem amigos... um dia resolveu acabar com a própria vida e ligou para o seu médico para saber qual era a posição exata do coração.
- Dois dedos abaixo do seio esquerdo.
No dia seguinte ela se tornou manchete de jornal: "Mulher idosa tenta o suicídio com um tiro no joelho".

⇨ Exemplo 20: Reprodução.

Representada em nossa sociedade como uma imagem estereotipada, isso já justificaria a *velhice* ser tema de piadas. Nas palavras de Minois (2003, p. 52), no velho, "os vícios ou as simples paixões tornam-se automaticamente cômicos; o velho lúbrico, o velho bêbado, o velho avaro, o velho amoroso, a velha intrometida [a sogra], certamente fazem rir".

No Exemplo (20), a razão porque a mulher idosa acerta o joelho quando pretendia acertar com um tiro o coração é fácil imaginar, porque é a figura estereotipada concretizada no imaginário coletivo. A deformidade é o aspecto essencial do grotesco. É a imagem grotesca rabelaisiana, é o exagero hiperbolizado. O exagero é bem típico das piadas, sendo mais um elemento provocador do riso. A velhice é um dos principais acontecimentos que afetam o corpo grotesco. "A velhice se torna, como a morte, uma alegoria, uma força maléfica que ataca os indivíduos e os corrói", enfatiza Minois (2003, p. 53).

Este historiador assegura que o riso, nos mitos gregos, "só é verdadeiramente alegre para os deuses. Nos homens, nunca é alegria pura". Isto porque "a morte sempre está por perto, e essa intuição do nada, sobre o qual todos estamos suspensos, contamina o riso" (p. 27).

E para não dar margem para um possível contra-argumento, Minois sentencia. "O riso e a morte fazem boa mistura. É suficiente olhar um crânio para se convencer: nada pode roubar-lhe o eterno sorriso" (p. 29).

Retomemos o ponto de partida com Aristóteles, a mais marcante influência na história do pensamento do riso ao afirmar em *As partes dos animais*, que *o homem é o único animal que ri*. Essa questão torna-se relevante, na opinião de Alberti (1999), quando são consideradas "as duas fronteiras que fazem do riso algo 'próprio do homem' – os *animais* e *Deus* – e sua relação intrínseca com uma 'condição humana' que estará na base de muitas das explicações sobre o enigma do riso" (p. 40).

Retomando as reflexões de Alberti (1999), entendemos que em sendo o riso uma faculdade especificamente humana e sendo ele a fronteira que delimita o espaço do homem entre os animais e Deus, podemos entender que o riso que marca a superioridade do homem em relação aos animais é o mesmo que marca a sua inferioridade em relação a Deus.

"A ilusão em relação a si mesmo" possivelmente teria nesta fronteira a sua origem. "uns teriam a força e o poder (...), outros nem tão fortes nem tão poderosos" seriam fracos, tornando-se por isso mesmo risíveis. Logo, "é risível o *fraco* que se imagina mais sábio, mais belo, mais rico, ou mais virtuoso do que efetivamente é" (*ibidem*, p. 42). Sendo este o objeto do risível, aquilo de que se ri, ideia ilustrada pela imagem abaixo (Exemplo 21).

⇨ Exemplo 21 – Homem no espelho – Acesso em 08.07.2010
Disponível em
http://maryvillano.blogspot.com/2007/06/mulher-e-homem-olhando-no-espelho.html

De acordo com tradução[44] e comentários da obra aristotélica, realizados por Gazoni (2006, p. 46), no capítulo 8 do livro IV da *Ética Nicomaquéia* (1127 b 33 – 1128 b 9), Aristóteles, focaliza sua atenção sobre "a vida social, analisando o excesso, a falta e a

[44] Tradução comentada da *Poética* de Aristóteles para o português, feita diretamente do texto grego, editado por Kassel (1988); e confrontada, quando possível, com outras versões. Os confrontos realizados, entre diversas versões, são justificados por Gazoni (2006), não somente porque "a *Poética* é sabidamente um texto elíptico e lacunar", como também com o objetivo de "flagrar as divergências entre os tradutores" (p. 09-10).

mediedade em relação ao riso e censura aqueles que procuram fazer rir a todo custo, não se importando se o que dizem fere aquele que eles tomam como objeto de seus gracejos". E ele defende, segundo ainda Gazoni, ser "saudável o riso que não necessita vexar o outro para fazer rir."

Aristóteles parece não perdoar aqueles que "levam a jocosidade ao excesso". Estes são considerados "farsantes vulgares que procuram ser espirituosos a qualquer custo e, na sua ânsia de fazer rir, não se preocupam com a propriedade do que dizem nem em poupar a suscetibilidade daqueles que tomam para objeto de seus chistes" (tradução de VALLANDRO e BORNHEIM, 1973, apud GAZONI, 2006, p. 48).

Estudiosos, a exemplo de Alberti (1999), reconhecem a influência de Aristóteles nos estudos realizados sobre o riso, ainda que este filósofo não tenha deixado teoria alguma a respeito do riso e do risível. Algumas teses tentaram comprovar, sem sucesso, a existência do Livro II da *Poética de Aristóteles*, aquele que, segundo o próprio Aristóteles, tratava da comédia. Para alguns esta obra teria sido dado como perdida, outros defendem que sequer ela existiu. Qualquer que seja a hipótese confirmada, esta é uma "ausência significativa", na opinião de Alberti (1999), por "sabermos que ele [Aristóteles] se ocupou do assunto[45]" (p. 45). O fato é que o Livro II da Poética, ainda de acordo com Alberti (*op cit*) "tornou-se objeto de reflexão. Não só foi tema apaixonante para um romance – caso de *O nome da rosa*, de Umberto Eco –, como ocupa os círculos acadêmicos em tentativas de reconstituir o que Aristóteles teria dito"[46] (p. 45).

Já Baldassare Castiglione em *Libro del cortegiano* de 1528 (O Cortesão), publicado em Veneza, faz "a distinção entre a graça do conteúdo e a graça da forma, acrescentando um terceiro tipo de humor, a *burla* [atitude jocosa] ou trote brando [tentativa de ridicularizar]". Castiglione "advertiu seus leitores para não fazerem troça de pessoas de boa formação. Esta já era uma verdade reconhecida por Cícero, quando ele aconselhou os colegas do Senado a não caçoarem um do outro" (Bremmer & Roodenburg, 2000, p. 18).

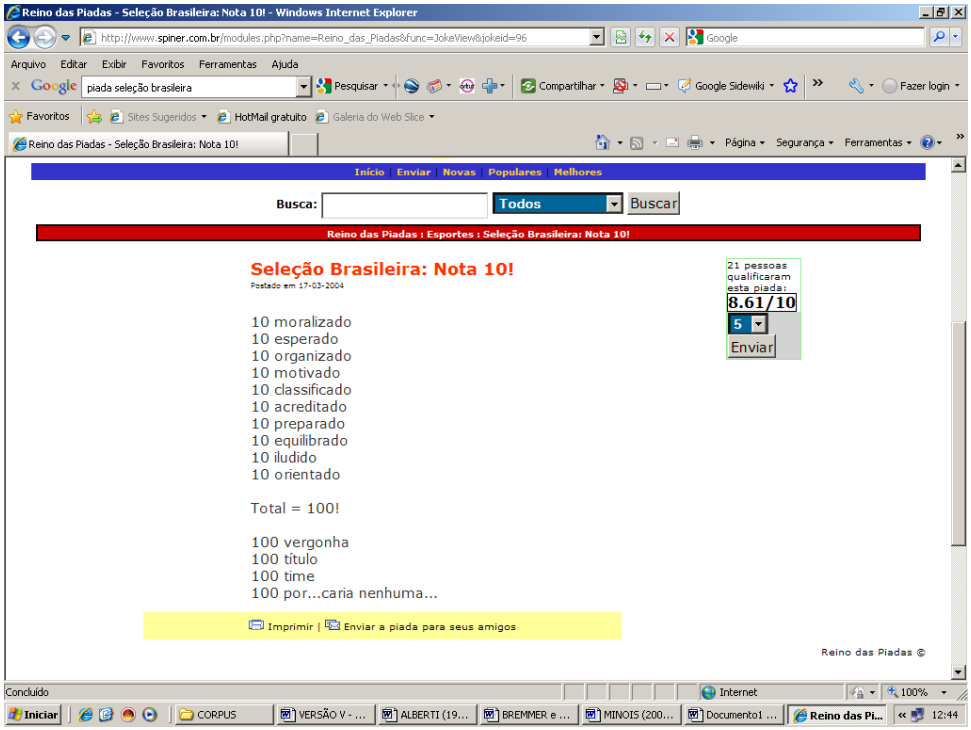
O que estes e outros nomes, aqui não citados, estão defendendo é a chamada linguagem politicamente correta, isto é, a não desvalorização de indivíduos ou de grupos.

[45] "A parte perdida da *Poética* é convencionalmente chamada de 'livro II'. Sua existência é atestada por três referencias na obra de Aristóteles: no início do capítulo 6 da *Poética*, em que Aristóteles anuncia que tratará da comédia após dedicar-se à tragédia e à epopeia, e em duas passagens da *Retórica* (I:11, 1.372a, e III:18, 1.419b)" (ALBERTI, 1999, p. 78).
[46] Alberti (1999, p. 78) indica a leitura de Janko, 1984 e 1987; e Fuhrmann, 1973.

Falar em linguagem politicamente correta é falar sobre o funcionamento ideológico da linguagem.

Retomando a questão, verificamos que o riso ora é expressão de alegria, ora é expressão de malícia; ora é agressivo, ora é amigável; ora é sardônico, ora é angelical; ora é divino, ora é diabólico, tomando assim "as formas da ironia, do humor, do burlesco, do grotesco, ele é multiforme, ambivalente, ambíguo. Pode expressar tanto a alegria pura quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia", afirma Minois (2003, p. 15-6). Considerado como "um fenômeno universal, o riso pode variar muito de uma sociedade para outra, no tempo e no espaço" (*ibidem*).

O riso em qualquer época caracteriza-se sobretudo por ser humano, "encerrando concomitantemente os lados 'bom' e 'mau' de nossa 'natureza'", na opinião de Alberti (1999), sendo o seu lugar em geral "o da desordem ou da transgressão" da ordem estabelecida (p. 29-30). Esta transgressão na maioria dos casos é social e culturalmente permitida, porque se defende que o humor e o riso apresentam-se com uma função social, um espaço para a expressão, para a manifestação do pensamento, como o da crítica, conforme Exemplo (22) a seguir:



⇨ Exemplo 22 – Seleção Brasileira: Nota 10 – Acesso em 08.07.2010
Disponível em
http://www.spiner.com.br/modules.php?name=Reino_das_Piadas&func=JokeView&jokeid=96

A técnica usada no Exemplo (22) foi o da prefixação, um fenômeno linguístico de formação de palavras. O prefixo *des*- de significação negativa foi substituído pelo numeral *dez*, registrando-se assim um caso de homônimos homófonos: o mesmo som e formas diferentes.

Se nosso olhar recair sobre o prefixo, verificamos a negação da moral, da organização, da motivação, da classificação, do equilíbrio etc. da seleção brasileira. Quanto ao número *dez*, já explicitado no título, apresenta-se em nossa cultura com valor positivo, remete ao conceito que temos de ótimo. Simboliza bondade, companheirismo (fulano é um amigo nota dez), liderança (fulano é um chefe nota dez) etc.

Dez é a nota máxima que o professor pode atribuir ao aluno. A publicidade explora este conceito positivo: "Kaiser: a cerveja nota dez." Dez é o número da camisa dos melhores craques do futebol, a exemplo de Pelé, Zico, Raí, Leonardo, Marta. Esta considerada pela revista Época um dos 100 brasileiros mais influentes do ano de 2009.

Teria chegado o momento de Kaká, camisa 10... se a história do futebol brasileiro nesta Copa 2010 (ano dez), tivesse tido um final feliz. Portanto, a alusão explícita feita ao numeral nos possibilitou flagrar a ironia "como categoria estruturadora do texto, cuja forma de construção denuncia um ponto de vista, uma argumentação indireta, que conta com a perspicácia do destinatário para concretizar-se como significação", nas palavras de Brait (2008, p. 17).

Ainda no Exemplo (23), a soma das dez palavras totalizam 100: 100 *vergonha*, 100 *título*, 100 *time*, 100 *por... caria nenhuma...* Temos mais um caso de homônimos homófonos: cem (número cardinal) e sem (preposição, estabelecendo relação semântica com a ideia de negação, privação, exclusão). E como último desabafo: 100 *por... caria nenhuma...* O jogo fonético responsável pelo desfecho risível está no signo *porcaria*, palavra polissêmica, que, neste cenário, também faz referência à *negação*: o retorno da seleção "sem vitória", "sem taça", "sem nada", "sem coisa nenhuma". Observamos que em todas as técnicas usadas para provocar o riso, a ideia de negação está presente. Aquele que *nega*, recusa-se a admitir, não aceita como legítimo, não admite como verdade.

5.3.2. O riso: divino, diabólico ou simplesmente humano

Na Antiguidade o riso estava presente no comportamento dos homens e dos deuses, ainda que "tanto o riso quanto o risível fossem passíveis de condenação", afirma Alberti (1999). O riso dos deuses não tem limites, o riso dos homens é limitado. Como marca divina, o riso é testemunhado em várias "estátuas de deuses subitamente animadas por uma gargalhada", afirma Minois (2003, p. 25). Os deuses presentearam os homens com o riso, mas este em sua condição humana se revelou frágil, limitado, inquietante.

Minois lembra que "o riso é curiosamente o atributo de um personagem obscuro, o trocista e sarcástico Momo". Filho de Nix (a Noite), Momo "torna-se tão insuportável que é expulso do Olimpo e refugia-se perto de Baco". Escarnecer, zombar, troçar, caçoar, gracejar são ações que remetem para Momo. Suas características são inquietantes: irônico, mordaz, malicioso, irreverente. "Na mão ele carrega um bastão, símbolo da loucura, e usa máscara. O que quer dizer isso?", questiona Minois. "O riso revela a realidade ou a oculta?" (*ibidem*, p. 29).

Na perspectiva teológica da Idade Média, continua Alberti (1999), "o riso não só distingue o homem dos animais, mas também de Deus", tornando-se por excelência "a prova da ambiguidade própria à condição humana: a superioridade em relação ao mundo físico e aos seres irracionais, e a inferioridade em relação ao transcendental e ao eterno" (p. 68-9).

"O tom *sério exclusivo* caracteriza a cultura medieval oficial", assegura Bakhtin (2008, p. 63). Mesmo assim, "o riso popular penetrava nos círculos religiosos e superiores" (p. 66). E a grande preocupação da Igreja foi reprimir o riso, pois ele era entendido como o oposto da humildade, possível de tornar-se agressivo ao romper o silêncio, uma virtude considerada fundamental nos mosteiros medievais. Este discurso buscava sua força argumentativa nos fundamentos bíblicos, visto que o Cristo nunca teria sido descrito rindo.

Tais fatos nos trazem à memória a obra (livro [1980] e filme [1986]) de Umberto Eco (2009) – *O Nome da Rosa* – e bem mais particularmente o diálogo ocorrido entre os dois personagens centrais: Jorge Burgos, o guardião da biblioteca do Mosteiro beneditino italiano e Guilherme de Baskerville, o frade franciscano enviado ao Mosteiro para participar de discussões sobre a questão da pobreza de Cristo e da Igreja, e tem sua missão interrompida por uma série de sete estranhas mortes.

> Burgos: O riso é um ato diabólico que deforma, uh, o alinhamento do rosto e faz o homem parecer um macaco.
> Baskerville: Macacos não riem. O riso é único do homem.
> Burgos: Como um pecado. Cristo nunca sorriu.
> Baskerville: Podemos ter certeza?
> Burgos: Não há nada nas escrituras que comprovem que ele sorriu.
> Baskerville: E não há nada nas escrituras que comprovem que não. Porque, até os santos são conhecidos por fazer comédias, para ridicularizar inimigos da Fé. Por exemplo, quando os pagãos jogaram São Maurício na água fervente, ele reclamou que seu banho estava muito frio. O Sultão pôs a mão dentro... e se queimou.

O riso da cultura medieval passa de um extremo a outro: do veto total ao riso desenfreado. Uma espécie de dualidade manifestada pela cultura popular estudada por Bakhtin (2008), a história do riso do Século XIV ao XVI. As múltiplas manifestações desta cultura podem subdividir-se em três formas de expressão: as formas dos ritos e espetáculos (festejos carnavalescos, obras cômicas representadas nas praças públicas etc.), as obras cômicas verbais de natureza diversas (orais e escritas) e as diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro (insultos, juramentos, palavrões etc.)

Os festejos carnavalescos, inseparáveis da mitologia, ocasião do riso coletivo é a primeira concepção da cultura popular. Esses festejos ocorriam em ocasiões específicas, ocupavam o lugar especial na praça pública e na vida da população medieval. O riso era presença indispensável em tais cerimônias civis da vida cotidiana. Talvez porque, em algumas ocasiões, o riso desarma a violência. Gestos, atos e textos cômicos eram presenças obrigatórias.

Em contrapartida, a Igreja e o Estado se mantinham à parte, procuravam ignorar o riso popular da Idade Média à civilização renascentista. Durante a realização da festa, afirma Bakhtin (2008), "só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da *liberdade*". O carnaval cujo caráter é universal, renasce e se renova a cada nova edição. "Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam dos festejos sentem-no intensamente" (p. 06).

A escrita carnavalesca, a segunda concepção popular, manifestava-se através de uma "literatura festiva e criativa", continua Bakhtin (2008, p. 11-2), em que o riso emerge "ambivalente e festivo". Ela influenciou o surgimento de gêneros e estilísticas diversas empregando "a linguagem das suas formas e símbolos", tais como: as disputas, os diálogos e as crônicas paródicas. Para os parodistas, "tudo, sem a menor exceção, é cômico; o *riso* é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, a história, toda a sociedade, a concepção de mundo" (ibidem, p. 73).

Possivelmente, de todos os gêneros então surgidos a paródia tenha sido o mais difundido. “Toda a ideologia oficial da igreja, todos os seus ritos são descritos do ponto de vista cômico”, no gênero que foi nomeado de paródia sacra. Por conseguinte “a imensa literatura paródica da Idade Média liga-se direta ou indiretamente a formas do riso popular festivo” (p. 71-2).

A terceira concepção da cultura popular trata do vocabulário familiar e público da Idade Média e do Renascimento. Durante o carnaval, acrescenta Bakhtin (2008, p. 14-5), que ocorria em praça pública, a aproximação sem restrições entre pessoas proporcionava a criação de uma comunicação sem regras e tabus. O resultado era novos sentidos para formas já existentes, o desuso de formas obsoletas ou o surgimento de novas formas linguísticas. Grosserias blasfematórias, palavrões, obscenidades eram enunciados dirigidos às divindades em cultos cômicos. Tais expressões “contribuíam para a criação de uma atmosfera de liberdade e do aspecto cômico secundário do mundo” dando margem para o surgimento do *realismo grotesco* – “sistema de imagens da cultura popular” – uma herança cultural. Segundo Bakhtin (p. 75), “toda a linguagem familiar dos clérigos (e de todos os intelectuais da Idade Média) e do povo estava profundamente impregnada pelos elementos do ‘baixo’ material e corporal: obscenidades e grosserias, juramentos, textos e sentenças sagradas correntes travestidas e viradas do avesso”.

O *rebaixamento*, afirma Bakhtin (2008, p. 17), é o que caracteriza o realismo grotesco e é entendido como “a transferência ao plano material e corporal de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato”. Assim, o alto é o céu, o baixo é a terra; o alto é a cabeça, o baixo é a genitália, o ventre e o traseiro. Tais partes baixas (inferior) do corpo estão relacionas a “atos como o coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção de alimentos e a satisfação das necessidades naturais” (p. 19). Estas imagens não se apresentam apenas com valor destrutivo, mas buscam também um valor regenerador, ainda que o “exagero, o hiperbolismo, a profusão, o excesso, segundo opinião geral, são os sinais característicos mais marcantes do *estilo grotesco*” (*op cit*p. p. 265).

Ao contrário do grotesco da Idade Média e do Renascimento, o grotesco romântico é “uma espécie de carnaval que o indivíduo representa na solidão, com a consciência aguda do seu isolamento” (Bakhtin, 2008, p. 33). O riso continua, porém de forma bem mais atenuada. O riso deixa de ser jocoso e alegre. “No grotesco romântico a loucura adquire os tons sombrios e trágicos do isolamento do indivíduo” (p. 35).

O interesse pelo grotesco começa a diminuir, a partir da segunda metade do Século XIX, quando a ele só se faz alusão "para relegá-lo às formas do cômico vulgar de baixa categoria". Assim, assegura Bakhtin (2008), "todo universalismo das imagens grotescas desaparecem para sempre" (p. 39).

5.3.3. O humor: a forma contemporânea do riso

Quem somos, de onde viemos, para onde vamos? Esta continua ser a grande questão da humanidade. Para nos apaziguar, as religiões se especializaram na criação de metáforas; as ciências com suas pesquisas nos desiludiram. Nenhum destes caminhos nos apresentou uma resposta definitiva. A verdade talvez seja mais difícil de suportar para aqueles que em nada creem. A vida então é uma utopia? O riso seria a única resposta? Pode-se rir e deve-se rir de tudo? Este é o pensamento reflexivo de Minois (2003) que procuramos sintetizar. Entendido como um fenômeno global, a história do riso "pode contribuir para esclarecer a evolução humana" (p. 20).

Uma das fontes deste esclarecimento possivelmente advém da obra ficcional de Luciano de Samósata, "o homem que ri de tudo, o homem que é uma gargalhada", mencionado por Minois (p. 65). O que sabemos de Luciano, não é muito, mas é o suficiente para perceber a sua importância na evolução histórica do riso. Foi no reinado de Marco Aurélio que ele atingiu a maturidade como escritor. Sua escrita controvertida influenciou não somente a literatura clássica como, principalmente, a pós-clássica. A sátira de Luciano em forma de diálogo é vista pelos críticos como o discurso fundador da ficção.

Na comédia da vida, o que não é ridículo? Este é o questionamento de Luciano que justifica a sua zombaria de tudo e de todos, e "atinge a negação absoluta, o nada" (p. 67). Luciano debocha da "'imensa idiotice dos homens' em uma terra onde 'ninguém faz nada por nada'. A moral da vida é 'deixar passar rindo a maior parte dos acontecimentos sem levar nada a sério', nem a terra nem o céu nem o inferno". A consequência disso é que "os homens não crêem em nada" (p. 67).

Para os cristãos, Luciano é a própria encarnação do diabo, porque o escritor não os poupou de sua zombaria. Enfim, Luciano revela em sua obra "o vínculo do riso com os infernos e com a morte, com a liberdade de espírito e da palavra". Este é o próprio pensamento grego a respeito do riso, que surge triunfante com os deuses. Um riso "portador de uma incrível força destrutiva" (p. 69).

Em linhas gerais, Minois afirma que "domesticado, intelectualizado o riso se transforma na corrosiva ironia socrática, cética, cínica e termina na derrisão universal. Verdadeira vingança do diabo, no sentido de que esse perigoso dom divino se torna revelador do absurdo do ser" (p. 69).

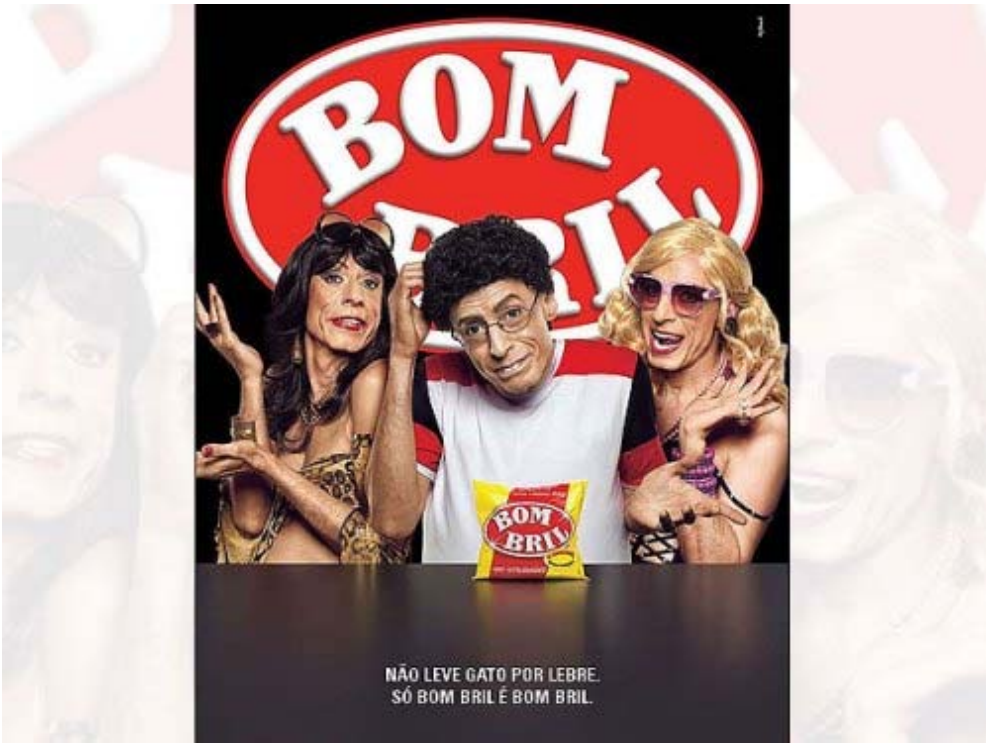
Jamais os cristãos haverão de perdoar Luciano por revelar "um mundo trágico que não deve ser levado a sério, um mundo derrisório e cômico" (p. 69).

Esta ideia da derrisão universal (comportamento irônico, sarcástico, zombeteiro), revelada por Luciano, nos transporta para o Século XX, o século das catástrofes, que buscou no riso o refúgio dos seus males: guerras mundiais, genocídios, crises econômicas, fome, pobreza, desemprego, terrorismo, ameaças atômicas, degradações do meio ambiente, ódios nacionalistas... Ainda assim, em todo o mundo ressoou uma longa gargalhada. "O mundo riu de tudo, dos deuses, dos demônios e, sobretudo, de si mesmo. O riso foi o ópio do Século XX", assegura Minois (p. 553), e assim continua no Século XXI.

Esta é uma sociedade humorística que ri de sua tragédia. Não há como escapar, o riso tornou-se obrigatório, a carnavalização deve ser permanente. "O humor universal, padronizado, midiatizado, comercializado, globalizado, conduz o planeta", sentencia Minois (p. 554).

Minois lembra que nem mesmo o dia da mentira foi esquecido (1° de abril). Os programas televisivos (O Furo MTV, Pânico na TV, CQC, Zorra Total, A Praça é nossa, A Grande Família, A Turma do Didi, Os Caras de Pau, Casseta e Planeta, Uma Escolinha muito louca, Show do Tom etc., etc., etc.), a publicidade (Exemplo 23), a política, o mundo virtual... em todo lugar é possível encontrar uma pitada de humor. Isto se faz necessário porque é preciso exorcizar as angústias do homem moderno. É preciso salvar o homem do desespero. O remédio é o humor.

Vejamos na publicidade uma das faces do humor.



⇨ Exemplo 23 – Não leve gato por lebre – Acesso em 19.03.2010
Disponível em
http://fspike.wordpress.com/2008/05/15/nao-leve-gato-por-lebre-bom-bril-ronaldo/

Em 2008, o atacante Ronaldo[47], o Fenômeno, é envolvido em uma situação no mínimo surpreendente. Segundo o Delegado, Carlos Augusto Nogueira, Ronaldo teria contratado um travesti pensando que era uma garota de programa e teria levado-a (a falsa mulher) a um Motel na Barra da Tijuca. Lá teria pedido mais duas mulheres para o programa.

A BOM BRIL aproveitou o episódio de Ronaldo com os travestis para dar um "golpe certeiro" em sua principal concorrente no segmento de lãs de aço, a ASSOLAN, que oferece seu produto em uma embalagem muito parecida com a da BOM BRIL. A campanha intitulada "Não leve gato por lebre" foi veiculada em anúncio nas principais revistas semanais do País. O caso que já havia se tornado uma piada veiculada na Internet, serviu de inspiração para esta campanha publicitária.

Este é um texto riquíssimo para uma análise, tanto do ponto de vista do discurso publicitário, como na perspectiva do discurso ético. Como também do discurso humorístico. Entretanto, faremos um brevíssimo comentário, já que não se trata do tema aqui proposto.

[47] Disponível em http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/0,,MUL429370-4274,00.html

Os enunciados – Não leve gato por lebre. Só BOM BRIL é BOM BRIL – permitem uma análise que explore a intertextualidade do provérbio, por exemplo. Que explore a desvalorização de um produto (falso) – ASSOLAN – em favor de outro (autêntico) – BOM BRIL. Que explore o estereótipo do travesti. A análise também pode ser feita observando-se a questão da ambiguidade do provérbio, que contém uma proposição não expressa, que denota a ironia. Afinal gato e lebre (homem e mulher) são animais bem distintos, logo inconfundíveis.

5.3.4. O Brasil: "o país da piada pronta"

Com muito bom humor e forte dosagem de ironia o jornalista, cronista e humorista José Simão (Macaco Simão), da Folha de São Paulo, define o Brasil do Século XXI como *o país da piada pronta*. Na visão de José Simão, o humorista brasileiro não precisa criar, porque o Brasil já é uma piada.

Suas crônicas, como é comum a este gênero, trata de temas do cotidiano que, em alguns casos, tornam-se verdadeiras piadas, a exemplo daquela publicada na *Folha de São Paulo* na edição de 11.05.2010 e veiculada na Internet no site da UOL desde 12.04.2010 (Exemplo 24).

⇨ Exemplo 24 – Aconteceu no Tribunal de Justiça de Pernambuco!!!! – Acesso em 19.07.2010
Disponível em
http://mais.uol.com.br/view/e8h4xmy8lnu8/aconteceu-no-tribunal-de--justica-de-pernambuco-040219376AC4990346?types=A&

ACONTECEU NO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO!!!!
12/04/2010 17h52

Sessão do Tribunal de Justiça de Pernambuco, presidida pelo desembargador Augusto Duque.
Processo de Estupro. Entre as testemunhas da acusação, uma irmã da vítima.
O presidente a convoca para depor: "Que entre a arrolada."

- Doutor, a arrolada não foi eu não. Foi minha irmã.

⇨ Exemplo 24: Reprodução.

O humor da situação foi provocado pelo equívoco lexical ocorrido entre o verbo "arrolar" (listar, elencar) e o vocábulo "rola" (originalmente usado para designar aves da família dos columbídeos, como a rolinha, por exemplo). Mas também, como variante linguística regional para nomear o órgão genital masculino "pênis". O instante foi rápido, mas foi o suficiente para "revelar o impensado, o indizível" em seu "momento supremo de estranhamento, que se realiza num átimo porque depois a história se movimenta novamente, o sentido do novo se esvai, o riso se esgarça e se retrai", afirma Saliba (2002, p. 29). A cena, que se passa num tribunal pernambucano, seria uma piada, não fosse sua inspiração em fatos reais[48].

Não parece ser um exagero a opinião de José Simão, visto que há quem declare ser divertido o discurso jornalístico brasileiro, que reflete a realidade nacional. Possenti (2009), por exemplo, em sua coluna on-line no site Terra, afirma que seu "estado de espírito melhora com os efeitos do jornalismo" (claro que a ironia está presente nesta afirmação). Para justificar sua posição, ele cita alguns exemplos do discurso jornalístico. Vejamos, a seguir, um dos depoimentos, que optamos por transcrever:

> No sábado, Dora Krammer também discutiu a decisão de Tarso Genro sobre o caso Battisti, e comentou a posição de Lula, que, disse ela, conhece o caso há pouco tempo e não muito detalhadamente. Associa o desconhecimento dos detalhes do caso a seu hábito de ler pouco. 'A intuição é um excelente atributo (quando acerta, Lula o faz por intuição, penso comigo que é o que ela pensa), o empirismo funciona, mas a ausência de conhecimento e de curiosidade em geral induz ao equívoco', diz ela.

Dora Krammer, citada por Possenti, é especialista em política em *O Estadão de São Paulo*, e como tal, está sempre atenta às decisões políticas do nosso País, as quais refletem diretamente no dia a dia dos brasileiros. O estudioso tece comentários ao texto de

[48] Língua Portuguesa, ano 4, n. 56, junho de 2010, p. 63.

Krammer intitulado – No modo empírico[49] – publicado no jornal já mencionado no dia 17.01.2009. E o pesquisador acrescenta:

> Eu, ri. Ri muito. É que já fiz longas leituras sobre questões de epistemologia e de história da ciência durante minha vida, já não tão breve, e nunca vi nenhum texto, seja favorável, seja contrário às posições empiristas, que associasse esta doutrina à falta de leitura. Foi por isso que ri muito. Uma pândega, essa Dora Krammer. Fiquei imaginando o que diria Bertrand Russel – ou Bacon – do conhecimento detalhado dela sobre o tal empirismo. Não resisti. Quaquaqua!

Muitas das manchetes de jornais brasileiros ratificam a opinião do cronista José Simão, como a seguinte, publicada no *Jornal do Brasil* e comentada, com bom humor, no site Livra (Exemplo 25):

⇨ Exemplo 25 – A nova terapia traz esperanças a todos os que morrem de câncer a cada ano – Acesso em 19.07.2010
Disponível em
http://pt.livra.com/pick/jornal-do-brasil-a-nova-terapia-traz-esperancas-a-todos-os-que-morrem-de-cancer-a-cada-ano-entende-a-noticia/126855777/

[49] Matéria publicada em 17.01.2009 – Acesso em 22.06.2010 Disponível em http://arquivoetc.blogspot.com/2009/01/dora-kramer-no-modo-emprico.html

Qualquer tentativa que façamos para comentar esta manchete (Exemplo 25), só estaremos repetindo o óbvio. Ainda que a esperança seja a última que morre, mas esta, como qualquer outro sentimento, só é alimentada pelos vivos. Enfim, poderíamos registrar muitos outros exemplos, entretanto, nos limitaremos a comentar apenas mais um (Exemplo 26), por ilustrar a ambiguidade sintática, não muito comum no discurso humorístico das piadas.

⇨ Exemplo 26 – Luana não tem mais [foto de Dado] em casa – Acesso em 15.07.2010 Disponível em http://papelpop.com/manchete-nota-10/

⇨ Exemplo 26: Reprodução.

Nesta rápida amostra podemos verificar ser a ambiguidade o recurso expressivo mais comumente usado no discurso jornalístico. É também a ambiguidade o traço mais característico do discurso humorístico. Afinal, a ambiguidade é constitutiva da língua. O sentido não é uma manifestação transparente e inequívoca.

O recurso de diagramação (Exemplo 26) usado pelo tablóide carioca – *O Meia Hora de Notícias* – foi justificado por Henrique Farias, editor executivo deste jornal, quando questionado por Roberto Kaz (2009), colunista da revista Piauí. A primeira ideia da manchete foi, LUANA NÃO TEM MAIS DADO EM CASA. O uso de caixa-alta é de praxe nas manchetes deste jornal. Porém, assim, não ficaria óbvio para o leitor que a referência na estrutura de superfície era para o nome próprio do ator Dado Dolabella. A segunda alternativa seria abdicar das letras maiúsculas e fazer uso das letras minúsculas: *Luana não tem mais Dado em casa*. Ainda assim, o leitor só enxergaria a estrutura profunda (dado – verbo dar) e não a estrutura de superfície (Dado – substantivo próprio). De acordo com Henrique Farias, era preciso "atenuar a grosseria e evitar um possível processo".

No dia seguinte, afirma Kaz (*ibidem*), "a manchete do Meia Hora provocava risos nas bancas cariocas". *Depois da briga e da separação Luana não tem mais* [foto de Dado] *em casa*. Observamos que a influência sócio-histórica cultural determina o discurso humorístico, provocando o riso no leitor, tornando a mulher duplamente vítima, pois ela é agredida duas vezes: física e moralmente, pelo homem, e a esta última (a agressão moral) soma-se a matéria do jornal. O enunciado analisado na perspectiva da estrutura profunda ainda permite acrescentar um novo sentido, não menos agressivo. *Depois da briga e da separação Luana não tem mais* [foto de Dado] *em casa... tem dado na rua*, o que remete para a ideia de prostituição.

Martins (2005) afirma que "o exercício do humor é um termômetro do grau de liberdade de uma sociedade. A história do Brasil exemplifica isso", razão por que "toda crise política é uma mina para os humoristas". O repórter lembra que em 2002, o *Casseta & Planeta* "provocou protesto no Congresso Nacional ao exibir um esquete em que (...) uma prostituta se indignava quando lhe perguntavam se ela era deputada". Martins conclui: "A crise faz bem para o riso". Já dizia a máxima romana: *ridendo castigat moris.* Ou seja: rindo, corrigimos os costumes.

Somos percebidos pelo senso comum como um povo alegre e bem humorado, apesar dos nossos problemas nas diversas áreas sociais: saúde, educação, poluição,

desemprego, violência, criminalidade, habitação etc. Mesmo assim, confirmamos o ponto de vista de Minois (2003), quando este afirma que "só o riso permite suportar o insuportável, disfarçando-o, zombando dele, brincando". E acrescenta: "O riso é indispensável porque, mais do que nunca, estamos diante do vazio" (p. 632-3).

A título de exemplo do comportamento bem humorado do brasileiro, lembramos que após a eliminação da seleção brasileira da Copa de 2010, ocorrida na África do Sul, alguns blogs veicularam a seguinte manchete (Exemplo 27):

⇨ Exemplo 27 – O Brasil se foi. Mas o bom humor não – Acesso em 19.03.2010 Disponível em http://fspike.wordpress.com/2008/05/15/nao-leve-gato-por-lebre-bom-bril-ronaldo/

Será mesmo que somos um povo tão bem humorado? Que fazemos do riso uma filosofia de vida? Que vencemos os problemas com boas gargalhadas? Que mesmo reconhecendo que o choro nos humaniza, preferimos o riso que dissipa mal-estar, mas que também o provoca? Onde encontramos as – *Raízes do Riso* – brasileiro?

De acordo com Saliba (2002), o humor da cultura brasileira vive seu momento áureo no período conhecido como *Belle Époque*, compreendido entre o fim do Século XIX e início do Século XX.

Nesta ocasião (referência feita ao ano de 1935), Mendes Fradique, qualificado por Saliba como um "notável humorista brasileiro", em um momento de "mau humor" surpreende fazendo a seguinte observação: "o humorismo tem objeto no contraste direto entre o que é e o que deverá ser. Ora, no Brasil, como em todas as nações de sua idade mental, tudo é precisamente como não deverá ser, de modo que se torna impossível este contraste e, portanto, igualmente impossível o humorismo". Podemos então questionar: "o humorismo seria impossível no país porque a realidade superava a anedota?" (SALIBA, 2002, p. 32-3).

Fradique entendia ser impossível o humor no Brasil pela ausência de contraste entre os fatos reais e os fatos ideais, isto é, entre o que é e o que deveria ser. Porque para Fradique a realidade brasileira seria trágica (provocando o choro) e não cômica (provocando o riso). Para Saliba (*ibidem*), "mais surpreendente ainda é o exemplo que ele menciona para comprovar sua tese de que no Brasil é impossível o humorismo, pois o caso", por Fradique citado, "parece ilustrar exatamente o contrário", confirmando a tese de José Simão.

> Se nós segredarmos ao ouvido alemão de Von Popen que na América do Sul há um país em que se construiu uma grande avenida e que, durante esta construção, o único prédio que ruiu por erro de técnica foi o Clube de Engenharia, é claro que o fidalgo alemão sorrirá à ficção da anedota; mas aqui o caso não é para rir, nem é ficção, mas é verdade, foi o que de fato aconteceu (...).

Aparício Torelly, mais conhecido como Barão de Itararé, tem um outro olhar. Se o Brasil não se percebe como uma *piada pronta* é porque "o humor está para o brasileiro assim como o camelo estava para Maomé: *faz parte da vida, portanto é indistinguível*" (*op cit*).

Ora, é exatamente essa realidade brasileira trágico-cômica (de ontem e de hoje) que é percebida, por José Simão, como mais cômica do que trágica, superando assim qualquer criação humorística, qualquer piada. É esta realidade que faz do Brasil, na opinião de Simão, *o país da piada pronta*.

6. A IDENTIDADE DA MULHER NO DISCURSO HUMORÍSTICO

O Brasil da piada pronta, representação cômica da cultura nacional, possivelmente não nasce com a República, mas é a partir dela que a realidade brasileira ocupa o rodapé dos jornais semanais transformada em piadas, "histórias cômicas que jogavam com o burlesco, com a surpresa e com o suspense" (SALIBA, 2002, p. 38). É o sentimento de frustração republicano que justificou a representação humorística provocada pelos eventos nacionais (*ibidem*, p. 67).

O discurso humorístico da época, em geral, é materializado no poema-piada, expressão preferida pelos humoristas cariocas da Belle Époque (*ibidem*, p. 262), endereçado a pessoas ou grupos. A política, criticada através do humor em todas as épocas, é fonte de inspiração para muitos humoristas, como na quadrinha de Artur Azevedo, de 1895 (*op cit*, p. 88-9):

Tem uma flor no princípio
O nome do Marechal
Mas o nome do almirante
Principia muito mal...

Nos dois primeiros versos, a referência é feita ao Marechal Floriano Peixoto, mas os dois últimos estão direcionados ao almirante Custódio José de Melo, ministro da Marinha no governo de Floriano, a vítima, nestes versos, do humor satírico.

O espírito humorístico do brasileiro da Belle Époque não só está presente nos jornais (*O Gazeta de Notícias, O Mercúrio, A Manhã, República, O Jornal do Comércio,* O *Diário da Tarde* etc.). Ele é presença constante nos anúncios (o *réclame* jornalístico), nas revistas impressas (*O Malho*,1902; Kosmos, 1904; *Fon*-Fon, 1907; *Careta*,1908 etc.), no teatro de revista[50], nas legendas das caricaturas, nas charges, nos versos das canções (indústria fonográfica). No rádio e, posteriormente, nas primeiras produções cinematográficas, com o advento do cinema sonoro, chamadas pejorativamente de *chanchadas*.

Saliba (2002, p. 289) lembra que aproximadamente durante "quase sete anos, de 1939 a 1946, 40 % da programação da Rádio Nacional era de programas humorísticos, sem

[50] Mara Rúbia, Eros Volúsia e Derci Gonçalves atuaram no teatro de revista, espaço de onde projetaram seus nomes para o sucesso nacional.

contar que muitos dos programas musicais (cerca de 48%) eram tidos como programas mistos, rotulados então de 'Humor/Musical'".

Percebemos pois, a partir da leitura da obra de Saliba (2002) – *Raízes do Riso* – que o discurso humorístico é a própria essência da Belle Époque brasileira. E este discurso não se limita a fazer críticas às instituições políticas da época. Muitas são as suas facetas cômicas, preconceituosa e irônica, não deixando de fazer referência à condição étnica, da população brasileira, como também à condição social da mulher, jogando com imagens estereotipadas, concluindo sempre com aquele "solavanco mental da piada", provocador do riso (*op cit*, p. 240).

As mulheres brasileiras do final do Século XIX e início do Século XX, do período denominado de Belle Époque, eram motivo de inquietação para a sociedade de então. Razão por que esta sociedade se valia da imprensa, produzida por homens, para delimitar os papeis das mulheres no âmbito do lar. Para tanto, reproduziam os estereótipos conhecidos secularmente, afirma Pedro (2007, p. 282).

Numerosos gêneros – poemas, provérbios, notícias, quadrinhas, piadas, trocadilhos – declaravam os defeitos femininos. De maneira geral, referiam-se a uma 'natureza feminina', ora valorizada, ora criticada" (*ibidem*, p. 285).

O *Jornal do Comércio* que circulava em Desterro – antigo nome da capital de Santa Catarina – publicava frequentemente tais textos, muitas e muitas vezes, segundo afirmação de Pedro (*ibidem*, p. 282), com o único objetivo de preencher as páginas, por ausência de notícias locais, conforme o texto a seguir:

> A mulher
>
> A mulher que foi a perdição para o pai Adão, para Sansão a morte, e para Salomão uma vingança, é, para o médico, um corpo; para o juiz uma ré; para o pintor, um modelo; para o poeta, uma flor; para o militar, uma camarada; para o padre, uma tentação; para o enfermo, uma enfermeira; para o são, uma diva; para o versátil, um joguete; para o gastrônomo, uma cozinheira; para o menino, um consolo; para o noivo, um desejo; para o marido, uma carga; para o viúvo, um descanso; para o pobre, uma calamidade; para o rico, uma ameaça; para o jovem, um pesadelo; para o velho, um inimigo; para o homem, um estorvo; para o diabo, um agente; para o mundo, uma força; e, para o tipógrafo... uma página.

(*Jornal do Comércio*, Desterro, 1881)

As várias representações imagéticas da mulher confirmam a grande preocupação da sociedade masculina em definir os papeis femininos. Esta afirmação pode ser confirmada em várias publicações deste mesmo jornal, a exemplo daquela que aponta os Dez Mandamentos da Mulher (PEDRO, 2007, p. 285).

I. Amai a vosso marido sobre todas as coisas.
II. Não lhe jurei falso.
III. Preparai-lhe dias de festa.
IV. Amai-o mais do que a vosso pai e a vossa mãe.
V. Não o atormente com exigências, caprichos e amuos.
VI. Não o enganeis.
VII. Não lhe subtrais dinheiro, nem gasteis este com futilidades.
VIII. Não resmungueis, nem finjais ataques nervosos.
IX. Não desejeis mais do que um próximo e que este seja o teu marido.
X. Não exijais luxo e não vos detenhais diante das vitrines.

Esses dez mandamentos devem ser lidos pelas mulheres doze vezes por dia, e depois ser bem guardados na caixinha da *toilette*.

(*Jornal do Comércio*, Desterro, 1888)

As diferenças entre os sexos, hierarquizadas historicamente ficam bem evidentes. O homem ser superior a quem a mulher deve plena e total obediência. É "o poder do discurso na relação entre os sexos, ou o discurso do poder, na designação dos papeis sociais", na concepção de Colling (2004, p. 20). É um poder que resiste durante séculos justificado pela desigualdade, dotando o homem de um maior exercício de poder sobre a mulher. A mulher, objeto e propriedade do seu marido.

Os limites dos papeis femininos, determinados pelos homens, são uma maneira clara de definir a identidade masculina e, por conseguinte, a identidade feminina. A identidade é visivelmente marcada pela diferença. Para existir, "a identidade depende de algo fora dela: a saber, de outra identidade, de uma identidade que ela não é, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista", afirma Woodward (2004, p. 09). A diferença parece ser sustentada pela exclusão: um é descrito como forte, o outro como frágil; um é inteligente, o outro é ignorante; um é razão, o outro é emoção; um ordena, o outro obedece; um é ativo, o outro é passivo; um é infiel, o outro é fiel. Assim, de acordo com Colling (2004, p. 24-5), "os homens definem-se e constroem a mulher como o Outro, a partir dele mesmo, [ocupando] um lugar de poder".

Proclamada a República (1889), seguida da revolução industrial brasileira, marcada pelos conflitos mundiais (I e II Grandes Guerras), os papeis femininos vão assumindo

novos contornos. As mulheres tornam-se mão-de-obra importante na indústria crescente. A vigilância ao comportamento feminino é intensificada, tendo como objetivo principal "separar as moças 'honestas' das 'perdidas'. Ademais, *a solidariedade masculina*[51] ajudava a apontar as mulheres volúveis", afirma Pedro (2007, p. 304). As mulheres operárias, ainda que algumas vezes tivessem reconhecido a importância do seu trabalho, recebiam salários menores, visto que, teriam, na concepção masculina, menos necessidades. Mas não era a identidade da mulher operária que ocupava as páginas da imprensa. Esta não deixava de divulgar a imagem idealizada da mulher dona de casa, mãe e esposa abnegada.

O discurso paradoxal da imprensa, ao mesmo tempo em que definia o lar como o lugar sagrado das mulheres, e portanto, estas estariam "dependentes do casamento", as criticavam descrevendo-as "como estando sempre à espreita para agarrar um marido", ainda nas palavras de Pedro (p. 307-8). Para os homens, continua a historiadora[52], "o casamento aparecia como incômodo, e o 'espertalhão' era aquele que não casava, como nesta piada publicada no jornal *República*, de 1896":

> Perguntando-se a um espertalhão porque não casava, ele respondeu:
> — Por quatro razões: se a mulher é feia, aborrece; se é formosa, dá trabalho a guardar; se é rica, temos que sofrê-la (*sic*); se é pobre, que sustentá-la.

Verificamos nesta piada que a beleza está relacionada à infidelidade. E esta preocupação com a fidelidade feminina que antes, no discurso humorístico, aparecia sutilmente vai tomando formas com traços cada vez mais fortes, mais nítidos. As mulheres são identificadas como infieis, vaidosas e ignorantes. Nos jornais, a infidelidade feminina é uma presença constante, como mostra a piada, a seguir, publicada no jornal *República*, de 1891(PEDRO, 2007, 309):

> Um marido, querendo divorciar-se, vai ter com um advogado e conta-lhe que, entre outras queixas, pode provar que a mulher se recusou uma vez a abrir-lhe a porta.
> — É preciso ser justo, contudo, diz o advogado com placidez: talvez não estivesse só...!

A infidelidade entendida como "uma quebra de confiança e o rompimento do acordo conjugal sobre a exclusividade sexual no relacionamento monogâmico"

[51] Grifo nosso.
[52] Joana Maria Pedro.

(ZAMPIERI, 2004, p. 155), parecia deixar os homens em um estado permanente de alerta. Para eles, as mulheres teriam dificuldade de controlar a sexualidade – o estigma de Eva –, por isso estariam predestinadas a trair, o que justificava o discurso profético da época, evidenciado no poema-piada publicado no jornal República, de 1893 (*op cit*, p. 310).

> Quando a Eva Deus criou
> do homem pra companheira
> e aquela mulher pecou
> ao mundo a culpa primeira por seu pecado largou
> Por uma mulher então
> foi o mundo de uma vez
> arrastado à perdição
> e se a primeira isto fez,
> o que as outras não farão?

6.1. A fidelidade feminina: uma identidade imposta

Em nossas reflexões ficamos a nos perguntar, "em que fase da evolução social um simples *ato* envolvendo um relacionamento natural entre um espécime masculino e um feminino do gênero humano, transformou-se num *fato* criminoso que acarretaria, e acarreta até hoje, sanções de ordem moral, social e até mesmo penal"? (KOSOVSKI, 1997, p. 23).

As razões seriam históricas ou pré-históricas da evolução social da humanidade? Ou teriam como "base apenas os mandamentos bíblicos e a condenação das religiões estabelecidas"? (*op cit*).

Na civilização helenística ou romana, "o casamento era uma prática 'destinada a assegurar a permanência do oikos'[53], cujos atos fundamentais e vitais marcavam, um, a transferência para o marido da tutela exercida até então pelo pai e, o outro, a entrega efetiva da esposa ao seu cônjuge". O casamento "constituía uma 'transação privada, um negócio realizado entre dois chefes de família, um real, o pai da moça, e o outro virtual, o futuro marido" (FOUCAULT, 2002, p. 79). O casamento, entendido como um contrato social, era um acordo entre cavalheiros, situação em que as mulheres (mãe, filha ou nora) ficavam à margem.

O casamento, ainda segundo Foucault (*op cit*), teria sido fundado a partir de uma série de razões:

[53] Bens, imóveis, propriedades, isto é, o patrimônio da família.

> o encontro indispensável do macho e a fêmea para a procriação; a necessidade de prolongar essa conjunção numa ligação estável para assegurar a educação da progenitura; o conjunto de ajudas, comodidades e prazeres que a vida a dois, com seus serviços e suas obrigações, pode proporcionar; e finalmente, a formação da família como o elemento de base para a cidade (p. 153).

O libelo Contra Nera, atribuído a Demóstenes[54], atribui funções distintas aos cônjuges. "Por um lado esse sistema faz funcionar o princípio de uma única esposa legítima; mas, por outro, situa muito nitidamente o campo dos prazeres fora da relação conjugal", afirma Foucault (2001, p. 130). A relação com a esposa objetiva uma descendência legítima[55]; a relação com a amante (a cortesã) objetiva o prazer sexual.

É o que André Béjin, citado por Goldenberg (2006, p. 231) chamou de "dupla moral: a exigência de uma fidelidade estrita por parte da mulher [a esposa] e a aceitação de uma fidelidade relativa por parte do homem. Esta dupla moral ligava-se ao fato de que a maternidade era uma certeza e a paternidade, uma crença".

Com base nesta dupla moral, a identidade de esposa e a identidade de amante exigem papeis distintos. Ao homem, sujeito ativo, cabe fazer esta distinção, não tratando a esposa como amante, nem esta como esposa. Segundo os gregos, esta seria "uma atitude prudente e cautelosa por parte do marido", ou seja, evitar "iniciar a própria mulher em prazeres demasiado intensos". Não tendo esta precaução, ele estaria correndo um grande risco, podendo arrepender-se de "lhe dar lições de que ela faria mau uso", nas palavras de Foucault (2002, p. 178). E acrescenta o estudioso, "comportar-se muito ardentemente com a própria mulher é tratá-la como adúltera" (*ibidem*).

Toda a atividade sexual da mulher "deve se situar no interior da relação conjugal e seu marido deve ser o parceiro exclusivo", enfatiza Foucault (2001, p. 131). Quanto ao marido "ter relações sexuais a não ser com sua esposa legítima não faz parte, de modo algum, de suas obrigações" (p. 131-2).

Foucault (2001) ainda esclarece que a sociedade exige que todo homem respeite uma mulher casada (ou uma jovem sob poder paterno). Porém, lembra o estudioso, o respeito não é à mulher, mas ao marido (ou pai, irmão, filho) que detém "o poder sobre a mulher" (p. 131-2). Tal poder é tão legitimado que se uma mulher for violentada "o atentado é somente contra o corpo dela". Todavia, se ela for seduzida, o atentado é "contra o poder do marido". Esta concepção ainda é bem atual. Ao homem casado, "só lhe é

[54] DEMOSTHÉNE, *Contre Nééra*.

[55] O teste de identificação genética (DNA) criado pelo geneticista Alec John Jeffreys, em 1984, passou a ser usado na medicina legal e forense, definindo a paternidade de um indivíduo.

proibido contrair outro casamento". Porém, qualquer outra relação sexual lhe é permitida: hetero ou homossexual. O casamento para o homem não o torna necessariamente um marido fiel, nas palavras de Foucault (2001, p. 132).

É interessante observarmos que as questões de fidelidade são assimétricas no casamento, ainda que a base desta instituição seja uma fidelidade recíproca. Foucault assegura que o adultério não significa a ruptura do vínculo do casamento que pode ocorrer por causa de um dos cônjuges. O adultério só é constituído como *crime* se a mulher for casada. Logo, "é o *status* matrimonial da mulher, jamais o do homem, que permite definir uma relação como adultério". Ainda segundo Foucault, "ter somente relação com o esposo é para a mulher uma consequência do fato de que ela está sob o seu poder" (p. 135). Pois "se a mulher pertence ao marido, este só pertence a si mesmo" (p. 132).

Em sendo um crime, o adultério, a mulher que o pratica precisa ser penalizada. À época de Rômulo, em Roma, "o marido ou o pater que surpreendesse a mulher ou nora em adultério tinha o direito de matá-la". Com Augusto, competia "ao marido tornar o adultério uma ação pública com repressão obrigatória". No período de Constantino, a adúltera deveria ser "açoitada e encerrada num mosteiro". Com Justiniano, o adultério feminino é entendido como um "delito público"; após "três advertências por escrito", o marido ao surpreender a mulher adúltera deveria "matá-los [ela e o amante] por suas próprias mãos" (KOSOVSKI, 1997, p. 46-7).

Nas palavras de Kosovski, na Idade Média o adultério feminino continua a receber penalidades severíssimas. Tanto "a lei civil como a canônica facultavam ao marido castigar a esposa". O marido saxão não só gozava do direito de matar a esposa, como poderia castigá-la deformando-a, cortando o nariz e a orelha, por exemplo. Em Nápoles, Século XVI, "o marido sentia-se obrigado a punir com a morte a mulher infiel". Os germanos "puniam a adúltera com a decapitação" (p. 48).

Em 1787, a Áustria passou a considerar o adultério como um crime político. E como nos demais momentos da história, mais uma vez, a mulher adúltera foi julgada com maior rigor. A principal causa do divórcio passou a ser o adultério. Na França, em 1810, a mulher adúltera era punida com pena de prisão; para o marido "a pena imposta era só patrimonial" (*ibidem*, p. 49).

O que a história nos tem mostrado são "diferentes momentos para o adultério, com posicionamentos distintos, existindo o crime com maior ou menor gravidade, nem

existindo, ou só sendo considerado em relação à mulher, segundo os desígnios dos interesses vigentes" (*ibidem*).

A sociedade patriarcal erigiu a propriedade como bem supremo, e a mulher, considerada como mais uma propriedade do homem, devia a ele obediência, lealdade e fidelidade plena e total. Instituições como o Estado e a Igreja sempre deram apoio ao marido para que este fizesse cumprir os seus direitos, exigindo da mulher o cumprimento dos seus deveres.

Assim, com o apoio das reflexões foucaultianas, percebemos a sexualidade, por conseguinte a fidelidade, masculina e feminina, como construções culturais, complexas e instáveis formadas na multiplicidade de discursos verificados na sociedade de cada época.

Verificamos também que na construção das identidades "os homens tendem a construir posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência", afirma Woodward (2004, p. 10). Para esta pesquisadora, a "redescoberta do passado é parte do processo de *construção de identidade* que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise" (p. 12), na família brasileira.

6.2. A infidelidade feminina: uma identidade assumida

Na pesquisa que realizamos, na perspectiva de construção da identidade do sujeito mulher, a partir do discurso humorístico, percebemos a fidelidade/infidelidade como fenômenos sociais importantes neste processo. As piadas e outros gêneros humorísticos, ainda que tragam à tona estereótipos vários atribuídos à mulher – *faladeira, burra, gastadeira, ranzinza, fofoqueira, mentirosa, invejosa, volúvel, lasciva, dengosa* etc. – em grande parte, arriscamos afirmar, projeta o estereótipo da esposa infiel. Isto foi possível perceber ao pesquisarmos muitas das diversas categorias propostas nos sites humorísticos. Selecionamos quatro delas – piadas de padres (Exemplo 28), piadas de idosos (Exemplo 29), piadas de amigos (Exemplo 30), piadas curtas (Exemplo 31) – para confirmar o nosso ponto de vista.

Na categoria piadas de padres selecionamos o seguinte Exemplo (28):

⇨ Exemplo 28 – Caí no Buraco – Acesso em 05.07.2010
Disponível em
http://www.osvigaristas.com.br/piadas/padres/cai-no-buraco-8981.html

Caí no Buraco

Em **Padres** — 18/02/2010
Para facilitar a confissão das mulheres que pulavam a cerca, o padre da pacata cidadezinha do interior acunhou uma expressão idiomática: "Padre, eu caí no buraco".
Um dia, o velho padre bateu as botas. Logo no primeiro dia de trabalho, o seu sucessor se viu surpreendido com o fato de que várias mulheres fizessem sempre a mesma confissão: "Padre, eu caí no buraco".
No sábado seguinte, durante um jantar que o Prefeito e sua esposa haviam preparado para lhe dar as boas vindas, o padre arriscou:
— Senhor Prefeito, eu acho que o senhor precisa cuidar um pouco mais das ruas da cidade! Muitas mulheres estão vindo reclamar para mim que toda hora estão caindo num buraco!
O Prefeito, que já sabia da história, caiu na gargalhada.
— E o senhor ainda ri? — se irritou o padre — Pois saiba que a sua esposa já caiu três vezes só nesta semana!

⇨ Exemplo 28: Reprodução.

O mecanismo acionado para provocar o riso é a ausência do conhecimento pré-construído entre o novo padre e as mulheres, que o faz equivocadamente produzir o seguinte enunciado: “Senhor Prefeito, eu acho que o senhor precisa cuidar um pouco mais das ruas da cidade! Muitas mulheres estão vindo reclamar para mim que toda hora estão

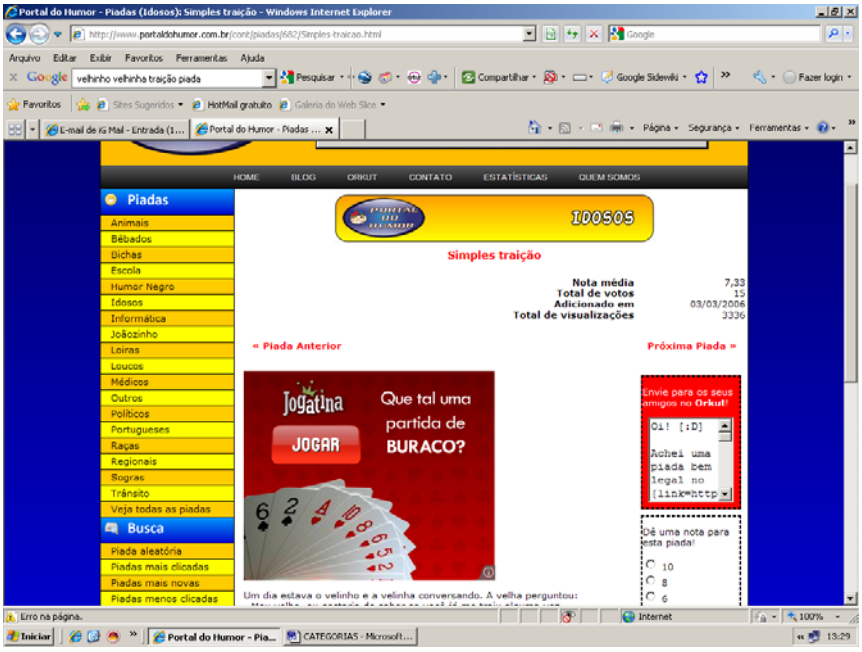
caindo num buraco!" A gargalhada do prefeito (uma atitude responsiva, na proposta bakhtiniana) provoca a irritação do novo padre, que replica: "E o senhor ainda ri? Pois saiba que a sua esposa já caiu três vezes só nesta semana!"

Se for questionada a razão do aborrecimento do padre, poderemos encontrar a resposta na sociologia. "A estabilidade e o sentido da nossa vida social cotidiana dependem de pressuposições culturais compartilhadas embora não-verbalizadas sobre o que é dito e por que é dito" (GIDDENS, 2005, p. 87).

O efeito do humor decorre de o padre ter um foco e a resposta do prefeito (a gargalhada) tem um outro foco. E assim, sem o saber, o padre revela para o marido a infidelidade da esposa.

Observada a cena na perspectiva sócio-histórico-discursiva, podemos afirmar que a infidelidade feminina não somente faz parte da vida das mulheres de grandes cidades, como já é uma realidade em "pacatas cidadezinhas do interior". Várias mulheres já no primeiro dia de função eclesiástica afirmam ter "caído no buraco". Até mesmo a esposa do prefeito em uma só semana "caiu no buraco três vezes". Em outras palavras, não só é grande o número de mulheres infiéis como algumas traem várias vezes em um curto espaço de tempo.

A piada a seguir é da categoria *idosos*.



⇨ Exemplo 29 – Simples traição – Acesso em 19.06.2010
Disponível em
http://www.portaldohumor.com.br/cont/piadas/682/Simples-traicao.html

Simples traição

Um dia estava o velinho e a velinha conversando. A velha perguntou:
- Meu velho, eu gostaria de saber se você já me traiu alguma vez...
O velho respondeu:
- Já minha velha, 1 vez. Sabe a Júlia do 306? Pois é... aquele corpo todinho foi meeeuuu. E você minha velha, já me traiu alguma vez?
- 1 vez também meu velho... sabe aquele corpo de bombeiros que tinha na frente da nossa casa? Pois é... aquele corpo todinho foi meeeuu!!!

⇨ Exemplo 29: Reprodução.

Entre os comportamentos que a sociedade atribui ao idoso, conversar e contar as suas recordações é um deles. E é justamente o que está fazendo o casal de idosos, abordando a *traição* como tema. O gatilho do riso é provocado pela ambiguidade lexical. Um caso de polissemia do signo. *Corpo* entendido como a configuração da espécie humana, o conjunto formado por cabeça tronco e membros. E *corpo* entendido como a corporação paramilitar, composta de vários homens, dedicada a combater o incêndio, bem como a socorrer vítimas de catástrofes.

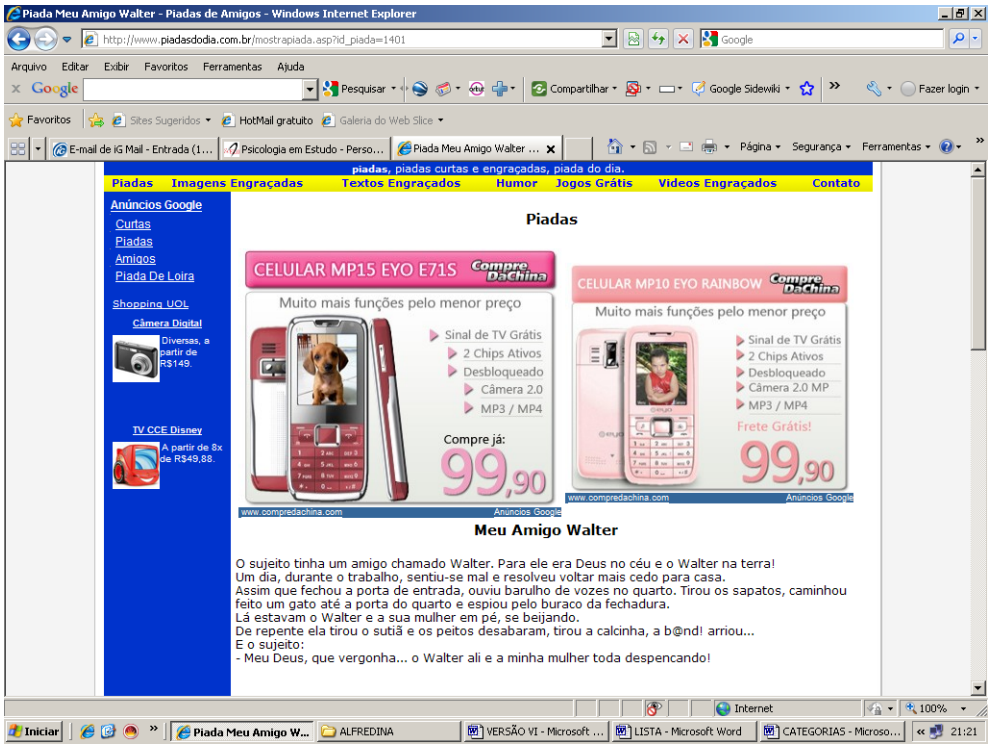
O conhecimento prévio do ouvinte/leitor da piada faz com que ele perceba o artifício linguístico usado pela senhora, que estaria confessando não "uma" traição, mas "várias" traições.

Depois de anos de convivência, ao fim da vida, fica constatada a inexistência de uma fidelidade recíproca. Seria a instituição casamento um equívoco, uma hipocrisia, uma mentira? Perrot (2007, p. 47) afirma: "É claro que o amor conjugal pode existir. Mas é um golpe de sorte ou triunfo da virtude". Ainda assim, "o casamento por amor [ou sem amor] é a única opção honrosa para uma mulher, seu abrigo seguro" (*ibidem*).

Nesta piada, o fenômeno da hiperbolização teria sido usado para condenar o comportamento da mulher ou para revelar uma nova identidade de mulher? Talvez nem tão nova assim, visto que o símbolo da mulher em questão é uma "senhora velhinha" (70, 80, 90 anos?). Há quantos décadas vem sendo construída sutilmente esta identidade? O dizer da piada recupera um já dito que reafirma a infidelidade feminina, um discurso cristalizado pela história e memória discursiva.

A violação da fidelidade conjugal, imposta aos cônjuges, foi sempre exigida apenas da mulher, porque segundo Foucault (2001, p. 132) "é o *status* matrimonial da mulher, jamais o do homem, que permite definir uma relação como adultério" (p. 132).

Vejamos, a seguir, o Exemplo (30) que explora a categoria *amigos* no discurso humorístico:



⇨ Exemplo 30 – Meu amigo Walter – Acesso em 19.06.2010
Disponível em
http://www.piadasdodia.com.br/mostrapiada.asp?id_piada=1401

Meu Amigo Walter

O sujeito tinha um amigo chamado Walter. Para ele era Deus no céu e o Walter na terra!
Um dia, durante o trabalho, sentiu-se mal e resolveu voltar mais cedo para casa.
Assim que fechou a porta de entrada, ouviu barulho de vozes no quarto. Tirou os sapatos, caminhou feito um gato até a porta do quarto e espiou pelo buraco da fechadura.
Lá estavam o Walter e a sua mulher em pé, se beijando.
De repente ela tirou o sutiã e os peitos desabaram, tirou a calcinha, a b@nd! arriou...
E o sujeito:
- Meu Deus, que vergonha... o Walter ali e a minha mulher toda despencando!

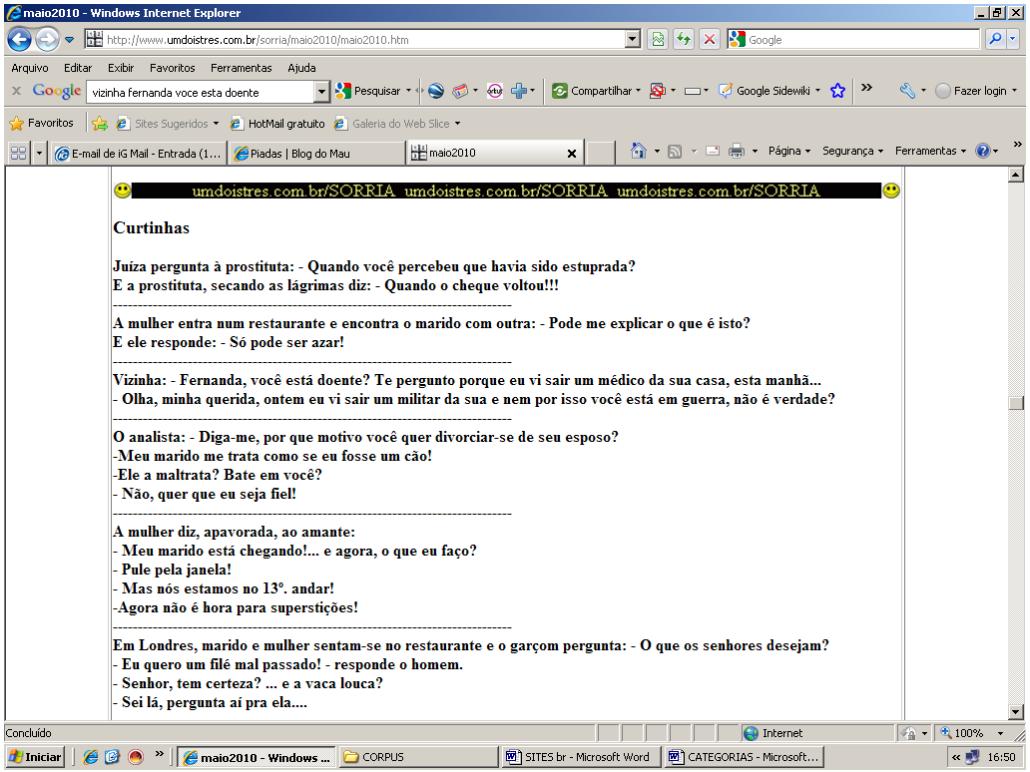
⇨ Exemplo 30: Reprodução.

Souza & Hutz (2008, p. 259) afirmam que para alguns estudiosos "a amizade é um relacionamento pessoal e privado, sem a imposição de valores ou normas culturais". Por

outro lado, “se a amizade fosse um relacionamento imune à cultura, não haveria pesquisas apontando sua influência na formação, desenvolvimento e manutenção das amizades”. Os estudiosos acrescentaram que pesquisas realizadas no Brasil com adultos apontaram a importância da amizade porque “responde a necessidades emocionais, é um relacionamento especial e faz parte da natureza humana” (p. 262).

Neste discurso humorístico (Exemplo 30), o enunciador deixa marcas de um dizer que denuncia a infidelidade feminina. Um dizer construído pela história e memória de discursos outros e que sempre (re)aparece nas piadas que “brincam” com a postura e moral da mulher na sociedade. Um dizer cristalizado que se dissolve na opacidade da linguagem da piada: as mulheres traem.

A seguir (Exemplo 31) observaremos a categoria divulgada nos sites humorísticos como *curtas* ou *curtinhas*.



⇨ Exemplo 31 – Curtinhas – Acesso em 19.03.2010
Disponível em
http://www.umdoistres.com.br/sorria/maio2010/maio2010.htm

Curtinhas

Vizinha: - Fernanda, você está doente? Te pergunto porque eu vi sair um médico da sua casa, esta manhã...
- Olha, minha querida, ontem eu vi sair um militar da sua e nem por isso você está em guerra, não é verdade?

O analista: - Diga-me, por que motivo você quer divorciar-se de seu esposo?
-Meu marido me trata como se eu fosse um cão!
-Ele a maltrata? Bate em você?
- Não, quer que eu seja fiel!

A mulher diz, apavorada, ao amante:
- Meu marido está chegando!... e agora, o que eu faço?
- Pule pela janela!
- Mas nós estamos no 13º. andar!
-Agora não é hora para superstições!

⇨ Exemplo 31: Reprodução.

I. Piada

Vizinha: - Fernanda, você está doente? Te pergunto porque eu vi sair um médico da sua casa, esta manhã...

- Olha, minha querida, ontem eu vi sair um militar da sua e nem por isso você está em guerra, não é verdade?

Na primeira piada verificam-se dois estereótipos da figura feminina: a esposa *infiel* e a *fofoqueira*. O *vizinho*, aquele que mora nas proximidades, é um observador em potencial da vida do outro. Para Gaiarsa (1978, p. 15), "todos sabem que a fofoca está aí, todo mundo faz parte dela, todo mundo morre e vive por ela, mas todos dizem que a fofoca é uma tolice". Vítima ou agente da fofoca toda a sociedade de uma forma ou de outra com ela se envolve, com ela se identifica, porque a fofoca é um fenômeno social dos mais populares (*ibidem*).

Assim sendo, por que só as mulheres são tidas como fofoqueiras? Esta não seria mais uma fofoca? Mas, o que é a fofoca? Fofoca, boato, mexerico "é um comentário intrigante. É a informação ou um comentário tendencioso sobre um terceiro [em geral] ausente", afirma Gaiarsa (*ibidem*, p. 29). E acrescenta o pesquisador: "A fofoca é o principal instrumento e motivo de toda autocensura, de toda autocastração, de toda a

irrealização pessoal" (p. 21). Portanto, podemos inferir que mesmo que a fofoca seja considerada um comportamento negativo, o temor desta nos livra, algumas vezes, de muitas atitudes censuradas pela sociedade e que, possivelmente, nos trariam alguns dissabores.

Quanto à possibilidade das duas vizinhas (I. Piada) manterem um compromisso estável com alguém, não está explícito na piada, portanto é uma informação não confirmada, porém também não é negada. Como estamos na perspectiva do discurso humorístico, e como o estereótipo recai sobre a mulher, o ouvinte/leitor não questiona o estado civil das mulheres, a inferência feita é que ambas estão sendo infiéis. Afinal, em nossa sociedade, de acordo com Goldenberg (s/d), "ser e parecer são a mesma coisa".

II. Piada

O analista: - Diga-me, por que motivo você quer divorciar-se de seu esposo?
-Meu marido me trata como se eu fosse um cão!
-Ele a maltrata? Bate em você?
- Não, quer que eu seja fiel!

O discurso da infidelidade feminina é mais uma vez recorrente nesta II Piada. Um discurso que parece afirmar que toda mulher é infiel. Isso implica os papéis sociais que homens e mulheres deveriam cumprir e nas regras que, no passado, regiam o comportamento sexual de ambos. A ridicularização do marido traído – o *corno* – se dá através da ponte entre a incapacidade de dominação masculina decorrente da infidelidade feminina. Na piada a concepção feminina é de que a mulher pode trair, a exemplo do homem. Logo, o mito de que a infidelidade diz respeito ao instinto natural essencialmente masculino cai por terra.

III. Piada

A mulher diz, apavorada, ao amante:
- Meu marido está chegando!... e agora, o que eu faço?
- Pule pela janela!

- Mas nós estamos no 13º. andar!

-Agora não é hora para superstições!

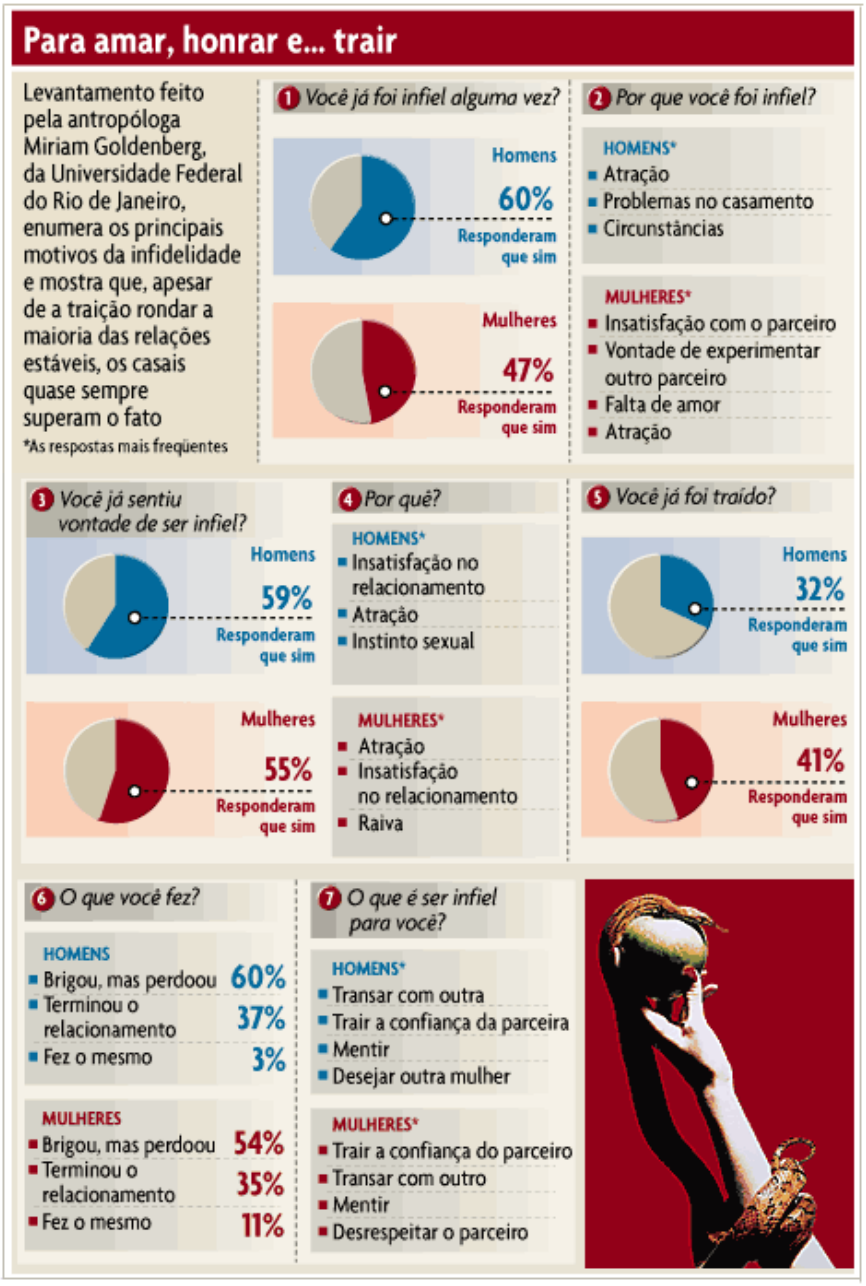
Na III Piada, a figura masculina do amante induzido a fugir, joga toda a responsabilidade da traição para a mulher. O proibido é para ela e não para ele. Este é um discurso disseminado no dizer masculino. Só ao homem é permitido trair. A infidelidade feminina, considerada um desvio de comportamento, é inaceitável. A mulher tendo rompido com o pacto estabelecido secularmente, desviando-se do papel que lhe foi atribuído, um comportamento de submissão, de dedicação, deverá explicar a sua conduta de infiel ao marido.

Podemos assim observar que as piadas (I, II e III) se diferenciam enquanto texto, porém trazem o mesmo discurso de denúncia da infidelidade feminina através do discurso humorístico.

Diferentemente do homem, a mulher não foi educada para trair, ainda que o faça, o que a deixa quase sempre com conflitos de consciência, que motivam sentimentos contraditórios e não-resolvidos. Ainda assim ela trai. O que a leva a trair? De acordo com Goldenberg (2006), a *vingança* (remetemos o leitor para o Exemplo 14), quase sempre é a grande motivação. Para tanto, observaremos os resultados da pesquisa realizada por Goldenberg, que ratificam o discurso humorístico que traz à tona a questão da infidelidade feminina.

A estudiosa defende que a infidelidade feminina e masculina são ocorrências comuns em nossa sociedade brasileira, embora as atenções de todos sejam desviadas, voluntária ou involuntariamente, para outros fenômenos sociais. "Nem todo mundo acredita na monogamia, mas todos vivem como se acreditassem", afirma a pesquisadora (p. 47).

A pesquisa, sobre o tema da infidelidade, foi realizada por Mirian Goldenberg em 1998, com 835 mulheres e 444 homens, de nível universitário, das camadas médias urbanas do Rio de Janeiro, entre 17 e 50 anos, com renda acima de R$ 2.000,00. O questionário aplicado pela antropóloga tinha 37 perguntas, das quais sete diziam respeito à infidelidade. O resultado, em síntese, desta pesquisa, está registrado no Quatro 3 abaixo reproduzido.



⇨ Quadro 3 – Para amar, honrar e... trair – Acesso em 16.06.2010
Reprodução: Veja edição 1734, 16 de janeiro de 2002.
Disponível em http://veja.abril.com.br/160102/p_076a.html

Já a psiquiatra Carmita Abdo, fundadora e coordenadora de pesquisas de Projeto de Sexualidade da USP, entrevistou 3.000 pessoas na mesma faixa etária e constatou que 67% dos homens e 23% das mulheres já traíram o parceiro" (*apud* GOLDENBERG, 2006, p. 143).

Não é possível verificar a verdade ou inverdade em pesquisas dessa natureza, reconhece Goldenberg. Na ciência das estatísticas este sem dúvida é um terreno

escorregadio. Para o homem, a infidelidade é uma autoafirmação. Para a mulher ainda é um tabu. A posição de Zampieri (2004, p.169-70) a esse respeito é que "parece haver diferentes códigos de honestidade, dependendo do gênero". Por isso, afirma Goldenberg (2006), os percentuais com relação à infidelidade feminina "podem ser muito maiores" (p. 143-4). A estudiosa conclui, após a análise do seu *corpus* que a sexualidade ainda é a razão maior da infidelidade masculina. Quanto às mulheres, estas traem por "motivos ligados ao casamento e também por vingança" (*ibidem*, p. 144).

Isto significa dizer que a mulher responsabiliza o homem pelo seu ato de infidelidade. "Ela se diz uma vítima da falta de atenção e de desejo do homem", afirma Goldenberg (*ibidem*, p. 283). O que fica óbvio é que a mulher precisa de uma justificativa para trair, porque "o ato da infidelidade sexual pode vir seguido de sentimentos de culpa e temor ou de ira contra o cônjuge que foi traído, num esforço para responsabilizá-lo sobre a própria traição", nas palavras de Zampieri (2004, p. 160).

Ainda que as mulheres sejam bem mais livres em seus comportamentos, profissionais de sucesso em todas as áreas, maioria quase absoluta em grande parte dos cursos universitários, chefes de famílias em boa parte dos lares brasileiros e que segundo as pesquisas traiam cada vez mais; o homem continua sendo apontado "como o único responsável por seus desejos e comportamentos sexuais", de acordo com Goldenberg (*ibidem*, p. 343). Como vítima, a mulher estaria reagindo à dominação masculina. Este é um discurso cultural hegemônico, indicando a supremacia do discurso masculino, ainda com base em estruturas binárias de poder e submissão.

Esta pesquisa foi a motivação da reportagem de capa da VEJA de fevereiro de 2002[56]. Em outubro de 2004, a VEJA publica outra reportagem de capa[57], com o mesmo tema. Nesta ocasião a própria editora se encarregou em fazer a pesquisa de campo, nas capitais do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife.

[56] Disponível em http://veja.abril.com.br/160102/p_076.html
[57] Disponível em http://veja.abril.com.br/131004/p_084.html

Edição 1734 – 16.02.2002
Figura 4 – Traição e culpa

Edição 1875 – 13.10.2004
Figura 5 – Por que elas traem

Enquanto na primeira reportagem (ambas são assinadas por Daniela Pinheiro) o foco da atenção voltava-se para o alto índice da infidelidade conjugal feminina no Brasil, fenômeno que ficou conhecido como a "vingança de Amélia", o estereótipo da mulher dedicada e submissa. A segunda reportagem teve como objetivo "procurar saber como, por que e com quem as mulheres andam traindo". Portanto, a infidelidade feminina na ocasião já era percebida como um fato consumado, possivelmente irreversível. Surge mais uma arena de conflito social de gênero, baseada na sexualidade.

Esta identidade de mulher indefesa, que não se responsabiliza pelos seus desejos e atos, aspirando ainda ser protegida pelo homem (foto da edição 1734), não mais encontra ressonância no discurso das mulheres entrevistadas para a segunda reportagem. A traição ocorre sem culpa. As razões dadas para a traição são agora curiosidade, oportunidade e solidão no casamento. Traem com amigos, ex-namorados, médicos, pediatras dos filhos, *personal trainers*, dentista etc. Entre as entrevistadas – três grupos de 10 mulheres, entre 20 e 60 anos – poucas afirmaram sentir remorso.

Concordamos com o sociólogo Touraine (2007, p. 04) quando este afirma que "as mulheres adquiriram hoje uma posição dominante numa nova posição da cultura". E acrescenta: "as mulheres procuram reunificar os elementos que foram separados: vida pública e vida privada; sexualidade e espírito".

A infidelidade conjugal feminina ainda não deixou de ser vista como um comportamento desviante, mas já não é mais privilégio do sexo masculino. Talvez nunca tenha sido. A que atribuir a possibilidade de tal mudança? Dois fatores nos parecem os

principais: a pílula e a independência financeira. Para Priore (2010), "graças à pílula, o sexo não é mais uma questão moral, mas de bem-estar e prazer. O aumento de divórcios não impede a mulher de recomeçar" (p. 59). Graças também a independência financeira, continua a historiadora, a mulher "não fica mais casada por conveniência, dividida entre o desejo de vários parceiros sexuais e a estabilidade necessária aos filhos" (*ibidem*).

A mulher é hoje incomparavelmente mais livre do que foi ontem. E ao assumir publicamente ser infiel, deixa evidente que a "natureza poligâmica masculina" não passa de uma fábula levada a sério: "o maior mito da sexualidade", sustenta a antropóloga Helen Fisher, da Universidade Rutgers, nos Estados Unidos, em depoimento dado a Daniela Pinheiro.

Estas e outras experiências são vivenciadas por homens e mulheres no atual contexto sócio-histórico brasileiro, tais como as mudanças no mercado de trabalho, na justiça social, nos padrões de emprego e nas relações familiares. O gênero e a sexualidade, nos termos de Woodward (2004), "produzem novas formas de identificação" (p. 31).

Diante das reflexões já formuladas, afirmamos com base em Woodward (2004), que as identidades são marcadas pelas diferenças, mas no processo de mudança "algumas diferenças podem ser obscurecidas" (p. 14), ou até mesmo apagadas. E outras vão surgindo. Parece ser o que vêm ocorrendo nos últimos anos no que diz respeito às identidades marcadas pelo gênero.

O fato é que as piadas promovem a discussão da questão da infidelidade feminina construindo uma marca identitária da mulher: aquela que também trai. Ao trazer este dizer pelo discurso humorístico, o faz ridicularizando a figura feminina e não a masculina.

6.3. O cabelo loiro: do Jardim do Éden a Hollywood

Os cabelos fazem parte da identidade de uma pessoa, é parte do seu corpo e dá-lo a alguém "é dar uma parte de si", afirma Perrot (2007). Ainda para esta autora, "raspar os cabelos de alguém, homem ou mulher, é tomar possessão dele ou dela, é torná-lo anônimo". Por isso mesmo, que tanto na Antiguidade como hoje, os prisioneiros são submetidos à tosquia. "Sofrimento para todos, a perda dos cabelos é particularmente sensível para as mulheres por serem o sinal mais visível da feminilidade. Ver-se no espelho sem cabelos, após uma quimioterapia, constitui uma prova terrível" (p. 51-4).

Os sexos são marcados pela pilosidade: a barba – sinal de virilidade, sabedoria, fecundidade, potência, coragem – para os homens. As figuras de Zeus, de Deus Pai, de Deus Filho, de Abrão e dos sábios em geral são representadas barbudas. A barba diz Perrot, representa "a idade, a duração fundadora, o tempo, a paternidade", a superioridade (*ibidem*).

Já os cabelos para as mulheres é sinal de feminilidade e sedução, sugerindo "a proximidade da natureza, da animalidade, do sexo e do pecado" (*op cit*). "A mulher é confundida com seu sexo e reduzida a ele", nas palavras de Perrot (2007, p. 64). Em sendo assim, a mulher loira passa a ser a ideal no imaginário masculino. Presume-se que "ela seja branca e, por conseguinte, tenha os cabelos lisos (no máximo, encaracolados) e sedosos", portanto o arquétipo perfeito. Isto significa dizer que o mesmo já não ocorre com a mulher negra, "cujos cabelos são cacheados (a maioria crespos) e volumosos, nada sedosos" (PERROT, 2007, p. 55). O cabelo loiro é o preferido da maioria dos pintores, a exemplo de Veronese ou Tintoretto, porque tais cabeleiras iluminam as suas telas (*op cit*). A questão é: em que momento surgiu esta simbologia?

Blonde, loira em inglês, é um termo que como tanto outros não temos a certeza de sua origem. Blandus, *encantador* em latim, seria *Blundus* no latim medieval, significando *amarelo*. "Somente na década de 1930 foi introduzido no vocabulário inglês como substantivo que refere as sereias vampirescas de Hollywood", de acordo com as pesquisas realizadas por Pitman (2004, p. 09), autora da obra – *Acerca de louras*[58]*: de Afrodite a Madonna*. Não é um tema bem visto nas academias, nas palavras da autora, talvez porque se toca em um ponto nevrálgico: o discurso racial, além do discurso sexista. Pela escassez de documentação não foi um objetivo – buscar as razões do mito da loira – fácil de ser concretizado, nem por Pitman, nem por nós.

Em todas as épocas o cabelo loiro, ao longo da História, é um enigma: atração sexual para os homens e detentor de poderes sobrenaturais no imaginário das mulheres. Imagens como as de Eva, Afrodite e Lilith, por exemplo, confundem-se em uma só. Porque as três são idealizadas a partir do mesmo arquétipo, um protótipo ou modelo eterno de mulher ideal: pele alva e longos cabelos loiros, parâmetros de beleza e sexualidade em todos os tempos. Uma imagem simbólica alimentada no inconsciente coletivo.

[58] Optamos pela grafia *loira*, português do Brasil. Pitman faz uso da grafia *loura*, correspondente ao português de Portugal.

Perrot (2007) acrescenta, a mulher é “um rosto, um corpo, vestido ou nu. É feita de aparências. Ela deve ora se ocultar, ora se mostrar. Os cabelos, por exemplo, condensam sua sedução”. Eles “são o símbolo da feminilidade, condensando sensualidade e sedução e atiçando o desejo” (p. 49-51).

Figura 6 – Eva, Afrodite e Lilith.

Eva, a primeira mulher loira arquetípica, tornou-se “uma ferramenta importante da Igreja nos seus esforços para desacreditar e abafar a sexualidade feminina”. Além de “desobediente, subversiva e lasciva era linda”. Este aspecto – a beleza – para a Igreja é possivelmente o atributo mais perigoso de todos. A “mãe primeira de todas as mulheres”, que dela herdou o poder de atração sexual e a vileza da mentira, tal como assinala Pitman (2004, p. 47). Partilhando da essência de Eva, a mulher tem sido permanentemente controlada. Mesmo assim a mulher é capaz de governar a própria sexualidade, de acordo com o pensamento de Robles (2006), a seguir:

> A mulher arrasta consigo o tríplice preconceito de haver cedido ao chamado do diabo; de se atrever a incitar ao pecado não a qualquer homem, porém ao mais inocente e puro de todos – àquele que, havendo resistido ao poder da serpente maligna, é seduzido, por sua própria inclinação, a sucumbir ante a imagem perfeita de seu Criador –; e, finalmente, de ser a culpada pela perda do Paraíso. Uma imagem controvertida, é verdade, pois, apesar de tudo, na presumida debilidade implícita de Eva caminha a liberdade de tomar suas próprias decisões (p. 37).

Eva, “responsável pela sexualidade da espécie humana”, foi descrita nos mosteiros e catedrais de toda a Europa, ao longo da Idade Média, “com uma cascata abundante de cabelos louros dourados que a caracterizam como a tentadora demoníaca”, de acordo com Pitman (p.47-8). “Eva é infeliz e maldita em todo o seu sexo”, afirma Bossuet, citado por Perrot (2007, p. 23). Mas, a título de consolação, “cabe às mulheres lembrar-se de sua origem; não vangloriar-se de sua delicadeza e pensar, afinal, que têm origem num osso acessório cuja beleza se limita à que Deus houve por bem lhe conferir’” (*ibidem*).

Afrodite para os gregos, Vênus para os romanos, esta figura divina, nas palavras de Pitman foi “a primeira loura universal, o modelo mundial original da fantasia sexual e poder” (p. 21). “A mais bela de todas as grandes deusas míticas do Mediterrâneo”, de acordo com esta pesquisadora, ela “encorajava o amor entre homens e mulheres, entre mulheres e jovens do sexo feminino e entre homens e rapazes” (p. 22). Nas palavras de Robles (2006):

> A mais bela de todas as criaturas tentava homens e deuses com um sem-fim de artimanhas e sortilégios que agora chamamos ‘afrodisíacos’. Jamais se importou com a fertilidade, para isso existiam as deusas protetoras do matrimônio e da família; tampouco praticou virtudes domésticas, e à sua identidade não corresponde qualquer tipo de amarra. Afrodite é para a liberdade o que o calor significa para a chama. Eterna infiel, desleal e batalhadora, a portadora do amor se caracteriza por sua argúcia ardilosa” (p. 75).

Lilith, por sua vez, ainda segundo Robles (2006), é “ímpeto sexual, mulher emancipada e em fuga, sombra maligna por se haver considerado em pé de igualdade com os homens” (p. 33). Descrita com longos cabelos loiros, é percebida como “um demônio noturno, sedutora dos adormecidos, uma prostituta voluntariosa ou uma vontade poderosa que não se dobra diante da pressão masculina e prefere a transgressão a vassalagem” (*ibidem*). Lilith é “percebida nas brigas matrimoniais, nos desejos insatisfeitos, na separação dos casais, na emancipação frustrada e nos castigos que recaem sobre as mulheres que desafiam as normas sociais” (p. 36).

Com “o selo de aprovação de Afrodite” o cabelo loiro fascinava os homens da Grécia. Representava riqueza e sensualidade. “Luminoso e brilhante, tremeluzia e resplandecia, para produzir, num país de poucas louras naturais, um contraste raro e excitante, com a abundância de cabelo escuro mediterrânico à sua volta” (PITMAN, 2004, p. 23).

Na esteira dessas mulheres surge Maria Madalena, “uma das descendentes mais promíscuas” de Eva, afirma Pitman. “Também era descrita como sendo loura, uma

combinação clássica de beleza feminina, sexualidade e pecado" (p. 48). Se Eva e Maria Madalena eram arquétipos de beleza loira e sensual, Maria, a mãe de Jesus, "tornou-se um pilar de virtude loura" (p. 55). Até o Século XIV, Maria era representada com cabelos castanhos. A mudança ocorreu a partir das "revelações gráficas da visionária sueca Santa Brígida [que] varreram a Europa medieval e começaram a influenciar retratos visuais da Virgem" (p. 56). Enquanto Eva e Madalena foram retratadas com os "cabelos louros descaradamente soltos, a Virgem Maria usava um modesto véu na maior parte das suas primeiras imagens devocionais" (p. 55).

"A delicada imagem da Virgem loura e os seus anjos louros [assexuados] mensageiros de Deus", isentos de pecado, deu margem para o surgimento de "um novo e poderoso simbolismo. A Virgem tornou-se a suprema manifestação da beleza pura superior", assegura Pitman. Uma "beleza imaculada, inocente e incorruptível" (p. 57).

As duas Marias, ambas loiras, uma a mãe de Jesus, a outra... para alguns a esposa de Jesus. Uma é considera o símbolo da virtude, a outra, do pecado; uma era doçura, a outra malícia; uma modesta e humilde, a outra libertina e idealista. "A Virgem Maria era tudo o que não existia em Maria Madalena", afirma Pitman (2004, p. 55). Ambas são perfeitas, só depende do ponto de vista. Razão por que, acrescenta Pitman, "nos séculos vindouros, louras de todas as espécies aprenderiam a manipular essa ambivalência da maneira mais vantajosa" (p. 58). E ninguém interpretou esta ambivalência simbólica e social com mais competência do que Marilyn Monroe.

Identidades produzidas por meio da marcação da diferença, em um determinado momento da História, Maria a Virgem e Maria a Pecadora, são símbolos de classificações culturais. A ordem social é mantida por meio da oposição binária entre o sagrado e o profano. Nas palavras de Woodward (2004) "a identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de *sistemas classificatórios*" (p. 40).

A História prossegue seu curso na Idade Média, período em que as loiras, em sua maioria não autênticas, representavam de acordo com Pitman "uma primeira encarnação das deusas louras icônicas que aguardavam para se apresentar nas telas cinematográficas de Hollywood dos anos trinta" (2004, p. 58). Nas pesquisas desta autora, para "os povos medievais da Europa do norte, o cabelo louro denotava desejo e luxúria, fraqueza e ociosidade, e era associado a todos os pecados do mundo" (p. 61-2). A memória discursiva

não nos permite esquecer que a "mistura de Eva pecadora e Vênus sedutora [fazia] a mulher correr sérios riscos de ser confundida com uma feiticeira, estando, por isso, sujeita a penas do Santo Ofício da Inquisição" (ARAÚJO, 2007, p. 47). A "perseguição às 'feiticeiras' é um elemento claro de luta pela manutenção de uma posição de poder por parte do homem", afirma Alves & Pitanguy (1985). E complementam: "a mulher, tida como bruxa, supostamente possuiria conhecimentos que lhe confeririam espaços de atuação que escapavam ao domínio masculino" (p. 21).

Pitman lembra que as loiras não só estão presentes no imaginário dos adultos (homens e mulheres). As cabeças loiras femininas também são presença constante no universo dos contos clássicos de fadas e bruxas. Jovens lindas, pele clara, faces rosadas, olhos azuis, nariz delicado, sorriso ingênuo, cabelos abundantes e naturalmente loiros (PITMAN, p. 119). Este é o perfil das heroínas no Século XVII. Rapunzel é aquela que tem o cabelo mais loiro e mais longo de todas. Branca de Neve foi a única exceção. Pitman afirma que "uma heroína loura era essencial para um conto de fadas [ser] bem sucedido" (p. 120).

Enfim, seja na ficção, seja na vida real, o loiro tornou-se o estereótipo do ideal humano, particularmente o feminino. Nesta perspectiva, lembramos de Hitler, "um seguidor interessado das teorias da supremacia loura já desde a década de 1910, quando era um pintor pobre em Viena" (p. 163).

Muito ainda poderíamos comentar, a partir das pesquisas de Pitman, sobre o comportamento social em relação à mulher loira, e sobre o procedimento desta, face a estímulos sociais ou a sentimentos e necessidades íntimos ou a uma combinação de ambos. Entretanto, para não fugir da nossa proposta tomamos a direção de Hollywood, onde encontraremos a versão moderna do arquétipo da loira.

"Em 1931, *Platinum Blonde* estreou nos cinemas americanos, com o que iniciou uma revolução capilar. A estrela, Jean Harlow (Figura 7) tinha pintado o cabelo de uma tonalidade de louro deslumbrante", afirma Pitman (p. 163).

Figura 7 – Jean Harlow

A América atingida pela depressão, surpreende-se com esta figura loira, maliciosa e cheia de encantamento. Nunca houvera antes nada igual (PITMAN, p. 163). O fenômeno se estende e as deusas loiras se multiplicam, mas nenhuma, antes ou depois, conseguiu superar aquela que se transformaria no mito: Marilyn Monroe (Figura 8).

Figura 8 – Marilyn Monroe

6.4. A construção do mito da loira: a volúpia, a ingenuidade, a "burrice"

Marilyn Monroe representava "a personificação curvilínea da fantasia de qualquer adolescente masculino", afirma Pitman (2004). Uma idealização fabulosa, foi "moldada cuidadosamente para o voyeurismo masculino" (p. 195). A representante por excelência da *luxúria* e da *volúpia*. A encarnação do pecado. Em catorze anos de carreira (1948-1962) foram rodados trinta e um filmes. A média foi de três filmes por ano. Em 1950 foram seis filmes. Alguns títulos são bem sugestivos fazendo uma referência direta ao estereótipo representado pela atriz, tais como: Idade perigosa (1948), Sempre jovem (1951), Só a mulher peca (1952), Torrentes de paixão (1953), Como agarrar um milionário (1953), Os homens preferem as louras (1953), O pecado que mora ao lado[59] (1955), Nunca fui santa (1956), Quanto mais quente melhor (1959).

Os homens preferem as loiras é uma comédia romântica musical, cujas cenas ocorrem em um cruzeiro rumo a Paris. Lorelei (Marilyn Monroe, a loira) e Dorothy (Jane Russell, a morena) são duas belas dançarinas que embarcam, a convite do noivo milionário de Lorelei. O pai do noivo contrata um detetive para seguí-las e assim conseguir provas de infidelidade da futura nora.

O roteiro do filme foi baseado no romance de Anita Loos publicado em dois volumes. *Os homens preferem as louras* (vol. 1, 2000)[60] *Mas os homens se casam com as morenas* (vol. 2, 2000). O primeiro volume é escrito na forma do gênero Diário[61] e o segundo é um romance autobiográfico, ambos na perspectiva da protagonista Lorelei Lee. Loos, descreve Lorelei Lee como "uma loirinha burra e pouco escrupulosa, que vence na cidade grande a custa de sua beleza, mais que de seus neurônios" (capa do primeiro volume). A obra (os dois volumes) escrita "com muito humor e inteligência, tornou-se um clássico da literatura americana da primeira metade do Século XX. Um livro atual em um país onde a cada dia prolifera adrianes, angélicas, sheilas e carlas. Louras naturais ou de

[59] *O pecado mora ao lado.* Filme, gênero comédia, encenado por Marilyn Monroe, em 1955, e que deixou para a posteridade a cena antológica em que o vestido da atriz "voa" com o vento do metrô. Observamos na relação do elenco principal composto por doze atores que duas personagens não são identificadas por nome próprio. São elas, o "Encanador", como é identificada a personagem de Victor Moore. E a "Garota" a personagem de Marilyn Monroe. Coincidência ou não, sem nos propormos nesta ocasião a fazer nenhuma análise, mas entendemos como sendo dois *estereótipos*: o *encanador*, profissão pouco prestigiada (principalmente a época) e a *garota* facilmente identificada como a "garota de programa".

[60] O primeiro volume foi publicado em 1925.

[61] "O Diário de Lorelei, a loira, que narra suas aventuras em Nova York e na Europa dos anos 20, onde conhece homens de todos os tipos, com duas características comuns: bolsos cheios e um fraco por cabelos dourados emoldurando uma cabecinha oca" (capa vol. 1).

farmácia que seguem conquistando os mais cobiçados artistas, milionários, intelectuais e atletas disponíveis no mercado" (capa do segundo volume). Na apresentação do primeiro volume Anita Loos, uma morena (Figura 9), qualifica as loiras de "desmioladas" e "o máximo em matéria de estupidez humana" (2000, p. 11 e 14).

Figura 9 – Anita Loos

A design de capa dos dois volumes – Tita Nigri – afirma que "o mundo inteiro tomou consciência da importância das madeixas douradas", após a publicação do primeiro volume. Esta verdade, continua Nigri, "foi revelada ainda nos anos 20, quando uma talentosa e jovem roteirista de Hollywood saiu do sério ao ver como os homens tratavam mulheres cuja maior, senão única, qualidade estava na cor dos cabelos" (orelha do vol. 1).

Consideramos pertinente este breve comentário a respeito desta obra e sua autora, porque podemos afirmar que a origem do estereótipo da "loira burra" é a protagonista do romance Lorelei Lee, personificada por Marilyn Monroe que, por exigência dos homens que comandavam Hollywood, representou não somente na ficção, mas também na vida real o seu papel eterno da voluptuosa e ingênua "loira burra". Já não mais se sabia quem era Lorelei Lee e quem era Marilyn Monroe, ficção e realidade imbricadas. Ambas conquistaram os corações dos mais respeitáveis cavalheiros em todo o mundo. Mas, um só homem parece ter marcado a vida de cada uma delas: Henry, o marido milionário de Lorelei Lee. E John F. Kennedy, o amante de Marilyn Monroe. Só a título de observação, lembramos que a esposa de Kennedy, Jacqueline Kennedy, era morena.

Retomamos as reflexões de Pitman (2004), quando ela afirma que para "a cultura popular dos anos cinquenta na América ainda caracterizada por um recato quase vitoriano que igualava o sexo à depravação, o abandono sexual aberto, inocente e sem reservas de Monroe era simplesmente sensacional" (p. 196). Esta era a identidade social de Marilyn, entendida na concepção da sociologia, como "as características que são atribuídas a um indivíduo pelos outros", afirma Giddens (2005, p. 44).

A feminilidade de Marilyn Monroe é entendida por Connell (citado por GIDDENS, 2005, p. 112-3) como uma feminilidade enfática, ou seja, "um importante complemento à masculinidade hegemônica, orientada a satisfazer os interesses e os desejos dos homens". O próprio Connel faz referência à atriz como "a forma 'arquetípica e satírica' da feminilidade enfática". E acrescenta que "as imagens de feminilidade enfática continuam predominantes na mídia, nas campanhas de publicidade [as de cerveja, por exemplo] e marketing" (*ibidem*). Mulheres há que resistem a esse tipo de feminilidade, desenvolvendo estilos de vida não-subordinados à hierarquia masculina. É a feminilidade resistente, mas estas ainda parecem ser minorias em relação à feminilidade enfática.

Desde a criação do fenômeno Marilyn, o estereótipo de *loira burra*, produzido em Hollywood para o mundo, tornou-se um dos temas preferidos do humor, do Século XX, conforme o Exemplo 32, a seguir:

⇨ Exemplo 32 – Einstein e Marilyn Monroe – Acesso em 16.07.2010
Disponível em
http://www.blogtemposmodernos.com.br/2008/12/piada-einstein-e-marilyn-monroe.html

Piada - Einstein e Marilyn Monroe

Um certo diálogo de Einstein e Monroe:

Marilyn Monroe para Einstein:

-Se nós tivéssemos um filho ele seria perfeito, com a minha beleza e com a sua inteligência!

Einstein para Marilyn Monroe:

-O problema seria se nascesse com a minha beleza e a sua inteligência.

⇨ Exemplo 32: Reprodução.

Einstein[62], físico renomado em todos os tempos, desenvolveu a teoria da relatividade, recebendo o troféu de física em 1921, pela correta explicação do efeito fotoelétrico. Marilyn Monroe, "o extraordinário conjunto de curvas e cabelo louro, os olhos semicerrados e as insinuações sexuais sussurradas inocentemente converteram-na na primeira explosiva Estrela do Cinema internacional do mundo" (PITMAN, 2004, p. 196).

Figura 10 – Marilyn Monroe

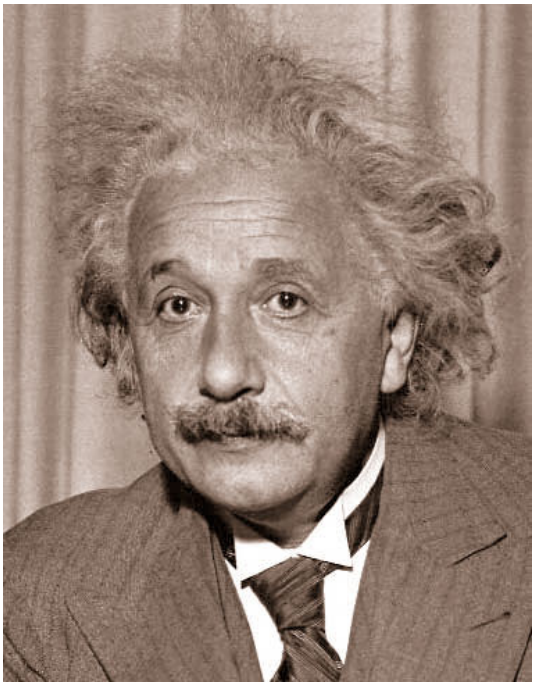


Figura 11 – Albert Einstein

[62] A História não costuma lembrar que Einstein, quando criança nunca apresentou nenhum sinal de genialidade. Estudar as disciplinas da área de humanas sempre foi para ele um suplício. No curso de Matemática e Física não chegou a destacar-se como um excelente aluno. Não vivia debruçado sobre tratados acadêmicos. Depois de formado, ficou durante bom tempo a procura de emprego. "Não apreciava desempenhar o papel de dono da sabedoria". Era uma figura simples e modesta. Disponível em http://www.brasilescola.com/biografia/albert-einstein.htm

Percebemos mais uma vez as diferenças produzidas por meio de oposições binárias: linda e feio, bela e fera, "burra" e inteligente, mulher e homem. O homem dotado de inteligência ampla e a mulher de inteligência reduzida. Este é o foco da piada, verificado através do discurso sexista. O postulado da superioridade considerada natural de todos os homens sobre todas as mulheres.

Sabemos que a identidade é marcada pela diferença, mas, segundo Woodward (2004), "parece que algumas diferenças [nesta pesquisa diferenças de gêneros] são vistas como mais importantes que outras". Para esta pesquisadora "a emergência dessas diferentes identidades [homem *vs*. mulher] é histórica. Ela está localizada em um ponto específico no tempo. Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos" (p. 11).

A sociedade "estruturada sob parâmetros masculinos transformou-se em denúncia de como as inteligências femininas esbarram em obstáculos interpostos pelos homens para lhes impedir o justo reconhecimento ou as posições tidas como bem-sucedidas, seja no ambiente acadêmico, seja nos recintos historicamente reservados à consagração do talento" (ROBLES, 2006, p. 390).

A História narrada pelas vozes masculinas prefere omitir que "ao mesmo tempo em que se desenvolve a instrução masculina em vários níveis, a educação da mulher sofre revezes, tanto no campo do preparo profissional, quanto na formação intelectual", de acordo com Alves & Pitanguy (1985). As pesquisadoras acrescentam que "não se tem registro de mulheres frequentando universidades até meados do Século XIX". E mais, como havia escolas públicas na Europa para meninos e meninas, "a defasagem entre o número de escolas masculinas e femininas é enorme". E complementam as estudiosas. "Tal defasagem se dá não somente em termos quantitativos como também no que se refere à qualidade do ensino ministrado. O currículo das meninas enfatizava o aprendizado das prendas domésticas e sua escolarização não as preparava para o ensino superior, que, aliás, sequer lhes era acessível" (p. 28). As meninas devem ser educadas e não instruídas. E se instruídas, apenas o necessário para bem desempenhar os seus papeis de mãe, esposa e dona de casa exemplar.

"O saber é contrário à feminilidade", afirma Perrot (2007). É por isso, continua a estudiosa, que "Eva cometeu o pecado supremo. Ela, mulher, queria saber; sucumbiu à tentação do diabo e foi punida por isso" (p. 91). E continua a historiadora: "feminilidade e saber se excluem. A leitura abre as portas perigosas do imaginário. Uma mulher culta não é

uma mulher" (p. 93). Escreveu Joseph de Maistre, citado por Perrot. "O grande defeito de uma mulher é o de ser um homem. E querer ser homem é querer ser culto" (p. 93).

Como representação personificada da feminilidade, Marilyn Monroe precisava passar a imagem de pouco inteligente, ou melhor, de "burra". Consciente de que sua imagem e comportamento foram meticulosamente produzidos pelos homens dirigentes de Hollywood, imagem esta que não só fascinava os homens, como causava inveja às mulheres e era alvo de gracejos e comentários, às vezes divertidos, outras vezes maldosos (Exemplo 32), algumas vezes até perversos, Marilyn Monroe faz um apelo: "Por favor, não faça de mim uma piada. Termine a entrevista falando no que acredito. Não me importo que façam piadas, mas não quero parecer uma. Quero ser uma artista, uma atriz com integridade"[63].

Pitman (2004, p. 213) esclarece que "as anedotas de louras estúpidas começaram a brotar dos pubs[64] e discotecas na década de 1970 para se juntarem às correntes das irlandesas que circulavam havia anos" (p. 213).

Foi em 1977, que a revista *Listener* publicou um artigo de Charles Marowitz intitulado "A irresistível loura burra". Uma descrição perfeita para o estereótipo da loira *burra* reproduzida incansavelmente no discurso humorístico. Transcrevemos um trecho a seguir:

> Trata-se de uma criatura que não tem pretensões de ser letrada ou intelectualmente sapiente. Não entra no jogo de palavras sofisticado. Não tem conceitos a debater, nem teorias para defender. Os seus pontos mais salientes são físicos e imbuídos de uma espécie de sexualidade irresistível... ela sobressai nos lugares apropriados. O seu corpo convida abordagens animais. A sua aura sugere que foi constituída anatomicamente para o exercício do prazer. As suas conversas banais, trivialidades e mesmo os disparates são, de certo modo, atributos necessários que na verdade realçam os seus outros atractivos (PITMAN, 2004, p. 213-4).

Assim, para manter a loura estúpida viva, Pitman afirma que, "dezenas de *sex simbols* louras continuavam a ser congeminadas pelos poderosos de Hollywood e os novos magnatas da televisão" (p. 214).

Por outro lado, "a discussão sobre identidades sugere a emergência de novas posições e de novas identidades" (p. 19). Esta afirmação de Woodward nos parece possível de confirmar na identidade de mulher que emerge do ícone Madonna. Uma identidade que,

[63] Disponível em http://www.pensador.info/autor/Marilyn_Monroe/3/

[64] **Pub** deriva do nome formal inglês "public house". É um estabelecimento licenciado para servir bebidas alcoólicas, originalmente em países e regiões de influência britânica. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Pub

como todas as identidades, é "o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva" (SILVA, 2004b, p. 81).

"À semelhança de Marilyn, Madonna foi uma narcisista de cabelo escuro e ambição com traços de exibicionismo", prossegue Pitman (224). A partir do momento em que "a sua marca de sexualidade rebelde, apoderou-se das imagens de outros símbolos sexuais icônicos, entre os quais Mae West e Marilyn Monroe", e destes ícones copiou "o piscar de olho sugestivo da primeira, a voluptuosa sexualidade de lábios húmidos da segunda", tornando-se adorada pelo público, Madonna assumiu definitivamente os cabelos loiros, afirma Pitman (*ibidem*).

Quando morena, "Madonna fora uma beldade opressiva, mas loura tornara-se numa deusa. O que equivalia a mais vendas, mais estrelato e mais poder". Durante uma entrevista, Madonna revelou à revista *Rolling Stone*: "ser loura é indiscutivelmente um estado de espírito diferente. Não posso determinar a causa, mas o artifício de ser loura tem uma incrível espécie de conotação sexual" (p. 225-6).

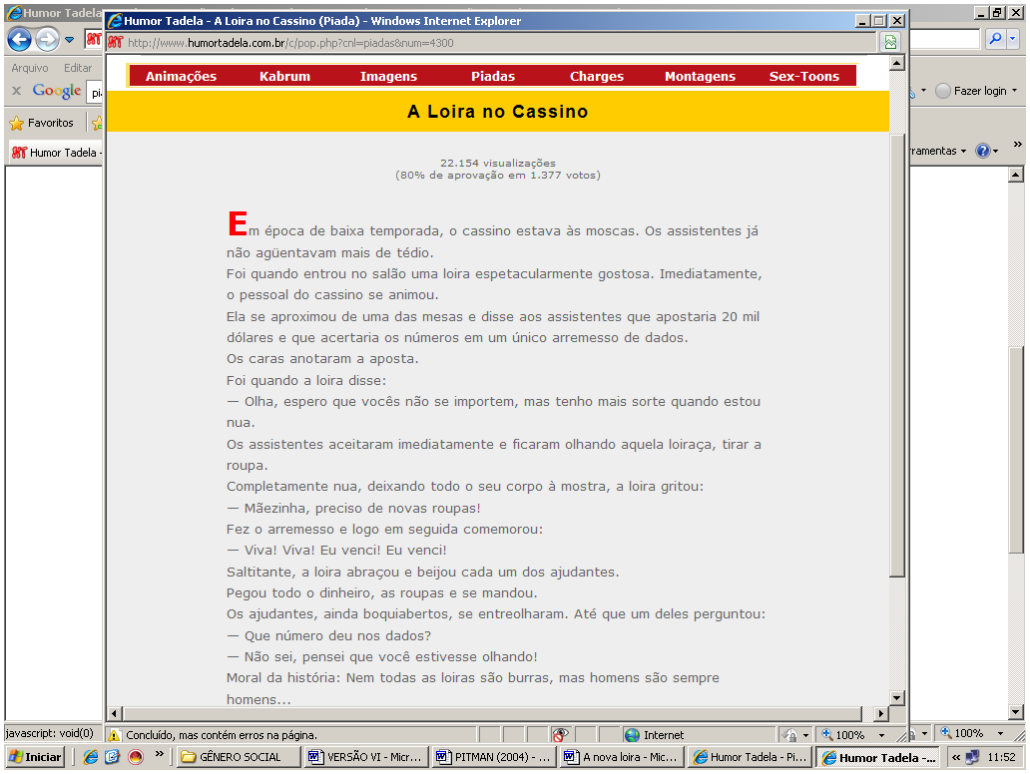
As imagens de Marilyn Monroe e Madonna (Figuras 12 e 13) podem até ser confundidas, mas a diferença entre as duas talvez, de acordo com Pitman (2004) "represente as mudanças sociais e sexuais que ocorrem desde os anos oitenta [Século XX]. Enquanto Marilyn era uma criação de e para os homens, Madonna sempre considerou as mulheres o sexo dominante" (p. 224). Ainda assim, na nossa opinião, ela não deixa de ser uma construção do imaginário dos homens. Sonhada e cobiçada por eles.

Figura 12 – Marilyn Monroe

Figura 13 – Madonna

Sexualidade, luxúria, volúpia, ambição, poder, sucesso profissional etc. são marcas desta nova identidade feminina. Madonna "uma personalidade que desafia mais do que rejeita ou se curva perante o olhar masculino, ofereceu a milhões de mulheres a prova de que podem ser fortes e dominar uma situação sem perder a feminidade pessoal" (PITMAN, 2004, p. 224). Ligada a sistemas de representação, "a identidade tem estreitas conexões com relações de poder", afirma Silva (2004b, p. 97).

Para o interesse desta pesquisa, surge uma questão. Esta identidade emergente, aparentemente não caracterizada pelo aspecto da *burrice*, já é uma presença no discurso humorístico? Vejamos o Exemplo 33, a seguir:



⇨ Exemplo 33 – A loira no Cassino – Acesso em 17.07.2010
Disponível em
http://www.humortadela.com.br/c/pop.php?cnl=piadas&num=4300

A Loira no Cassino

22.153 visualizações
(80% de aprovação em 1.377 votos)

Em época de baixa temporada, o cassino estava às moscas. Os assistentes já não agüentavam mais de tédio.
Foi quando entrou no salão uma loira espetacularmente gostosa. Imediatamente, o pessoal do cassino se animou.

Ela se aproximou de uma das mesas e disse aos assistentes que apostaria 20 mil dólares e que acertaria os números em um único arremesso de dados.
Os caras anotaram a aposta.
Foi quando a loira disse:
— Olha, espero que vocês não se importem, mas tenho mais sorte quando estou nua.
Os assistentes aceitaram imediatamente e ficaram olhando aquela loiraça, tirar a roupa.
Completamente nua, deixando todo o seu corpo à mostra, a loira gritou:
— Mãezinha, preciso de novas roupas!
Fez o arremesso e logo em seguida comemorou:
— Viva! Viva! Eu venci! Eu venci!
Saltitante, a loira abraçou e beijou cada um dos ajudantes.
Pegou todo o dinheiro, as roupas e se mandou.
Os ajudantes, ainda boquiabertos, se entreolharam. Até que um deles perguntou:
— Que número deu nos dados?
— Não sei, pensei que você estivesse olhando!
Moral da história: Nem todas as loiras são burras, mas homens são sempre homens...

© **Humor Tadela** Corporation & Cabeçation Ltda.

⇨ Exemplo 33: Reprodução.

O enunciado está firmado sobre três proposições: a nudez feminina, a questão da limitação intelectual da mulher e a identidade fixa do homem.

Entendemos que uma das leituras possíveis para a nudez total da loira "espetacularmente gostosa" pode estar relacionada a "uma afirmação de si, menos objeto que sujeito, menos passividade que atividade" (VIGARELLO, 2006, p. 172). A nudez feminina pode ainda simbolizar a identificação das mulheres com a natureza, embora esta concepção já não seja tão bem aceita. Por outro lado, a nudez também pode representar a banalização do corpo nu feminino, tão visualizado nos meios de comunicação de massa. O fato é que o nu feminino concentra uma multiplicidade de simbologias e concepções. Aqui a ênfase no corpo tem um objetivo específico, desviar a atenção dos assistentes do cassino.

Quanto à *inteligência feminina* e à *identidade fixa* do homem, ambas são referenciadas na "moral da história". Esta, uma característica dos gêneros fábula, parábola e apólogo, contém ensinamentos do modo de proceder dos homens (a humanidade) nas relações com seus semelhantes. Trata-se de uma mensagem ética objetivando os bons costumes. Regras que direcionam o comportamento humano. Este efeito discursivo é usado no Exemplo (33): "Moral da história: Nem todas as loiras são burras, mas os homens são sempre homens..."

Há que se destacar os efeitos de sentido da piada (Exemplo 33) em relação às marcas identitárias masculinas. Na "moral da história" se recupera um dizer sócio-histórico masculino: os homens se tornam aparvalhado com a nudez feminina, um dizer cristalizado sobre a virilidade/sexualidade masculina, que até hoje se constitui como marca do "machão", que se mostra excessivamente orgulhoso de sua condição masculina. Na opacidade da linguagem observamos que não é a mulher (a loira) que é burra, muito pelo contrario, ela usa de sua inteligência para adquirir poder. O poder sobre os homens que se tornam fracos diante da nudez feminina. Ao querer se mostrar viris, os homens (os assistentes do cassino) agem sem usar a sua tão decantada "mais inteligência" e são ludibriados pela "loira burra"

Afirmar que "nem todas as loiras são burras" é dizer que "a maioria das mulheres são burras". Mas, por outro lado, reconhecer as mulheres como sujeito inteligente, ainda que somente uma minoria, já é um indicativo de mudança no discurso sexista.

De acordo com Silva (2004b), "a tendência da identidade é para a fixação", contudo, "a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade" (p. 84). As identidades de gênero é um bom exemplo desta tentativa de fixação, basta lembrar as oposições binárias: masculino/feminino, heterossexual/homossexual.

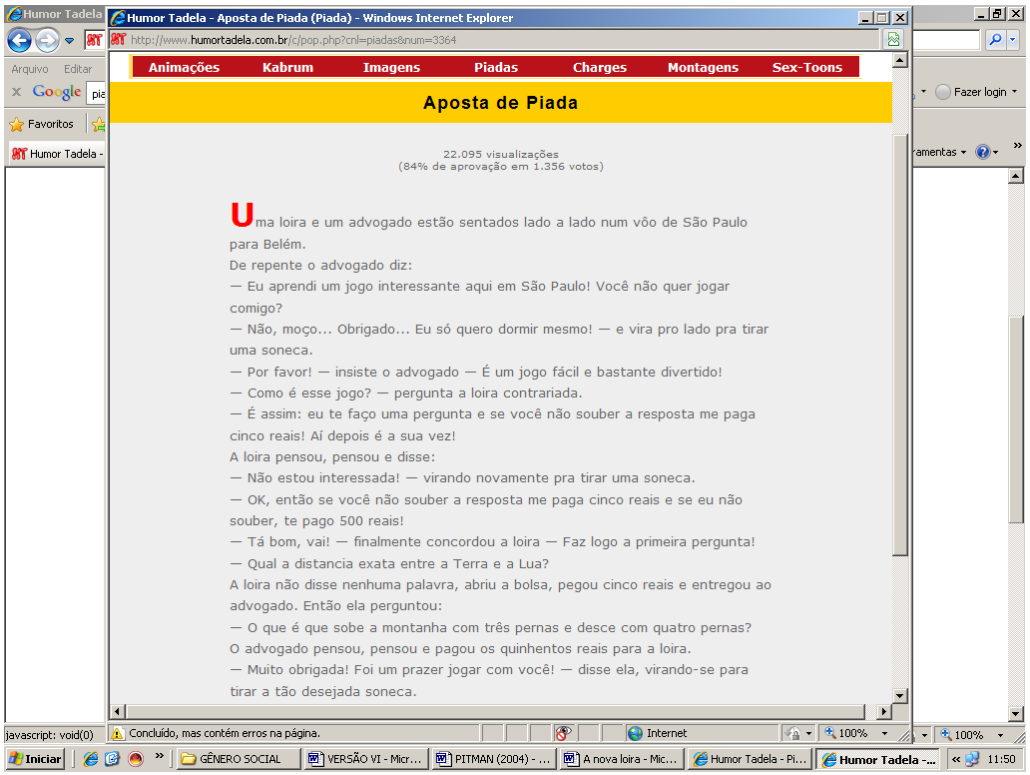
Afirmar que "homens são sempre homens" é perceber a identidade como fixa. Entretanto, retomando Silva, ratificamos que a "identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente". Tampouco ela é "homogênea, definitiva, acabada, idêntica". Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção" (p. 96).

Em verdadeiro estado de encantamento, os homens (os assistentes do cassino) não se deram conta do que de fato havia ocorrido. Este tipo de comportamento masculino, foi investigado pelo prof. Thierry Meyer, da Universidade Paris-X Naterre, e o resultado da pesquisa foi publicado na revista especializada Journal of Experimental Social Psychology[65], em 17.06.2007. O estudo sugere que os homens mudam de comportamento e "emburrecem" para se adequar ao estereótipo da "loira burra". Pesquisas anteriores já

[65] Ver Abstract disponível em http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6WJB-4P2J0F83&_user=10&_coverDate=05%2F31%2F2008&_rdoc=1&_fmt=high&_orig=search&_sort=d&_docanchor=&view=c&_rerunOrigin=google&_acct=C000050221&_version=1&_urlVersion=0&_userid=10&md5=b351f33d3317ba38bb25b84bf02ee50d

mostraram que o comportamento do ser humano é fortemente influenciado por estereótipos[66].

Vejamos mais um Exemplo (34).



⇨ Exemplo 34 – Aposta de Piada – Acesso em 17.07.2010
Disponível em
http://www.humortadela.com.br/c/pop.php?cnl=piadas&num=3364

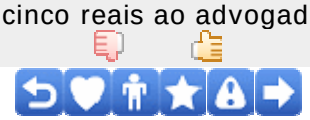
Aposta de Piada

22.093 visualizações
(84% de aprovação em 1.356 votos)

Uma loira e um advogado estão sentados lado a lado num vôo de São Paulo para Belém.
De repente o advogado diz:
— Eu aprendi um jogo interessante aqui em São Paulo! Você não quer jogar comigo?
— Não, moço... Obrigado... Eu só quero dormir mesmo! — e vira pro lado pra tirar uma soneca.
— Por favor! — insiste o advogado — É um jogo fácil e bastante divertido!
— Como é esse jogo? — pergunta a loira contrariada.
— É assim: eu te faço uma pergunta e se você não souber a resposta me paga cinco reais! Aí depois é a sua vez!
A loira pensou, pensou e disse:
— Não estou interessada! — virando novamente pra tirar uma soneca.
— OK, então se você não souber a resposta me paga cinco reais e se eu não souber,

[66] http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/11/071119_louraburra_ba.shtml

te pago 500 reais!
— Tá bom, vai! — finalmente concordou a loira — Faz logo a primeira pergunta!
— Qual a distancia exata entre a Terra e a Lua?
A loira não disse nenhuma palavra, abriu a bolsa, pegou cinco reais e entregou ao advogado. Então ela perguntou:
— O que é que sobe a montanha com três pernas e desce com quatro pernas?
O advogado pensou, pensou e pagou os quinhentos reais para a loira.
— Muito obrigada! Foi um prazer jogar com você! — disse ela, virando-se para tirar a tão desejada soneca.
— Peraí! — diz o advogado. — Qual é a resposta da sua pergunta?
Então a loira abriu a bolsa, deu cinco reais ao advogado e voltou a dormir.



© **Humor Tadela** Corporation & Cabeçation Ltda.

⇨ Exemplo 34: Reprodução.

A loira, no gênero piada, é descrita como "gostosona, extremamente gostosa, loiraça, deliciosa, maravilhosa, irresistível, gostosíssima". Verificamos que no Exemplo (34) a loira não recebe qualificação alguma. Também não é explicitado se a loira trabalha e qual a profissão da mesma. Todavia, o enunciador foi cuidadoso em explicitar a profissão do cavalheiro: advogado. Indivíduo com curso superior, que o habilita a prestar, em assunto jurídico, assistência profissional a outrem defendendo os seus interesses. No transcorrer da narrativa observamos que o "cavalheiro" é extremamente inoportuno, por conseguinte, mal-educado. A loira ao seu lado deixa claro que não quer ser incomodada. Mas ele insiste, e para livrar-se rápido daquela situação a loira concorda em participar do jogo. Plano executado, livra-se rapidamente daquela incômoda e embaraçosa situação, voltando a dormir. Fica óbvio que a loira fez uso de uma estratégia inteligente para desembaraçar-se daquele indivíduo perturbador.

Fica assim constatada, uma identidade de loira que não carrega o estigma do preconceito da loira *burra*, identidade esta transferida pelo discurso humorístico para o então "tão inteligente homem e advogado".

7. AMBIGUIDADE E IRONIA: FENÔMENOS CONSTITUTIVOS DO HUMOR

Estabelecida a análise do discurso, vertente francesa, como a perspectiva teórica de base, determinado o tema – a construção da identidade do sujeito mulher no discurso humorístico – e delimitado o *corpus* – piadas veiculadas via Internet –, entendemos que haveria a necessidade de observar alguns mecanismos discursivos, considerados como estratégias discursivas, responsáveis, portanto, pelos efeitos de sentidos provocadores do riso. Decidimo-nos pela análise de dois fenômenos linguístico-discursivos: a *ambiguidade* e a *ironia*. Entendidos aqui como fenômenos constitutivos do humor.

"A ironia (e o riso) como superação da situação" (BAKHTIN, 2003, p. 370), pela sua sutileza e complexidade, apresenta-se com um grau de dificuldade bem mais acentuado, em sua observação e descrição. A ambiguidade, pela sua popularidade, torna mais árduo o processo de distinção entre sua realização linguística e sua realização discursiva. Sabemos que ambos os fenômenos, entendidos numa perspectiva abrangente, podem ocorrer em qualquer gênero discursivo. Contudo, tais procedimentos discursivos aqui estão sendo estudados, a partir da ótica do discurso humorístico.

7.1. A ironia: agressividade e/ou defesa

⇨ Exemplo 35 – Você sabe ler?... – Acesso em 02.04.2008
Disponível em
http://4.bp.blogspot.com/_BDIwlhgfuDs/RtVcij7qp7I/AAAAAAAAAZ0/f3IJxU5cOsE/s400/placa_garagem.jpg

A câmera de um anônimo ao registrar o aviso pintado no portão de uma residência comprova que a ironia não se faz presente apenas na literatura, no teatro ou no romance, isto é, na ficção. A ironia, uma simulação sutil (nem sempre), caracterizada por uma liberdade subjetiva, é praticada e/ou observada na nossa vida cotidiana.

Podemos ainda constatar que nem sempre a ironia se dirige a um indivíduo, ela muitas vezes é direcionada "contra toda a realidade dada em uma certa época e sob certas condições", isto é, a "realidade histórica" de acordo com Kierkegaard (2005, p. 221). Nesta perspectiva, a ironia é possível de ser observada, como na situação acima (Exemplo 35), com a função corretiva do comportamento humano. Ou como uma maneira de deixar escapar um sentimento de indignação, diante de situações corriqueiras, ocasião em que o indivíduo sente-se impotente, ou seja, sem condições de solucionar o problema que o aflige, como no registro abaixo (Exemplo 36).

⇨ Exemplo 36 – É favor não parar no portão – Acesso em 02.04.2008
Disponível em
http://www.humorbabaca.com/fotos/placas-e-textos/favor-nao-parar-no-portao

No Exemplo (35), o enunciador parece se dispor a ensinar, a orientar, soletrando, aqueles que possivelmente tenham dificuldade em ler, e por esta razão, estacionam em frente à garagem da sua residência. O enunciado em forma de pergunta – *Você sabe ler?...* –, não nos causa nenhuma surpresa, porque ela contém, em si mesma, uma realidade

histórica do nosso país. Ainda que tenhamos começado o Século XX "com cerca de 65% de analfabetos" e hoje "eles são 8%", de acordo com Tiezzi (2010), jornalista e roteirista, formado pela PUC/SP, esta baixa deu-se apenas no campo quantitativo, não ocorrendo o mesmo no campo qualitativo. Logo, ler e não compreender é o mesmo que não ler. Isto porque, o leitor está decodificando mas não construindo sentido; não é, portanto, leitor. Além do mais, a pergunta, por escrito, afasta a ideia que ela esteja sendo dirigida a um analfabeto absoluto, mesmo porque, o Código Nacional de Trânsito exige que o condutor do veículo automotor saiba ler e escrever (art. 140, II)[67].

Ao utilizar a ironia para mostrar a existência de uma entrada de garagem, facilmente observada, não somente pelas dimensões do portão que limita a sua entrada, como também pela presença da guia (calçada) rebaixada, o sujeito-enunciador não só exige seu direito de utilizar a sua garagem (entrar e sair) bem como, na opacidade da linguagem do texto qualifica o outro de mal educado. O discurso irônico tem como efeito de sentido dizer que já sujeitos na sociedade que precisam se educar e respeitar o direito do outro.

Já no Exemplo (36) o enunciador, num primeiro momento, parece fazer um pedido (**É FAVOR NÃO PARAR NO PORTÃO**), quando na realidade é possível constatar-se, num segundo momento, que o mesmo está exigindo uma atitude por parte de seu enunciatário (PARE NA PUTA QUE PARIU). Este registro gráfico nos remete ao ano de 1969, em 26 de junho, data da primeira publicação de – O PASQUIM –, jornal carioca idealizado por Jaguar e Tarso de Castro. Nascido em plena ditadura militar brasileira, o Pasquim, sem "abrir mão do velho preceito de Horácio (reciclado por Jean de Santeuil): o riso é a melhor arma contra todas as imposturas" (SÉRGIO AUGUSTO E JAGUAR, 2006, p. 09-10), fazia suas críticas irônicas ao governo em vigor, sem deixar de lado o humor, como uma estratégia de enunciação. A época exigia discrição discursiva e insinuação gráfica para driblar a censura militar. Mas isso nem sempre era possível para aqueles jovens – Henfil, Paulo Francis, Ziraldo, Jaguar, Tarso de Castro, Millôr Fernandes e Sérgio Cabral –, os quais na ânsia de se fazerem entender por todos, decidiam, em algumas ocasiões, que não haveria "entrelinhas nas entrelinhas". Os Exemplos (37) e (38) a seguir, nos parecem ilustrativos ao que afirmamos:

[67] http://www.multcarpo.com.br/capit14.htm

⇨ Exemplo 37 – Somos contra o governo
O PASQUIM, n. 46, maio de 1970

⇨ Exemplo 38 – Somente a televisão desligada salvará o Brasil
O PASQUIM, n. 46, maio de 1970

O momento histórico da década de 70, no Brasil, marcado pelo autoritarismo militar, motivava os jovens Ziraldo (texto) e Caulos (*layout* gráfico), integrados a um objetivo revolucionário, a produzirem textos que despertassem e transformassem consciências. Ainda que algumas décadas tenham se passado entre uma construção (Exemplo 36) e outra (Exemplos 37 e 38), e os objetivos dos seus sujeitos enunciadores apresentem-se com contextos sócio-históricos bem distintos, o artifício gráfico do discurso irônico-humorístico é o mesmo: o texto curto, sugestivo, de fácil apreensão é composto de letras finas, de corpo menor, e letras grossas, de corpo maior. Esta opção por letras finas e grossas, de tamanho

variado diz respeito à noção de estratégia, produzida com a intenção de provocar efeitos de persuasão sobre o sujeito enunciatário, levando-o a uma possível mudança de comportamento. Isto confirma não somente a função corretiva da ironia, como também o olhar atento e crítico do ironista.

Maingueneau (1997, p. 100) afirma que "o interesse estratégico da ironia reside no fato de que ela permite ao locutor escapar às normas de coerência que toda argumentação impõe" (Exemplos 37 e 38). Nesta perspectiva, "o autor de uma enunciação irônica produz um enunciado que possui, a um só tempo, dois valores contraditórios, sem, no entanto, ser submetido às sanções que isto deveria acarretar", acrescenta o estudioso. A ironia assim entendida parece "uma armadilha que permite frustrar o assujeitamento dos enunciadores às regras da racionalidade e da conveniência públicas" (Exemplos 35 e 36) de acordo com Basire no artigo *Ironie et Métalangage* (1985 *apud* Maingueneau, 1997, p. 100).

Em qualquer uma das quatro situações (Exemplos 35, 36, 37 e 38), os enunciadores aparentam fazer uso da ironia com bom humor, ainda que este não passe de uma atitude dissimulada do caráter agressivo e/ou defensivo da ironia. Dissimulada porque "ter humor é ser capaz de rir de si mesmo", enquanto que a ironia "é antes de tudo uma arma voltada para os outros", na opinião de Jeudy (2001, p. 75).

Quando os desacordos das interações humanas estão reduzidos a desencontros, a mal-entendidos, a ironia talvez estabeleça uma possibilidade de convivência, mesmo que só na aparência. A ironia assim entendida seria "um mecanismo de defesa na vida cotidiana, um meio de contornar as normas, de brincar com as instituições, de aceitar uma racionalidade", que não é compreendida nem aceita com facilidade, ainda segundo Jeudy (*ibidem*, p. 09).

Tais eventos cotidianos nos levam a pressupor que a ironia é um fenômeno bastante difundido nas mais diversas situações sociais do nosso dia a dia, particularmente por meio da linguagem oral. Mesmo que muitas vezes não a reconheçamos. Talvez seja esta uma das explicações deste fenômeno ser tão pouco estudado, pelo menos aqui no Brasil, afirmação que fazemos com base na nossa literatura comprovadamente escassa. A dificuldade de reconhecê-la possivelmente encontra-se na dificuldade maior de defini-la, uma vez que o seu conceito, de acordo com Muecke (1995, p. 22), "é vago, instável e multiforme".

Sua ocorrência frequente, no discurso retórico, caracteriza-se em se dizer o contrário do que se pensa. Já temos aí uma definição que, de acordo com o dinamarquês Kierkegaard (2005, p. 215), "percorre toda ironia, ou seja, que o *fenômeno não é a*

essência, e sim o contrário da essência" (grifo do autor). Justifica-se, assim, o dizer popular – *as grandes verdades são ditas em tom de brincadeira* (grifo nosso) –, a exemplo da afirmação do humorista José Simão, no rádio BandNews, fazendo referência a Marta Suplicy, ex-prefeita da cidade de São Paulo (2000-2004) e na ocasião (2008) concorrendo à prefeitura de São Paulo com Gilberto Kassab: "A Marta vai tapar os buracos de São Paulo com Botox" (VEJA, 2008b, p. 69). Ou ao contrário, ainda nas palavras de Kierkegaard, "dizermos num tom sério o que contudo não é pensado seriamente", a exemplo das palavras de Cameron Diaz, atriz americana, na revista VIP (outubro de 2007): "Como sou naturalmente loira, fiquei morena na esperança de ser considerada mais inteligente" (VEJA, 2007b, p. 58).

Para Talleyrand-Périgord (s/d), político e diplomata francês, *a palavra foi dada ao homem para disfarçar o pensamento*. Esta afirmação contém, certamente, uma profunda ironia. Teria, assim, a ironia como propósito dar falsas pistas? Seria, então, o irônico um dissimulador? Um fingidor? Um mentiroso? Um paradoxista? Um hipócrita? Pode a ironia ser entendida como uma relação de oposição? Ou seria ela um ponto de vista?

Mentiras, logros, embustes, equívocos são fenômenos que, como lembra Muecke (1995, p. 54), "pretendem transmitir uma verdade, mas não o fazem". Logo, até podemos dizer que ocorre uma oposição, contradição, incongruência entre a aparência (o dito) e a realidade (o não dito). Entretanto, nenhum destes eventos é considerado ironia. Que a ironia apresente, digamos, algum grau de parentesco com a dissimulação, é bem possível. Afinal o termo latino *dissimulatio* designa a ironia. Assim como o termo ironia, derivado do grego *eironeia*, significa "ignorância simulada".

O ironista moderno, ainda na concepção de Muecke (*ibidem*), pode até ser um dissimulador, porém ele "finge, não para ser acreditado mas para ser entendido". Nos logros, embuste, mentiras "existe uma aparência que é mostrada e uma realidade que é sonegada". Na ironia a realidade está implícita e a pessoa a quem ela é dirigida "é convidada a completar por inferência" (*op cit*). Vejamos o caso do Exemplo (39), a seguir:

⇨ Exemplo 39 – Barbeiro esperto – Acesso em 02.04.2010
Disponível em
http://www.piadasdodia.com.br/mostrapiada.asp?id_piada=436

Barbeiro esperto

O sujeito chega no barbeiro e pergunta:
- Em quanto tempo o senhor pode me atender?
- Duas horas - responde o barbeiro
Ele vai-se embora e so volta no dia seguinte, fazendo a mesma pergunta.
O barbeiro olha o caderno e diz:
- Duas horas e meia
Ele vai embora e volta no dia seguinte, com a mesma pergunta.
- Uma hora e meia - responde o barbeiro.
Como esta historia repete-se todos os dias, o barbeiro comeca a ficar curioso e pede para um ajudante seguir o sujeito para ver qual é a dele.
O ajudante volta quinze minutos depois, sem conseguir segurar o riso.
O barbeiro pergunta:
- E ai, para onde é que ele foi?
O ajudante responde:
- Para a tua casa.

⇨ Exemplo 39: Reprodução.

A ironia, no Exemplo (39) já é perceptível no título dado à piada: Barbeiro esperto. O indivíduo *esperto* é aquele que percebe tudo, uma vez que está sempre atento, vigilante. Perspicácia é uma das suas principais características, daí porque tem sempre um pensamento rápido e é eficaz em tomadas de decisões. A narrativa da piada apresenta um

sujeito aparentando exatamente oposto: lerdo, estúpido, distraído. Para Muecke (1995, p. 36), estamos diante de um caso de ironia verbal, isto é, uma inversão semântica.

O barbeiro movido pela curiosidade, solicita a seu auxiliar que investigue o indivíduo que o visita diariamente sem jamais fazer uso dos seus dotes profissionais. O auxiliar ao retornar, mal disfarça o riso, que acompanha a resposta dada (Para a tua casa.) à pergunta formulada (E ai, para onde é que ele foi?). Aquela – a resposta – torna o barbeiro o alvo da observação irônica. Sua identidade social – o *corno* – é caricaturada no discurso humorístico, divulgado em alguns dos sites pesquisados, como sendo o *denorex*[68]: "aquele que não parece mais é"[69].

A ironia, como categoria estruturadora do texto, é flagrada como opinião (ou talvez estratégia) do ajudante do barbeiro. E este ponto de vista não só ridiculariza o barbeiro, aquele sobre quem recai o riso irônico, como também consegue "vitimar" a mulher deste ao levantar suspeitas a respeito de sua fidelidade conjugal. Na concepção de Brait (2008, p. 17), a "argumentação indireta" do ajudante "conta com a perspicácia" do barbeiro, para seu ponto de vista "concretizar-se como significação".

A cena acima transcrita nos faz lembrar Otelo (aqui o barbeiro) de caráter e sentimentos nobres, homem ingênuo, vítima de diabólica ironia, que é tratado pelo seu auxiliar (talvez o Iago desta cena) como o *corno* ignorante. Transformando a mulher (Desdêmona) na principal vítima da narrativa.

O que podemos observar é que o gatilho provocador do riso é o fato de o barbeiro está sendo enganado por sua mulher (a adúltera). Assim, num primeiro momento, parece ser o homem a vítima desta esposa volúvel. Porém, numa perspectiva histórica discursiva verificamos que é a mulher a vítima de uma violência simbólica mantida no discurso humorístico da piada. Em momento algum se levanta a hipótese de o barbeiro ser solteiro ou que em sendo casado, a sua esposa ter contratado os serviços de um profissional (um escultor ou pintor, por exemplo) para fazer-lhe uma surpresa (agradável, naturalmente).

O discurso humorístico sabe que pode contar com o conhecimento partilhado (particularmente entre os homens) de uma construção histórica milenar. As mulheres filhas de Eva, a fonte de todo o mal da humanidade, herdaram desta "a enlouquecedora combinação de atractivo sexual e vileza adúltera", tal como lembra Pitman (2004, p. 47).

---

[68] Denorex – shampoo anti-caspa com cheiro de remédio. "Parece remédio, mas não é. Denorex, ó!" Este era o slogan apresentado na campanha publicitária, que, entre outras, marcou a década de 80. Acesso em 07.05.2010. Disponível em http://nostblog.wordpress.com/2010/02/04/slogans-que-marcaram-epoca/

[69] Acesso em 07.05.2010. Disponível em http://bicicchi.tripod.com/corno.htm

Um enunciado irônico é percebido como "um significante recobrindo dois significados" (BRAIT, 2008, p. 62). O mesmo ocorre com a mentira. Todavia, neste caso, o enunciatário é enganado pelo enunciador. No caso da ironia, o enunciatário é qualificado pelo enunciador como capaz de "participar da construção da significação irônica" (p. 63). Não basta haver uma inversão da compreensão, faz-se necessário que esta seja não somente reconhecida, como a sua pretensão seja identificada. O ironista sinaliza para que o seu enunciatário perceba a sua não sinceridade, ou seja, o seu enunciado real, a sua inversão semântica. O mentiroso, ao contrário, "procura apagar de sua fala todo traço de inversão" (*ibidem*).

No que diz respeito ao fato de o ironista ser um hipócrita, em princípio, pode até parecer, nas não o é. Insistir nesta possibilidade nos parece ser um equívoco. Sendo mau, o hipócrita se esforça constantemente para parecer bom. Logo, estamos no terreno da ética, da moralidade. O irônico, ao contrário, pode até "parecer mau, embora seja bom". Isto para ele não tem a menor importância, porque ele "esconde sua brincadeira na seriedade [e] sua seriedade na brincadeira" (KIERKEGAARD, 2005, p. 222-8). Sua meta é a liberdade e esta se encontra na ironia. Entretanto, a liberdade almejada só será alcançada se o sujeito tomar consciência de sua ironia. Porque o ironista é primordialmente, como já afirmamos, um observador crítico. Assim, os efeitos de sentido da ironia estão na própria ironia. O que podemos observar em Kierkegaard, na opinião de Brait (2008, p. 40), "é, em certa medida, a reinstauração do conceito da ironia socrática".

Sócrates, que "hoje não lecionaria em universidade nenhuma por falta de titulação e ausência de publicações" (SILVA, 2004a, p. 466), sob a aparência de ignorante, ensina os outros. Ou usa a ironia quando quer ridicularizar o modo dos sofistas. Quando ridiculariza, Sócrates confunde, quando finge ignorar, ele ensina. Por meio de um jogo de perguntas e respostas, o grande professor da humanidade "vai minando as teses de seus interlocutores", num procedimento não somente irônico, mas primordialmente "dialético", afirma Brait (2008, p. 26).

Nesse âmbito, acrescenta Duarte (2006, p. 20), Sócrates, com sua técnica de "provocar dúvidas e esvaziar certezas", tem por objetivo "impulsionar a busca da sabedoria através do diálogo, dada a sua desconfiança relativamente às verdades conhecidas ou estabelecidas". Seria assim, a ironia socrática, "um princípio metodológico, que utilizaria a retórica para obter o efeito pretendido do discurso, além de ser, segundo alguns estudiosos, um gênero literário original, que Platão utilizou para expressar sua filosofia" (p. 20). Esta é

a famosa ironia socrática. Uma maneira de comportamento, de atitude, no trato com os demais, na perspectiva de Aristóteles, em sua interpretação dos diálogos socráticos.

Ainda que outros significados de ironia sejam conhecidos como os atribuídos a Cícero – *o modo de tratar o oponente num debate* – e a Quintiliano – *estratégia verbal de um argumento completo* –, é a perspectiva socrática possivelmente a mais conhecida, tendo sido introduzida no campo literário por Friedrich von Schlegel. Teórico do primeiro romantismo, é o "autor da concepção de arte que coloca a ironia como o elemento que garante ao poeta a liberdade de espírito". Surge, assim, o conceito romântico de ironia, traduzido como "o meio que a arte tem para se auto-representar". (BRAIT, 2008, p. 30). Como tal, é particularmente associada aos poetas alemães do início do Século XIX.

Muitos ironistas herdaram da ironia romântica a "forma de cortar a ilusão criada pela própria obra de arte" e a possibilidade de "abolir a coerência, abalar as regras da lógica, contestar o domínio do racional" (*ibidem*, p. 39). Tal ponto de vista, pode ser observado na pretensa "homenagem" prestada à mulher, registrada na foto (Exemplo 40), a seguir:

⇨ Exemplo 40 – La Place de la Femme – Acesso em 03.05.2010
Disponível em
http://www.humour.com/images/AffichageImage.asp?VIDImage=7031&VIDThemeImage=10

Estátuas[70], esculturas ou monumentos em logradouros públicos têm quase sempre o objetivo de promover alguém, manter a memória histórica, reverenciar heróis. Por ser uma prática social, entendemos que também seja uma prática cultural. Às vezes, tais homenagens são motivadas pela religião, outras vezes pela política, outras vezes pelo caráter cívico nacional. Quase sempre é uma demonstração de admiração e respeito por alguém. No Exemplo 40 (ampliado e reproduzido abaixo) o que mais surpreende é que por tratar-se de uma estátua erguida no continente africano, circula no Brasil em site humorístico (ver Nota 64), aparentemente sem causar nenhum estranhamento aos internautas brasileiros.

⇨ Exemplo 40: Reprodução ampliada La Place de la Femme.

Na nossa cultura qual seria o significado simbólico desta estátua? Qual seria a identidade estereotipada? Seria o estereótipo da "gata borralheira"? Ou um tributo à "rainha do lar"? O arquétipo bem brasileiro da Amélia, a "mulher de verdade"? Aquela

[70] A estátua visualizada na foto circula na Internet no site da UOL como uma homenagem prestada à mulher na cidade de Vitória (Espírito Santo - Brasil). Estando disponível no seguinte endereço eletrônico: http://charges.uol.com.br/bobagens_ver.php?bobagem_pk=670. Ampliando a imagem verificamos que o logradouro onde se encontra a estátua é identificado como *Place de la Femme*. O uso do francês nos causou um certo estranhamento, razão por que continuamos a nossa pesquisa e descobrimos que a estátua encontra-se, de fato, na cidade de Bobo-Dioulasso, ex-colônia francesa, considerada a segunda maior cidade do Burkina Faso (África). Curiosamente o nome Burkina Faso significa "terra dos homens honrados", de acordo com informação disponível em http://www.mulheresnegras.org/fasso.html. Quanto às mulheres burkinesas, estas são "consideradas boas ou más, segundo seu grau de abnegação", conforme afirmação feita por Noëlie Gansoré, no texto disponível em http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys5/textoscondensados/noeliebr.htm

esposa devotada ao lar, ao marido, aos filhos, sem nenhuma vaidade, que chega a passar fome, "achando bonito não ter o que comer"[71]. Em quem e por que tal representação (uma mulher aparentemente jovem, corpo bem delineado, de aparência tipicamente doméstica) poderia provocar o riso?

A "gata borralheira", a "rainha do lar", a "Amélia", estes ícones de mulheres aqui lembrados não estão isolados. Muito pelo contrário. Tais ícones "convergem para uma dicotomia fundamental – no sentido mesmo de fundante – da sociedade capitalista falocêntrica, baseada na instituição da heterossexualidade (heterossexualidade compulsória) e na competição", lembra Azerêdo (2007, p. 23): pai / mãe, provedor / doméstica, espaço público / espaço privado. Essas dicotomias, e várias outras, "nos mantêm presas a uma única identidade de mulher": a abnegada dona de casa.

Na praça, lugar público, estaria a ironia romântica. Afinal, *la place de la femme* pode ser traduzido como *o lugar da mulher*. E o lugar da mulher é o "lar doce lar": lugar não público. A *vassoura* é o ícone que simboliza o lar, reafirmando o estereótipo da dona de casa (Exemplo 41) ou da feiticeira se a mulher em questão é a sogra (Exemplo 42).

⇨ Exemplo 41 – Edibar & Edimunda – Acesso em 05.03.2010
Disponível em http://maryvillano.blogspot.com/

[71] "Ai que saudade de Amélia", Letra de Mário Lago – Música de Ataulfo Alves (1941).

– Tio Edibar, por que uma mulher nunca foi à lua?
– Porque ainda não tem nada pra varrer lá!
– Cansei! Vou lutar pelos meus direitos!
– Por mim, tudo bem. Desde que não interfira nos serviços da casa.

⇨ Exemplo 41: Reprodução.

Na perspectiva discursiva, as duas personagens masculinas (o adulto e a criança) representam o presente e o futuro de uma situação que tende a se perpetuar, ainda que a mulher lute pelos seus direitos. Os estereótipos do homem (Edibar) e da mulher (Edimunda) se repetem na fala dos dois personagens, revelando um discurso sexista, representado na linguagem verbal e não verbal.

Do ponto de vista linguístico, de acordo com Possenti (2000, p. 27), "as piadas em geral acionam mais de um mecanismo simultaneamente. Poder-se-ia falar de piadas fonológicas, morfológicas, sintáticas, lexicais etc." No Exemplo 26, podemos nos deter nos nomes dos dois personagens centrais: *Edibar* e *Edmunda*. O lugar do homem é o espaço público do trabalho, da rua, do bar: Edibar. O lugar da mulher é o espaço privado. As portas, janelas e paredes do seu "lar doce lar" são os limites, as fronteiras do seu mundo: Edimunda. Edmundo, a forma masculina de Edmunda, significa o guardião dos bens. Generoso e amigável, é o tipo de pessoa que só se sente bem quando todos a sua volta estão felizes. Aquele que tem um talento especial para ajudar os outros[72]. Parece-nos ser esta uma adequada definição para a "rainha do lar", aquela que vive para proteger seu bem maior: a família. Submetendo-se a qualquer sacrifício em nome do bem estar de todos. Exceto a felicidade dela própria.

Entendemos que este é um Exemplo (41) de piada cuja técnica consiste em aproveitar *forma* e *som* da palavra para produzir o discurso não somente o humorístico, mas principalmente, o discurso sexista. Foi possível observar que o material verbal – Edmundo – sofreu algumas pequenas alterações – Edibar e Edimunda –, que parecem sugerir que "algo diferente está sendo dito pelas mesmas palavras" de acordo com Freud (2006, p. 40).

[72] Disponível em http://www.mulhervirtual.com.br/nomes/emasculinos.htm

Retomando o comentário que havíamos iniciado sobre a *vassoura*, o ícone associado à dona de casa, à doméstica, e inseparável da bruxa, vejamos o Exemplo 42 a seguir.

⇨ Exemplo 42 – A minha sogra caiu do céu – Acesso em 03.05.2009
Disponível em
http://www.piadas.com.br/piadas/sogras/minha-sogra-caiu-do-ceu

A MINHA SOGRA CAIU DO CEU

Enviado por prcal em 15 Janeiro, 2005 - 18:45

Serto dia doi bebados se encontram em um bar e eles comesam a coversar e deles diz eu ja sou casado a 2anos ea minha sogra tem sido um demonio na minha vida.e o outro responde ja a minha sogra caiu do ceu e o outro bebado pergunta nossa sua sogra e tao boa assim e o outro bebado responde que nada a vassoura quebrou.

⇨ Exemplo 42: Reprodução.

No imaginário dos contos de fadas, a vassoura sempre está associada às bruxas, que dela fazem uso para se transportarem de um espaço para outro, enquanto cometem atos maléficos; imagem essa associada à figura da sogra

Entendemos, com base nos estudos de Woodward (2004), que a vassoura "funciona como um significante importante da diferença e da identidade e, além disso,

como um significante que é, com frequência, associado" à mulher. Confirma-se assim que "a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social" (p. 10).

A vassoura, no Exemplo (41) é marca identitária de um discurso machista que coloca a mulher no espaço social do lar, das tarefas domésticas. No Exemplo (42) já tem outro efeito de sentido, uma vez que, no diálogo mantido entre os dois companheiros, a respeito dos seus infortúnios domésticos, a *sogra* é o tema. Um deles não esconde sua surpresa diante da afirmação do outro: "minha sogra caiu do céu." No imaginário coletivo, o céu, o segundo Jardim do Éden, é o espaço dos bons, dos justos, dos anjos e não dos demônios. O enunciado seguinte – "a vassoura quebrou" – desfez o que pareceu, num primeiro momento, uma afirmação incoerente.

Assim nos Exemplos (41) e (42) temos duas marcas identitárias da figura feminina estereotipadas na memória social discursiva trazidas pelo discurso irônico das piadas em questão.

Se em um primeiro momento, a ironia é entendida como um fenômeno possível de ser considerado não intencional, observável e representável na arte; em um segundo momento, ela é vista como um fenômeno essencialmente intencional. Se antes era uma prática ocasional possível de ser localizada, depois se tornou viável a sua generalização, isto é, a possibilidade de "ver o mundo todo como se fosse um palco irônico e toda a humanidade como se fossem atores simplesmente", afirma Muecke (1995, p. 34-5).

O fato é que a ironia é uma categoria difícil de ser delimitada, podendo ser definida como zombaria, como paradoxo ou até mesmo como absurdo. Às vezes é associada à ridicularização, à irrisão, ao escárnio. Enfim, não se pode dizer que é uma fácil tarefa fazer a distinção entre a ironia socrática ou a ironia retórica, entre a ironia romântica ou a ironia de eventos, entre a ironia cósmica ou a ironia do destino. Apenas citando alguns poucos exemplos. Tal heterogeneidade em nada facilita uma definição.

7.2. A ironia: a dissociação entre o dito e o pensado

Desse modo, com base em estudo proposto por Charaudeau (2006), adotamos como uma primeira característica do ato irônico "a dissociação entre o 'dito' e o 'pensado'"[73]. Uma vez que, continua o estudioso, "o que é dito é o contrário do que é pensado e o que é

[73] La première caractéristique [referência feita à ironia] consiste en ce que l'acte d'énonciation produit une dissociation entre ce qui est « dit » et ce qui est « pensé ».

pensado é o que corresponde à verdade do sujeito falante"[74] (p. 27-8). A título de exemplificação, vejamos o Exemplo (43), a seguir:

⇨ Exemplo 43 – Visão da Cartomante – Acesso em 15.07.2009
Disponível em http://www.osvigaristas.com.br/piadas/cornos/visao-da-cartomante-4942.html

Um dado interessante que observamos é que no imaginário coletivo é a mulher a cliente mais assídua na busca de adivinhos, na expectativa de resolver questões amorosas. O homem raramente procura os adivinhos, e se os procura está em busca de soluções para problemas de ordem econômica. Tal ideia indica mais uma vez o espaço delimitado dos gêneros sociais: público e privado.

Diferentemente dos oráculos da Antiguidade, cujo dito era irrefutável, inspiravam total confiança; os "oráculos" modernos não gozam dessa mesma credibilidade, sendo vistos como charlatões, impostores, trapaceiros. Razão pela qual aqueles que vão em busca dos seus serviços, estão sempre atentos a possíveis erros de interpretação. Dessa forma, justifica a reação imediata do sujeito à afirmação da cartomante: "— A senhora está enganada. Eu tenho quatro filhos." A resposta não somente imediata, mas segura da cartomante introduz o efeito surpresa, o gatilho provocador do riso: "— Isso é o que o

[74] (...) puisque ce qui est dit est le contraire de ce qui est pensé et que le pensé est ce qui correspond à la vérité du sujet parlant.

senhor pensa.” O sujeito acaba “caindo na armadilha do seu próprio discurso”, lembrando Bergson (2007, p. 87).

Ao usar de uma estratégia defensiva, a cartomante emprega a ironia. A dissociação observável entre o dito e o pensado parece óbvia. A verdade, a não opacidade do discurso, está na previsão da cartomante: “— O senhor só é pai de duas das crianças.” Neste ato de enunciação o alvo do julgamento negativo é a mulher, a esposa, a adúltera.

Fazer “coexistir o que é dito e o que é pensado”[75] é a segunda característica do ato irônico, ainda na opinião de Charaudeau (2006, p. 28). O Exemplo (44) a seguir nos parece ilustrativo para a proposta deste pesquisador.

⇨ Exemplo 44 – O machão acabou de casar – Acesso em 06.04.2009
Disponível em http://www.litoralmania.com.br/imprimir.php?tipo=2&id=406

O machão acabou de casar

O machão acabou de casar. No dia seguinte do casamento ele diz à mulher:
- Querida, nesta casa tem algumas regras que devem ser respeitadas. Em primeiro lugar, eu chego em casa se quiser e na hora que eu quiser. E não quero discussão na hora em que chegar. Quero também uma refeição em meia hora quando estiver com vontade de comer. Não quero discussão quando eu fôr pescar, beber ou assistir um jogo com os amigos. Entendeu?
A jovem esposa responde:
- Por mim está bem. Só vou impôr uma regra: sexo será toda noite às 10, você esteja em casa ou não.

⇨ Exemplo 44: Reprodução.

[75] La deuxième caractéristique est que l'acte d'énonciation fait coexister ce qui est dit et ce qui est pensé.

Quais os atributos do machão? Seria o desafiador, o competitivo, o negociador, o agressivo, o vencedor, o dominador, o corajoso? Aquele que tem a última palavra? Se assim o é, o discurso humorístico não parece confirmar. Ou já não é tão simples fazer grandes distinções entre as identidades masculina e feminina nas relações sociais dos gêneros. Quando a jovem esposa enuncia: "— Por mim está bem." O enunciado seguinte revela que ela não está curvando-se à dominação masculina, mas está propondo uma negociação, ou melhor, está impondo uma condição, em *tom* irônico: "— Só vou impor uma regra: sexo será toda noite às 10, você esteja em casa ou não." O dito e o pensado coexistem, possivelmente porque a jovem esposa, numa atitude defensiva, não quer deixar nenhuma margem para o equívoco de qual será o seu procedimento, no caso de o marido não cumprir devidamente, no ponto de vista dela, com os seus "deveres" conjugais. A réplica da esposa é conclusiva, exprimindo a sua posição. A conclusibilidade é "um dos traços fundamentais do enunciado", na tese defendida por Bakhtin (2003, p. 275).

Confirma-se, no Exemplo (44), a tese de Touraine (2007, p. 04), quando este pesquisador afirma que "são as mulheres que tomam a palavra e que os homens, ou se calam, ou aprovam a linguagem das mulheres. O velho machismo desapareceu em grande parte, salvo em certos meios de alguns países, em particular da vida política".

Figueiredo (2007, p. 175) lembra que na concepção da Igreja Católica Apostólica Romana, "o matrimônio sacramentado que triunfa a partir do Século XIII europeu correspondia ao único lugar do desejo", no Brasil Colônia do Século XVIII. Somente no casamento "era lícito cumprir a 'dívida conjugal' entre o homem e a mulher". E mais, era "um direito do marido exigir o pagamento da dívida através da violência e coerção física" (*ibidem*). A partir desta realidade histórica, pensar em um comportamento feminino como o descrito no Exemplo (44) seria, naquela ocasião, e por que não hoje, uma afronta, uma situação totalmente improvável de acontecer.

Observamos no diálogo ocorrido entre marido e mulher, que a imagem da esposa submissa e fiel, que, no "aconchego do lar", fica organizando a casa para receber o seu "senhor", não parece ser mais uma realidade tão frequente. Os argumentos do marido são refutados com um único argumento. Este, porém, é firme e seguro, não deixando margem para uma tréplica. O alvo do discurso humorístico, que num primeiro momento parecia que ia recair sobre o sujeito mulher, não ocorre. E o gatilho do riso é acionado exatamente pela surpresa que a réplica da esposa causa ao marido (e ao ouvinte/leitor): o verdadeiro alvo da zombaria. O jogo entre o dito (relações sexuais diárias) e o não dito (seja o parceiro o

marido ou outro homem), na voz do sujeito mulher indica um ato discursivo irônico que sugere um processo de dessacralização do discurso sexista. É importante observar que no discurso sexista a mulher é a vítima, pois assumindo a possibilidade do ato de adultério, ela está assumindo uma identidade que agride os valores religiosos, morais e sociais da instituição família.

Para Aristóteles, esta seria possivelmente uma situação cômica, visto que a sequência de enunciados culmina num desfecho inesperado "alterando a ordem habitual dos fatos" (*apud* ECO, 2006, p. 73). É neste momento que o gatilho provocador do riso é disparado. O riso nasce do inesperado e absurdo (considerado por alguns) desfecho da situação. Ainda nas palavras de Eco, o riso, particularmente neste contexto, só ocorre naquele que se sente "seguro de sua verdade que possa olhar com superioridade para as contradições alheias" (*ibidem*).

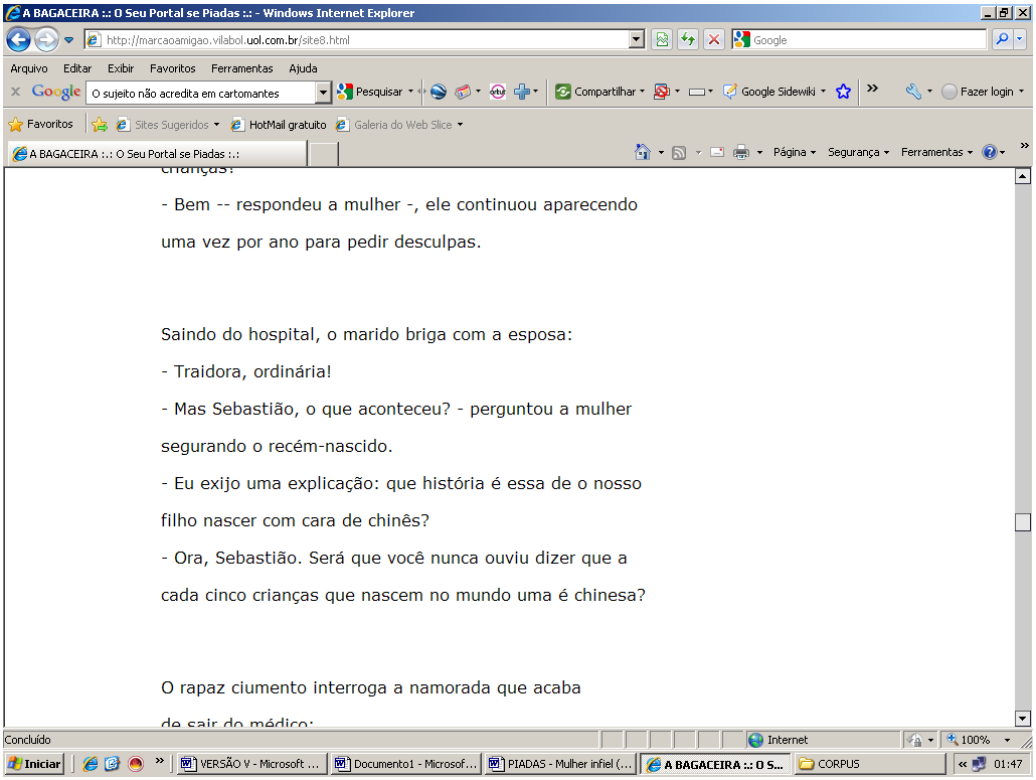
Charaudeau considera esta característica (a coexistência entre o que é dito e o que é pensado) "muito importante porque é ela que permite fazer-se a distinção entre a ironia e a mentira. Na ironia ocorre uma discrepância entre o que pensa o sujeito e o seu enunciado". Mas, ao mesmo tempo, o sujeito quer se fazer entender sobre o que ele pensa. Razão por que ele precisa de um interlocutor que tenha a competência de compreender o inverso do que é dito. Para que isto ocorra, "ele fornece ao seu interlocutor indícios (tom, mímica, gesto) que lhe permitem operar esta inversão ou esta conversão"[76].

Nas palavras de Duarte (2006), que ratificam o pensamento de Charaudeau, "o dito irônico quer ser percebido como tal". Se assim não ocorre, não há ironia. O ironista, acrescenta a pesquisadora, é "alguém que percebe dualidade ou múltiplas possibilidades de sentido e as explora em enunciados irônicos". O propósito destes enunciados "somente se completa no efeito correspondente, isto é, numa recepção que perceba a duplicidade de sentido e a inversão ou a diferença existente entre a mensagem enviada e a pretendida" (p. 18-9). Podemos afirmar, assumindo a posição de Duarte que "a retórica do discurso irônico está sempre ligada a algum tipo de disputa pelo poder e pela dominação do outro" (p. 22). Isto se confirma no Exemplo (44).

[76] Ce point est très important, parce que c'est ce qui distingue l'ironie du mensonge. Dans l'ironie – répétons-le – est opérée une discordance entre ce que pense le sujet parlant et ce que dit le sujet énonçant : l'énonciateur dit quelque chose de contraire à ce qu'il pense (c'est l'antiphrase), mais en même temps, il veut faire entendre ce qu'il pense. Il doit donc construire un destinataire idéal qui puisse comprendre que ce qui est donné à entendre est l'inverse de ce qui est dit. Pour ce faire, il fournit au destinataire des indices (ton, mimique, geste) lui permettant d'opérer ce renversement ou cette conversion.

Já na mentira, o sujeito procura fazer com que seu interlocutor acredite "que o que é dito vale para o que é pensado"[77]. Dito com outras palavras, "o emissor altera ou dissimula deliberadamente aquilo que ele reconhece como verdadeiro, tentando fazer com que o ouvinte aceite ou acredite ser verdadeiro algo que é sabidamente falso" (JAPIASSÚ & MARCONDES, 1996, p. 179).

Vejamos o diálogo entre marido e mulher, no Exemplo (45), a seguir:



⇨ Exemplo 45 – Casal[78] – Acesso em 06.07.2009
Disponível em
http://marcaoamigao.vilabol.uol.com.br/site8.html

Ainda que a justificativa dada pela esposa, com o propósito de acabar com a desconfiança do marido, não se apresente como uma das mais convincentes, o que parece um paradoxo é o discurso do marido, que de antemão, dá impressão de desejar ser convencido. Esta hipótese é possível com base no seu enunciado, uma vez que o mesmo já assumiu a criança como filho: "que história é essa de o **nosso filho** nascer com cara de chinês?" (grifo nosso).

[77] Dans le mensonge, le dit se substitue au pensé pour faire croire à l'interlocuteur que ce qui est dit vaut pour ce qui est pensé (...)
[78] Título dado a todas as piadas de casais deste site.

Ainda assim o enunciado da esposa não deixa de ser uma mentira (e não um ato irônico), e como tal se constitui num mecanismo de defesa, ainda que a posição do marido não pareça ser assim tão ameaçadora.

Na ironia o interlocutor deve descobrir que "o dito é apenas uma farsa, uma aparência através da qual perpassa outro julgamento". É portanto "a posição na qual se encontra o interlocutor" que possibilita que seja feita a distinção entre a ironia e a mentira[79] (CHARAUDEAU, 2006, p. 28).

"A afirmação dita pelo enunciador sempre se apresenta como uma avaliação positiva mascarada do pensamento deste, e que é portanto, sempre negativa". Esta é a terceira característica da ironia apontada por Charaudeau[80] (2006, p. 28). Tentaremos ilustrar com o Exemplo 46, a seguir:

⇨ Exemplo 46 – Telegrama Avisando – Acesso em 20.08.2009
Disponível em
http://www.osvigaristas.com.br/piadas/cornos/telegrama-avisando-8543.html

[79] (...) dans l'ironie, le dit et le pensé coexistent pour que l'interlocuteur découvre que le dit n'est qu'un faux-semblant derrière lequel se cache un autre jugement. Ce qui distingue l'ironie du mensonge est la coexistence des deux termes de l'énonciation et la position dans laquelle se trouve le destinataire.

[80] Troisième caractéristique : l'énoncé dit par l'énonciateur se présente toujours comme une appréciation positive masquant l'appréciation qui est pensée par l'auteur, et qui donc est toujours négative.

A sogra chega ao portão e encontra o genro saindo com a mala, furioso.

— O que aconteceu, meu filho? — ela pergunta.

— Acontece que eu fui viajar e mandei um telegrama para sua filha avisando que voltaria hoje.

Chego em casa e o que eu encontro? Ela com outro sujeito. Nem mandando um telegrama ela me respeita mais. É o fim, estou indo embora para sempre!

— Calma — pede a sogra. — Deve haver algo errado nessa história. Minha filha jamais faria uma bobagem dessas. Espere um pouco que eu vou verificar.

Alguns momentos depois volta a sogra, sorridente.

— Não disse que havia alguma coisa errada? Minha filha não recebeu o seu telegrama!

⇨ Exemplo 46: Reprodução.

A sogra aproxima-se do genro: "— O que acontece, meu filho?" Esta atitude solícita já pode ser interpretada como uma ironia, principalmente em se tratando do discurso humorístico, o qual retrata a sogra sempre como uma megera. Aparentemente preocupada com a possibilidade de separação do casal, busca uma justificativa para a atitude da filha. Os enunciados positivos da sogra ratificados pelas suas ações já apontam para a terceira categoria da ironia (afirmação positiva mascarando pensamento negativo) confirmada no enunciado final: "— Não disse que havia alguma coisa errada? Minha filha não recebeu o seu telegrama!"

Em síntese, nossas leituras e reflexões nos levam a concluir que afirmar simplesmente que a ironia é o oposto do que ela pretende dizer é captar muito pouco da sutileza deste fenômeno, que é "essencialmente *contextual*" (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004, p. 291). A ironia, nas palavras de Brait (2008, p. 260), "espera que o receptor reconstrua a referencialidade, constituída pelo que está explícito e pelos subentendidos, implícitos, pressupostos que sustentam o processo irônico como lógica da contradição".

Razão porque Edgar & Sedgwick (2003, p. 185-6) lembram que "um mentiroso ou um embusteiro atrevido pode dizer o oposto do que pretende dizer, porém o mentiroso não está usando a ironia, pois aqueles que percebem a declaração como irônica reconhecerão a inversão de significado". A questão é: por que alguém diria o contrário do que quer dizer?

O fato é que não é fácil a tentativa de definir uma categoria que se caracteriza por traços que lhe são próprios, reconhece Charaudeau (2006). E acrescenta: "a ironia é uma categoria que tem sido objeto de muitas definições, é portanto difícil de ser identificada dada a sua heterogeneidade"[81] (*ibidem*, p. 27). Porque a ironia é "um meio, nunca um fim. Às vezes indispensável, nunca suficiente", afirma Comte-Sponville (2003, p. 235-6). "É um tipo de enunciação essencialmente insolúvel, que carrega valores contraditórios e pode deixar o destinatário perplexo quanto a seu objetivo", nas palavras de Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 292). A ironia permanece, na opinião destes dois estudiosos, com a qual concordamos, como "uma questão *aberta*, que cada teoria analisa em função de seus pressupostos" (*ibidem*).

Desse modo, "os problemas ligados à identificação da ironia nada têm de acessório", afirma Maingueneau (1997, p. 99). E acrescenta o estudioso, "é da essência da ironia suscitar a ambiguidade e, com frequência, a interpretação não consegue resolvê-la". Justifica-se, então, porque a ironia é entendida como um fenômeno sutil, "passível de análises divergentes[82] e cuja extensão é difícil de circunscrever", assevera o estudioso (*ibidem*).

Podemos, assim, afirmar que estas e várias outras concepções de ironia, desenvolveram o que consideramos ser o momento ápice dos estudos contemporâneos. A ironia estudada, interpretada, descrita e analisada não apenas na perspectiva de "alguém ser irônico, mas de alguém ser a vítima da ironia, mudando assim a atenção do ativo para o passivo" (MUECKE, 1995, p. 34-5).

Isto posto, passaremos, a seguir, a examinar as questões referentes ao fenômeno da ambiguidade.

7.3. Ambiguidade**:** espaço fronteiriço entre a transparência e a opacidade

Em sua origem latina (*ambiguitas*, *atis*), o termo ambiguidade significa dúvida, incerteza, isto é, "a capacidade de produzir um sentido duplo, dúbio", afirma Carvalho

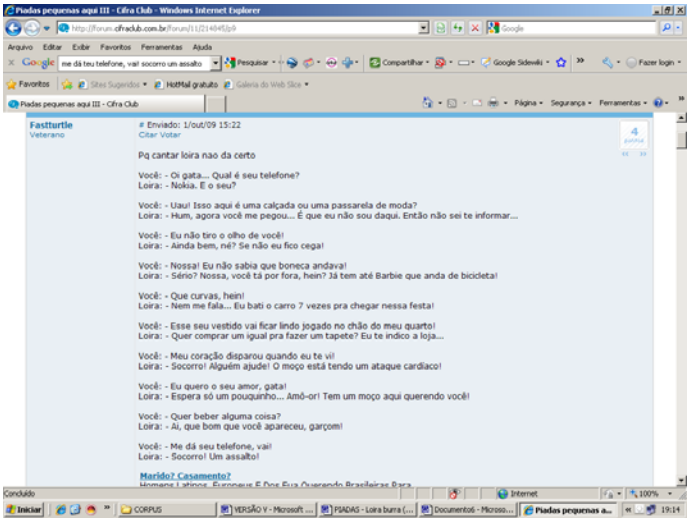
[81] L'ironie est la catégorie qui a fait l'objet du plus grand nombre de définitions, et donc la plus difficile à cerner, vu son hétérogénéité.

[82] Na literatura francesa recente conta-se, pelo menos, quatro análises diferentes: (1) D. Sperber e D. Wilson ("Les ironies comeme mentions", Poétique, n. 36, 1978); (2) C. Kerbrat-Orecchioni ("Língua'ironie comme trope", Poétique, n. 41, 1980); (3) A. Berrendonner que nela vê uma enunciação paradoxal onde 'o que o enunciado diz é o contrário do que diz a enunciaçao' (*Éléments de pragmatique linguístique*, p. 222); (4) e a análise polifônica de Ducrot (Maingueneau, 1997, p. 109).

(1999, p. 55). Para os gregos *amphibologia*, discurso ambíguo. Entendido como *plurissignificação*[83], o termo ambiguidade é empregado pela Gramática para "designar os equívocos de sentido provenientes de construções [consideradas] defeituosas" ou, ainda, do "uso de termos impróprios", afirma Massaud Moisés (1985, p. 20). Na crítica literária, informa o estudioso, o termo foi introduzido por William Empson, no seu livro *Seven Types of Ambiguity*, publicado em 1930.

Ainda que a ambiguidade possibilite mais de uma interpretação, isto é, "o uso múltiplo da mesma palavra" (FREUD, 2006, p. 42-3), tal fenômeno não deve ser confundido com imprecisão. Esclarece Carvalho (1999), que a ambiguidade "é planejada e intencional, enquanto a imprecisão é acidental e involuntária" (p. 56). E acrescenta a estudiosa, "quando há planejamento, o sentido múltiplo provoca efeitos poéticos ou humorísticos, ampliando o alcance da frase" (*ibidem*).

Nos estudos sobre a ambiguidade, em geral, o destaque é sempre dado a dois tipos: o sintático e o lexical. O primeiro se "manifesta quando a uma estrutura sintática de superfície correspondem duas ou mais representações semânticas" (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 28). Isto é, a ambiguidade "não revela, em sua estrutura de superfície, a qual construção subjacente corresponde" (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004, p. 35-6). A ambiguidade assim entendida reforça a hipótese das estruturas profundas, ou seja, a ótica chomskyana. Ilustraremos com o Exemplo (47), a seguir:



⇨ Exemplo 47 – Por que cantar loira não dá certo – Acesso em 16.11.2009
Disponível em http://forum.cifraclub.com.br/forum/11/214845/p9

[83] Termo sugerido por Philip Wheelwright em *The Burning Fountain*, 3a. ed., 1964, p. 61, apud Massaud Moisés, 1985, p. 21.

Pq cantar loira nao da certo

Você: - Me dá seu telefone, vai!
Loira: - Socorro! Um assalto!

⇨ Exemplo 47: Reprodução.

Das dez tentativas de conquistas – "cantadas" – apresentadas no site, escolhemos a última para comentar. Constatamos em primeiro lugar que a fala de quem se dirige à loira está marcada pelo pronome "você". Enquanto que a resposta da loira está explicitamente marcada. A primeira questão a ser levantada é a quem o pronome faz referência. "Você" é o internauta (homem) a quem o site está sugerindo que "cantada" alguma faz o efeito desejado quando se trata de uma loira, porque ela não é capaz de entender o implícito do enunciado. Três são os constituintes sintáticos possíveis na estrutura profunda, marcados pelo verbo "dar", na situação em questão:

1. Me dá seu telefone, vai!
   A "cantada" – Um homem solicitando o número do telefone de uma mulher como pretexto para dela se aproximar para uma possível conquista.

2. Me dá seu telefone, vai!
   O empréstimo – Alguém (homem ou mulher) necessitando dar um telefonema pedindo um aparelho emprestado.

3. Me dá seu telefone, vai!
   O assalto - Um homem forçando uma mulher a entregar-lhe seu aparelho telefônico.

Se conseguimos provar que em cada ocorrência o sentido do verbo "dar" é diferente, então teremos constatado a ocorrência do fenômeno da ambiguidade. A oração pode ser a mesma, mas o enunciado será sempre outro porque ele se realiza no contexto, condições concretas da comunicação discursiva. Logo, "há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis", afirma Bakhtin/Volochínov (2006, 109). Sendo assim, as três alternativas acima descritas só poderiam ser esclarecidas se contextualizadas. O contexto define o sentido a ser construído.

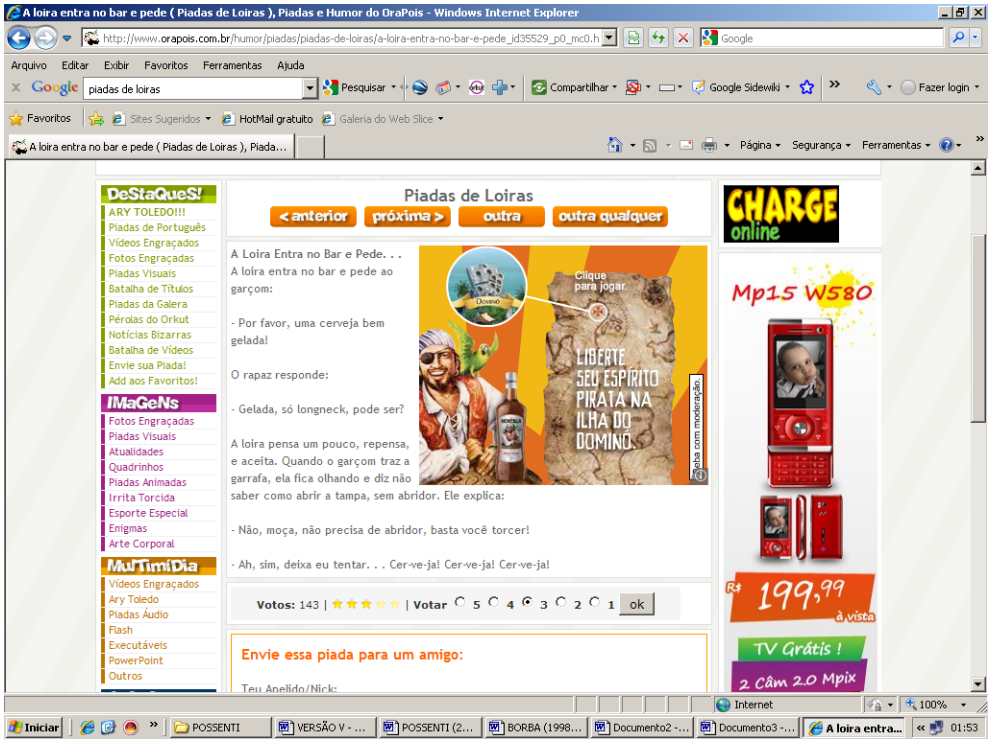
A entonação expressiva como "o mais importante traço constitutivo do enunciado" (BAKHTIN, 2003, p. 449) "é determinada pela situação imediata e frequentemente por

suas circunstâncias mais efêmeras" (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 137-8). Ela "estabelece um vínculo estreito da palavra com o contexto extraverbal". Porque é na e pela entonação que "a palavra contata imediatamente com a vida" (*ibidem*). No Exemplo (47) analisado, entendemos que este é o traço mais relevante, porque em cada uma das possíveis situações levantadas, a entonação certamente seria diferente. A primeira sedutora, a segunda cautelosa e a terceira ameaçadora. A entonação expressiva por parte do enunciador permitiria a seleção do enunciado adequado para a cena da enunciação.

Entretanto, o discurso sexista só aponta uma possibilidade: a do assalto. Porque esta confirmaria a suposta estupidez feminina, sua falta de bom senso, de discernimento. Porque este é o gatilho que torna a piada engraçada.

Sabemos que delinquentes, agressores, estupradores, criminosos em geral estão em toda parte, em qualquer horário. A violência parece dominar a sociedade, portanto uma atitude vigilante é o que sugere o bom senso. O temor é generalizado e concentra-se, em geral, nos crimes ocorridos nos logradores públicos. Todavia, esta realidade não pode ser considerada pelo discurso humorístico. Se considerados fossem os atuais índices de crimes ocorridos no país diariamente, o gatilho que provoca o riso não seria acionado. E a piada exige que o riso seja acionado, porque, segundo Bakhtin (2003), ele – o riso – é a "ativa compreensão responsiva" (p. 301-2), não somente esperada do interlocutor, mas, principalmente, desejada por aquele que conta/escreve a piada.

Já o segundo tipo de ambiguidade é "provocado pelo caráter polissêmico dos lexemas" (GREIMAS & COURTÉS, *op cit*), ou seja, duas ou mais interpretações ocorrem sobre um mesmo item lexical. Borba (1998, p. 234) afirma que "a linguagem humana é naturalmente polissêmica porque o signo, tendo caráter arbitrário, não tem valor fixo, realizando-se na fala por associações". Dessa forma, a polissemia, no dizer do autor supracitado, "diz respeito à possibilidade que tem o item léxico de variar de sentido, segundo os diferentes contextos em que pode ocorrer", como podemos observar no Exemplo (48), a seguir:



⇨ Exemplo 48 – A loira entra no bar e pede... – Acesso em 22.04.2009 Disponível em http://www.orapois.com.br/humor/piadas/piadas-de-loiras/a-loira-entra-no-bar-e-pede_id35529_p0_mc0.html

Piadas de Loiras

< anterior | próxima > | outra | outra qualquer

A Loira Entra no Bar e Pede. . .
A loira entra no bar e pede ao garçom:

- Por favor, uma cerveja bem gelada!

O rapaz responde:

- Gelada, só longneck, pode ser?

A loira pensa um pouco, repensa, e aceita. Quando o garçom traz a garrafa, ela fica olhando e diz não saber como abrir a tampa, sem abridor. Ele explica:

- Não, moça, não precisa de abridor, basta você torcer!

- Ah, sim, deixa eu tentar. . . Cer-ve-ja! Cer-ve-ja! Cer-ve-já!

⇨ Exemplo 48: Reprodução.

O gatilho do humor está na pluralidade significativa (polissemia) do signo *torcer*, que entre os vários significados possíveis, conforme as diferentes possibilidades de

enunciação, apenas uma interpretação poderia ocorrer na situação narrada. A tampa de plástico ou alumínio é de rosca nas garrafas de vidro tipo Long Neck, o que significa que para abrir, basta girar (*torcer*) a tampa com a mão. No entanto, a loira faz uma outra interpretação. Manifesta o seu desejo de abrir a garrafa gritando (Cer-ve-já! Cer-ve-já! Cer-ve-já!), a exemplo do que ocorre nos estádios por parte das torcidas desejando a vitória de uma equipe desportiva.

Para Bergson (2007) "só é essencialmente risível aquilo que é automaticamente realizado". Este ato de realização tanto pode ocorrer num "defeito, [como] numa qualidade". Assim, a comicidade observada nesta narrativa, "é aquilo graças a que a personagem [a loira] se entrega sem saber, o gesto involuntário, a palavra inconsciente". Nesse sentido, "toda distração é cômica. E, quanto mais profunda é a distração, mais elevada é a comédia" (p. 109).

Nesta piada, no aspecto discursivo humorístico o que pretendemos enfatizar é a interpretação equivocada por parte da loira; é mostrar o desconhecimento desta em relação a uma situação (abrir uma garrafa do tipo Long Neck) que parece tão comum, comprovando assim a sua dificuldade de raciocínio, até mesmo para as coisas mais banais. O humor, no Exemplo (48), deriva de contextos incompatíveis: o bar e o estádio de desportos.

Outra possibilidade de humor lexical, pode advir da exploração do aspecto fonético, ou seja, a percepção dos sons da fala. Consideremos o seguinte Exemplo (49):

⇨ Exemplo 49 – A manobrista – Acesso em 22.04.2009
Disponível em
http://www.orapois.com.br/humor/piadas/piadas-de-loiras/a-manobrista_id48495_p0_mc0.html

Piadas de Loiras

< anterior | próxima > | outra | outra qualquer

A Manobrista - by Ari Bezzi

A loira arrumou um emprego de manobrista em um restaurante.

Logo chega o primeiro cliente para retirar o carro, que diz:

-O celta preto.

A loira responde:

-Sim! Acho que vai chover.

⇨ Exemplo 49: Reprodução.

A ambiguidade está na possibilidade de duas representações fonéticas possíveis de serem constituídas provocando, por conseguinte, a possibilidade de duas interpretações da sequência – O celta preto. –, enunciado do cliente solicitando à manobrista o seu veículo. O enunciado da loira – Sim! Acho que vai chover. – em resposta ao cliente, indica que a loira entendeu que o cliente estaria fazendo referência ao mau tempo – O céu tá preto. – isto é, céu com nuvens escuras indicando a possibilidade de ocorrência de chuva.

Freud (2006, p. 38) afirma que "a técnica desse chiste consiste no fato de que uma e mesma palavra aparece *usada de duas maneiras*, uma vez como um todo, e outra vez segmentada em sílabas separadas", adquirindo assim um outro sentido. É um dos registros possíveis da ambiguidade nomeada por este estudioso de "chiste fônico", isto é, "um chiste cujo meio é o som (das palavras)" (p. 37).

O que nos interessa particularmente na situação cotidiana representada neste Exemplo (49), é que o propósito da piada mais uma vez diz respeito à incapacidade de raciocínio lógico da mulher. As realizações fonéticas que provocaram a ambiguidade do enunciado poderiam ser responsáveis por este mesmo equívoco ocorrido com um homem e não necessariamente com uma mulher. Esta mesma piada é narrada com um manobrista, mas este em nossa cultura nunca seria um brasileiro, como podemos observar no Exemplo (50):

⇨ Exemplo 50 – O Portuga Manobrista – Acesso em 05.07.2010
Disponível em
http://www.humortadela.com.br/piada/piadas/view.php?cnl=piadas&num=01108

Na lógica do estereótipo, revelador de uma atitude preconceituosa, o outro é aquele que não quero ser, assim a valorização de um grupo (homens e brasileiros) é determinada pela desvalorização do outro grupo (mulheres e portugueses). Desse modo, podemos afirmar que as duas piadas (Exemplos 49 e 50) veiculam não somente o mesmo discurso, como estão no mesmo domínio temático. A inteligência questionável (a "burrice") das loiras (as mulheres) e dos portugueses é uma propriedade reconhecida e partilhada por grupos, no interior da sociedade brasileira. Isto é o que caracteriza o estereótipo. Dito de outra maneira, "esse saber que repousa sobre propriedades simultaneamente universais e relativas é chamado de estereótipo", afirmam Charaudeau & Maingueneau (2004, p. 123).

Podemos afirmar que o estereótipo encontra no discurso humorístico um terreno fértil, por excelência, onde alguns grupos se posicionam contra os negros, os homossexuais, as mulheres, as sogras. Outros grupos que ridicularizam os gaúchos, os beberrões, os profissionais (os professores, particularmente), os gordos, os religiosos (padres e freiras), os idosos, os políticos, os argentinos. Outros que enaltecem a inteligência da criança em detrimento da inteligência do adulto.

Na opinião de Possenti (2000, p. 89) "a piada é uma evidência de que as palavras têm o sentido que têm em discursos definidos e que, saindo deles, têm outro". Fica assim confirmada a tese bakhtiniana: todo signo é ideológico e como tal é um reflexo das estruturas sociais.

Portanto, a ambiguidade "é uma dualidade ou uma pluralidade de significações possíveis", de acordo com a proposta de Comte-Sponville (2003, p. 27). E acrescenta o filósofo, "a ambiguidade supõe certa complexidade: ela é o fato do homem ou do discurso. É o que a distingue da polissemia, que é um fato da língua e só se aplica a um único significante" (*op cit.*).

Assim, a ambiguidade "deixa de ser encarada como *um problema a resolver*", isto é, como um "*mal necessário,* com o qual é preciso saber conviver" (FERREIRA, 2000, p. 11), e passa a ser estudada como um fenômeno discursivo possível de ser analisado em enunciados os mais diversos. Neste aspecto, não causa nenhuma estranheza quando Charaudeau & Maingueneau (2004, p. 35) afirmam que "a ambiguidade discursiva é constitutiva de todo fato de comunicação, já que não há ato de discurso que não seja portador de um ou de vários implícitos". Quanto às piadas, elas "ilustram de forma clara a tese da ambiguidade, ou, ainda melhor, do equívoco que a linguagem pode produzir", nas palavras de Possenti (2000, p. 37).

Dito de outro modo, todo enunciado está exposto ao equívoco da língua. Tal assertiva é constatada com mais transparência no discurso humorístico, uma vez que o gatilho provocador do riso é exatamente o equívoco. Leite (1993, p. 278, *apud* FERREIRA, 2000, p. 26) lembra que para Pêcheux "não se trata apenas de admitir que na língua há equívoco, mas de operar com um conceito de língua que reconheça nos fatos do equívoco o real que lhe é próprio" (p. 26).

7.4. A ambiguidade: uma estratégia discursiva

De acordo com Possenti (2000), uma piada em geral "contém algum elemento linguístico com pelo menos dois sentidos possíveis" (p. 39). É o fenômeno da ambiguidade que no gênero piada tem um lugar privilegiado de expressão do equívoco.

Em outras palavras, a piada é um gênero no qual "mais claramente se verifica que a língua é marcada pelo equívoco, por essa propriedade que um enunciado tem de sempre poder derivar para outra interpretação", afirma Possenti (2009, p. 57).

Ao ouvinte/leitor, acrescenta o estudioso, em havendo mais de um sentido, "cabe-lhe descobrir o mais óbvio deles [que] deve de alguma forma ser posto de lado, e o outro, o menos óbvio, é aquele que, em um sentido muito relevante, se torna dominante" (2000, p. 39), porque ele é o gatilho que quando acionado provocará o riso.

Vejamos alguns exemplos:

⇨ Exemplo 51 – Corno e Fofoqueiro – Acesso em 16.07.2009
Disponível em
http://www.orapois.com.br/humor/piadas/piadas-de-cornos/corno-e-fofoqueiro_id36858_p0_mc0.html

Corno e Fofoqueiro - by Tininha

O homem chegou em casa e queixou-se para a mulher que quando ficava parado no ponto de ônibus, um cara passsava por ele e dizia:

- Ôh! Corno.

A mulher não disse nada.

Num outro dia lá estava ele parado no mesmo lugar e vem o cara e diz:

- Além de corno é fofoqueiro!

⇨ Exemplo 51: Reprodução.

Duas são as proposições implícitas presumíveis do enunciado – *Além de corno é fofoqueiro!* –, que levam o ouvinte/leitor desta piada a inferir duas conclusões: a esposa é

infiel e o marido comporta-se de maneira ingênua. Trata-se de uma proposição tirada de uma outra mobilizando um saber pré-construído: a inferência.

Possenti afirma que chegar a tal conclusão "parece fácil, provavelmente é, mas é preciso reconhecer que não é óbvio, isto é, estas informações não estão ditas explicitamente" (2000, p. 33). A análise do discurso, ainda de acordo com Possenti (2009, p. 54), "explica a 'recuperação' do sentido dos implícitos pelo discurso transverso". E justifica: "o que se recupera já foi dito alhures; está no arquivo, embora a solução seja menos clara em exemplos mais cotidianos (discursos menos estabilizados) do que em exemplos escolhidos em *corpora* científicos (discursos mais estabilizados)" (ibidem). Para Bakhtin os gêneros discursivos primários e secundários. Lembrando que a piada é um gênero discursivo primário, o que se presume, com base nas palavras de Possenti, que não é tão simples, como pode parecer num primeiro momento, recuperar o não dito, ou o dito alhures, recuperado na primeira parte desta pesquisa.

O Exemplo (52) a seguir explora o jogo humorístico das palavras.

⇨ Exemplo 52 – Loira na praia – Acesso em 06.04.2009
Disponível em
http://www.zebisteca.xpg.com.br/6923/piadas/loiras/loira-na-praia

Uma loira está deitada na praia, com um bronzeado espetacular, a ponto de chamar a atenção. Uma mulher interessada chega perto e pergunta:
- Por favor, qual o seu protetor?
- São Francisco de Assis.

⇨ Exemplo 52: Reprodução.

Esta é mais uma piada que explora a ambiguidade do aspecto lexical. O termo chave – *protetor* – remete para três significados: qualquer substância que filtre parcialmente a radiação ultravioleta; indivíduo que ampara, sustenta financeiramente ou incentiva determinadas atividades e divindade ou santo a que se atribui a propriedade de defender, proteger. Saber que Francisco de Assis é considerado pela Igreja Católica um santo e como tal é visto como protetor é o indicador do equívoco da loira ao responder à pergunta que lhe foi formulada: **—** *Por favor, qual o seu protetor?*

Este é um exemplo que confirma a necessidade do conhecimento partilhado para a compreensão da piada. Confundir protetor solar com protetor divindade, principalmente quando a cena da enunciação é uma praia, é o suficiente para acionar o gatilho que provoca o riso.

Nesta como em tantas outras piadas, de acordo com Possenti (2000), "todo o efeito do humor é decorrente de que o enunciado do primeiro interlocutor tem um foco e a resposta é dada como se ele tivesse um outro" (p. 56).

No Exemplo (52) o aspecto linguístico explorado foi o da polissemia, o fenômeno mais comum verificado nos gêneros humorísticos. Casos há, ainda que em número bem limitado, em que o equívoco provocado pela ambiguidade deve-se ao emprego de palavras homônimas homófonas, como ocorre no Exemplo (53), a seguir:

⇨ Exemplo 53 – Duas morenas perguntam para a loira – Acesso em Disponível em http://piadas.terra.com.br/0,1909,p7586,00.html

Duas morenas perguntam para a loira:
- Você gosta de noz?
A loira responde:
- Claro, adoro vocês!
Daniel, Pouso Alegre, MG

⇨ Exemplo 53: Reprodução.

O equívoco da loira é justificado porque temos em nosso léxico palavras que embora tenham formas e significação distintas são pronunciadas igualmente. A resposta dada – *Claro, adoro vocês!* – à pergunta formulada – *Você gosta de noz?* – indica que o equívoco ocorreu porque "noz" (substantivo que nomeia o fruto da nogueira) foi confundido com "nós" (pronome pessoal da primeira pessoa do plural, indicando *eu* mais outra ou outras pessoas).

O enunciado introdutório é que esclarece que a pergunta é formulada por "**duas** morenas". "Duas" e não "uma" justifica o emprego das palavras homófonas: *nós* e *noz*.

A análise do aspecto linguístico da piada mostra que "o humor da palavra é mais sofisticado do que parece à primeira vista", afirma Possenti (2000, p. 81). E acrescenta o estudioso: "as palavras têm outros humores além do duplo sentido" (*ibidem*). Podemos

concluir que o humor da palavra vai além do fenômeno da polissemia, ainda que, ratificamos, seja este o fenômeno mais explorado no gênero piada.

Assim, mais uma vez é possível comprovar que o equívoco da qual a loira (a mulher) foi vítima poderia ter ocorrido com um homem. Mas, neste caso não haveria a ocorrência do discurso humorístico porque este é produzido a partir do estereótipo da "loira burra" em oposição ao homem, indivíduo inteligente. A possibilidade de substituição de uma palavra por outra, explorada na piada, não acontece por acaso, ela encontra a sua razão de ser no discurso sexista.

Vejamos, a seguir (Exemplo 54) mais um jogo humorístico com as palavras, fazendo uso de termos gírios.

⇨ Exemplo 54 – A loira na estrada – Acesso em 01.08.2009
Disponível em
http://www.orapois.com.br/humor/piadas/piadas-de-loiras/a-loira-na-estrada_id16616_p0_mc0.html

A Loira na Estrada

A loira vinha viajando na estrada, imprudente como sempre, com o seu Audi A4, dado pelo namorado otário.

De repente ela faz uma ultrapassagem perigosa e, na outra pista, um carro tem que reduzir bastante a velocidade pra não bater. Neste momento o motorista que vinha na outra pista colocou a cabeça pra fora do veículo e gritou:

- Vacaaaaaaaaaaaa!

A loira não deixou por menos. Também colocou a cabeça pra fora, virou pra trás e gritou:

- Veadooooooooooo!

Moral da Estória:

Uma vaca morta na pista e outra no hospital.

⇨ Exemplo 54: Reprodução.

Este não é só mais um exemplo de conhecimento partilhado, é, principalmente, um exemplo claro de que a questão cultural é um aspecto relevante para a compreensão de algumas piadas, ainda que tal afirmação possa ser entendida como óbvia. Conhecer os dois termos gírios é fundamental para a compreensão do equívoco do qual a loira foi vítima.

No *Dicionário popular paraibano*, o primeiro dos termos – vaca –, de acordo com Almeida (1984, p. 180), deve ser interpretado como "prostituta". Neste mesmo dicionário (p. 181), o segundo termo – veado – é registrado com o significado de "bicha", que por sua vez também é um termo gírio. Em Houaiss (2001, p. 2835), o termo aparece com o significado de "homossexual do sexo masculino". E é acrescentado, "o uso desta palavra no Brasil, em sentido tabuístico e frequentemente disfêmico, não está explicitado satisfatoriamente". O termo – vaca – que não tem registro em Houaiss como um vocábulo gírio, aparece em Ferreira (1999, p. 2040) com registro de quatro conotações de gíria: (1) mulher leviana que aceita qualquer homem; (2) nota de cem mil-réis (gíria obsoleta do Rio de Janeiro); (3) indivíduo falto de energia, frouxo, moleirão (gíria da província portuguesa) e (4) surfista que cai da prancha.

O equívoco da loira ao volante (Exemplo 54) foi entender o aviso de "animal na pista" (uma vaca) como um insulto, levando-a a um acidente fatal. Entretanto, o desfecho da narrativa não seria o mesmo, e por conseguinte não haveria piada, se fossem dois homens ao volante. O fenômeno da ambiguidade privilegiando o equívoco só ocorre porque uma das personagens é uma mulher. E em nossa cultura, um homem dirigir-se a uma mulher com tal expressão, logo após a uma possível transgressão no trânsito, certamente levaria a este equívoco. Procuraremos justificar, a seguir, esta nossa afirmação, analisando do ponto de vista sócio-histórico-discursivo o enunciado introdutório da piada, para o qual possivelmente só um analista do discurso daria maior atenção.

— A loira vinha viajando na estrada, ***imprudente como sempre****, com o seu Audi A4, dado pelo* ***namorado otário****.*

Vamos nos deter nas duas expressões em negrito (grifo nosso). Uma – *namorado otário* – possivelmente aponta para o comportamento da loira (a mulher) e a outra – *imprudente como sempre* – indica claramente a tão decantada incompetência feminina no trânsito.

Vejamos primeiro as ideias implícitas no signo "otário". Quem é este sujeito, qual a sua identidade?

> Otário é um termo importado do lunfardo, gíria dos malandros de Buenos Aires. E a malandragem portenha tirou este termo da 'otária', o mesmo que 'lobo-marinho', parente próximo da foca, que ocorre na Argentina e em toda a costa do cone sul do nosso continente. O nome foi adotado por causa do jeitão meio abobalhado do animal e se popularizou no Brasil com o tango *Se acabaron los otarios*, de Juan Andrés Caruso, da década de 1920. embora o animal não chegue às costas do Rio de Janeiro, o termo 'otário' é tão usado na cidade que parece uma gíria carioca. O jornalista e escritor Sérgio Cabral certa vez conversava sobre a situação econômica com um compositor de escola de samba e ouviu dele a seguinte pérola, enunciada com a voz rouca característica: "Serginho, se a situação tá assim pra malandro, tu imagina pra otário..." (BUENO, 2003, p. 168-9).

Em síntese, nas palavras de Silva (2004a, p. 596), o otário é uma "pessoa fácil de ser enganada, mais por ser de boa fé e menos por ser tola". Por que o homem que presenteia a namorada com um Audi A4 (carro de luxo) seria um otário?? A resposta possivelmente é encontrada no termo giro "vaca", ou seja, "prostituta". E o estereótipo preconceituoso não termina aqui. A prostituta seria aquela que faz uso dos seus "dotes" femininos, beleza, sedução e astúcia, a sua principal "arma", para extorquir dinheiro e bens materiais do "otário".

Possivelmente, a piada, a seguir, (Exemplo 55) sintetize e com muito bom humor, pelo menos em nossa cultura, o perfil do "otário".

⇨ Exemplo 55 – Homem casado procura – Acesso em 07.07.2010
Disponível em
http://www.humortadela.com.br/humor/0/view.php?cnl=classificados&num=00134

Explorando a questão da imprudência da mulher no trânsito, entendida como incompetência no volante, é outro tema abordado no discurso humorístico. Todavia, as notícias e os dados estatísticos têm apontado em outra direção. Consideramos oportuno mencionar alguns trechos de uma das muitas reportagens possíveis de ser lidas e vistas em jornais impressos, televisivos e publicados na Internet.

Notícia divulgada no G1-Brasil[84] em 23 de janeiro de 2010, afirma que Detrans apontam aumento de mulheres motociclistas no país. Caroline Ueno, uma dessas mulheres, afirmou nunca ter sofrido um acidente estando pilotando, mas que já teria sofrido dois acidentes na garupa de um homem. E afirma a jovem: "Realmente, acho que as mulheres no trânsito são muito mais cautelosas do que os homens. Ainda há muito machismo pelas ruas. É muito difícil encontrar algum motorista homem, seja de carro ou de moto, que respeite as mulheres no asfalto".

A reportagem ainda traz o depoimento do psicólogo Marcelo Pereira, da Abetran (Associação Brasileira de Educação no Trânsito). Para este especialista o aumento de mulheres no trânsito em qualquer das alternativas de veículos (motos, carros de passeio, veículos de carga, ônibus etc.), "pode significar e redução de acidentes ou de situações

[84] Acesso em 07.07.2010. Disponível em http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1454786-5598,00-DETRANS+APONTAM+AUMENTO+DE+MULHERES+MOTOCICLISTAS+NO+PAIS.html

agressivas nas ruas". Pereira afirma que o motorista masculino deveria adotar o comportamento feminino nas ruas. "Morrem mais homens do que mulheres no trânsito. Apesar de ser otimista e torcer por isso, acho que a maneira como as mulheres se comportam ao volante não será absorvida pelos homens. Acho mais fácil que o que é bom seja destruído pelo que é ruim."

O que mais chama atenção, após a leitura dessa reportagem, são os comentários feitos (110), a maioria por homens, a exemplo[85] de:

- **Espiridião**|23/02/201010h30

> Q porcaria. mulheres não servem nem para dirigir carrinho de bate-bate. Moto é coisa para homem. mulher só atrapalha o trânsito. outro dia eu vi uma mulher segurando uma via pelo fato de querer atravessar a fila de carros e a idiota ficou lá impedindo o fluxo. imagina o quanto o povo não xingou.

- **Gerson**|23/01/201014h38

> Por natureza, o homem é agressivo, lutador e competitivo e a mulher é mais calma e comportada. No caso dos homens estes fatores o colocam em situação de risco. As mulheres por serem mais calmas dirigem de um modo mais passivo. Quando juntamos estes dois extremos num mesmo ambiente, temos conflito.

Confirmamos nestes e em outros depoimentos aqui não registrados que de uma forma (grosseira) ou de outra (diplomática), os homens não concordam com a presença feminina no trânsito, um dos lugares históricos dos homens.

É inegável que o trânsito sempre esteve relacionado ao homem. Foi ele que construiu as estradas e as ferrovias. Foi ele que dirigiu os primeiros automóveis. É ele que desde a mais tenra idade é presenteado com carrinhos. O carro faz parte da vida do homem, ainda que ele nunca venha a ser proprietário de um veículo. E quanto à mulher, esta sempre foi presenteada com bonecas, fogão e panelinhas. Quando a família podia comprar um carro, este era do pai, do irmão ou do marido. Os homens são preparados para dirigir, para pilotar. A mulher ainda é preparada para ser dona de casa. A sempre e conhecida

[85] Textos reproduzidos ipsis litteris.

dicotomia: espaço público e espaço privado. Lugar do homem, lugar da mulher. A rua, a casa.

Nesta perspectiva, a quantidade de homens habilitados a superar a quantidade de mulheres não causa nenhuma surpresa. Entretanto, este quadro está mudando. E o mais importante, que desfaz o estereótipo da mulher incompetente no trânsito, é que estatísticas demonstram que elas são mais cuidadosas e por isso mesmo se envolvem menos em acidentes. E quando envolvidas quase nunca têm por consequência vítimas fatais, porque em geral elas são muito mais cautelosas do que eles, o que justifica as companhias seguradoras oferecerem "bons descontos se o carro pertencer a uma mulher e ela for a principal motorista". Ou seja, pela "visão de negócios das seguradoras, os fatos negam o histórico preconceito quanto à competência da mulher motorista", depoimento dado por Marisa Dreys, Inspetora da Polícia Rodoviária Federal[86].

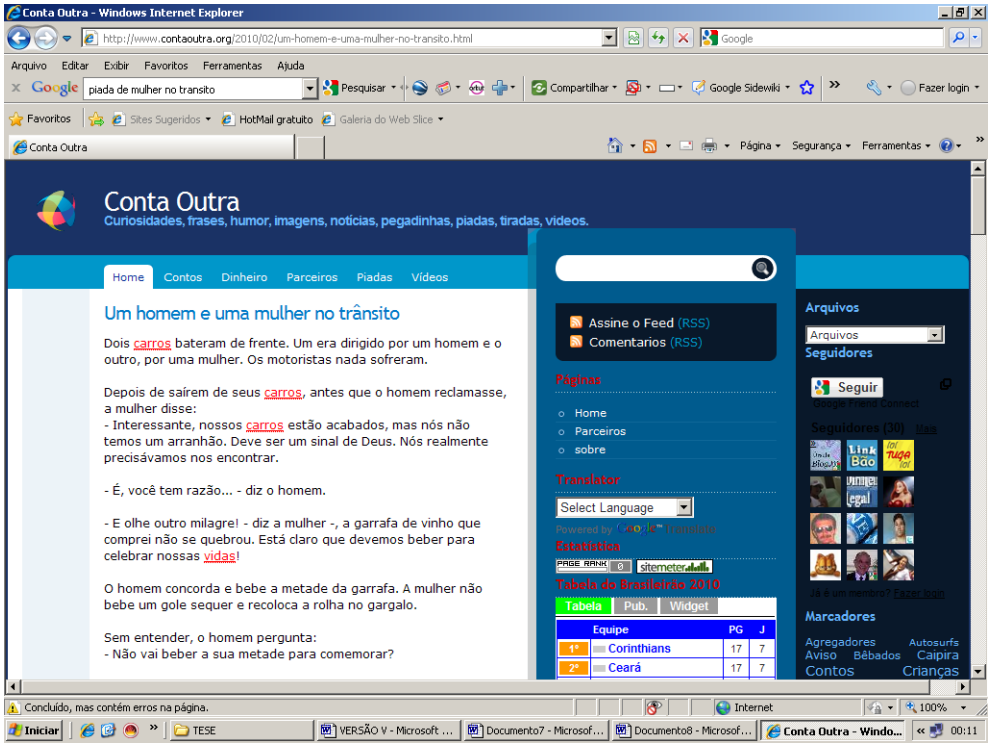
Mesmo assim, elas continuam sendo vítimas de xingamentos e piadas do tipo: "lugar de mulher é na cozinha"; "tinha que ser mulher"; "mulher atrapalha o trânsito até quando é passageira". E a mais recente de todas: "O álcool é o maior responsável pelos acidentes de trânsito. Só mesmo estando bêbado para deixar uma mulher dirigir!!"

Em síntese, fazemos das palavras de Possenti as nossas. "Um discurso, tal como produz um sujeito, é simultaneamente o resultado das determinações da língua e de um processo histórico específico, que fazem com que a sequência produzida e seu sentido sejam o que são" (2009, p. 54).

Neste aspecto, lembramos Foucault: "Por que um enunciado aconteceu e não outro em seu lugar?" Possivelmente esta é sempre uma questão motivadora para uma outra pesquisa que envolva num discurso tranverso os discursos humorístico e sexista.

Só para concluir, vamos contar outra, a última.

[86] Disponível em http://abetran.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=6089&Itemid=2



Um homem e uma mulher no trânsito – Acesso em 08.08.2010
Disponível em
http://www.contaoutra.org/2010/02/um-homem-e-uma-mulher-no-transito.html

Um homem e uma mulher no trânsito

Dois carros bateram de frente. Um era dirigido por um homem e o outro, por uma mulher. Os motoristas nada sofreram.

Depois de saírem de seus carros, antes que o homem reclamasse, a mulher disse:
- Interessante, nossos carros estão acabados, mas nós não temos um arranhão. Deve ser um sinal de Deus. Nós realmente precisávamos nos encontrar.

- É, você tem razão... - diz o homem.

- E olhe outro milagre! - diz a mulher -, a garrafa de vinho que comprei não se quebrou. Está claro que devemos beber para celebrar nossas vidas!

O homem concorda e bebe a metade da garrafa. A mulher não bebe um gole sequer e recoloca a rolha no gargalo.

Sem entender, o homem pergunta:
- Não vai beber a sua metade para comemorar?

A mulher responde:
- Agora, não. Vou esperar a polícia chegar primeiro...

Fonte: Seleções, ed. novembro 2009, pag. 104.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada um transforma em realidades
conforme pode seus próprios sonhos.

Entendemos este momento como aquele em que depois de uma longa caminhada paramos para refletir. De onde partimos, que percurso fizemos e onde chegamos? Quais foram os caminhos percorridos para a compreensão dos fenômenos estudados? Uma certeza temos, este é o ponto de chegada de uma etapa – cada um dos tempos em que se divide uma vida - e o ponto de partida de uma nova etapa, porque a sensação nítida que temos é que mal começamos.

Na expectativa de estudar o entrecruzamento do discurso humorístico com o discurso sexista, optamos por percorrer os caminhos traçados pela Análise do Discurso francesa proposta nos estudos e pesquisas de Dominique Maingueneau (1997, 2002, 2005 e 2008). A este suporte teórico somamos outro, entendido por nós como indispensável para a interpretação linguístico-discursiva das piadas, as abordagens teóricas metodológicas propostas pelo estudioso Sírio Possenti (2000, 2001, 2004a, 2004b, 2009).

Ainda que a noção de discurso não seja estável, tomamos como norte a compreensão de discurso como o conjunto de enunciados realizados, produzidos a partir de uma certa posição, abordando realidades sócio-históricas. Em função dos nossos objetivos definimos a piada como o fenômeno linguístico-discursivo em que observamos a construção/reprodução da identidade do sujeito mulher.

Este intento parece inatingível em alguns momentos. Um ponto perdido no horizonte. Razão por que percebemos ser necessário buscar alguns atalhos, através dos caminhos da filosofia, psicologia, antropologia, sociologia e história, objetivando o reabastecimento da nossa mochila de viagem (o nosso arcabouço teórico). Com o apoio destes fundamentos, seguimos na tentativa de atingir a meta estabelecida: investigar como ocorre a construção/reprodução da identidade da mulher, realizada nas ações linguístico-discursivas produzidas no gênero piada.

O primeiro atalho (Capítulo III) percorremos sob a influência do pensamento bakhtiniano, uma abordagem sócio-histórica e dialógica. Entender as questões que envolvem o estudo de gênero, é necessário, visto que o discurso, nosso objeto de estudo, está materializado no gênero, em nossa pesquisa a piada. Compreender a diferença entre os gêneros primários e secundários foi de grande valor. Percebemos que alguns gêneros são

mais do domínio da escrita e outros do domínio da oralidade. Isto não significa uma dicotomia, porque um pode exercer influência sobre o outro. Verificamos que a partir da escolha deste ou daquele gênero já é possível perceber a vontade discursiva do falante. O que nos fez inferir que a escolha da piada possivelmente é intencional, para expressar um pensamento tabu, isto é, politicamente incorreto.

Começamos a percorrer o segundo atalho (Capítulo IV) seguindo os passos da historiadora Perrot (2005). Com base em suas pesquisas, tomamos conhecimento que durante séculos as mulheres foram silenciadas. Mas, elas aprenderam a fazer do seu silêncio uma arma de ataque e defesa. Observamos que uma das primeiras explicações para a desigualdade entre homens e mulheres está relacionada às questões inerentes às diferenças biológicas (LAQUEUR, 2001). Essas diferenças existem, mas elas foram acentuadas pela desigualdade como eles e elas foram educados. Logo, estas diferenças, tão celebradas, são frutos de grupos sociais e conservadas culturalmente.

No terceiro atalho (Capítulo V) enveredamos inicialmente pela ótica da filosofia (BERGSON, 2007), campo em que buscamos desvendar os mistérios do riso, especialmente aquele provocado pelo discurso humorístico. Descobrimos que o riso, no contexto do humor, em alguns casos pode ser entendido como uma máscara, visto que ele é usado para ocultar uma intenção. No âmbito da psicologia, percebemos que o gracejo delata algo sério e que o discurso humorístico, materializado na piada (*chiste*), tem sempre um alvo certo (FREUD, 2006). Na perspectiva da história, verificamos haver um elo entre o riso e a agressão (MINOIS, 2003). Concluímos que qualquer que seja o ângulo de estudo a respeito do riso, um ponto é tido como comum: o riso é sobretudo humano.

Para entender o uso dos estereótipos no discurso humorístico, três pesquisas foram fundamentais: Saliba (2002), Pedro (2007) e Pitman (2004). A primeira e a segunda para as questões voltadas para o estereótipo da *esposa infiel*; e a terceira para o desvendamento do enigma da *loira burra*. Saliba definindo o humor na *Belle Époque* no Brasil do Século XIX, início do Século XX, revela uma sociedade fortemente hierarquizada e elitista. O humor da época é produzido em folhetins, materializado no poema-piada, gênero preferido dos humoristas cariocas. As vítimas em potencial do humor de então foram os *caipiras* e os *cornos*. Os primeiros, vítimas explícitas da zombaria e os últimos, escarnecidos sutilmente através da identidade da esposa infiel. A infidelidade feminina é tratada com bom humor na imprensa do final do Século XIX e início do Século XX, conforme fica evidenciado na pesquisa de Pedro.

Verificamos nestas produções (Saliba e Pedro) que em momento algum é feita alusão ao tema da inteligência feminina (ou *burrice*). Esta não parece ser uma preocupação da época. Justifica-se. Homens e mulheres tinham muito bem demarcado os seus territórios: espaço público e espaço privado. Logo, se as mulheres não estavam ainda integradas ao mercado de trabalho (isto não quer dizer que elas, principalmente as mulheres pobres, não trabalhassem para ajudar no sustento da família), não era uma possível concorrente. Por conseguinte, este estereótipo (referência feita à *burrice* da mulher) não fazia sentido, naquela ocasião. Mesmo porque a ideia da "loira *burra*" só surge na década de cinquenta, em Hollywood. E bem depois é que vem atuar no Brasil.

Esta abordagem, na perspectiva histórica, é realizada por Joanna Pitman, quando a estudiosa procura entender a grande atração exercida pelos cabelos loiros sobre os homens. Ela observou que as mulheres sujeitaram-se a sacrifícios extremos na Roma Antiga, na Veneza renascentista e nos dias atuais para tornarem os cabelos claros. E buscou as razões para tanto empenho por parte das mulheres e em alguns poucos casos até por parte dos homens. Uma das razões-chave é a aparente juventude. A ideia é que quanto mais claro os cabelos, mais jovem uma pessoa pode parecer. Mais do que isso, o cabelo loiro tornou-se o símbolo da feminilidade e beleza. Por isso, Marilyn Monroe pintou os cabelos. E Deus criou a mulher, e Hollywood cria a loira *burra*.

Este percurso nos conduz aos dois últimos capítulos, momento em que buscamos atingir os nossos objetivos específicos. No Capítulo VI, verificamos no discurso humorístico brasileiro as possíveis causas sócio-histórico-ideológicas que possibilitam as construções/reproduções dos estereótipos hiperbolizados da mulher (*loira burra*) imbecil e lasciva, como igualmente da esposa infiel. No Capítulo VII, identificamos, descrevemos e analisamos os fenômenos da *ambigüidade* e da *ironia* como processos linguístico-discursivos, passíveis de serem observados no gênero piada.

Inteligência limitada, volúpia e ingenuidade (piadas de loira burra)

Fórmulas, clichês e estereótipos são fenômenos integrantes de nossa vida, são construtos histórico-sociais. O humor lida com estereótipos negativos, rebaixáveis e hiperbolizados. Tais características estão bem marcadas no discurso sexista que reproduz o estereótipo da loira *burra*. Por que este estereótipo que surgiu nos anos 50 do Século XX ainda continua tão presente? Por que, no discurso sexista, as mulheres ainda são vistas

como objeto de prazer no início do Século XXI? Por que fatos antigos continuam tão atualizados? Em primeiro lugar o mito da loira *burra* é uma criação de homens para homens. Em segundo lugar, o discurso humorístico funciona mantendo ou retomando posições antigas, ou criando novas posições que refletem antigas posições.

Para as mulheres da América da década de 1950 e para as mulheres brasileiras atuais, ser loira faz parte do sonho de ser desejada pelos homens. Sabemos que a identidade das mulheres de ontem foi produzida pela sociedade masculina. Será que a identidade das mulheres de hoje é uma imagem autoescolhida? Para algumas brasileiras ser loira até faz parte de um sonho de inclusão. Cria-se a falsa ilusão de que é possível assumir outra identidade, outra etnia, outro status social. Uma identidade que, ao mesmo tempo que clama por liberdade de expressão, é prisioneira da aparência. A mulher que se tornou um projeto caricatural. Emagrecer é uma obrigação rigorosa. Os cabelos?!... Estes não bastam ser loiros, precisam ser extraordinariamente lisos e sedosos. Frequentar academia de ginástica (ou ter um *personal trainer*), fazer operação plástica, lipoaspiração etc. A mulher percebida fundamentalmente como um corpo. E como escrava deste corpo. Há uma questão a ser colocada. Por que a mulher tornou-se escrava da aparência? Será que este culto ao corpo, à beleza é uma identidade autoconstruída ou é mais uma vez uma identidade construída pelo homem? Esta seria a maldição da mulher. Ser sempre um corpo desejado pelos homens. Este é um discurso sexista (Exemplos 16 e 17).

Como nos filmes de Hollywood, as mulheres continuam sendo mais corpo do que rosto. Há uma vasta produção pornô: revistas, filmes, fotografias etc. E as mulheres ainda afirmam que estão despindo-se com dignidade, que são donas do seu próprio corpo. Enquanto as suas fotos eróticas ocupam espaços reservados a homens. Nesta perspectiva, a atual identidade das mulheres não estaria relacionada à imagem autoconstruída, mas construída a partir das diferenças. E como no passado favorecendo mais uma vez a identidade masculina em detrimento da identidade feminina. Vale lembrar o pensamento foucaultiano de que a sexualidade não deve ser concebida como uma espécie de dado da natureza, e sim como um dispositivo histórico-cultural.

Possenti (2004a) levanta duas hipóteses que justificariam as piadas de loira *burra*. A primeira diz respeito às conquistas sociais e profissionais recentes das mulheres. Por esta razão, o discurso sexista da "loira burra" teria reaparecido e se fortalecido. Fazer uso do termo *loira* seria um artifício. Para os homens, todas as mulheres que se tornam independentes seriam *burras*. O que aliás é um discurso por demais contraditório. Para

solucionar esta incoerência, o discurso machista diria que as loiras (mulheres profissionais) são sexualmente disponíveis[87] e o sucesso estaria atrelado ao velho recurso do sexo (o teste do sofá e suas variantes). Concluímos que, seja no espaço privado (o estereótipo da Amélia), seja no espaço público (o estereótipo da mulher leviana), as mulheres continuam, no discurso sexista, sendo vistas como pouco inteligentes (Exemplos 11, 32, 47, 48, 49, 52, 53 e 54).

Outro fato a ser observado, é que muitas morenas[88] fingem ser loiras (pintando o cabelo), mas as loiras (as naturais são bem raras no Brasil) não fingem ser morenas. A tese do senso comum é que as loiras seriam mais desejadas e eles as preferem às morenas (embora casem com estas). Em outras palavras, as loiras seriam as cortesãs e as morenas as esposas. Ou seja, no imaginário masculino, as mulheres estão divididas em dois grupos. Aquelas que nasceram para ser esposa, mãe e dona de casa exemplar e aquelas que nasceram para ser prostitutas. Eis aqui o cenário da segunda hipótese levantada por Possenti: as piadas de loiras *burras* teriam como enunciador as mulheres ainda fieis à identidade de "mulher rainha do lar". Neste caso, o discurso seria de alguma forma feminino. Porém, o estudioso descarta esta hipótese e prioriza a primeira

Nós, não somente consideramos esta hipótese viável (sugestão para uma pesquisa), sem descartar a anterior, como levantamos mais uma hipótese: estaríamos diante de um discurso étnico (brancas *vs*. negras, belas vs feias) na ótica feminina.

Raramente as piadas de loiras apresentam outras personagens mulheres. Quando apresentam, em geral, é mais uma loira, tão *burra* quanto a outra. Em pouquíssimos casos surge a figura da ruiva; quase sempre seu papel na trama é de coadjuvante. Isto se justifica, na nossa opinião, porque a figura ruiva não é comum no Brasil. E principalmente, porque o conflito seria entre brancas e morenas (ou negras). Quando algumas vezes surge na narrativa a figura da mulher morena, esta, quase sempre é apresentada como uma personagem inteligente, ou no mínimo, com um grau de *burrice* menor do que a loira. Nesta pesquisa, apresentamos os exemplos (01 e 02) que justificam o nosso posicionamento.

Lembramos de que este discurso étnico, entre brancas e morenas, apresenta-se com vestígios de ciúmes e inveja. Tais sentimentos já se fazem presente no surgimento do mito nos anos cinquenta, na obra *Os homens preferem as mulheres... mas, os homens casam*

[87] Este tema é bem menos presente no discurso humorístico do que o tema da *burrice*.
[88] O termo está sendo usado muito mais para fazer referência à cor do cabelo (negro ou castanho) do que a cor da pele.

com as morenas (LOOS, 2000). Lembramos ainda de que Marilyn Monroe (a Outra) era loira e Jackeline Kennedy (a esposa) era morena. Dois mitos bem representativos das duas identidades femininas. Em síntese, a possibilidade do tema da loira *burra*, ser hoje um discurso étnico, na visão da mulher, é perfeitamente viável.

Confirmamos, assim, a piada como sendo o melhor lugar de se enunciar o discurso sexista (homem *vs*. mulher). E por que não um discurso feminino (mulher *vs*. mulher)! Em sendo um gênero que não é levado a sério, nem pretende ser levado a sério, cuja grande proposta é provocar o riso, é possível ao enunciador manipular as questões relacionadas ao politicamente correto. Em síntese, o discurso humorístico diz muito mais do que se consegue perceber em um primeiro momento. Desse modo, ele deve ser levado a sério. Esta confirmada a nossa tese: *na construção da identidade do sujeito mulher a piada é coisa séria.*

Infidelidade feminina (piadas de corno)

Que o estereótipo é marca registrada do humor, não é nenhuma novidade. O novo é trazido por novos estereótipos, ou por antigos estereótipos com uma nova identidade. Percebemos que entre os estereótipos femininos, a *esposa infiel* parece ser o mais explorado nos sites por nós visitados. A preocupação com a infidelidade feminina não está menos presente hoje, Século XXI, do que já estava no período da Belle Époque, Século XX. Com uma diferença a infidelidade feminina de ontem não era revelada. A infidelidade de hoje não só é revelada, como, em muitos casos, já é assumida. E isto fica constatado no discurso humorístico das piadas (Exemplos 29, 31 [as duas primeiras] e 44).

Os homens inseguros sentem-se ameaçados por um ato de infidelidade da "sua" mulher. Para eles, parece que pior do que ser traído é a humilhação pública de ser traído. Se hoje, depois do exame do DNA, já não há mais o estigma do Bentinho, que vive atormentado pela dúvida crucial sobre se é ou não o pai do filho de Capitu; por que somente a ideia da relação extraconjugal feminina causa ainda calafrios ao homem moderno? Trata-se de uma questão de status, de posse, de honra masculina. Por isso, foi dado ao homem o direito de lavar a honra com o sangue da adúltera. O que significa defesa da honra senão a ilegítima impunidade de muitos assassinos. Já foi assim no Brasil, até os anos setenta. Isto em tese, porque não é o que os noticiários atuais registram.

Enfim, podemos afirmar que a instituição casamento tem passado por uma evolução histórica. A mulher considerada ao longo da História propriedade do homem, de quem se exigia (ou ainda exige-se) estrita fidelidade conjugal, não mais está aceitando exercer este papel (Exemplos 10, 14, 19, 28, 30, 39, 45, 46 e 51). Esta mudança tem início possivelmente a partir de sua participação no mercado de trabalho, espaço público que foi sempre proibido às mulheres. Esta participação, deu-lhe independência financeira e liberdade de ação.

No desenvolvimento desse estudo, confirmamos que a identidade é marcada pelas diferenças. Mas, essas diferenças foram mais marcadas nas piadas da *loira burra* do que nas *piadas de corno*. Não basta observar as identidades de gêneros em oposição (homem *vs*. mulher), é possível afirmar a primazia de uma identidade sobre a outra: a identidade do homem sobre a identidade da mulher, já constatada em várias pesquisas.

O que nossa proposta traz de novo? É a primazia da identidade da mulher sobre a identidade do homem. Todavia, não se trata de uma posição de superioridade, nem mesmo de igualdade. Trata-se de uma identidade livre. Livre da ditadura do corpo belo. Livre da tirania do macho. Livre da moral social, muitas vezes uma falsa moral. A mulher que assume o controle da própria vida, que fala o que quer, faz o que quer, namora com quem quer, trabalha no que quer. Uma mulher que assume as próprias decisões, porque é independente. A mulher conquistou o direito de ser solteira; de morar sozinha; de não ter filhos, ou tê-los no momento que lhe parecer mais conveniente; de tê-los com um parceiro ou de tê-los como uma "produção independente". Enfim, de traçar para si metas ousadas e lutar para alcançá-las.

Esta nova identidade está em processo, porque a ascensão feminina também está em processo. Todos, homens e mulheres estão passando por um processo de aprendizagem para viver estes novos tempos.

Mesmo que esta revelação, através do discurso humorístico, seja sutil, mas é possível observá-la nas piadas intituladas *A loira do Cassino* (Exemplo 33), *Aposta de piada* (Exemplo 34), *O machão acabou de casar* (Exemplo 44) e *Um homem e uma mulher no trânsito.* Concluímos que a luta ainda é pela legitimidade de alguns discursos e a ilegitimidade de outros.

Em resumo, quando afirmamos que um discurso é sexista, é machista, é feminista, é humorista, é racista etc.; na verdade já temos de antemão a definição de sexismo, machismo, feminismo, humor, racismo etc. O problema é vislumbrar neste ou naquele

gênero, este ou aquele discurso. E o caminho mais seguro, de acordo com Maingueneau e Possenti, para fazer tal afirmação é o percurso linguístico-discursivo: a metáfora, a ironia, a ambiguidade, a polifonia, o duplo sentido, a linguagem icônica, o estereótipo, o preconceito, a hiperbolização etc. são fenômenos que encontram seu espaço privilegiado no discurso humorístico. Desta forma, o analista evita que sua interpretação não passe de impressionismo.

Concordamos com tal posição, entretanto, é preciso reconhecer, que alguns textos apresentam-se com recursos linguísticos, digamos mais observáveis, do que outros. Foi isto que verificamos nesta pesquisa. Se algumas descrições e interpretações parecem mais completas do que outras, o mérito (ou a falta deste) não é só do analista. O texto, é ele ou não que oportuniza esta variação de interpretações. O grande desafio de analisar o gênero piada, como aqui foi definido, é encontrar esta entrada linguística que permita fazer a interpretação e possibilite definir o gatilho provocador do riso. Não estamos querendo dizer que a imagem também não seja uma pista para a interpretação. Ambos, imagem e recursos linguísticos são constitutivos de sentidos.

Ratificamos afirmação já declarada, a piada aqui não é percebida como um documento histórico. Ela pode e deve ser percebida como um documento cultural.

Se esta pesquisa abrir caminhos para novas interpretações e contribuir para novos desafios na abordagem do discurso humorístico, na leitura não somente do seu *direito* mas principalmente do seu *avesso*, compreenderemos que ela terá atingido seu objetivo maior.

Acreditamos ter chegado o momento de descansar desta jornada, para em um futuro muito próximo dar continuidade a esta caminhada. Enquanto isso “damos lugar ao outro à sua compreensão ativamente responsiva” (Bakhtin, 2003, p. 275).

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira & LONGHI, Márcia. Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres. In: SCOTT, Parry, LEWIS, Liana e QUADROS, Marion Teodósio de. *Gênero, diversidade e desigualdade na educação*: interpretações e reflexões para formação docente. Recife: EdUFPE, 2009, p. 75-96.

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível:* na história do pensamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ALMEIDA, Fernando Afonso. *Linguagem e humor:* comicidade em Les Frustres, de Claire Bretécher. Niterói: Ed. UFF, 1999.

ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário popular paraibano.* 2. ed. Campina Grande (PB): Edições GRAPSET, 1984.

ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo.* São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil.* 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 45-77.

ARISTÓTELES. *A Política.* Tradução de Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Escala, s/d.

AZERÊDO, Sandra. *Preconceito contra a mulher:* diferenças, poemas e corpos. São Paulo: Cortez, 2007 (Preconceitos, v. 1)

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Problemas da poética de Dostoievski.* Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *Estética da criação verbal.* 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (Coleção Biblioteca Universal).

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:* o contexto de François Rabelais. 6. ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec. Brasília: Ed. UNB, 2008 (Linguagem e Cultura, n. 12).

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch / VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem:* problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 12. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006. (Linguagem e cultura, n. 3)

BAZERMAN, Charles. *Escrita, gênero e interação social.* Organização de Judith Chambliss Hoffnagel e Angela Paiva Dionisio. São Paulo: Cortez, 2007.

BAZERMAN, Charles. *Gênero, agência e escrita.* Organização de Judith Chambliss Hoffnagel e Angela Paiva Dionisio. São Paulo: Cortez, 2006b.

_____. *Gêneros textuais, tipificação e interação.* 2. ed. Organização de Judith Chambliss Hoffnagel e Ângela Paiva Dionísio. São Paulo: Cortez, 2006a.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo.* 3. ed. Tradução de Sérgio Milliet. A experiência vivida. São Paulo / Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, v. 2, 1975.

BERGSON, Henri (1899). *O riso*: ensaios sobre a significação da comicidade. 2. ed. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007 (Coleção Tópicos).

Bíblia Sagrada. 9. ed. São Paulo: Edições Paulina, 1981.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica.* 2. ed. Campinas (SP): Ed. UNICAMP, 2008.

BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman. (orgs.). *Uma história cultural do humor.* Tradução de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BUENO, Márcio. *A origem curiosa das palavras e/ou dos significados*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero:* feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Nelly. *A palavra é.* Recife: LIBER, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. Des catégories pour l'humour? In.: Dossier: questions de communication, 2006, p. 19-41.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização.* Tradução de Ângela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso.* Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

COLLANGE, Christiane. *Nós, as sogras.* Tradução de A. M. Queiroz, L. A. F. de Moraes, M. Coimbra, M. Gewerc, S. Mosse. Barueri (SP): Sá Editora, 2001.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marlene Neves (*et alii*). *Genero e cultura:* questões contemporâneas. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2004 (Coleção Gênero e Contemporaneidade, 1), p. 13-38.

COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário Filosófico.* Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais.* Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem.* Tradução de Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DIJK, Teun Adrianus van. *Discurso e poder.* Judith Hoffnagel e Karina Falcone (orgs.). São Paulo: Contexto, 2008.

DIONISIO, Angela Paiva. A organização textual-interativa das adivinhas. Recife: PIBIC/CNPq/UFPE. 1999. p. 608-612.

DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006.

ECO, Umberto. Campanile: o cômico como estranhamento. In: _____. *Entre a mentira e a ironia.* Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 61-115.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Record, 2009.

EDGAR, Andrew & SEDGWICK, Peter. *Teoria cultural de A a Z:* conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo. Tradução de Marcelo Rollemberg. São Paulo: Contexto, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social.* Izabel Magalhães [coord. trad.]. Brasília: Ed. UnB, 2001.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres no sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil.* 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 241-277.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogos:* as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba (PR): Criar, 2006.

FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Lingüística textual: introdução.* 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, n. 9).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século* XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Da ambigüidade ao equívoco:* a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil.* 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 141-188.

FIORIN, José Luiz. Os gêneros do discurso. In: _____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin.* São Paulo: Ática, 2008, p. 60-76.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *História da sexualidade*: cuidado de si, vol 3, 7. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

_____. *História da sexualidade*: o uso dos prazeres, vol 2, 9. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Vol. VIII (1905). Direção da edição brasileira de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GAIARSA, José Ângelo. *Tratado geral sobre a fofoca*: uma análise da desconfiança humana. São Paulo: Summus, 1978.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna.* 13. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GAZONI, Fernando Maciel. *A Poética de Aristóteles*: tradução e comentários. Dissertação (mestrado em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2006. Acesso em 09.06.2010. Disponível em http://www.fflch.usp.br/df/site/posgraduacao/2006_mes/Fernando_Gazoni_A_Poetica_de_Aristoteles.pdf

GENNARI, Maria Cristina. Minidicionário Saraiva Informática. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia.* 4. ed. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GÓES, Marta. Gritos que fizeram história. In: VEJA Especial Mulher, edição 2166, ano 43, Editora Abril, Junho de 2010, p. 18-20 e 22.

GOLDENBERG, Mirian. Gênero e desvio na cultura brasileira. Acesso em 15.05.2010. Disponível em http://miriangoldenberg.com.br/images/stories/pdf/generoedesvio.pdf

_____. *Infiel*: notas de uma antropóloga. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GRANATO, Alice. Ciúme: como lidar com esse veneno. In.: Veja, edição 1653, ano 33, n. 24, 14 de junho de 2000, p. 120-126.

GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica.* Tradução de Alceu Dias Lima (*et alli*). São Paulo: Contexto, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da & HALL, Stuart (org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 3. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia.* 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JEUDY, Henri-Pierre. *A ironia da comunicação.* Tradução de Caroline Chang. Porto Alegre: Sulina, 2001.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de sociologia*: guia prático da linguagem sociológica. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KAZ, Roberto. Mulher Filé dá capilé a repórter nerd. In: Revista Piauí, n. 28, janeiro de 2009. Acesso em 22.06.2010. Disponível em http://www.revistapiaui.com.br/edicao_28/artigo_862/Mulher_File_da_capile_a_reporter_nerd.aspx

KIERKEGAARD, Søren Aabye. *O conceito de ironia:* constantemente referido a Sócrates. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. 2. ed. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2005 (Coleção Pensamento Humano)

KOSOVSKI, Ester. O "Crime" de Adultério. Rio de Janeiro: Mauad, 1997. (Série Jurídica, 3)

KUBRUSLY, Maurício. *Me leva Brasil:* a fantástica gente de todos os cantos do país. São Paulo: Globo, 2005.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana.* 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo*: corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE, Nina. V. *O acontecimento na estrutura – o real da língua na teorização sobre o discurso*: a hipótese do inconsciente. Campinas: IEL/Unicamp, 1993 (Tese de Doutorado). Acesso em 09.06.2010. Disponível em http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000055414

LINS, Maria da Penha Pereira. *O humor nas tiras de quadrinhos:* uma análise de alinhamentos e enquadres em Mafalda. Vitória: Grafer, 2002.

LOOS, Anita. *Os homens preferem as louras*: o revelador diário de uma *lady* profissional. Tradução de Beatriz Horta. São Paulo: Record, 2000.

LOOS, Anita. *Mas os homens se casam com as morenas*: o revelador diário de uma *lady* profissional. Tradução de Beatriz Horta. São Paulo: Record, 2000.

LUCAS, Ernani Diniz. Humor que pede licença não é humor. Acesso em 07.07.2009. Disponível em http://www.lpmeditores.com.br/site/default.asp?TroncoID=805133&SecaoID=816261&SubsecaoID=935305&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=849391

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In.: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave.* São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-166.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso.* 3. ed. Tradução de Freda Indursky. Campinas (SP): Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. *Análise de textos de comunicação.* 2. ed. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Gênese dos discursos.* Tradução de Sírio Possenti Curitiba (PR): Criar, 2005.

_____. Discurso e análise do discurso. In.: SIGNORINI, Inês (org.). *[Re]discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 135-155.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Aspectos da questão metodológica na interação verbal: o continuum qualitativo-quantitativo. In: ALED – Revista Latinoamericana de Estudos do Discurso, v. 1, n. 1, Agosto de 2001, p. 23-42.

_____. Análise do discurso: com quem anda e para onde vai? *ANAIS do I Congresso e IV Colóquio da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso.* UFPE, 23 a 28 de setembro de 2001. Publicação em CD-ROM em julho de 2003.

_____. Gêneros textuais: conceituação, constituição e circulação. Recife: 2004. (Material produzido e distribuído pelo autor em sala de aula – PPGL/UFPE).

MARTINS, Sérgio. O humor é a melhor vingança. In.: VEJA on-line, 18/07/2005. Acesso em 26.06.2010. Disponível em http://www.fazenda.gov.br/resenhaeletronica/MostraMateria.asp?cod=208698

MERCER, K. Welcome to the jungle. In: RUTHERFORD, J. (org.) *Identity: community, culture, difference.* Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

MILLER, Carolyn R. *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia.* Angela Paiva Dionisio e Judith Chambliss Hoffnagel (orgs.). Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel (*et alli*). Recife: EdUFPE, 2009.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio.* Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários.* 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia.* 4. ed. Tradução de Roberto Leal Ferreira e Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MOTT, Maria Lucia de Barros. *Submissão e resistência*: a mulher na luta contra a escravidão. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991. Coleção Repensando a História.

MUECKE, D. C. *Ironia e irônico.* Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

MUNIZ, Kassandra da Silva. *Piadas: conceituação, constituição e práticas:* um estudo de um gênero. Dissertação – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas (SP), 2004.

OLIVEIRA, Renato da Silva. *Dicionário Compacto de Informática*. São Paulo: Rideel, 1997.

PAGLIOSA, Elcemina Lúcia Balvedi. *Humor:* um estudo sociolingüístico cognitivo da charge. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2005.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil.* 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 278-321.

PEREIRA, Marcos Emanoel. *Psicologia social dos estereótipos.* São Paulo: EPU – Editora Pedagógica e Universitária, 2002.

PEREIRA, Verbana Laranjeira. Gênero: dilemas de um conceito. In: STREY, Marlene N. (*et alli*). *Gênero e cultura:* questões contemporâneas. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2004, p. 173-198.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história.* Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru (SP): Ed. USC, 2005. (Coleção História).

_____. *Minha história das mulheres.* Tradução de Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PHILOGELOS: The Laugh Addict – The World's Joke Book, 2001, p. 19. Acesso em 29.04.2009. Disponível em http://publishing.yudu.com/Library/Au7bv/PhilogelosTheLaughAd/resources/index.htm

PITMAN, Joanna. *Acerca de louras*: de Afrodite a Madonna: porque é que as louras se divertem mais? Portugal: Publicações Europa-América, 2004.

POSSENTI, Sírio. Ambiguidade e azia. Texto publicado em 22 de janeiro de 2009. Acesso em 11.07.2010. Disponível em http://www.co.terra.com/tecnologia/interna/0,,OI3462672-EI8425,00.html

_____. O humor e a língua. In: *Ciência Hoje*, v. 30, n. 176. Outubro de 2001, p. 72-74.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua*: análises lingüísticas de piadas. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2000.

_____. *Os limites do discurso*: ensaios sobre discurso e sujeito. 2. ed. Curitiba (PR): Criar Edições, 2004a.

_____. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In.: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística*: fundamentos epistemológicos, v. 3. São Paulo: Cortez, 2004b, p. 353-392.

PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil.* 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PRIORE, Maru Del. Sem culpa na cama, mas... In: VEJA Especial Mulher. Edição 2166, Ano 43, Editora Abril, Junho de 2010, p. 58-59.

PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de época na literatura*: através de textos comentados. 9. ed. São Paulo: Ática, 1985.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil.* 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 578-606.

ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas*: o feminino através do tempo. Tradução de William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

RODRIGUES, Edílson Rumbelsperger. VEJA, Edição 2032, Ano 40, n. 43, Editora Abril, 31 de outubro de 2007, p. 55.

ROHDEN, Fabíola. A construção da diferença sexual na medicina. In.: *Caderno de Saúde Pública.* Rio de Janeiro, 19 (2), 2003, p. 201-212. Acesso em 26.01.2010. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/csp/v19s2/a02v19s2.pdf

ROSAS, Marta. *Tradução de humor:* transcriando piadas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso:* a representação humorística na história brasileira: da Belle Epoque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral.* Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola.* Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SCHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital (orgs.). *Dicionário de mulheres do Brasil*: de 1500 até a atualidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Sérgio Augusto e Jaguar (orgs.). *O melhor do Pasquim.* Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

SILVA, Deonísio da. *De onde vêm as palavras:* origens e curiosidades da língua portuguesa. 14. ed. São Paulo: A Girafa, 2004a (Coleção O mundo são as palavras).

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In.: HALL, Stuart, SILVA, Tomaz Tadeu da e WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença:* as perspectivas dos Estudos Culturais. 3. ed. Tradução e organização de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis (RJ): Vozes 2004b, p. 73-102.

SLAVUTZKY, Abrão. O precioso dom do humor. In: SLAVUTZKY, Abrão & KUPERMANN, Daniel (org.). *Seria trágico... se não fosse cômico:* humor e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SLAVUTZKY, Abrão & KUPERMANN, Daniel (org.). *Seria trágico... se não fosse cômico:* humor e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários.* 6. ed. São Paulo: Ática, 2002 (Série Princípios).

SOUZA, Luciana Karine de & HUTZ, Cláudio Simon. Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. In: *Psicologia em Estudo.* Maringá, v. 13, n. 2, abril/junho de 2008, p. 257-265. Acesso em 06.07.2010. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a08v13n2.pdf

TADEU, Paulo. *As 100 melhores piadas de todos os tempos.* 4. ed. São Paulo: Matrix, 2005.

TAGNIN, Stella. E. O. O humor como quebra de convencionalidade. In.: *Revista brasileira de linguística aplicada.* V. 5, n. 1. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 247-57.

TALLEYRAND-PÉRIGORD, Charles-Meurice de. Frases e pensamento em destaque. Acesso em 05.04.2010. Disponível em http://www.pensador.info/autor/Charles_Talleyrand-Perigord/

TIEZZI, Ricardo. Brasil analfabetizado. Acesso em 18.02.2010. Disponível em http://www.geracaobooks.com.br/literatura/texto1.php

TOURAINE, Alain. As mulheres na origem da nova sociedade. Entrevista on-line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, ed. 210. São Leopoldo, 05.03.2007, p. 03-05. Acesso em 26.01.2010. Disponível em http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=8230&cod_canal=41

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística.* Tradução de Rodolfo Ilari. Revisão técnica de Ingedore Villaça Koch e Thaïs Cristófaro Silva. São Paulo: Contexto, 2004.

TUFANO, Douglas. *Estudos de literatura brasileira.* 4. ed. São Paulo: Moderna, 1988.

VEJA, Edição 2009, Ano 40, n. 20, Editora Abril, 23 de maio de 2007a, p. 55.

VEJA, Edição 2029, Ano 40, n. 40, Editora Abril, 10 de outubro de 2007b, p. 58.

VEJA, Edição 2049, Ano 41, Nº 08, Editora Abril, 27 de fevereiro de 2008a, p. 52.

VEJA, Edição 2064, Ano 41, nº 23, Editora Abril, 11 de junho de 2008b, p. 69.

VEJA, Edição 2145, Ano 42, n. 52, Editora Abril, 30 de dezembro de 2009, p. 172.

VIEGAS, Waldiy. *Fundamentos lógicos da metodologia científica.* Brasília: Ed. UnB, 2007.

VIGARELLO, Georges. *História da beleza*: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: HALL, Stuart, SILVA, Tomaz Tadeu da & WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença:* as perspectivas dos Estudos Culturais. 3. ed. Tradução e organização de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis (RJ): Vozes 2004, p. 07-72.

ZAMPIERI, Ana Maria Fonseca. *Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade*: sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da AIDS. São Paulo: Ágora, 2004.

ZILLES, Urbano. O significado do humor. In: Revista FAMECOS. Filosofia & Comunicação. Porto Alegre, n. 22, dezembro de 2003, 83-9. Acesso em 15.06.2010.Disponívelemhttp://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3239/2499

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo